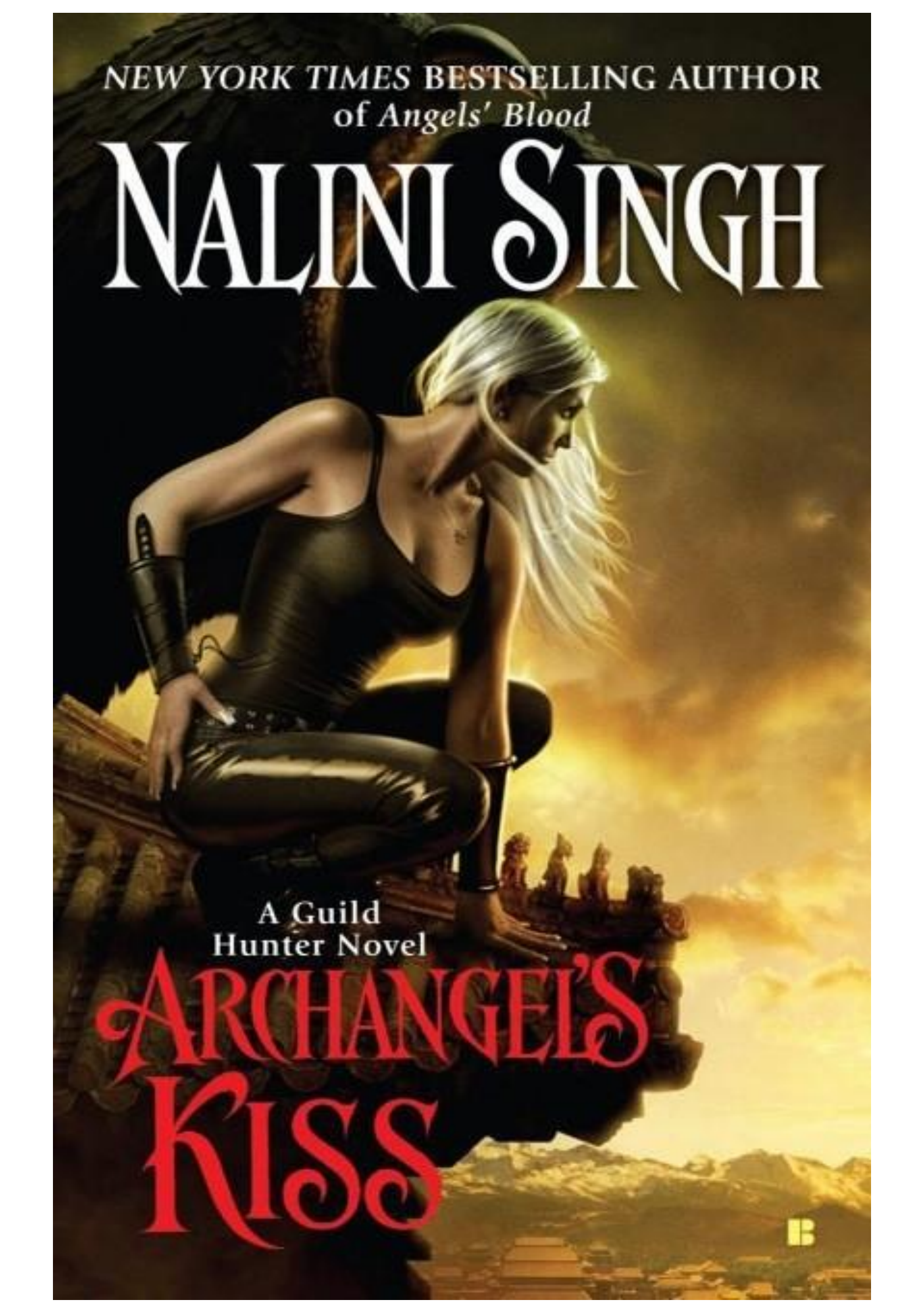




NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR  
of *Angels' Blood*

NALINI SINGH

A Guild  
Hunter Novel

ARCHANGEL'S  
KISS







## CRÉDITOS

TRADUÇÃO E REVISÃO:

**Grupo Shadows Secrets**



# SINOPSE

A caçadora de vampiros Elena Deveraux acorda de um coma de um ano para se encontrar transformada—um anjo com asas da cor da meia-noite e amanhecer – mas seu corpo frágil precisa de tempo para se recuperar antes de ela poder lutar. Seu amado, o estonteantemente perigoso arcanjo Raphael, está acostumado a estar no controle—especialmente quando se trata da mulher que considera dele. Mas Elena nunca se deu muito bem com autoridade...

Eles mal começaram a se entender quando Raphael recebe um convite, da arcanjo Lijuan, para um baile. Recusar seria um sinal fatal de fraqueza, então Raphael precisa preparar Elena para o voo para Pequim—e para o pesadelo que os aguarda lá. Antiga e sem consciência, Lijuan tem um poder que a liga à morte. E ela organizou as mais perfeitas e mais horríveis boas vindas para Elena...

# GÊNESE

*Goteja.*

*Goteja.*

*Goteja.*

“Venha aqui, pequena caçadora. Prove.”

Sangue no ar, nas paredes, debaixo dos pés dela. “Ari?”

“Ari está tendo um bom cochilo.” Uma gargalhada que a fez querer correr, correr, CORRER! “Mmm, eu acho que prefiro a Belle.” Um dedo mergulhado no vermelho levantou até a boca dela, apertou contra os lábios dela.

Sangue escorrendo para sua língua.

O sangue da sua irmã.

Foi quando ela gritou.

# 01

Elena segurou o corrimão da varanda e olhou para o desfiladeiro que caía para longe com a promessa inclinada de queda. A partir daqui, as rochas pareciam dentes afiados, prontas para morder, rasgar e despedaçar. Ela apertou seu apoio assim que o vento gelado ameaçou derrubá-la nas mandíbulas implacáveis.

“Um ano atrás,” ela murmurou, “eu não sabia que o Refúgio existia, e hoje, aqui estou.”

Uma grande cidade de mármore e vidro espalhados em todas as direções; suas linhas elegantes requintadas sob a lâmina afiada do queimar do sol. Árvores de folhas escuras proporcionavam suaves manchas de verde nos dois lados do desfiladeiro que cortava uma enorme divisão pela cidade, enquanto as montanhas cobertas de neve governavam o horizonte. Não havia estradas, nem arranha-céus, nada para atrapalhar a graça sobrenatural daquilo.

Porém, por toda a sua beleza, havia algo estranho sobre esse lugar, uma vaga sensação de que as trevas se escondiam sob a superfície dourada. Puxando uma respiração misturada com o frescor cortante dos ventos da montanha, ela olhou para cima... para os anjos. Tantos anjos. Suas asas encheram os céus sobre esta cidade que parecia ter ficado fora do próprio rochedo.

O fascínio do anjo, aqueles mortais que foram literalmente encantados com a vista das asas angelicais, derramariam lágrimas por estar neste lugar cheio dos seres que eles adoravam. Mas Elena tinha visto um arcanjo rir enquanto ele arrancava os olhos do crânio de um vampiro, quando ele pretendia comer, em seguida, esmagar a massa polpuda. Isto, ela pensou com um arrepio, não era sua ideia de paraíso.

Um farfalhar de asas atrás dela, um aperto de mãos poderosas em sua cintura.

“Você está se cansando, Elena. Venha para dentro.”

Ela manteve sua posição, embora a sensação dele—forte, perigosa, intransigentemente masculina—contra a superfície sensível de suas asas a fez querer tremer em êxtase.

“Você acha que tem o direito de me dar ordens agora?”

O Arcanjo de Nova York, uma criatura tão letal que parte dela o temia mesmo agora, ele levantou o cabelo fora de sua nuca, roçou os lábios em sua pele.

“Claro. Você é minha.” Nenhum indício de humor, nada além de gritante possessão.

“Eu não acho que você tenha realmente o jeito dessa coisa de verdadeiro amor.”

Ele a alimentou com ambrósia em sua boca, transformou-a de mortal para imortal, dando as suas asas—*asas!*—Tudo por causa do amor. Por ela, uma caçadora, uma mortal... não mais mortal.

“Seja como for, é hora de você voltar para a cama.”

E então ela estava em seus braços, mas ela não tinha lembrança de ter liberado a grade—mas ela deve ter, porque suas mãos estavam cheias de sangue novamente, sua pele apertada. Doeu. Mesmo quando ela tentou escapar da quente, lenta, queimação, Raphael a carregou através das portas de correr para a magnífica sala de vidro que estava em cima de uma fortaleza de mármore e quartzo, tão sólida e imóvel como as montanhas ao redor deles.

Fúria arqueou através de sua corrente sanguínea. “Fora da minha mente, Raphael!”

*Por quê?*

“Porque, como eu já disse mais de uma vez, eu não sou seu fantoche.” Ela cerrou seus dentes quando ele a deitou na suave cobertura da roupa de cama, os travesseiros exuberantes. Mas o colchão permanecia firme sob as palmas de suas mãos, quando ela se puxou para cima em uma posição sentada. “Um amante”—Deus, ela ainda mal podia acreditar que ela tinha ido e se apaixonou por um arcanjo—“deve ser um parceiro, não um brinquedo para manipular.”

Olhos cobalto em uma face que transformou humanos em escravos, que varreu o cabelo negro-noturno enquadrando um rosto de perfeita graça... E mais do que uma pequena crueldade.

“Você está acordada há exatamente três dias depois de passar um ano em coma,” ele disse a ela. “Eu vivi por mais de mil anos. Você não é mais igual a mim agora do que antes de eu Fazer você imortal.”

A raiva era uma muralha de lívido ruído em seus ouvidos. Ela queria atirar nele como tinha feito antes. Sua mente cascadeada com uma cachoeira de imagens sobre o ponto central daquele pensamento—o úmido spray carmesim de sangue, uma asa rasgada, olhos de Raphael vidrados com o choque. Não... ela não iria atirar nele novamente, mas ele a guiava para a violência.

“Então o que eu sou?”

“Minha.”

Estava errado que as faíscas chiassem pela sua espinha ao ouvir isso, ao ver a possessão absoluta em sua voz, a sombria paixão no rosto dele? Provavelmente. Mas ela



não se importava. A única coisa que importava era o fato de que agora ela estava amarrada a um arcanjo que pensava que as regras do jogo haviam mudado.

“Sim,” ela concordou. “Meu coração é seu.”

Um flash de satisfação nos olhos dele.

“Mas nada mais.” Ela travou olhares com ele, recusando-se a recuar. “Então, eu sou um bebê imortal. Ok—mas eu também sou ainda uma caçadora. Uma boa o suficiente que você me contratou.”

Aborrecimento substituiu a paixão. “Você é um anjo.”

“Com dinheiro mágico de anjo?”

“Dinheiro não é problema.”

“Claro que não, você é mais rico do que o próprio Midas<sup>1</sup>,” ela murmurou. “Mas eu não vou ser o seu pequeno brinquedo de morder—”

“Brinquedo de morder?” Um brilho de diversão.

Ela o ignorou. “Sara diz que eu posso voltar para o trabalho quando eu quiser.”

“Sua lealdade para com os anjos agora sobrepõe sua lealdade para com os Caçadores da Sociedade.”

“Michaela, Sara, Michaela, Sara,” ela murmurou em uma simulada voz pensativa. “Anja Deusa vadia versus a minha melhor amiga, caramba, que lado você acha que eu vou escolher?”

“Isso não importa, não é?” Ele levantou uma sobrancelha.

Ela tinha a sensação de que ele sabia algo que ela não sabia. “Por que não?”

“Você não pode colocar qualquer um dos seus planos em ação até que possa voar.”

Isso a calou. Olhando para ele, ela caiu para trás contra os travesseiros, as asas espalhadas nos lençóis em um lento circuito de sombreamento da meia-noite para índigo e azul mais escuro antes de cair na madrugada e, finalmente, um brilhante ouro branco. Sua tentativa de mau humor durou cerca de dois segundos. Elena e mau humor nunca se davam bem juntos. Mesmo Jeffrey Deveraux, quem desprezava tudo sobre a sua “abominação” de filha, tinha sido incapaz de prever este pecado a seus pés.

“Então me ensine,” disse ela, endireitando-se. “Eu estou pronta.” A dor de voar era um soco na sua garganta, uma necessidade que assolava em sua alma.

---

<sup>1</sup> Na mitologia grega, o Rei Midas transformava em ouro tudo o que tocava.



A expressão de Raphael não se alterou. “Você não pode ir a pé até a varanda sem ajuda. Você está mais fraca do que os calouros.”

Ela tinha visto as asas menores, corpos menores, vigiados por maiores. Não muitos, mas o suficiente.

“O Refúgio,” ela perguntou, “é um lugar de segurança para os seus jovens?”

“É tudo o que precisamos que ele seja.” Aqueles olhos do mais puro pecado deslocaram-se em direção à porta. “Dmitri vem.”

Ela respirou fundo quando sentiu a tentação do perfume de Dmitri se enrolar-se ao seu redor em um planar de pele, sexo e a indulgência desenfreada. Infelizmente, ela não ganhou imunidade para esse truque especial vampírico com sua transformação. O outro lado também era verdade. “Uma coisa que você não pode discutir com — eu ainda posso localizar vampiros pelo cheiro.” E isso a fazia uma caçadora nata.

“Você tem o potencial para ser de uso real para nós, Elena.”

Ela se perguntava se Raphael ao menos sabia quão arrogante ele soava. Ela achava que não. Sendo invencível por mais anos do que ela poderia imaginar, tinha tornado essa arrogância parte de sua natureza... Mas não, ela pensou. Ele pode ser ferido. Quando o inferno quebrou e um Anjo de Sangue tentou destruir Nova York, Raphael tinha escolhido morrer com Elena, em vez de abandonar o seu corpo esfaqueado naquela alta plataforma sobre Manhattan.

Suas memórias estavam nubladas, mas ela se lembrou de asas retalhadas, um rosto sangrando, mãos que haviam a segurado de forma protetora enquanto eles desciam para a dureza adamantina das ruas da cidade abaixo. Seu coração apertou.

“Me diga uma coisa, Raphael?”

Ele já estava andando, indo para a porta. “O que você gostaria de saber, Caçadora da Sociedade?”

Ela escondeu seu sorriso na cobertura dele. “Do que posso chamá-lo? Marido? Colega? Namorado?”

Parando com a mão na maçaneta da porta, ele atirou para ela um olhar inescrutável. “Você pode me chamar de ‘Mestre’.”

Elena olhou para a porta fechada, perguntando se ele estava brincando com ela. Ela não poderia dizer, não o conhecia bem o suficiente para ler seus humores, suas verdades e mentiras. Eles tinham ficado juntos em uma agonia de dor e medo, impulsionados pelo espectro da morte para uma união que poderia ter sido de anos no arranjo que tinha feito Uram não decidir se transformar em um nascido do sangue e rasgar um caminho assassino através do mundo.

Raphael tinha dito a ela que, segundo a lenda, apenas o verdadeiro amor permitia que ambrósia resplandecesse na língua de um arcanjo, para transformar humano em anjo, mas, talvez, a sua metamorfose não devesse nada às mais profunda das emoções e tudo fosse uma simbiose biológica muito rara? Afinal, os vampiros eram Feitos por anjos, e a compatibilidade biológica desempenhou uma parte integrante dessa transformação.

“Maldição.” Ela esfregou a palma de uma mão sobre o coração, tentando enxugar a torção súbita de dor.

*“Você me intriga.”*

Ele tinha dito no início. Então talvez, houvesse um componente de fascínio.

“Seja honesta, Elena,” ela murmurou, correndo seus dedos sobre as asas magníficas que foram o presente dele para ela, “você é a única que caiu no fascínio.”

Mas ela não iria cair na escravidão.

“Mestre, minha bunda.” Ela olhou para o céu estrangeiro fora das portas da varanda e sentiu sua determinação tornar-se ferro rígido—sem mais esperas. Ao contrário, se ela ainda continuasse sendo humana, o coma não teria abandonado os seus músculos.

Mas aqueles músculos haviam passado por uma transformação que ela não poderia imaginar—tudo parecia fraco, novo.

Então enquanto ela não tivesse necessidade de reabilitação, ela tinha necessidade de exercício. Especialmente quando se tratava de suas asas.

“Não há tempo como o presente.” Levantando-se em uma boa posição sentada, ela tomou uma respiração profunda e calmante... e se espalhou suas asas.

“Cristo, isso dói!” Dentes rangeram, lágrimas vazaram pelos cantos dos olhos dela, ela continuou esticando os inutilizados, desconhecidos músculos, dobrando suas asas recém-formadas lentamente antes de expandi-las para fora.

Três repetições mais tarde e as lágrimas haviam encharcado em seus lábios até que o sal delas era tudo que ela conseguia sentir o gosto, sua pele coberta por uma camada de suor que brilhava aos raios da luz do sol através do vidro.

Foi quando Raphael entrou novamente. Ela esperava uma explosão, mas ele só tomou um assento em uma cadeira em frente à cama, seus olhos nunca deixando ela. Enquanto ela o observava, atenta, ele enganchou um tornozelo sobre o joelho, e começou a tocar em um envelope branco pesado rodeado com dourado contra a parte superior da bota.

Ela sustentou seu olhar, fez outras duas estendidas. Suas costas sentiam-se como gelatina, os músculos de seu estômago tão apertados que machucavam.

“O que tem,” — uma pausa para respirar — “no envelope?”

Suas asas fecharam-se atrás dela, e ela encontrou-se encostado na cabeceira da cama. Levou alguns segundos para perceber o que ele tinha feito. Algo frio desenrolou no interior do núcleo de sua alma, mesmo quando ele se levantou e colocou uma toalha na cama, em seguida, retomou o seu lugar. De maneira nenhuma isso iria continuar acontecendo.

No entanto, apesar da fúria turbulenta de sua raiva, ela limpou seu rosto e manteve a boca fechada.

Porque ele estava certo—ela não era igual a ele, não por um longo tiro. E o coma tinha bagunçado muito com ela.

Mas a partir de agora, ela iria trabalhar nesses escudos que começou a desenvolver antes de se tornar um anjo. Havia uma chance de que—dadas as mudanças nela—pudesse aprender a sustentá-los por mais tempo.

Forçando seus rígidos músculos dos ombros a se soltarem, ela pegou uma faca que ela tinha deixado na mesa de cabeceira e começou a limpar a lâmina pura e com a borda da toalha.

“Sentindo-se melhor?”

“Não.” A boca dele se firmou. “Você precisa me ouvir, Elena. Eu não vou te machucar, mas eu não posso vê-la você agindo de maneiras que tornem o meu controle sobre você questionável.”

O quê? “Exatamente que tipo de relações que os arcanjos têm?” Ela perguntou, genuinamente curiosa.

Isso o fez parar por um minuto. “Eu sei de apenas um relacionamento estável agora que o de Michaela e Uram está terminado.”

“E a Deusa Vadia é outro arcanjo, então eles *eram* iguais.”

Um aceno de cabeça que era mais um pensamento do que movimento. Ele era tão lindo que ficava difícil pensar, mesmo quando sabia que ele possuía uma veia de crueldade que foi costurada no tecido da sua alma. Essa crueldade traduzida em uma espécie furiosa de controle na cama, do tipo que faz uma mulher gritar, a sua pele muito apertada em torno de um corpo que só conhecia a fome.

“Quem são os outros dois?” Perguntou ela, engolindo o pico de profunda necessidade instintiva. Ele a tinha segurado desde quando acordou, seu abraço forte, poderoso e, às vezes, dolorosamente terno. Mas hoje, seu corpo ansiava por um toque muito mais sombrio.

“Elijah e Hannah.” Os olhos dele brilhavam, voltando-se uma sombra que ela tinha visto uma vez em um estúdio Prussiano de um artista. É como chamavam, azul da Prússia. Rico. Exótico. Mundano de uma forma que ela nunca teria acreditado que um anjo fosse até que ela se viu tomada pelo Arcanjo de Nova York.

“Você vai se curar, Elena. Então eu vou te ensinar a dança dos anjos.”

Sua boca secou no calor adormecido nessa declaração aparentemente calma.

“Elijah?” Ela incitou, sua voz rouca, um convite.

Ele continuou a segurar o olhar dela, seus lábios ao mesmo tempo sensuais e impiedosos.

“Ele e Hannah estão juntos há séculos. Embora ela tenha crescido em poder ao longo do tempo, é dito que ela está contente em ser sua companheira.”

Ela tinha que pensar um pouco sobre essa expressão antiquada. “O vento debaixo de suas asas?”

“Se você gosta.” Seu rosto de repente estava com todas as linhas e ângulos duros—beleza masculina em sua forma mais pura, mais implacável. “Você não vai desvanecer.”

Ela não sabia se era uma acusação ou uma ordem. “Não, eu não vou.” Mesmo enquanto falava, ela estava vividamente consciente de que ela teria que usar cada milímetro de sua vontade para manter a personalidade dela contra a incrível força de Raphael.

Ele começou a bater novamente no envelope, a ação precisa, deliberada. “A partir de hoje, você tem um prazo. Você precisa estar sobre seus pés e no ar em mais ou menos dois meses.”

“Por quê?” Perguntou ela, mesmo com o deleite borbulhando na sua corrente sanguínea.

O azul da Prússia congelou em gelo negro. “Lijuan está dando um baile em sua honra.”

“Nós estamos falando sobre Zhou Lijuan, a mais velha dos arcanjos?” As bolhas ficaram planas, sem vida. “Ela é... diferente.”

“Sim. Ela evoluiu.” Uma insinuação da meia-noite sussurrou por seu tom de voz; sombras tão espessa que elas estavam quase corpóreas. “Ela já não é totalmente deste mundo.”

Sua pele arrepiou, porque para um imortal para dizer isso...

“Por que ela fará um baile para mim? Ela não me conhece.”

“Pelo contrário, Elena. Todo o Grupo dos Dez sabe quem você é—nós a contratamos ao final das contas.”

A ideia do corpo mais poderoso do mundo se interessar por ela a fez quebrar em um suor frio. Não ajudava que Raphael fosse um deles. Ela sabia do que ele era capaz, o poder que ele exercia, como seria fácil para ele cruzar a linha para o mal verdadeiro. “Apenas nove agora,” disse ela.

“Uram está morto. A menos que vocês tenham encontrado um substituto enquanto eu estava em coma?”

“Não. O tempo humano significa pouco para nós.” A indiferença casual de um imortal. “Enquanto para Lijuan, isso é sobre o poder—ela quer ver meu pequeno bichinho, ver a minha fraqueza.”

## 02

*O bichinho de estimação dele. A fraqueza dele.*

“Palavras dela ou suas?”

“Isso importa?” Um dar de ombros negligente. “É verdade.”

Ela jogou a faca com precisão mortal. Raphael pegou-a no ar—pela lâmina. Seu sangue escorreu escarlate contra o dourado da pele. “Não foi você quem sangrou da última vez?” ele perguntou em tom de conversa enquanto ele deixava a faca cair no antes branco tapete e fechava a mão em um punho. O sangue parou de escorrer em um segundo.

“Você me fez fechar minha mão em uma lâmina.” O coração dela ainda estava acelerado por ter testemunhado a abrupta velocidade dele. Deus querido. E ela havia levado aquele homem para a cama dela. Desejava-o até mesmo neste momento.

“Humm.” Ele se levantou, andou até ela.

Neste momento, apesar dele ter dito que nunca a machucaria, ela não estava certa. Seus dedos apertaram os lençóis enquanto ele vinha se sentar a frente dela, uma de suas asas descansando sobre as pernas dela. Era quente, surpreendentemente pesado. As asas dos anjos não eram somente enfeites—como ela estava começando a aprender, elas eram puro músculo e tendão sobre ossos, e como qualquer outro músculo, elas tinham que ser fortalecidas antes de ser usadas. Antes, ela só tinha que se preocupar em tropeçar se ela estivesse muito cansada. Agora, ela tinha que se preocupar em cair do céu.

Mas esse não era o perigo que dançava a frente de seus olhos.

Não, tudo que ela via era azul.

Nunca antes de Raphael o azul havia significado a cor do pecado, da sedução. Da dor.

Ele se reclinou, afastou o cabelo dela do pescoço com dedos que podiam trazer um prazer tão excruciante que doía... E pressionou um beijo no áspero batimento da pulsação dela. Aquilo a fez estremecer e ela descobriu-se com as mãos entrelaçadas no cabelo dele. Ele a beijou novamente, fazendo com que calor no estômago dela se desenrolasse com uma graça preguiçosa pelo corpo dela, necessidade em cada lenta pulsação.

Quando algo cintilou na beira de sua visão, ela percebeu que ele a estava cobrindo em pó de anjo, uma decadente, deliciosa substância que mortais pagavam enormes valores para possuir. Mas Raphael tinha uma combinação especialmente para ela. Enquanto,

respirava as pequenas partículas, a sedução se intensificava, até que ela só conseguisse pensar em sexo, a dor em suas asas, até a raiva, eram esquecidas.

“Sim,” ele murmurou contra a boca dela. “Eu acho que você vai me intrigar por toda a eternidade.”

Aquilo deveria ter rompido o momento, mas não o rompeu. Não quando havia tal promessa erótica nos olhos dele, no tom de sua voz. Ela se viu tentando atraí-lo para mais perto, mas a mandíbula dele apertou-se.

“Não, Elena. Eu vou te machucar.” Uma frase brusca. Uma verdade. “Leia isso.”

Deixando o envelope sobre o lençol, ele levantou-se, aquelas magníficas asas brancas—cada filamento inclinando-se para o dourado—reluzindo com o pó de anjo e a deixando em êxtase.

“Pare com isso.” A voz dela estava ofegante, sua boca cheia do ardentemente masculino gosto dele. “Quando eu vou ser capaz de fazer isso?”

“É uma habilidade que se desenvolve com o tempo e nem todo anjo a adquire.”

Ele dobrou novamente as asas. “Talvez em quatrocentos anos, você sabe.”

Ela encarou. “Quatrocentos? Anos?”

“Você é imortal agora.”

“Quão imortal?” Não era uma pergunta estúpida. Como ela havia aprendido muito bem, até mesmo arcanjos podiam morrer.

“Imortalidade leva tempo para desenvolver—para se ajustar—e você mal se formou. Mesmo um vampiro forte poderia matá-la no momento.” Inclinando sua cabeça levemente para o lado, ele voltou sua atenção para o céu além do vidro que ele havia dito a ela que era reflexivo, dando a ela privacidade para estudar o Refúgio sem ter que se preocupar em ser observada de volta.

“Parece que o Refúgio é um lugar popular hoje.” Com isso, ele caminhou até as portas da varanda. “Devemos ir a esse baile, Elena. Fazer menos que isso seria um sinal de fatal fraqueza.”

Fechando as portas atrás de si, ele estendeu suas asas e partiu em um voo vertical.

Elena arfou diante da não intencional demonstração de força. Agora que ela podia sentir o peso das asas em suas costas, ela podia reparar na extraordinária natureza das partidas verticais de Raphael. Enquanto ela assistia, ele voou em frente à varanda e depois se foi. O coração dela ainda golpeava pela combinação do beijo dele e o espetáculo de esplendor aéreo quando ela finalmente olhou para o envelope.



Os finos pelos nos braços dela levantaram-se no instante em que ela tocou o grosso papel branco com a ponta dos dedos. A sensação era estranha—como se o envelope tivesse estado em um lugar tão frio, que ele não fosse se aquecer, não importava o que acontecesse. Alguns chamariam aquilo de o frio da morte. Arrepios passaram por sua pele.

Livrando-se deles, ela virou o envelope. O selo havia sido quebrado, mas ela conseguia ver a imagem que havia alinhado as beiradas. Um anjo. Claro, pensou incapaz de parar de olhar para ele. Estava pintado em preto, mas, porque aquilo deveria perturbá-la, ela não sabia. Franzindo as sobrancelhas, ela o trouxe mais perto de seu rosto.

“Oh Jesus.” O murmúrio escapou dela quando ela vislumbrou o segredo escondido na imagem. Era uma ilusão, um truque. Olhando por um lado, o selo era um anjo ajoelhado, sua cabeça arqueada. Mas mudando seu foco e o anjo olhava diretamente para você, seus globos oculares vazios, seus ossos alvejavam branco.

*Ela não mais pertence a este mundo.*

De uma só vez, as palavras de Raphael ganharam um significado inteiramente novo.

Estremecendo, ela levantou a aba e removeu o cartão que estava dentro. Era uma coisa pesada com cor de creme, fazendo-a lembrar dos caros cartões que seu pai usava em sua correspondência pessoal. A escrita desenrolava-se em um tom de ouro antigo. Ela esfregou o dedo—porque, ela não sabia—não era como se ela pudesse sentir se era realmente ouro ou não. “Não me surpreenderia.” Lijuan era velha, tão velha. E uma anciã tendo poder podia acumular uma grande fortuna durante a vida.

Engraçado, mas apesar dela pensar em Raphael como poderoso, ela nunca havia pensado nele como ancião. Havia uma sensação de vida sobre Raphael que negava isso. Uma sensação de... humanidade? *Não*. Raphael não era humano, não era nada próximo a humano.

Mas ele não era como Lijuan.

Os olhos dela foram para o cartão novamente.

*Eu o convido para a Cidade Proibida, Raphael. Venha, deixe-nos receber a humana que você abraçou. Deixe-nos ver a beleza desta conexão entre imortal e o que uma vez foi mortal. Eu me encontro fascinada pela primeira vez em um milênio.*

*~Zhou Lijuan*

Elena não queria fascinar Lijuan. Na verdade, ela não queria estar em nenhum lugar próximo ao Grupo dos Dez. Ela estava certa na maior parte do tempo que Raphael não a mataria. Mas os outros...

“Oh, inferno.”

*Meu bichinho de estimação.*

*Minha fraqueza.*

Ela podia desprezar as palavras, mas isso não as fazia menos precisas. Se o Arcanjo de Nova York realmente a amava, então ela provavelmente carregava um alvo em suas costas.

Novamente ela o viu, a face sangrando e cortada, asas retalhadas, um arcanjo escolhendo a morte ao invés da vida eterna. Era uma verdade que nunca escolheria, uma verdade que a ancorava mesmo quando tudo mais em seu mundo deslocava-se e mudava.

“Não tudo,” ela murmurou, alcançando o telefone. Porque apesar desse lugar parecer algo que existia em uma idade antiga de cavalheirismo e graça, as amenidades eram modernas. Que não surpreende quando você pensava sobre isso—anjos não sobreviviam eras, se apegando ao passado. A Torre do Arcanjo de Nova York, com sua forma de arranha-céus, era um perfeito exemplo.

Enquanto o telefone tocava no outro lado, ela se achou olhando para as portas da varanda, procurando pelo magnífico ser que comandava aquela Torre, aquele que ela ousava chamar de amante.

Os toques pararam.

“Alô, Ellie.” Uma voz áspera, seguida de um audível bocejo.

“Droga, te acordei.” Ela havia esquecido da diferença de tempo entre onde quer que ela estivesse e Nova York.

“Está tudo bem—nós dormimos cedo. Espere um minuto.” Murmúrios, um clique, e então Sara estava de volta a linha. “Eu nunca vi Deacon voltar a dormir tão rápido—apesar de ele ter murmurado algo que soava vagamente como ‘Oi, Ellie.’ Eu acho que nossa bebê o esgotou hoje.”

Elena sorriu ao pensamento do “filho-da-puta assustador” do marido de Sara sendo desgastado pela pequena Zoe. “Eu a acordei?”

“Não, ela apagou também.” Um murmúrio. “Eu acabei de olhar. Estou indo pra sala de estar.”

Elena podia facilmente visualizar aonde Sara estava, dos elegantes sofás em caramelo que traziam calor para dentro, até os grandes retratos em preto-e-branco de Zoe

nas paredes, sua face risonho coberta de espuma de banho. O maravilhoso apartamento de pedra era mais casa para Elena do que qualquer lugar exceto seu próprio apartamento. “Sara, meu apartamento?” Ela não tinha pensado em perguntar durante a visita de Sara ao Refúgio dois dias antes, a mente dela muito cheia do caos de morrer... E acordar com asas de meia noite e amanhecer.

“Desculpe, baby.” A voz de Sara carregava dolorosos ecos de memória. “Depois de... tudo, Dmitri bloqueou o acesso. Eu estava mais interessada em descobrir aonde eles haviam colocado você, então não pressionei muito.”

Na última vez que Elena havia visto seu apartamento, tinha um enorme buraco em uma das paredes, sangue e água em todo lugar. “Eu não te culpo,” ela disse, enterrando a dor que golpeava dentro dela ao pensar em seu céu sendo fechado, seus tesouros quebrados e perdidos. “Inferno, você provavelmente já tem mais que o suficiente em seu prato.” Nova York havia ficado no breu durante a batalha de arcanjo-para-arcanjo, linhas de energia destruídas e postes de energia sobrecarregados enquanto ambos Uram e Raphael puxavam poder da cidade abaixo.

Não tinha somente sido a contenção de energia a se tornar um dano colateral na batalha cataclísmica entre dois imortais. A mente dela mostrou a ela um conjunto de imagens de prédios desmoronados, os carros batidos, e as lâminas torcidas que significavam que pelo menos um heliporto havia sofrido sério dano.

“Foi ruim,” Sara admitiu, “mas a maioria dos danos foi reparados. O pessoal do Raphael organizou tudo. Nós até tivemos anjos fazendo trabalho de construção—essa não é uma visão que temos todo dia.”

“Acho que eles não precisaram dos guindastes.”

“Não. Eu nunca soube quão fortes os anjos são até que os vi levantando alguns daqueles blocos.” Uma pausa preenchida com uma profunda emoção não dita segurava Elena pela garganta. “Eu vou passar pelo seu apartamento amanhã de manhã,” Sara finalmente disse, sua voz controlada rigidamente, “para que você saiba o que é o que.”

Elena engoliu em seco, desejando que Sara estivesse ali novamente para que ela pudesse alcançar e abraçar sua melhor amiga.

“Obrigada, eu vou dizer a Dmitri para ter certeza que o pessoal dele saiba que você está indo.” Apesar de suas tentativas de fazer com que aquilo não importasse, ela não podia evitar se perguntar se algum de seus souvenirs, as pequenas coisas que havia colecionado em suas viagens como caçadora, haviam sobrevivido.

“Hah! Eu posso cuidar de pessoas mafiosas com uma mão amarrada nas costas.” Uma curta risada. “Deus, Ellie, eu sinto essa onda de alívio toda vez que ouço sua voz.”

“Você vai ouvi-la por muito mais tempo agora—eu sou imortal,” ela brincou, ainda não realmente capaz de compreender a enormidade da mudança em sua vida. Caçadores no campo morriam jovens. Eles não viviam para sempre.

“É. Você vai estar por perto para olhar por minha bebê e os bebês dela muito tempo depois de eu ter ido.”

“Eu não quero falar disso.” A machucava ter que imaginar um futuro sem Sara, sem Ransom, sem Deacon.

“Garota boba. Eu acho que é maravilhoso—um presente.”

“Eu não tenho certeza.” Ela contou a Sara o que ela estava pensando a respeito de seu valor como refém. “Eu estou sendo paranoica?”

“Não.” Agora, a outra mulher soava como a rígida diretora que ela era. “É por isso que eu embalei a arma especial do Vivek na mala de armas no caminho até você.”

Os dedos de Elena fecharam-se em sua palma.

Da última vez que ela havia usado aquela arma, Raphael tinha sangrado um vermelho sem fim em seu tapete, e Dmitri quase cortara a garganta dela. Mas nada disso, ela pensou, abrindo os dedos um por um, diminuía o valor de uma arma feita para desabilitar asas, não quando—o olhar dela foi para os céus além da janela—ela estava cercada de imortais em um lugar que sussurrava sobre coisas que nenhum humano deveria saber. “Obrigada. Mesmo que tenha sido você a me colocar nessa situação em primeiro lugar.”

“Hey, eu te fiz obscenamente rica também.”

Elena piscou, tentando achar sua voz.

“Você esqueceu, não foi?” Sara riu.

“Eu estava muito ocupada estando em um coma,” Elena conseguiu dizer. “Raphael me pagou?”

“Até o ultimo centavo.”

Ela levou um segundo para entender o que aquilo significava. “Uau.” O depósito havia sido mais dinheiro do que ela podia esperar ter feito em toda uma vida. E havia sido meramente vinte e cinco por cento do total. “Eu acho que ‘obscenamente rica’ é pouco.”

“Sim. Mas você completou o trabalho que você foi contratada para fazer, que eu imagino tinha algo a ver com aquela luta com Uram?”

Elena mordeu o lábio. Raphael havia sido explícito em seu aviso sobre toda informação conectada ao monstro sádico que havia matado e torturado tantos—qualquer

mortal a quem ela contasse ia morrer. Sem exceções. Talvez aquilo tivesse mudado agora, mas ela não iria arriscar a vida de sua melhor amiga na fé em um relacionamento que ela mal entendia. “Eu não posso te dizer, Sara.”

“Você me conta todos esses outros segredos, mas não este?” Sara não soava irritada, ela soava intrigada. “Interessante.”

“Não vá cavando por aí.” O estômago de Elena revirou-se enquanto sua mente mostrava um nauseante show de imagens do horror que Uram havia sido. Aquele último quarto... O cheiro de carne podre, o brilho dos ossos encharcados de sangue, a nojenta polpa de um olho que ele havia arrancado de um vampiro agonizante.

Forçando sua coluna contra a bile queimando a parte de trás de sua garganta, ela tentou imbuir sua voz da profundidade de sua preocupação. “São más notícias.”

“Eu não tenho desejo de mor—ah, Zoe acordou.” Amor maternal preencheu cada sílaba. “E olhe só, Deacon também. O papai da Zoe acorda ao seu menor choro, não é, querida?”

Elena suspirou, as adoráveis imagens criadas pelas palavras de Sara banindo as da depravação de Uram. “Eu acho que vocês estão ficando mais enjoativos a cada dia.”

“Meu bebê já tem quase um ano e meio agora, Ellie,” Sara murmurou. “Eu quero que você a veja.”

“Eu vou.” Era uma promessa. “Eu vou aprender a usar essas asas mesmo que isso me mate.” Seus olhos caíram no convite de Lijuan enquanto as palavras deixavam sua boca, morte fechando uma mão esquelética em volta de sua garganta.

## 03

Entretanto, uma semana após a sua conversa com Sara, Elena se viu pensando não em morte, e sim em vingança. “Eu sabia que você gostava da dor, mas eu não sabia que era um sádico,” ela disse nas costas de Dmitri, os ossos dela derretendo dentro do calor atraente das isoladas fontes quentes, o maldito vampiro tinha tudo, mas a carregou—depois que esmagou o seu traseiro varrendo na sessão de treinamento cujo objetivo era endurecer seus músculos.

Voltando, ele focalizou totalmente o poder dos seus olhos escuros sobre ela, olhos que poderiam tentar um inocente ao pecado, um pecador para dentro do próprio inferno. “Quando,” ele murmurou com a sua voz que falando de perto da porta e quebrando tabus, “eu sequer dei razão para você duvidar de mim?”

Pele acariciou seus lábios, entre as suas pernas, ao longo das suas costas.

Sua pele apertava em resposta da força do cheiro dele, o cheiro que era afrodisíaco para alguém nascido caçador, mas ela não recuou, ciente de que ele estava aproveitando tê-la em completa desvantagem. “Por que você está aqui? Você não deveria estar em Nova York?” Ele era o líder dos Sete de Raphael, um grupo coeso de vampiros e anjos que protegia Raphael—até contra ameaças que ele talvez ainda não pudesse ver.

Elena estava certa como a morte que Dmitri poderia executá-la com uma fria precisão, se ele a considerasse uma fissura grande demais na armadura de Raphael. Raphael talvez matasse o vampiro por isso, mas como Dmitri havia dito uma vez para ela—ela continuaria morta. “Certamente algumas poucas fãs chorariam até a morte por você.” Ela não podia evitar, mas pensava sobre aquela noite na ala dos vampiros da Torre—a cabeça de Dmitri debruçada sobre o pescoço suave de uma loira com curvas cujo prazer estava espalhado no ar em um perfume sensual.

“Você parte meu coração.” Um sorriso insincero, o divertimento de um vampiro tão velho, a idade dele estava pesando sobre os seus ossos. “Se você não tiver cuidado, eu vou começar a pensar que você não gosta de mim.” Tirando a sua camisa fina de linho sem vacilar—e havia neve no chão até esta altura pelo amor de Deus—ele foi até o topo do botão da sua calça.

“Você está planejando morrer hoje?” ela perguntou em tom de conversa. Porque Raphael rasgaria o coração de Dmitri se o vampiro tocasse nela. Claro, seria duro para o arcanjo fazer isto—ela tinha que dar uma basta agora mesmo. Dmitri talvez fosse capaz de provocar o seu corpo para chorar de necessidade do cheiro dele, mas Elena não estava nem perto de ser compelida. Não por esse vampiro. E não pelo homem que ele chama de senhor.

“É uma piscina grande.” Ele tirou as calças.

Ela viu de relance o flanco liso e musculoso antes de fechar os seus olhos. Então, pensou, consciente do calor que queimava na sua bochecha, pelo menos esclareceu todas as dúvidas referente à cor dele—Dmitri não era bronzeado. O mel exótico da sua pele era inerente... E sem falha.

O movimento da água que anunciou a sua entrada na piscina. “Você pode olhar agora, caçadora.” Absoluta zombaria.

“Por que eu iria querer?” Abrindo os seus olhos, ela girou contemplando a montanha deslumbrante a vista no lugar. Caçadores não eram puritanos, mas Elena escolhia os seus amigos com cuidado. E quando chegava às pessoas com quem ela estava confortável em ficar nua—estar vulnerável—essa lista era ainda mais curta. Dmitri, de maneira alguma, formava ou formaria parte desse grupo.

Conforme ela focalizou a capa de neve no cume distante, ela ficou de olho nele com a sua visão periférica. Não que ela sobreviveria a ele se ele viesse atrás dela, não dada a sua atual situação física, mas isso não era razão para se fazer um alvo fácil. *Pelos e diamantes, sexo e prazer.* O cheiro envolvia ao redor dela, em mil cordas suaves, mas eles estavam tranquilos. Era o seu olhar que a deixava preocupada naquela hora—o do mesmo jeito que um predador olha para a presa.

Demorou quase um minuto antes dele dar de ombros e jogar para trás a sua cabeça, os seus braços cercando em cima da beirada rochosa da piscina natural. Ele era, ela foi forçada a admitir enquanto olhava para trás, sexy como a mais perversa das indulgências. Olhos escuros, cabelos escuros, uma boca que prometia dor e prazer em medidas iguais. Mas ela não sentia nada além de uma relutante apreciação feminina. Azul era o seu vício e sua salvação.

Um filete de chocolate negro se enrolou ao redor dela.

Rico. Hipnotizante. De nenhuma maneira estava tranquila.

Ela sibilou por entre os dentes. “Desligue isso.” O seu corpo enrijeceu, seus seios inchando com uma necessidade tão crua quanto indesejada.

“Estou relaxando.” Provocação recobria na sua arrogância masculina—não exatamente surpreendente dado quem Dmitri chamava de senhor. “Eu não posso fazer isso se tenho que controlar uma parte integral do meu corpo.”

Antes que Elena pudesse responder uma declaração que ela não tinha certeza se acreditava, uma pena azul celestial com a margem prata flutuava dentro da água em frente dela. Isso a lembrava de um outro dia, outra pena, a mão de Raphael abrindo para soltar pó azul e prata enquanto possessividade reluzia em seus olhos. Usando da memória para lutar com o impacto sensual do cheiro de Dmitri, ela focalizou no som distinto de asas assentando atrás dela. “Olá, Illium.”

O anjo deu a volta para sentar na borda cheia de neve à direita dela, mergulhando suas pernas dentro da água, jeans e tudo. De fato, como muitos dos homens angelicais do Refúgio, isso era tudo o que ele vestia, o seu tórax musculoso nu para os raios de sol. “Elena.” Ele olhou dela para Dmitri com aqueles olhos de ouro desumano de tirar a fôlego. “Alguma coisa que eu deveria saber?”

“Eu ameacei matar ele pela décima milésima vez,” Elena compartilhou, fechando a sua mão duramente em volta da rocha na margem. As pontas começaram e se enterrar em palma conforme lutava com a compulsão de ir até Dmitri, lambe o cheiro dele até que ele fosse tudo que ela era, tudo que ela conhecia. O vampiro a zombava com o seu olhar, um desafio silencioso. Não importava o puxão sexual, isso não era sobre sexo. Isso era sobre seu direito de estar ao lado de Raphael. “E ele acabou comigo indiretamente,” ela completou, sua voz firme apesar do seu corpo estar gritando com excitação.

“Em alguns círculos,” Illium sussurrou, cabelo preto com pontas azuis se elevando na brisa, “isso poderia ser considerado preliminares.”

Dmitri sorriu. “Elena não está interessada no meu tipo de preliminar.” Memórias de sangue e aço em seus olhos. “De qualquer forma ela—”

O cheiro de mar, uma selvagem tempestade turbulenta, explodiu dentro da sua mente. *Elena, por que Dmitri está nu?*

A superfície da piscina começava a congelar por cima.

“Raphael, não!” ela disse em voz alta. “Eu não vou dar a ele o prazer de me observar congelar até a morte!”

*Isso, eu nunca permitiria. O gelo recuou. Pelo visto eu necessito ter uma discussão com Dmitri.*

Ela se obrigou a pensar para ele, apesar de ser muito mais instintivo falar; seu coração, sua alma, ainda eram inalteravelmente humanos. *Não precisa. Eu posso lidar com ele.*

*Você pode? Nunca esqueça que ele teve séculos para afiar seu poder. Uma leve advertência. Irrite-o demais e um de vocês poderá morrer.*

Ela não se equivocou. *Como eu disse, Arcanjo, não mate ninguém por mim.*

A resposta foi uma brisa gelada, a estampa da possessão de um imortal. *Ele é o líder dos meus Sete. Ele é leal.*

Ela já havia adivinhado o que ele não disse—que a lealdade de Dmitri poderia ser igual à sua morte. *Eu luto minhas próprias batalhas.* Era quem ela era, seu senso de individualidade amarrado intrinsecamente à sua habilidade de se manter sobre os seus próprios pés.



*Mesmo se você não tem esperança de ganhar?*

*Eu disse uma vez a você, eu prefiro morrer como Elena, do que viver como uma sombra.* Deixando ele com essa verdade—uma verdade que nunca mudaria, não importando a sua imortalidade, Elena retornou a sua atenção para Dmitri. “Você se esqueceu de falar algo para Raphael?”

Dando de ombros, o vampiro lançou um expressivo olhar para a sua direita. “Se eu fosse você, eu me preocuparia mais com o couro azul dele.”

“Acho que o Illium pode tomar conta de si mesmo.”

“Não se ele continuar a flertar com você.” Um fino, quase elegante filete de calor, champagne e luz do sol, decadência na luz. “Raphael não é de dividir.”

Ela o fixou com os olhos, tentando ignorar a quente contorção em seu estômago, um calor que ele estava soprando muito propositalmente. “Talvez você só esteja com ciúmes.”

Illium resfolegou em risos enquanto Dmitri estreitava os olhos. “Eu prefiro foder mulheres que não sejam cobertas de espinhos.”

“Fico de coração tão partido por isso, que eu não consigo expressar em palavras.”

A força da risada de Illium quase o derrubou para dentro da água. “Nazarach voltou,” ele finalmente conseguiu dizer a Dmitri—enquanto corria as pontas dos dedos na trança de cabelo de Elena. “Ele deseja conversar com você sobre a extensão de um Contrato como punição para uma tentativa de fuga.”

O rosto do Dmitri não traía nada conforme ele se erguia na água com uma natural graça e sensualidade. Desta vez, Elena continuou com os seus olhos abertos, recusando perder a batalha silenciosa de força de vontade. O corpo dele era uma extensão regular de pele beijada pelo sol sobre puro músculo, músculo que flexionava com poder conforme ele começava a colocar as suas calças.

Os olhos dele encontraram com os dela enquanto ele abotoava a calça, diamantes e pelo e o inconfundível almíscar de sexo bruto cobrindo sua garganta como um colar... ou uma força. “Até o nosso próximo encontro.” O cheiro desapareceu. “Vamos.” Isso era diretamente para Illium, o tom de uma ordem.

Elena não estava minimamente surpresa quando Illium ficou em pé e saiu com um simples tchau. O anjo de asas azuis podia caçoar com Dmitri, mas era claro que ele—como o resto dos Sete, os membros que ela encontrou no mínimo—iria segui-lo sem questionar. E por Raphael, cada um deles renunciaria a sua vida num piscar de olhos.

A água ondulou longe dela na rajada do vento causado pela aterrissagem de um anjo.

*O cheiro de mar, de chuva, claro e selvagem em sua garganta.*

Ela sentiu sua pele ficando tensa, como se repentinamente ela fosse muito pequena para conter a agitação no interior. “Veio para me provocar, Arcanjo?” O cheiro dele sempre havia falado aos seus sentidos de caçadora, mesmo antes deles se tornarem amantes. Agora...

“Claro.”

Mas quando ela virou a cabeça para encontrar seu olhar conforme ele vinha para agachar na margem, o que ela viu fez sua respiração ficar presa em sua garganta. “O quê?”

Aproximando a mão, ele tirou as argolas simples de prata das orelhas dela. “Essas agora são uma mentira.” Ele fechou a mão e quando a abriu novamente, pó prata caiu para cintilar na água quente.

“Oh.” A prata sem enfeites era para os descompromissados—homens ou mulheres. “Espero que você tenha substitutos,” ela disse, girando—suas asas maravilhosamente encharcadas—para poder apoiar os braços na margem e encará-lo. “Essas vieram de um mercado em Marrakesh.”

Ele abriu a outra mão e um par de argolas diferentes cintilou para ela. Tão pequeno, tão prático para uma caçadora quanto o outro, mas de um âmbar bonito, selvagem. “Você está agora,” ele disse, os colocando nas orelhas dela, “bem e verdadeiramente compromissada.”

Ela encarou o dedo anelar da mão dele, possessividade uma tempestade furiosa dentro dela. “Onde está o seu âmbar?”

“Você não fez dele um presente ainda.”

“Encontre uma peça usar exibir até que eu possa conseguir algo para você.” Porque ele não estava disponível, não estava aberto a convites daquelas que dormiriam com um arcanjo. Ele pertencia a ela, a uma caçadora. “Eu não gostaria de ter sangue no tapete por matar todas aquelas vampiras vadias com sorrisos afetados.”

“Tão romântica, Elena.” O tom dele estava claro, sua expressão imutável, mas ela sabia que ele estava rindo dela.

Então ela salpicou ele. Ou tentou. A água congelou entre eles, uma escultura de iridescentes gotinhas. Isso era um presente inesperado, um vislumbre dentro do coração do garoto que Raphael deve ter sido uma vez. Estendendo a mão, ela tocou a água congelada... Somente para descobrir que ela não estava congelada. Curiosidade floresceu. “Como você mantém isso assim?”

“É um truque de criança.” A brisa flertava com o cabelo dele enquanto a água acalmava. “Você será capaz de controlar coisas pequenas igualmente quando for um pouco mais velha.”

“Precisamente quão velha eu sou, em termos de anjo?”

“Bem, os nossos anjos de 29 anos tendem a ser considerados crianças.”

Levantando a mão, ela correu seus dedos pela linha dura da coxa dele, sua barriga tensa com a expectativa. “Eu não acho que você me vê como uma criança.”

“Correto.” A voz dele havia diminuído, seu pênis brutalmente duro contra o resistente material preto da sua calça. “Mas eu acredito que você ainda está se recuperando.”

Ela olhou para cima, seu corpo escorregadio com prazer. “Sexo é relaxante.”

“Não o tipo de sexo que desejo.” Palavras tranquilas, raios brancos naqueles olhos, uma lembrança de que este era o Arcanjo de Nova York que ela estava tentando incitar à imoralidade.

Mas ela não havia sobrevivido a ele pela primeira vez por desistir. “Entre aqui comigo.”

Ele se levantou e rodeou até que estivesse nas costas dela. “Se você me olhar, Elena, talvez eu quebre minha promessa para nós dois.”

Ela teria virado de qualquer jeito, incapaz de resistir à tentação que era beleza dolorosamente masculina dele, mas então ele disse, “Seria tão fácil para mim te machucar.”

Pela primeira vez, ela entendeu que não era a única que estava lidando com algo novo, algo inesperado. Permanecendo no lugar, ela ouviu a pancada surda das botas dele caindo na neve, o íntimo murmúrio das roupas dele deslizando para fora do seu corpo. Ela podia perceber a força amarrada dos braços e ombros dele em sua mente, seus dedos doendo para acariciar a superfície estriada do seu abdômen, a extensão muscular das coxas dele.

Suas próprias coxas se apertaram quando a água enrolou em volta dela, perturbada por um corpo muito maior e forte que o dela. Ela segurou a respiração enquanto ele se aproximava, até que ele apoiou as mãos contra a rocha de ambos os lados dela. Estendendo suas asas para que ele pudesse se pressionar contra as suas costas, ela inspirou rapidamente. “Raphael, isso não está ajudando nada.”

O calor do seu pênis pulsando contra a pele dela, uma marca vívida, enquanto as asas dela direcionavam a sensação diretamente para o centro macio e molhado do seu corpo. Um instante depois, os lábios dele tocaram sua orelha. “Você me tortura, Elena.” Dente fechando sobre sua carne, uma mordida não muito gentil.

Ela uivou, o som alto, assustado. “Isso foi para quê?”

“Eu estive celibatário por mais de um ano, Caçadora da Sociedade.” Uma grande mão ousadamente cobriu seu seio, os dedos dele fortes, inequivocamente masculinos contra a sua carne. “A necessidade está desgastando meu temperamento.”

“O quê, você não afundou o seu pau dentro de uma querida vampira enquanto eu estive fora?”

Raphael beliscou o seu mamilo forte o bastante pra ela saber que havia passado do limite. “Você acredita tão pouco na minha honra?” Gelo pendurava no ar.

“Estou com ciúmes e frustrada,” ela disse, chegando para trás para pressionar a palma da mão na bochecha dele. “E eu sei que estou com uma aparência de merda.” Enquanto os vampiros além de suas primeiras décadas de vida eram mais do que deslumbrantes, a pele deles imaculada, os corpos insinuantes. Muito poucos humanos alguma vez chegaram perto de dormir com um anjo—eles são simplesmente ultrapassados.

Raphael deslizou sua mão pela lateral dela. “É verdade que você perdeu um pouco de peso, mas eu ainda quero te foder até você perder a cabeça.”

# 04

Seu cérebro ficou vazio por vários segundos. Quando ela conseguiu falar, saiu um gemido ofegante. “Você está tentando me matar.”

Um aperto um seu seio, a pele tão apertada de prazer que estava quase dolorida. “É uma maneira muito melhor de punição do que dilacerar membro a membro.”

“Não pode transar com uma mulher morta, huh?”

“Exatamente.”

Chamas lamberam sua espinha quando ele afagou com as mãos para baixo, varrendo os polegares pela carne tensa de suas nádegas. “Na metade do tempo, eu não estou certa se você está falando sério ou não.”

Os dedos dele pararam seu tormento sensual. “Você tem certeza que deseja que eu saiba disso? É uma fraqueza.”

“Alguém tem de dar o primeiro passo.” Levantando o pé, ela o subiu por trás da sua panturrilha.

Um beijo pressionado na batida da pulsação do pescoço. “Tal honestidade não lhe servirá muito bem entre os anjos.”

“E com você?”

“Estou acostumado a utilizar o que sei para manter o poder.”

Elena se inclinou em suas mãos, deixando-o relaxar o nós junto à beirada onde suas asas cresceram em suas costas. Parecia extraordinário – tão bom que ela sabia que nunca permitiria outro homem tocá-la lá, mesmo que por amizade. Isso seria uma traição. “Você mesmo está sendo muito honesto.”

“Talvez entre nós,” disse lentamente, considerando o assunto, “pode não ser uma fraqueza, mas uma força.”

Surpresa, ela virou a cabeça. “Sério? Então me diga algo sobre você.”

Ele pressionou o polegar em um ponto particularmente tenso e ela gemeu, derrubando a cabeça em suas mãos. “Senhor tenha misericórdia.”

“Não é ao Senhor que você devia estar pedindo misericórdia.” Seu tom mantinha um tom possessivo oculto que estava se tornando intimamente familiar. “O que você gostaria de saber?”

Ela escolheu a primeira coisa que lhe veio à mente. “Seus pais ainda estão vivos?”

Tudo congelou. A temperatura da água despencou tão rápido que ela arfou por ar, o coração chutando em pânico. “Raphael!”

“Novamente, eu devo me desculpar.” Um sopro de calor contra seu pescoço, a água se aquecendo até que sua pele não estivesse mais em perigo de ficar azul-cadáver. “Com quem você esteve falando?”

A água podia ter aquecido, mas sua voz permanecia uma brisa ártica. “Ninguém. Perguntar sobre os pais é uma atividade relativamente normal.”

“Não quando é dos meus pais que você está perguntando.” Ele pressionou o resplendor do seu corpo contra o dela, os braços ao redor da cintura.

Ela teve a estranha sensação de que ele estava buscando conforto. Era um pensamento tão estranho de se ter sobre um ser que mantinha dentro dele um poder tão amplo, que ela mal podia compreendê-lo, mas ela não hesitou em colocar os braços ao redor dos dele, confiando a ele que a segurasse na água. “Desculpe-me se abri feridas antigas.”

*Feridas antigas.*

*Sim*, Raphael pensou, respirando o cheiro da sua caçadora, a selvageria mal contida embaixo de sua pele. Ele havia se perguntado o que Elena faria com uma raça de imortais—esta mortal que fez dele um pouco humano mesmo enquanto ela se tornava imortal. Mas ele nunca parou para imaginar o que ela faria com ele.

“Meu pai,” disse, se surpreendendo com as palavras, “morreu há muito tempo atrás.”

Chamas por toda parte, o grito de raiva de seu pai, as lágrimas de sua mãe. Sal em seus lábios. Suas próprias lágrimas. Ele assistira sua mãe matar o pai e chorou. Ele era um menino, uma criança de verdade, mesmo entre os anjos.

“Sinto muito.”

“Foi há uma eternidade.” E era somente naqueles momentos raros quando seu escudo caía que ele se lembrava. Hoje, Elena o pegara sem avisar. Sua mente se inundara com as últimas imagens que tinha, não de seu pai, mas de sua mãe, os delicados pés caminhando levemente sobre a grama manchada com o sangue do seu próprio filho. Ela fora tão bonita, tão talentosa que anjos lutaram e morreram por ela. Mesmo no fim, ela se lamentou sobre o corpo caído e quebrado de Raphael, sua beleza ofuscara o próprio sol.

*“Shh, meu bem. Shh.”*

“Raphael?”

Duas vozes femininas, uma o puxando para o passado, a outra para o presente.

Se tinha havido uma escolha, ele a tinha feito um ano atrás nos céus acima de Nova York, quando a cidade estava em ruínas a sua volta. Agora, ele pressionou um beijo na curva do ombro de Elena e se saturou com seu calor, calor que era distintamente mortal, derretendo o gelo da memória. “Você ficou tempo suficiente nessa água eu acho.”

“Eu não quero me mexer jamais.”

“Eu voarei com você de volta.”

Seu protesto foi fraco quando ele a ergueu da água, o corpo dela ainda tão quebrável.

“Não se mova, caçadora.” Secando as asas delas com cuidado, ele vestiu as calças, em seguida a observou se vestir, o coração transbordando com uma mistura de possessão, satisfação e um terror diferente de qualquer um que já tenha conhecido antes. Se Elena caísse do céu, ela seria atirada em terra firme, ela não sobreviveria. Ela era jovem demais, uma imortal recém-nascida.

Quando ela entrou em seu abraço, os braços dando a volta em seu pescoço, os lábios pressionados em seu peitoral, ele estremeceu e fechando seus braços em volta dela, subiu para o incandescente laranja-avermelhado de um céu habilmente pintado pelos raios do vagaroso sol poente. Ao invés de ir para as alturas, acima da camada de nuvens, ele ficou abaixo, atento se ela não sentiria frio. Se ele soubesse o que encontrariam, teria feito uma escolha bem diferente, mas sendo assim, Elena viu o pesadelo primeiro.

“Raphael! Pare!”

Ele parou pela urgência em seu tom, pairando bem acima da fronteira que delineava aonde seu território terminava e começava o de Elijah. Mesmo no Refúgio, haviam fronteiras—não delineadas, não faladas, mas, existentes do mesmo jeito. Um poder não podia permanecer perto demais do outro. Não sem destruição de uma magnitude que atacaria ferozmente sua espécie. “O que é?”

“Olhe.”

Seguindo a linha de seu braço, ele viu um corpo tingido com centenas de matizes de cobre pelo sol. Deitava em uma pequena e silenciosa praça do seu lado da fronteira. Sua visão era aguçada, melhor do que a de uma ave de rapina, no entanto, ele não conseguia ver movimento nenhum, nada que falasse de vida. Mas viu o que fora feito ao homem. A fúria se acendeu.

“Leve-me para baixo, Raphael.” Palavras perturbadas, os olhos no corpo que tinha se curvado em uma tentativa desesperada de diminuir a brutalidades das lesões. “Ainda que não haja nenhum rastro de vampiro para seguir, eu sei como rastrear.”

Ele permaneceu no lugar. “Você ainda está se recuperando.”

Sua cabeça se ergueu rapidamente, aqueles olhos cinza como mercúrio líquido. “Não ouse me impedir de ser o que sou. Não ouse.” Havia algo muito antigo naquelas palavras, naquela raiva, como se tivesse envelhecido dentro dela.

Ele tomara sua mente duas vezes desde que ela despertara, ambas as vezes para protegê-la de se machucar. Hoje os mesmos instintos primitivos o impeliam a desconsiderar suas ordens—ela poderia ter nascido caçadora, mas ela não estava ainda nem mesmo perto de estar forte o bastante para lidar com isso.

“Eu sei o que está pensando,” Elena disse, uma tensa aflição em cada palavra, “mas se você tomar minha mente, se você me forçar a ir contra meus instintos, eu nunca perdoarei você.”

“Eu não te assistirei morrer de novo, Elena.” O Grupo a escolhera porque ela era a melhor, implacável em sua perseguição pela presa. Mas então, ela era dispensável. Agora, ela era toda sua existência.

“Por dezoito anos,” —palavras sombrias, uma expressão assombradas— “eu tentei ser o que meu pai queria, eu tentei não ser uma caçadora nata. Isso me matou um pouco mais a cada dia.”

Ele sabia o que ele era. Ele sabia do que era capaz. Também sabia que se ele a quebrasse, se desprezaria por toda a eternidade. “Você fará exatamente como eu disser.”

Um aceno imediato. “Este é um território desconhecido—eu não vou partir desprevenida.”

Descendo com um mergulho suave, ele pousou facilmente a poucos centímetros do corpo—na sombra de uma casa de dois níveis que carregava a patina da idade. Elena se segurou nele por alguns segundos, para ter o controle dos músculos antes de se virar para ajoelhar-se ao lado do vampiro seriamente espancado. Ele se agachou ao lado dela, levantando a mão para colocar os dedos na têmpora do vampiro. Uma pulsação nem sempre era um bom indicador de vida quando se tratava dos Feitos.

Levou alguns segundos para sentir o eco lento da mente do vampiro, um sinal de quão perto da verdadeira morte o macho estava. “Ele vive.”

Elena soltou a respiração. “Santo Deus, alguém realmente queria machucá-lo.” O vampiro fora espancado tão severamente que ele não era nada mais que carne moída sobre ossos. Ele podia ter sido bonito, provavelmente fora o senso de idade pesando sobre a pele de Elena, mas não havia sobrado muito do seu rosto para contar.

Um olho estava fechado pelo inchaço. O outro... a cavidade do olho tinha sido destruída com uma perfeita perversidade que se você não soubesse que ele devia ter olho lá, você nunca adivinharia onde terminava a bochecha e começava o olho. Estranhamente,



os lábios ficaram intocados. Abaixo do pescoço, a roupa foi enfiada dentro da carne, evidencia de chutes contínuos e repetitivos. E seus ossos... Estavam visíveis—galhos sangrentos e quebrados no que tinha sido uma vez uma calça jeans.

Doía vê-lo, saber o que ele devia ter sofrido. Vampiros não perdiam a consciência facilmente—e, dada a selvageria do ataque, ela apostaria que seus agressores chutaram a cabeça por ultimo. Assim, ele ficaria consciente por quase toda a provação. “Você sabe quem ele é?”

“Não. Seu cérebro está machucado demais.” Raphael deslizou os braços por baixo do vampiro, o cuidado dos seus movimentos que fez seu coração se apertar. “Eu preciso levá-lo a um médico.”

“Eu vou esperar e—” ela congelou quando ele mudou o corpo de posição para segurar melhor. “Raphael.”

O ar de repente foi beijado pela geada. “Eu a vejo.”

Havia uma parte de pele contraditoriamente não machucada no esterno do vampiro, como se ela tivesse sido deixada especificamente ilesa. A natureza a sangue frui do espancamento deixara seu estomago coalhado. Aquelas pessoas *teriam* atacado seu cérebro por ultimo. “O que é isso?” Porque embora a pele do vampiro não estivesse machucada, não estava desmarcada. Um símbolo fora queimado em seu corpo. Um retângulo alongado, levemente queimado no fundo, estava em cima uma curva invertida, que por sua vez, cobria uma pequena tigela. Segurando tudo isso para cima, estava uma linha longa e fina.

“É um *sekhem*, um símbolo de poder de um tempo quando arcanjos dominavam como faraós e eram chamados filhos dos deuses.”

Elena sentiu seu rosto corar de calor e frio. “Alguém quer tomar o lugar de Uram.”

Raphael não lhe disse para não pular para conclusões precipitadas. “Faça o rastreamento. Illium te protegerá até eu retornar.”

Ela olhou para cima quando Raphael subiu, mas não pode isolar as asas azuis de Illium mesmo contra o espetáculo de luz do por do sol que se aproximava. Agradecidamente, suas pernas esperaram para tremer até que Raphael tivesse partido. Seu arcanjo finalmente parecera ouvi-la hoje—ela tinha a impressão que ele pensaria bastante e por muito tempo antes de forçá-la novamente a agir contra sua vontade.

Mas não havia nada que o impediria de pegá-la pessoalmente e despeja-la em uma cama se ele percebesse a extensão de sua exaustão. As asas pareciam um peso de cinquenta quilos em suas costas, os músculos da panturrilha pareciam uma gelatina. Soltando a respiração, ela desenterrou um pouco mais de energia de algum lugar e começou andar em círculos a partir do ponto onde eles encontraram o corpo, contente que aquela área, embora não abandonada, parecia silenciosa.

Como resultado, não havia muitos odores na trilha enlameada. A árvore no canto, algum tipo de cedro, os galhos inclinado com o peso da folhagem, não ultrapassavam o cheiro dos pinheiros no outono, suas agulhas bagunçando a terra. E aquele cheiro pertencia ao vampiro que fora espancado até virar uma pasta irreconhecível. Não importa o quão duro ela tentasse, ela não conseguiu encontrar nenhum outro cheiro novo.

Não havia também nenhuma evidencia de atividade no solo, a pedras do pavimento limpas, exceto por algumas cinzas de folhas e alguns claramente delineados pontos de sangue perto da mancha escura onde eles descobriram o corpo. Examinando a cena com extremo cuidado para não comprometer nenhum vestígio de evidencia, ela confirmou que os respingos estavam limitados a um raio de cerca de trinta centímetros.

“Despejado de uma altura baixa,” ela disse a Raphael quando ele pousou ao seu lado. “E desde que é frequente asas neste lugar...” seu corpo oscilou.

Raphael a tinha em seu abraço de ferro antes que ela pudesse sequer registrar o lapso. “Então você não pode fazer nada. Nós falaremos com o vampiro quando ele acordar.”

“O lugar? Precisa ser processado, só no caso.”

“Dmitri está a caminho com uma equipe.”

Era totalmente incomum desistir sem uma luta, mas seu estava parando de funcionar, suas asas ameaçando se arrastarem pelo sangue. “Eu quero saber o que a vítima disse.” As palavras saíram confusas, o último pensamento que alguém de sangue frio o bastante para mascar um ser vivo como uma mensagem iria ser provavelmente um melhora de Uram.

*Senhor.*

Relaxando calmamente na cama menos de uma hora depois dele coloca-la nos lençóis, suas asas se espalharam em uma carícia de meia noite e alvorada quando se deitou com a barriga para baixo, Raphael vestiu uma calça e encontrou Dmitri no corredor do lado de fora. O rosto do vampiro estava sem expressão, mas Raphael o conhecia por centenas de anos.

“O que você descobriu?”

“Illium o reconheceu.”

“Como?”

“Aparentemente o homem estava usando um anel que ele ganhou de Illium em um jogo de pôquer.”

Raphael vira os dedos do vampiro. A maioria tinha sido destruído tão seriamente que eles eram nada mais que seixos esmagados em um saco de pele. E ainda assim, aquela

pele não se partira. Aquele nível de brutalidade levava o tipo de foco tanto de tempo como de frieza. “Quem?”

“Seu nome é Noel. Ele é um dos nossos.”

Raphael sentiu sua raiva ficar dura como granito. Ele não permitia que ninguém matasse seu povo com crueldade. Antes que ele pudesse falar, Dmitri disse, “Por que você não me disse que ele fora marcado?” As palavras pareciam minas entre eles, uma crosta que escondia feridas ainda em carne viva.

# 05

“A queimadura desaparecerá.” Raphael segurou olhar do vampiro. “Isso vai desaparecer.”

Dmitri não disse nada por alguns momentos antes de aspirar em um longo suspiro. “Os curadores encontraram algo entulhado na cavidade do peito de Noel. Aqueles que o pegaram o abriram, então permitiram que ele se curasse o suficiente para ocultar isso.”

Era outro exemplo da natureza metódica do espancamento.

“O que era aquilo?”

Dmitri retirou uma adaga do bolso. Ela tinha um pequeno, mas distinto G no punho, o símbolo dos Caçadores da Sociedade. Uma lâmina gelada, fúria desembainhada, cortou através das veias de Raphael. “Ele pretende se tornar do Grupo destruindo o que outro arcanjo criou.”

Os antigos viam Elena exatamente assim—criação de Raphael, sua posse. Eles não entendiam que ela guardava o seu coração, o guardava tão totalmente que não havia nada que ele não faria, nenhuma linha que ele não cruzaria para mantê-la a salvo. “Você encontrou alguma coisa na cena que poderia levar a identificar quem está por trás disto?”

“Não, mas não existem muitas pessoas que ousariam insultar você,” Dmitri disse, colocando o punhal de volta no bolso. “Há ainda menos que pensariam que pudessem fugir com isso.”

“Nazarach está no Refúgio,” disse ele, sabendo que o outro anjo era mais do que velho o suficiente para ser perigoso. “Descubra quem mais poderia se considerar um candidato.”

“Há apenas um à beira de se tornar um arcanjo.”

Somente o Grupo era supostamente para ser o cúmplice desta verdade, mas Raphael confiava em Dmitri muito mais do que em seus companheiros arcanjos. “Além disso, ele não tem necessidade de jogar esses tipos de jogos.” Ser um arcanjo era estar no Grupo. Era tão simples—e tão inevitável—quanto isso.

“É um dos mais antigos.” A história angelical contava de alguns dos raros casos daqueles que não eram arcanjos se tornando do Grupo. Eles nunca viveram muito tempo. Mas o fato de sua existência deu uma esperança sombria para aqueles que ansiavam a droga do poder sem entender o preço que isso inevitavelmente exigia. “Alguém forte o suficiente para seduzir os outros.”

“Há algo mais,” Dmitri disse enquanto Raphael estava virando para voltar para Elena. “Michaela”—ele nomeou outro membro do Grupo dos Dez—“enviou uma mensagem para dizer que ela está prestes a chegar ao Refúgio.”

“Ela esperou mais do que eu esperava.” Michaela e Elena eram como óleo e fogo. A arcanjo não podia suportar ser outra coisa senão o centro das atenções. E ainda assim quando Elena, com sua roupa de caçadora bruta e cabelo pálido, entrava em uma sala, o equilíbrio de poder mudava na mais sutil das maneiras. Raphael não achava que Elena estivesse mesmo ciente disso—mas esse era o porquê de Michaela tê-la desprezado desde o primeiro encontro delas.

“Quer seja contra Michaela ou contra esse aspirante, ela”—Dmitri olhou para a porta fechada nas costas de Raphael—“não é suficientemente forte para se defender. Seria necessário muito pouco esforço para acabar com a vida dela.”

“Illium e Jason estão aqui. Naasir?” Ele confiaria apenas nos seus Sete para vigiá-la.

“No caminho de volta.” Dmitri, como o chefe da segurança de Raphael, sabia exatamente onde cada um de seus homens estava em qualquer dado momento. “Eu me certificarei de que ela nunca esteja sozinha.”

Raphael ouviu as palavras não ditas. “E ela vai estar segura com você?”

A expressão do vampiro se alterou. “Ela te enfraquece.”

“Ela é meu coração. Proteja-a como você fez antes.”

“Se eu soubesse as consequências dessa decisão... Mas está feito.” Quando Dmitri deu um breve aceno de cabeça, Raphael sabia que os seus Sete não se moveria contra ela. Alguns arcanjos poderia ter matado Dmitri por ousar a se levantar contra ele, mas o vampiro tinha ganhado esse direito.

Mais, Raphael compreendeu o valor daquilo que Dmitri e o resto da seus Sete haviam lhe dado. Sem eles, ele podia muito bem ter se tornado outro Uram, outro Lijuan, muito antes de Elena ter nem nascido. “Dê a Illium a maioria dos turnos. É menos provável que Elena se oponha a ele.”

Dmitri bufou. “O precioso Sininho Azul dela vai se apaixonar por ela, e então você terá que matá-lo.”

“Que melhor protetor para Elena do que aquele que a ama?” Contanto que esse a guarda nunca esqueça que era a companheira de um arcanjo que ele vigiava. A traição não seria tolerada. “Quando está programado para Michaela chegar?”

“Dentro de uma hora. Ela ofereceu um convite para jantar.”

“Aceite.” Era sempre melhor conhecer o inimigo.

Elena acordou de um misericordioso descanso sem sonhos para a compreensão de que ela não estava sozinha. E não era o cheiro limpo da chuva, do vento, que enchia seus sentidos. Seus escudos, no entanto, permaneciam baixos. Deslocando-se na cama, ela olhou pela porta aberta da varanda para ver as distintas asas azuis de Illium se estendendo enquanto ele se sentou calmamente sobre o parapeito, suas pernas pendendo sobre a queda acentuada do desfiladeiro.

Silhueta desenhada contra o céu estrelado, ele parecia um ser de mitos e lendas. Mas, como ela tinha visto esta tarde, se este lugar era um conto de fadas, era o original, sombrio e encharcado de sangue. “Você vai cair se não tiver cuidado.”

Ele se virou para olhar para ela. “Vem se sentar comigo.”

“Não, obrigada. Acabei de curar todos os meus ossos quebrados.” Ela quebrou tantos quando caiu em Nova York. Mas estranho como fosse, não tinha havido nenhuma dor nos momentos finais. Tudo o que ela lembrava era uma sensação de paz.

E então Raphael a tinha beijado.

Dourado e intenso, erótico muito além de comparações, o gosto da ambrosia tinha enchido a boca dela enquanto os braços de Raphael a mantinham segura, enquanto seu arcanjo capturou-a da própria morte.

“O olhar no seu rosto,” Illium murmurou. “Uma vez tive uma mulher que olhava para mim dessa maneira.”

Elena sabia que Illium tinha perdido as suas penas, perdeu sua habilidade de voar, por falar os segredos de anjos para uma mortal... uma mortal que ele amava. “Você olhava para ela desse jeito, também?”

Aqueles olhos de ouro forjado eram convincentes, mesmo com a distância entre eles. “Somente ela saberia. E foi para a terra muito antes do mundo desenvolver cidades de aço e vidro.” Ele voltou sua atenção para a vista diante dele.

Sentando na cama, ela olhou para a bela curva de suas asas, cintilando prata azulado no escuro, e se questionou se Illium ainda lamentava por sua amante humana. Mas isso era uma pergunta que ela não tinha direito de perguntar. “O vampiro?”

“O nome dele é Noel. Ele ainda não recuperou a consciência.” A voz dele era uma aspereza pura. “Ele é um dos nossos.”

E ela sabia que eles não iriam parar até que localizassem o assaltante. A caçadora nela aprovava. “E quanto à tentativa desse anjo para se tornar do Grupo?” O mundo não precisava de outro arcanjo com uma propensão para os tipos mais maliciosos de prazer.

“Secundário.” Uma declaração simples. “Vai ser levado em consideração quando nós o executarmos pelo insulto a Noel, a Raphael.”

Elena entendia sobre cortar o mal pela raiz, mas ela não estava acostumada com a justiça rápida dos imortais. “Eu suponho que os anjos não têm um sistema de juiz e júri.”

Um bufo. “Você viu Uram — você gostaria que ele tivesse um dia em um tribunal?”

*Não.* A mente turbulenta com as lembranças das atrocidades de Uram, ela disse, “Conte-me sobre Erotique.”

Illium levantou uma sobrancelha pela citação dela ao clube de Manhattan exclusivamente frequentado por vampiros. “Pensando em uma mudança de carreira?”

“Geraldine trabalhou como dançarina lá.” Elena nunca esqueceu a súplica nos olhos da outra mulher enquanto ela morria após Uram ter cortado sua garganta. “Ela queria tanto ser Feita.”

“Eu não sei o que ela teria gostado da imortalidade.” Balançando as pernas para fora da grade e descendo para a varanda, Illium andou para inclinar seu ombro contra a porta. “Geraldine me pareceu uma vítima natural.”

Elena lembrou daquela pálida, pálida pele sobrecarregada com o cheiro de vampiro. O mundo a teria chamado de prostituta vamp, e uma vez que, Elena teria concordado com eles—isso foi antes dela estar em uma sala cheia de vampiros e suas amantes, antes de ela entender que se a sedução podia ser uma droga, poderia ser também a mais adulta das trocas, um jogo em que o vencedor passaria a noite a ver o prazer do perdedor.

Mas Geraldine não tinha sido como os homens e mulheres que Elena tinha visto na Torre, cheios de fácil confiança sensual. Illium estava certo. Ela tinha sido uma vítima. “E ela teria sido isso pela eternidade.”

“Sim.” Asas, um arco delicado sobre as costas, Illium encontrou seu olhar. “Confie em mim, Ellie. Não é uma coisa boa para ser.”

“Por que você soa como se soubesse?” Ela perguntou, sabendo que nunca esqueceria o desespero mudo da súplica de morte de Geraldine. “Você não é vítima.”

“Eu Fiz uma vez um humano,” ele murmurou, seus cílios protegendo a expressão de seus olhos. “Ele era biologicamente compatível, e ele passou em todos os testes de personalidade. Mas ele não tinha... conteúdo, um senso de identidade. Eu só descobri isso depois, quando já era tarde demais. Ele havia se ligado a um outro anjo então, alguém que gostava de ter uma vítima.”

“Ele está morto?”

“Claro que sim. As vítimas nunca duram muito.”

Era um resoluto vislumbre a um dos lados mais escuros da imortalidade. “Quanto mais tempo você vive, mais erros você comete.”

“E mais tristezas você carrega.”

Talvez ela devesse ter se surpreendido pelo comentário solene, mas Illium, ela estava começando a aprender, era um anjo que raramente mostrava sua verdadeira face ao mundo. Muito parecido com o homem que ele chamava de mestre. “Você se lembra de tudo?”

“Sim.”

Um presente. Uma maldição.

Magoadamente ciente de que as memórias podiam fazer você sangrar tão eficazmente quanto qualquer lâmina, ela deu um passo para trás do passado. Ele voltaria para assombrá-la em breve. “Os seus cílios são como o seu cabelo?”

Ele seguiu a deixa sem perder o ritmo. “Sim. Eles são muito bonitos—quer ver?”

Os lábios dela tremeram. “A vaidade é um pecado, Bluebell.”

“Quando você tem algo, ostente-o, eu digo.” Sorrindo, ele andou até a posição ao lado da cama. “Olha.”

Curiosa, ela olhou. Ele disse a verdade absoluta—seus cílios eram pintados de preto com as pontas do mesmo azul brilhante como o seu cabelo, um contraste surpreendente contra o ouro de seus olhos. “Eles são legais,” disse ela sem cerimônia.

Ele fez uma careta. “E aqui eu estava prestes a me oferecer para escovar o seu cabelo.”

“Eu vou escovar meus próprios cabelos, muito obrigada.” Impulsionando seu ombro, ela empurrou-o para fora da cama. “Traga-me a escova.”

Ele a jogou para ela antes de voltar para a varanda. “Por que você não perguntou por que eu estou aqui?”

“Eu não estou com força total, Raphael é superprotetor, não é difícil fazer as contas.” Sua frustração por seu estado físico atual não fez nada para negar a fria, dura verdade—a cabeça dela *seria* um troféu bem fino para mais de um imortal. Especialmente a mais bela e mais cruel de todos eles.

“Aparentemente, esse aspirante,” disse Illium por cima do ombro, “planeja deixar a sua marca enfiando um punhal da Sociedade no seu coração. Ou talvez usá-lo para cortar a sua cabeça um pedaço de cada vez.”



O eco de seus próprios pensamentos a assustou—mas eles não deveriam. Porque, goste ou não, ela era uma notícia quente no mundo angelical, o primeiro anjo Feito em memória viva. “Eu acho que preciso de algum alimento antes de eu começar a pensar em todas as formas horivelmente dolorosas que eu poderia concebivelmente morrer.”

“Há alguma na área de convívio.”

“Onde está Raphael?”

“Em uma reunião.”

Elena tinha sido salva por seus instintos mais de uma vez. Agora, sua mão fechou-se sobre o cabo de madeira entalhada da escova. “Com quem?”

“Isso só vai fazer você ficar louca.”

“Eu pensei que você fosse meu amigo.”

“Que está neste momento tentando salvá-la de irritação desnecessária.”

*Irritação?* “Pare de adiar e diga-me.”

Virando-se com um enorme suspiro, Illium disse, “Michaela.”

Um flash de memória, o pó bronze de anjo nas asas de Raphael. Elena rangeu seus dentes juntos. “Eu achava que o Refúgio seria muito tranquilo para Sua Vagabundice Real.” Nova York, Milão, Paris, esses eram mais o meio de Michaela.

“Você está certa.” Os olhos dele brilharam. “Mas parece que ela desenvolveu um interesse repentino no local.”

Puxando a escova pelo seu cabelo, ela achou o prendedor que havia deixado sobre a mesa de cabeceira e colocou a massa incontrollável em um rabo de cavalo alto. Enquanto ela balançava as pernas para no lado da cama, Illium tossiu intencionalmente. “Eu não sugiro ir lá com eles em sua condição atual.”

“Eu não sou uma idiota,” Elena murmurou. “Eu quero fazer algum exercício.”

“Você deveria descansar até de manhã.”

“Confie em mim, eu conheço o meu corpo.” Ela levantou com um gemido. “Se eu não soltar esses músculos agora, vai ser pior amanhã.”

Illium não disse nada, simplesmente olhou enquanto ela caminhava para o banheiro. Fechando a porta, ela jogou água sobre o rosto e desejou que parasse de pensar no que poderia estar acontecendo entre Raphael e Michaela. Não estava preocupada que Raphael fosse dormir com Michaela—muito claramente, Raphael não era do tipo traidor. Se ele tivesse se cansado dela—e sim, doía mesmo só de considerar isso—ele teria dito a

ela cara a cara. E mais, ela tinha um pressentimento de que ele via através da beleza de Michaela até o veneno interior.

Mas era impossível esquecer o rosto deslumbrante da arcanjo, o corpo que tinha seduzido reis e destruído impérios. Em contrapartida, o próprio rosto de Elena—refletido no espelho—era muito fino, a pele dela carregando a palidez de um ano gasto no sono. Autoconfiança não era exatamente fácil. “Basta.” Deixando de lado a toalha de rosto, ela caminhou de volta para fora.

O quarto provou estar vazio, mas ela não tinha dúvidas de que Illium estava por perto. Andando pelo amplo espaço da varanda, ela começou a passar por uma rotina de alongamento que tinha sido ensinado a ela na Academia da Sociedade. A maioria dos movimentos ainda funcionava, embora ela tivesse de ser um pouco criativa com alguns, já que agora ela tinha asas a considerar. Ela tropeçou duas vezes, até que se forçou a lembrar de manter as bordas inferiores levantadas. Isso tinha o mesmo efeito como se ela tivesse tentado manter os braços retos enquanto digitava—a dor era uma queimadura lenta que ficava progressivamente mais dolorosa.

Obstinada determinação a fez querer forçar através disso, mas lembrando-se do estado que ela tinha estado nesta tarde, ela fez uma pausa. Arrastando-se de volta para o quarto e saindo da ampla sala de estar, ela encontrou um pouco de suco e engoliu-o. O gosto era fresco e azedo em sua língua, uma indicação de que esta cidade de aparência medieval de rochas tinha um laranjal escondido em algum lugar lá no fundo.

“Você tem uma ligação.”

Virando-se em seu calcanhar, encontrou Illium segurando um elegante aparelho portátil prata. Tanto pelo imaginário medieval. “Eu não o ouvi tocar.”

“Eu desliguei o toque quando você estava dormindo.” Passando-o, ele pegou uma maçã da fruteira. “É Ransom.”

Surpresa com o tom familiar de Illium, ela ergueu o receptor ao ouvido dela. “Hey, bonitão.”

Ela podia ouvir o sorriso na voz do outro caçador quando ele respondeu. “Você já voa?”

“Em breve.”

“Você com certeza tem mantido uma companhia interessante ultimamente.”

Olhando para Illium enquanto o anjo de asas azuis saía para a varanda afastada que percorria fora desta sala, ela disse, “Onde você conheceu Illium?”

“Erotique.”

“Você conhece algumas das dançarinas?” Ransom tinha crescido nas ruas, mantinha a maior parte de seus contatos até agora.

“Uma ou duas. Eu consigo um monte de boas informações lá—mesmo o mais poderoso dos vampiros fica conversador quando uma mulher tem a boca perto de seu pau.”

Elena não estava surpresa—vampiros tinham sido seres humanos uma vez, afinal. Demorava um tempo para os ecos desaparecerem completamente. “Então, o que eles deixaram escapar?”

Um estalo através da linha. “...querem saber.”

“O quê?” Ela apertou o receptor mais próximo.

“Dizem por aí que você está viva. Todo mundo pensa que você é uma sugadora de sangue—tanto quanto eu posso dizer, nenhum dos que sabem deixaram a verdade escapar.”

“Bom.” Ela precisava de tempo para organizar sua própria cabeça em torno de sua nova realidade antes de explicá-la a qualquer pessoa. “Era isso que você queria me dizer?”

“Não. Uma das dançarinas ouviu que os vampiros estão fazendo apostas sobre você sobreviver um ano.”

“Quais são as probabilidades?”

“Noventa e nove para um.”

Elena não teve que perguntar qual era o lado vencedor. “O que eles sabem que eu não sei?”

“O boato é, Lijuan tem o hábito de alimentar os animais de estimação com seus convidados.”

# 06

Raphael observou Michaela levar o cristal da taça de vinho até seus lábios com a espontânea graça de uma mulher que teve séculos para aperfeiçoar sua elegante aparência. Imparcialmente falando, ela era linda, talvez a mulher mais linda do mundo, sua pele uma tonalidade perfeita semelhante ao mais exótico café misturado com creme, seus olhos um verde que ofuscaria uma pedra preciosa, seu cabelo uma nuvem preta com mechas bronze e castanho e outras milhares de tonalidades intermediárias.

Deslumbrante—e ela usava sua aparência tão efetivamente, e friamente, quanto os outros podiam usar uma arma. Se homens, mortais ou imortais, morreram porque se tornaram presas daquela beleza, esse era o erro deles.

“Então,” ela agora ronronou, veneno coberto por mel, “sua caçadora sobreviveu.” Quando ele não disse nada, ela fez um beicinho de desapontamento. “Por que manter isso em segredo?”

“Eu não sabia que você estava tão interessada na sobrevivência de Elena.” *Apenas na sua morte.*

Como ponto a seu favor, Michaela não fingiu não entender. “Touché.” Levantando sua taça de vinho em um brinde, ela tomou um pequeno gole do líquido dourado. “Vai ficar muito bravo se eu a matar?”

Raphael encontrou aqueles venenosos olhos de um verde vibrante, se perguntando se Uram alguma vez viu através do cruel coração da mulher que ele chamava de sua consorte<sup>2</sup>. “Você parece ter uma fascinação pela minha caçadora.” Foi uma afirmação deliberada. Elena era dele, e ele a protegeria.

Michaela ignorou as palavras dele. “Ela se tornou uma presa interessante, mas agora que perdeu suas habilidades, o esporte será fácil demais. Eu acho que devo simplesmente deixá-la como está.”

Era uma oferta muito suave, muito calculada. “Eu acho,” ele disse, não corrigindo sua errônea suposição, “que Elena é mais que capaz de cuidar de si.”

As maçãs do rosto de Michaela tornaram-se afiadas contra sua pele de uma forma que homens teriam morrido para tocar. “Certamente você não acha que ela é minha semelhante?”

---

<sup>2</sup> Consorte é o nome que se dá à pessoa que compartilha da sorte, direitos, títulos e/ou poder de outra. Cônjuge, companheiro(a).

“Não.” Ele esperou, observou sua pele cobrir-se com prazer, com satisfação. “Ela é algo totalmente único.”

Por um único e curto segundo a máscara caiu. “Tenha cuidado, Raphael.” Um predador o olhava, um que limpava o sangue de seus dedos com fria meticulosidade, mesmo enquanto observava sua vítima contorcer-se em agonia a seus pés. “Eu não recolherei minhas garras porque ela é seu bichinho.”

“Então, eu vou pedir a Elena que não recolha as dela.” Tomando um gole do seu próprio vinho, ele se recostou na sua cadeira. “Você estará no baile?”

Um piscar de olhos e a máscara voltou, imaculada e perfeita. “Claro.” Ela passou uma mão no cabelo, o movimento estufando os seus seios contra o tecido da cor oliva de um vestido que mostrava apenas o suficiente para levar a maior parte dos homens à loucura. “Você já esteve alguma vez na fortaleza de Lijuan?”

“Não.” A mais velha dos arcanjos vivia em uma fortaleza montanhosa escondida dentro das extensas fronteiras da China. “Eu não acho que ninguém do Grupo dos Dez já tenha ido.” Embora, Raphael tenha conseguido que vários de seus homens entrassem ao longo dos séculos. No momento, essa tarefa era de Jason, e, cada vez que ele retornava, o mestre espião de Raphael trazia mais e mais notícias perturbadoras sobre a corte de Lijuan.

Michaela girou o líquido em sua taça. “Uram foi convidado para lá, uma vez, quando ele era muito mais jovem,” ela disse a ele. “Lijuan gostou imediatamente dele.”

“Eu não tenho certeza se Uram deveria ficar lisonjeado ou não.”

Um suave, íntimo riso. “Ela é bem... inumana, não é?” Isso, vindo de um membro do Grupo dos Dez, demonstrava a extensão de “evolução” de Lijuan.

“O que Uram lhe disse sobre a fortaleza?”

“Que era impenetrável e cheia de inumeráveis tesouros.” Os olhos dela brilharam, se contemplando aqueles tesouros ou a memória do seu amante, Raphael não podia dizer. “Ele disse que nunca tinha visto tantas obras de arte, tantas tapeçarias e joias. Eu não sei se acreditava nele—você alguma vez já viu Lijuan usando ao menos um diamante?”

“Ela não precisa.” Com cabelos do mais puro branco e olhos de um estranho cinza perolado que ele nunca tinha visto em nenhum outro lugar na terra, Lijuan era inesquecível sem ornamentação alguma. E atualmente, Raphael pensou, a atenção do outro arcanjo estava fixada em um mundo que o resto deles não podia se que começar a prever. Ela não tinha deixado sua fortaleza durante os últimos seis meses, nem ao menos para encontrar seus companheiros arcanjos. O que tornava o baile ainda mais extraordinário. “Ela convidou todo o Grupo?”

“Chari aceitou o convite,” Michaela disse de outro de seus antigos amantes, “e ele disse que Neha também aceitou, então eu suponho que ela convidou os outros. Você devia pedir Favashi para acompanhá-lo. Eu acho que a nossa princesa da Pérsia gostaria que você fosse seu consorte.”

Raphael encontrou o olhar de Michaela. “Se você pudesse matar cada mulher bonita no mundo, você mataria?”

O sorriso dela não desapareceu. “Em um instante.”

Elena desligou o telefone com uma carranca e se dirigiu até a sacada. “Illium, você sabe algo sobre os brinquedinhos de Lijuan?”

O outro anjo lançou-lhe um olhar arregalado. “Ransom tem fontes muito boas.”

Sim, Elena pensou, ele tem. Mas, mesmo ele não tinha sido capaz de descobrir a identidade dessas criaturas que faziam os vampiros terem tanta certeza da sua morte. “O que eles são?” Sua coluna travou quando sua mente ofereceu uma explicação. “Não são vampiros que tenham sucumbido ao desejo por sangue?” Presos em um constante ciclo de violência, alimentação e fome, aqueles vampiros eram o mais sociopata dos assassinos.

*“Venha aqui, pequena caçadora. Prove.”*

Illium balançou sua cabeça, enquanto ela trancava uma memória que se recusava a ficar enterrada, o cabelo dele foi jogado pela forte brisa vindo das montanhas. Ele era uma joia contra a noite, sua beleza tão intensa que forçava os olhos irem em direção a ele e não às estrelas. Ela pegou a tábua de salvação, agarrando o presente. “Porque Michaela ainda não o matou?”

“Eu sou homem. Ela prefere me foder.”

A resposta direta tirou seu equilíbrio por um segundo. “Você já?”

“Eu pareço desejar ser comido vivo depois do sexo?”

Surpreendendo-se com um sorriso, ela virou seu rosto em direção ao vento, apreciando o frescor cortante. “Então, os brinquedinhos de Lijuan?”

“Pergunte a Raphael.”

Seu sorriso desapareceu com o pensamento de onde Raphael estava naquele momento. Procurando por uma distração, ela acenou em direção às luzes que podia ver salpicando os lados do desfiladeiro que se estendia abaixo deles, uma separação maciça na costa terrestre. “Não me diga que pessoas moram lá embaixo?” Água corria muito abaixo das luzes, mas, mesmo assim, ela podia sentir o estrondo furioso de sua passagem.

“Porque não? As cavernas são os mais perfeitos ninhos<sup>3</sup>.” Seu sorriso era uma linha branca contra sua pele. “Eu tenho uma. Quando você puder voar, você pode ir ver.”

“No ritmo que estou indo, vou ter oitenta anos quando eu realmente conseguir voar.”

“Só levará um tempinho,” Illium disse suavemente, seu rosto levantado em direção ao luar. Os feixes de luz jogados sobre ele como em um transe, tornando sua pele translúcida, seu cabelo era milhares de mechas de ébano líquido mergulhado em safiras. “O primeiro voo é algo que você nunca esquece – o vento correndo pelas suas asas enquanto elas se abrem, a liberdade intoxicante, a total alegria que dança em sua alma por você ser tudo aquilo que está destinado a ser.”

Pega pela inesperada poesia de suas palavras, ela quase não viu Raphael deslizando rumo ao chão. Quase. Porque nada nem ninguém jamais poderia segurar sua atenção quando seu arcanjo estava por perto. Pouco consciente de Illium ficando quieto ao seu lado, ela observou a graça devastadora da descida de Raphael. Illium era tão bonito quanto uma lâmina reluzente, mas Raphael... Raphael era magnífico.

“Hora de ir, eu acho.”

Ela sentiu Illium indo, mas era um conhecimento distante, seus olhos focados indissolúvelmente no arcanjo aterrissando em frente a ela. “Como foi o jantar?” ela perguntou, encarando aqueles olhos cobalto cheios de segredos que levaria uma eternidade para ela descobrir.

“Eu sobrevivi.”

Isso deveria tê-la feito sorrir, mas tudo que ela sentiu foi uma violenta possessividade—mortalmente afiada pelo conhecimento de que, agora, a arcanjo de olhos verdes podia matá-la sem esforço algum. “Michaela marcou você?”

“Porque você não confere?” Ele esticou suas asas.

De repente, sentindo-se estupidamente vulnerável, ela se virou para segurar o corrimão. “Não é da minha conta se você escolhe passar o tempo com uma mulher que comeria seu coração e dançaria alegremente no seu túmulo se isso significasse que ela ganharia poder.”

“Oh, mas eu discordo, Elena.” Braços fortes em ambos os lados dos dela, mãos grandes fechando-se sobre o corrimão. “Recolha suas asas.”

Levou um minuto para ela entender como fazer aquele limpo movimento de dobrar as asas para dentro do corpo que ela tinha visto outros anjos fazerem com suas asas. “Isso é mais difícil do que parece.”

---

<sup>3</sup> Nesse caso, no sentido de uma moradia em um lugar alto, de onde se possa sair voando sem problemas.

“Requer controle muscular.” Palavras ditas contra seu pescoço enquanto ele se pressionava mais perto, a asa dela presa entre eles.

Doeu... com uma dor que fez sua pele tremer com desejo, com necessidade. Cada movimento do corpo dele, cada roçar de seus lábios, ia diretamente ao seu interior. Mas, ela lutou contra sua atração por Raphael desde o momento que o conheceu—isso nunca a fez um alvo fácil. “Do que você discorda?” perguntou, seu olhar focado nas asas que ela podia ver deslizando através da exuberante noite negra, encaminhando-se para os isolados ninhos.

*Anjos indo para casa.*

Um estranho pensamento, uma estranha sensação, de estar aqui no lugar mais secreto deles, quando os anjos sempre tinham sido sombras na escuridão para ela.

“Eu considero muito da sua conta se eu escolho passar um pouco de tempo com Michaela.”

Ela ouviu uma perigosa insinuação em suas palavras, uma que curvou seus dedos do pé e ao mesmo tempo alfinetou os seus instintos de caçadora.

“Você considera?”

“Como eu considero muito da minha conta que as suas asas estão empoeiradas de azul.”

Olhos arregalando-se, ela se afastou do corrimão. Ou tentou. “Raphael, deixe-me ir para que eu possa ver.”

“Não.”

Ela soltou um suspiro. “Pare. Illium não quis dizer nada com isso.”

“Pó de anjo não é um ato instintivo... a não ser que alguém esteja na agonia do sexo.” Os dedos dele puxaram o pico duro de seus mamilos, um escandaloso lembrete sensual de que o Arcanjo de Nova York já perdeu o controle uma vez uma cama. “É bastante premeditado.”

“Se ele não estivesse lá embaixo,” ela disse, lutando para falar através da arrasadora onda de necessidade, “eu bateria nele. Ele está zombando com você.”

Lábios na sua orelha, sua mão movendo-se para tocar o seu seio com uma intimidade devastadora. “Illium sempre teve uma selvagem indiferença pela vida dele.”

Ela não podia evitar. Ela curvou seu pescoço para dar-lhe melhor acesso. “E ainda ele faz parte do seu Grupo dos Sete.”



“Eu acho que nesse caso, ele sabe que é o seu favorito.” Beijos ao longo do seu pescoço, quente e sexual de uma maneira que a dizia que ele só tinha uma coisa em mente.

Dando uma risada rouca pela necessidade, ela levantou uma mão para acariciar sua bochecha. “Eu tenho essa influência toda sobre você?”

O roçar de dentes. “Se o seu Bluebell estiver vivo amanhã, você terá sua resposta.” O corpo dele pressionou-se contra ela, quente, duro e exigente, enquanto as mãos dele deslizavam por baixo de sua roupa para fecharem-se sobre seus seios nus.

“*Raphael.*”

Finalmente permitindo que ela se virasse, ele a pressionou contra o corrimão. Instinto fez com que ela abrisse suas asas sobre o metal que era tudo que a impedia de cair nas pedras abaixo. Não, ela pensou, nos rastros desse pensamento. Raphael nunca a deixaria cair. E se ela caísse, ele cairia com ela. “Beije-me, Arcanjo.”

“Como desejar, Caçadora da Sociedade.” Os lábios dele encontraram os dela, rudemente masculinos e físicos de uma maneira que desmentia qualquer mito sobre anjos serem bastante “evoluídos” para cederem a tais prazeres físicos.

Gemendo no fundo de sua garganta, ela colocou os braços em volta do pescoço dele, ficando na ponta dos pés para encontrá-lo com um beijo desordenado. Quando sua mão acariciou o lado de seu seio, ela tremeu com o prazer disso. Mordendo o lábio inferior dele, ela abriu seus olhos. “Agora.”

“Não.” Outro ardente beijo sexual.

Se libertando do beijo, ela desceu sua mão até o músculo plano do peitoral dele, e mais para baixo. Ele segurou sua mão, antes que ela pudesse fechar seus dedos sobre o rígido comprimento dele. “Eu não sou tão fraca assim,” ela protestou.

“Você não é muito forte também.” Poder circundava a íris dele. “Não para o que eu quero.”

Ela ficou imóvel. “E o que você quer?”

*Tudo.* O mar e o vento. Limpo e selvagem... e dentro da mente dela.

“Eu lhe darei meu desejo, meu coração,” ela disse, lutando para manter sua independência, e mais—para construir uma fundação para o relacionamento deles que duraria a eternidade. “Mas, minha mente é somente minha. Aceite isso.”

“Ou?” Uma fria pergunta de um ser acostumado a conseguir exatamente o que queria.

“Eu acho que você terá que esperar e ver.” Recostando-se contra a sacada, seu corpo ardendo, insatisfeito, ela simplesmente olhou para ele, para o exuberante equilíbrio de

beleza e crueldade, perfeição e escuridão. O desejo dele tornando seu rosto azedo, aquela perfeita estrutura óssea dramática contra sua pele. Mas, ele não se fez nenhum movimento para beijá-la novamente.

*“Eu quebrarei você.”*

As palavras que ele disse mais cedo retornaram para ela, uma invisível parede entre eles. Sabendo que ele estava certo, ela soltou um suspiro. “Eu tenho uma pergunta.”

Ele esperou sem impaciência—como se ele tivesse todo o tempo do mundo e ela fosse a única mulher no universo. Isso ameaçou tirar o seu fôlego. Como ela, Elena Deveraux, uma caçadora comum, de acordo com seu pai, tinha conseguido o direito de fazer perguntas para um arcanjo?

“O que você sabe sobre os brinquedinhos de Lijuan?”

Uma lenta piscada foi toda a indicação que ele deu de que ela o tinha surpreendido.

“Atrevo-me a perguntar, como você sabia fazer essa pergunta?”

Ela sorriu.

A expressão dele mudou, mantendo uma intensidade que incendiou todo seu corpo.

“Como eu disse”—olhos tornando-se cromo—“você tornará a eternidade muito mais interessante.”

Foi quando ela percebeu aquela luz saindo de suas asas. Brilhante, letal, apenas o suficiente para fazê-lo parecer exatamente o que ele era—um imortal com poder suficiente em seu corpo para destruir uma cidade. Instinto fez com que seus músculos se enrijecessem em preparação para o voo, a adrenalina corria tão forte que era difícil de formar as palavras. “Você está brilhando.”

“Eu estou?” Dedos desfazendo o cabelo dela, passando entre as mechas. “Os brinquedos de Lijuan são os renascidos.”

Surpreendida por conseguir uma resposta direta, ela sugou ar através de pulmões que protestaram o esforço—lutando através da pressão da presença de Raphael, de seu poder. Ela não o questionou sobre isso, intensamente consciente de que ele não estava fazendo isso para intimidá-la. Ele estava simplesmente *sendo* ele mesmo. E se ela planejava dançar com um arcanjo, ela tinha que aprender a lidar com isso. “Tem algo a ver com vampiros?”

“Não. À medida que arcanjos envelhecem,” ele disse, o brilho começando a desaparecer, embora seus olhos permanecessem naquele tom metálico que nenhum humano jamais possuiria, “nós ganhamos poder.”

“Como as suas habilidades mentais,” ela murmurou, seu coração ainda disparado. “E o glamour.” Paranoia correria desenfreada se descobrissem que alguns arcanjos podiam andar entre a população, desconhecidos, invisíveis.

“Sim. Lijuan é a mais velha entre nós, e como tal, tem o melhor arsenal de habilidades.”

“Então, esses renascidos são algo que só ela pode criar?”

Um aceno que fez com que as mechas negras como carvão de seus cabelos deslizassem pela sua testa.

Movendo-se para colocá-las no lugar, ela demorou-se, brincando com a pesada seda de seus cabelos. “O que eles são?”

“Lijuan,” ele disse com uma voz tocada pela meia noite, “pode fazer os mortos andarem.”

O seu coração parou por um segundo enquanto ela lia a verdade nos olhos dele, processava a monstruosidade daquilo que ele estava dizendo. “Você não quer dizer que ela de algum modo traz as pessoas realmente de volta à vida, quer?”

“Eu não chamaria isso de vida.” Ele pendeu sua cabeça, pressionando sua testa contra a dela.

Deslizando sua mão ao redor, para trás de seu pescoço, ela o segurou perto enquanto ele contava coisas que nenhum mortal sabia.

“Eles andam, mas não falam. Jason diz que, pelos primeiros meses da existência deles, os renascidos parecem ter um pouco de senciência<sup>4</sup>, que é possível que eles saibam o que são—mas sem nenhum poder sobre seus corpos renascidos. Eles são os fantoches de Lijuan.”

“Santo Deus.” Estar preso em seu próprio corpo, sabendo que você é um pesadelo... “Como ela os mantém vivos?”

“Ela os acorda com seu poder, mas eles, depois, se alimentam de sangue.” A voz de Raphael circulou ao seu redor, enchendo suas células de horror. “Os mais velhos, os que foram para debaixo da terra há muito tempo, se alimentam da carne dos que morreram recentemente para manter seus ossos cobertos por carne.”

Sua alma ficou gelada, tão gelada. “Você vai ganhar essa habilidade?”

---

<sup>4</sup> Ter sensações, vontade própria.

## 08

Raphael moveu sua mão pelo cabelo dela novamente.

“Nossas habilidades estão atadas a quem somos. Eu tenho esperança de nunca ser capaz de criar os renascidos.”

Tremendo, ela deslizou os seus braços em volta do torso dele. “Você vai ganhar alguma nova habilidade nos próximos anos?” Porque ela o conhecia, sabia quão fina era a linha que ele havia patinado. Não faz muito tempo, ele quebrou todos os ossos do corpo de um vampiro durante enquanto a lamentável criatura continuava consciente. Isso foi um castigo para Manhattan nunca esquecer. “Raphael?”

“Venha.” Ele se elevou no céu.

Gritando, ela mudou o aperto no pescoço dele. “Você poderia ter me avisado.”

“Eu tenho fé em seus reflexos, Elena.” *Afinal, se você não tivesse atirado em Uram, Nova York possivelmente ainda estaria se afogando em sangue.*

Ela resfolegou. “Eu não fiz tudo. Eu me lembro de você atirando bolas de fogo nele.”

“Fogo de anjo,” ele murmurou. “Um toque e isso teria matado você.”

Esfregando seu rosto contra o tórax dele enquanto ele os levava sobre a beleza letal da maciça cadeia de montanhas que cercava as luzes do Refúgio, ela disse, “Sou dura de matar.”

“Tome cuidado, caçadora.” Mergulhando, ele planou para baixo em direção à margem da queda de uma cachoeira. “Você ainda pode se ferir.”

Eles estavam tão perto que ela poderia deslizar os seus dedos pela beleza brilhante da água, as gotinhas diamantes presos sob a luz da lua. Curiosidade explodiu em vida dentro dela. “Raphael!”

Subindo, ele os voou de volta para dentro do céu noturno geladamente limpo, cada estrela cortada em cristal.

“Você disse que um vampiro forte poderia me matar,” ela disse, sentindo o frio colorir suas bochechas enquanto o vento rasgava através do seu cabelo. “Fogo de anjo, eu posso suportar. Ao que mais eu sou vulnerável?”

“Fogo de anjo é o método mais fácil, mas aqueles arcanjos que não podem criar o fogo têm outros meios.”

“Eu não estava planejando conviver com o Grupo, então isso é bom.”

Lábios contra sua orelha, um toque que a queimava até os dedos do pé, mas as palavras dele... “Doença não é mais sua inimiga, mas colegas anjos também podem te matar. Você é tão nova que, se fosse parcialmente desmembrada, morreria.”

Ela engoliu bile pela imagem violenta. “Isso acontece frequentemente?”

“Não. Geralmente, a cabeça é cortada e queimada. Poucos sobrevivem a isso.”

“Como *alguém* pode sobreviver?”

“Anjos são resilientes<sup>5</sup>,” ele murmurou, girando para deslizá-los de volta para baixo.

“Este lugar é imenso,” ela disse, percebendo luzes numa distância longe. “Como pode ninguém saber que isso existe?”

Raphael não respondeu até que ele aterrisou na sacada do lado de fora do quarto deles. “Imortais podem discordar em muitas coisas, mas nisso eles são unidos—nosso Refúgio nunca deve ser conhecido pelos mortais.”

“Sara?” Ela apertou os seus dedos sobre os braços dele. “Você fez algo com a mente dela?”

“Não.” Olhos de azul infinito, cruel a fitavam, obscurecendo tudo. “Mas se ela falar sobre isso, terei que silenciar ela e todos aqueles a quem ela falou.”

Um nó frio se formou em seu estômago. “Mesmo se isso quebrasse o meu coração?”

“Certifique-se que ela não fale.” Ele colocou a mão em sua bochecha, os dedos dele frios com o ar da noite. “E isso não chegará a acontecer.”

Ela empurrou para longe dele. Dessa vez, ele a permitiu ir, deixando-a caminhar até o fim da sacada e encarar abaixo aquele rasgo irregular no cerne da terra. Tinha menos luzes agora, como se os anjos indo para a cama pela noite. “Eu não sou parte do seu mundo, Raphael. Eu ainda sou humana por dentro—eu não vou sentar de braços cruzados e permitir que os meus amigos seja assassinados.”

“Eu não esperava menos.” Ele abriu as portas. “Venha, durma.”

“Como você pode esperar que eu durma após dizer algo como isso?” Girando em seu calcanhar, ela o encarou.

Ele olhou de volta, um ser de tal poder que ela ainda não podia aceitar que ele a amava. Mas o amor de um arcanjo era o mesmo de um humano? Ou cortava mais fundo? Tirava sangue do coração?

---

<sup>5</sup> Propriedade de um corpo de recuperar a sua forma original após sofrer choque ou deformação.

“Eu esqueço,” ele disse, “que você é muito nova.” Movendo-se para ela, ele acariciou os seus dedos abaixo da têmpora dela, terminando em sua mandíbula. “Mortais desaparecem, Elena. É uma verdade simples.”

“Então eu deveria esquecer meus amigos, minha família?”

“Lembre-se deles,” Raphael disse, “mas lembre-se também que um dia, eles não estarão aqui.”

Pesar era uma besta de olhos selvagens dentro dela. Ela não podia imaginar um mundo sem Sara, sem Beth. Os laços que ela tinha com sua irmã mais nova podiam ter sido desgastados pelas escolhas que ambas fizeram, mas isso não significava que Elena a amava menos. “Eu não sei se tenho coragem para sobreviver a esse tipo de perda.”

“Você vai descobrir quando a hora chegar.”

A dor na voz dele deslizou uma adaga até o cabo dentro do coração dela. “Quem?”

Ela realmente não esperava uma resposta. Raphael podia ser o seu amante, mas ele também era um arcanjo. E arcanjos tinha feito um tipo de arte de guardar segredos. Então quando ele deslizou as articulações dos dedos pelo rosto dela e disse, “Dmitri,” levou vários segundos para ela responder.

“Ele foi Feito contra sua vontade,” ela adivinhou, lembrando a conversa que teve uma vez com Dmitri a respeito de crianças. Tinha o vampiro observado as suas crianças envelhecer? Tinha ele perdido uma esposa que amava?

Raphael não respondeu dessa vez, cutucando ela dentro do quarto. “Você deve descansar ou você não ficará apta para voar a tempo do baile.”

Ela seguiu, abalada pela verdade que ele a forçou a encarar.

Raphael colocou suas mãos sobre os ombros dela. “Desamarre as faixas.” O calor do corpo dele era uma carícia embriagante contra ela, invisível, inescapável.

E rapidamente, suas asas estavam queimando com sensação, com uma necessidade que obliterava todo o resto. Era preciso esforço para respirar, para falar. “Raphael, você está dentro da minha mente?” Ela estava arrancando e soltando as faixas que seguravam o pedaço de pano que ia e voltava sobre os seus seios mesmo enquanto falava.

“Não.” Compridos, poderosos dedos brincavam sobre sua clavícula, a ponta de seu esterno. “Pele tão suave, Caçadora da Sociedade.”

Cada centímetro dela parecia queimar com um desejo que não podia ser apagado. “Então o que está acontecendo comigo?”

“Você ainda está se transformando.”

Ele removeu o seu top, e ela sentiu o raspar de cada fio perfeitamente, estremecendo contra o toque efêmero da ponta dos dedos dele.

“Você sabe o que eu provo na curva do seu pescoço?” Ele pressionou seus lábios exatamente sobre aquele ponto. “Fogo e terra, tempestades de vento de primavera cortados por uma sugestão de aço.”

Ela tremeu, colocando a mão para trás para entrelaçá-la na pesada seda do cabelo dele. “É assim que você me vê?”

“Isso é quem você é.” Ele moveu a mão pelo declive do quadril dela, uma sedução lenta que a fez encolher a barriga em expectativa.

Mas nada poderia tê-la preparado para a descarga elétrica da mão dele sobre o seu seio, a intenção dele explícita. Ela não podia evitar assistir, todo o seu ser completamente sintonizado com o menor movimento dele.

Então ele beijou o pescoço dela novamente e os sentidos dela despedaçaram. Apertando a mão que ela tinha enfiado dentro do cabelo dele, ela girou em volta, colocando o rosto dele entre suas mãos, tomando aquela boca linda, cruel com a sua. O beijo era selvagem, cheio da fúria da necessidade dela, a selvagem possessão da dele. Uma mão masculina desceu para o quadril dela enquanto a outra segurava seu pescoço, recusando-se a deixá-la se afastar.

Os seios dela estavam pressionados contra o linho da camisa dele, a textura deliciosamente—quase dolorosamente—abrasiva contra os seus mamilos sensíveis. Ela mordeu o lábio dele em vingança pelo que ele tinha feito com ela. Ele a mordeu de volta, mas manteve a mordida, libertando a carne dela com uma concentração lenta que fez as coxas dela se pressionarem em uma explosão de excitação sexual.

Ela moveu a sua mão para deslizar debaixo da camisa dele. Ele pegou o pulso dela. “Não, Elena.”

“Eu não sou tão frágil,” ela disse, frustrada. “Não se preocupe.”

A mão dele apertou sobre o pulso dela por um segundo antes que ele soltasse e se afastasse, quebrando a conexão deles. Preparada para lutar com ele pelo que ela precisava, ela olhou acima... e congelou. “Raphael.” Chamas azuis celestes se agitavam naqueles olhos, tão mortíferas quanto o fogo de anjo que ele havia jogado em Uram naquela última, terrível luta.

“Vá para a cama,” ele disse em um tom de voz tão calmo que era uma camada de gelo.

Mas o fogo continuou a queimar. Sentindo espasmos em seu coração pelo limite letal disso, ela envolveu os braços em volta do seu corpo, cobrindo seus seios. Ela não sabia se estava protegendo a si mesma ou a ele.

“Você irá voltar?”

“Você tem certeza que quer que eu o faça?” Ele havia virado e saído pelas portas da sacada antes que ela pudesse responder.

Ela olhou ele decolar para a infinita escuridão de uma noite na montanha, antes de fechar as portas com dedos que tinham cavado luas vermelho escuras na sua pele e se arrastar para a cama. Mas embora ela tenha puxado cada um dos cobertores sobre si, levou um longo tempo para ela parar de tremer.

Ela havia pensado que sabia, pensado que entendia. Mas ela não tinha. Desde que ela acordou, ela esteve tratando Raphael como se ele fosse “seguro”. Esta noite, ela teve um rude despertar. Raphael nunca seria seguro. Tudo o que levaria era um deslize e ele poderia matá-la.

Ela era forte o suficiente para assumir esse risco, esse perigo?

*“Você me fez um pouco mortal.”*

Ele tinha dito isso para ela na noite em que ela atirou nele, a noite em que ele sangrou tanto que ela tinha chorado, suas mãos tremendo enquanto ela tentava parar a corrente carmesim de sangue. Ele tinha estado com medo então? Será que Raphael até mesmo entendia o medo? Ela não sabia, não tinha certeza que ele responderia se ela perguntasse.

Elena conhecia o medo intimamente demais. Mas, pensou, seus músculos relaxando, ela não teve medo no fim. Quando o seu corpo se estendia quebrado nos braços de Raphael, ela não teve receio. E essa era a resposta dela.

*Sim*, ela disse falando para Raphael, não sabendo a intensidade da conexão mental dele, não tendo certeza até onde ela alcançava. *Sim, eu quero que você volte.*

Ele não respondeu, e ela não sabia se ele tinha ao menos a escutado. Mas na profundidade da noite, ela sentiu o carinho de lábios contra a curva do seu pescoço, sentiu o calor escuro de um grande corpo masculino curvando em volta dela, as asas dela presas no meio... uma indescritível intimidade entre dois anjos.



# 08

Elena acordou sozinha, mas havia uma xícara de café esperando por ela na cabeceira—bem ao lado da Rosa do Destino. Raphael lhe dera o tesouro inestimável—uma escultura impossivelmente esculpida de um único diamante—não muito depois que se encontraram pela primeira vez. Ela continuava tentando devolve-la, só para encontrá-la de volta em seu criado mudo na manhã seguinte.

Com os olhos no presente, que era inegavelmente romântico, ela se debateu para ficar em uma posição sentada e aspirou o cheiro intoxicante de café fresco. Contudo, ela mal tomara um gole quando sentiu—a fria carícia de cetim misturada à promessa de uma dor que doeria oh-tão-bem.

“Dmitri.” Com a garganta rouca, ela abaixou a xícara e puxou os lençóis acima dos seios.

Bem a tempo.

O vampiro entrou com a mais superficial das batidas. “Você está atrasada para o treinamento.”

Seus olhos foram para o envelope na mão dele. “O que é isso?”

“É do seu pai.” Ele o entregou. “Desça em meia hora.”

Ela mal o ouviu, os olhos fixados naquele envelope. O que Jeffrey Deveraux quer agora? “Estarei lá.” Palavras forçadas a passar pelas pedras em sua garganta.

Dmitri a deixou com um beijo de diamantes e creme, um escárnio sensual que prendia o ar na garganta, fez as coxas se pressionarem em uma reação involuntária. Mas a distração era momentânea. Também muito em breve, ela estava sozinha, olhando fixamente o envelope como se pudessem crescer presas dele e atacar. “Não seja uma covarde, Ellie,” disse para si mesma e o pegou para abri-lo. Estava, ela viu, endereçado aos cuidados da Sociedade.

Seus lábios se contorceram. Como ele deve ter odiado isso, ter que passar pelo imundo e desumano emprego de sua filha para chegar a ela. *Abominação*. É o que ele a chamara na última noite que passara sob o seu teto. Ela nunca esquecera, nunca esqueceria.

Seus dedos se cerraram na carta inclusa quando ela quase a rasgou no envelope. Por um instante, ela não entendeu o que estava vendo, então ela entendeu e as emoções se chocaram em onda violenta.

Não era do seu pai. A carta viera dos procuradores da Família Deveraux — uma nota avisando que eles pagariam as taxas da unidade de armazenamento dela como cortesia dos negócios do seu pai, embora os itens naquela unidade pertencessem exclusivamente a ela.

O papel se amarrotou em seu punho. Ela quase esquecera... não, isso era mentira. Ela deliberadamente tirara a memória da cabeça. A herança da sua mãe, ela entendeu. Marguerite Deveraux deixara metade do seu pequeno patrimônio pessoal para Elena, a outra metade foi para Beth.

Mas as coisas naquela unidade de armazenamento... elas eram da infância de Elena.

*Pinga.*

*Pinga.*

*Pinga.*

*“Venha aqui, pequena caçadora. Prove.”*

Empurrando os cobertores de lado com mãos que não trabalhariam direito, ela saiu da cama, a carta abandonada nos lençóis quando ela cambaleou para o banheiro e abriu o chuveiro. Os dedos escorregaram do registro. Mordendo o lábio forte o suficiente para tirar sangue, ela tentou novamente. Finalmente, agradecidamente, a água caiu em uma chuva suave e quente. Ela acabou com o sono, mas nada poderia apagar as memórias agora que tinham despertado.

Ariel tinha sido a melhor irmã mais velha que qualquer garota poderia querer. Ela nunca dissera uma vez para Elena ir embora, embora Elena soubesse que ela devia ter sido uma peste com sua necessidade constante de saber o que estava acontecendo na sua vida de adolescente. Mirabelle, a mais velha delas, tinha sido mais apta a rosnar, mas Belle também ensinara Elena a jogar baseball, passando longas e pacientes horas lhe ensinando como arremessar, como pegar.

Yin e Yang, sua mãe chamava as duas mais velhas. Ari era a doçura, Belle o condimento.

*“Belle, aonde você pensa que vai vestida assim?”*

*“Ah, qual é, mãe. É muito popular.”*

*“Isso pode ser muito popular, mon ange<sup>6</sup>, mas você ficará de castigo por um mês se seu pai vir seu bumbum aparecendo nesses shorts.”*

*“Mãe!”*

---

<sup>6</sup> Meu anjo, em francês.

Elena se lembrava de estar sentada na mesa da cozinha, dando risadinhas, quando sua irmã de quinze anos e pernas longas andava como um furacão para o andar de cima para trocar. Do outro lado da mesa, Beth, pequena demais aos cinco anos para realmente entender, dera risadinhas com ela.

*“E vocês, seus monstrinhos, comam as suas frutas.”*

Seu coração se contorceu com a memória da voz única e com sotaque de sua mãe; os dedos subindo até a bochecha, buscando pelo eco desbotado do beijo de Marguerite. “Mama.” Isso saiu em um suspiro interrompido, um apelo de criança.

Tinha havido tanto sangue mais tarde. Elena tinha escorregado, caído fortemente. E ouviu a respiração moribunda de Belle quando encontrou os olhos cheios de horror de Ari. Mesmo então, sua irmã tinha tentado protegê-la, tentando dizer a ela para correr, a voz um gorgolejo quando o sangue enchia sua garganta. Mas Slater Patalis não estava interessado em matar Elena. Ele tinha outros planos para ela.

*“Doce pequena caçadora.”*

Sacudindo a água, Elena saiu e se secou concentradamente. Ela abriu as asas rapidamente como viu Raphael fazer, então arfou pela dor que irradiou pelas costas. Abraçando as pulsações de dor porque elas interrompiam as laçadas de memória, ela se vestiu com roupa de ginástica—calças largas de exercícios pretas com uma listra branca dos lados e uma blusa preta simples com um sutiã embutido.

Como todas as roupas que ela encontrou no guarda roupa que eram dela, essa tinha sido claramente criada tendo asas em mente, a blusa puxava apertado no pescoço, e tendo três tiras—uma de cada lado das asas e outra no meio das costas—que se prendiam em uma larga cinta que ela envolvia na cintura e então travava dos lados usando fivelas ajustáveis. Apoio extra era fornecido por barbatanas perto da área dos seios. Satisfeita que seu corpo não a distrairia do que ela precisava aprender, ela entrelaçou o aglomerado úmido do seu cabelo claro em uma trança próxima à cabeça.

Em seguida, desacostumada a deixar as coisas bagunçadas, ela fez a cama—jogando a carta em uma gaveta—e saiu. O quarto, com suas paredes de vidro, estava conectado à sala de estar que já usara. Do outro lado do corredor, fora da sala de estar, ficava o que parecia ser um escritório e uma pequena, mas bem provida biblioteca, ambos com paredes claras que traziam as montanhas para dentro. Livros enchiam as prateleiras baixas, alguns velhos, outros novos, mas ela também teve um vislumbre de uma estação de computador sofisticada. Tudo estava bem no topo de um reduto, acima da elevada parte central. Mais instalações de estar se espalhavam abaixo, quartos para os Sete, outros anjos e vampiros. Mas a ala superior era privativa, de Raphael.

O corredor—que levava eventualmente aos degraus que cortavam a lateral da parte central—era uma sinfonia de linhas claras interrompidas por uma inesperada. Uma

cimitarra<sup>7</sup>, com runas antigas queimadas nela, estava montada na parede esquerda, o aço cintilando perversamente afiado. Ela podia ver Dmitri segurando a espada, imaginando se ela uma vez tinha sido dele. Porque Dmitri era velho, um dos vampiros mais velhos que ela já conhecera.

Alguns centímetros abaixo, uma tapeçaria feita à mão cobria a maioria da parede direita. Ela passara quase meia hora olhando fixamente para ela ontem, compelida por algo que ela não compreendia. Agora, apesar de sua necessidade de sair, para combater a agitação em suas entranhas com brutalidade, seus pés hesitaram, e então pararam. Havia uma estória tecida naqueles fios, uma que ela queria entender desesperadamente.

O painel mostrava um anjo com a silhueta dourada contra o sol, o rosto dele obscurecido pela sombra enquanto ele se dirigia para uma aldeia na floresta tragada pelas chamas. Outro anjo se erguia em direção a ele, os cabelos dela uma agitada queda de negro pelas suas costas, as asas o branco mais puro que Elena já vira. Os fios esvoaçantes de cabelo escondiam seu rosto, até ela, também, era uma sombra. Mas os rostos dos aldeões enquanto eles se contorciam em agonia... Cada um fora tecido com detalhes requintados, até o horror gritante nos olhos de uma mulher que permanecia presa enquanto as chamas lambiam sua saia, começavam a fazer bolhas na pele do seu braço.

Quem eram os dois anjos? Eles estavam tentando evitar o incêndio? Ou eles eram a razão do massacre? O mais importante de tudo, Elena pensou, calafrios percorrendo sua pele, por que Raphael tinha esta imagem perturbante em um lugar onde ele não podia evitar a não ser vê-la todos os dias?

Raphael olhou para o vampiro ferido, ainda mais afiadamente consciente da natureza calculista do insulto, o cuidado que tinham tomado para bater em Noel para que seu rosto ficasse como carne moída — mas um olho permaneceu intacto, um azul embaçado visível ao redor do inchaço causado pelas outras lesões. O olho remanescente não era nada além de uma massa. Seu nariz se fora, mas os lábios ficaram intocados, perfeitos em sua forma.

Abaixo do pescoço, ele fora todo esmagado, os ossos em tantos pedaços que alguns viraram pó. Raphael quebrara um vampiro não muito tempo atrás — punição por traição. Ele quebrara os ossos de Germaine, cada um com um simples movimento de suas mãos. Fora uma penalidade brutal, uma que Germaine lembraria pelo resto de sua existência, mas Raphael não tivera nenhum prazer nisso.

Os agressores de Noel certamente tiveram prazer no que fizeram, continuando a atacá-lo muito além do ponto de mandar uma mensagem. A marca deixou um câncer maligno sobre a carne do seu esterno, mas seu curador, Keir, tinha encontrado também

---

<sup>7</sup> Tipo de espada de lâmina curva e mais larga na ponta, utilizada por certos povos orientais.

marcas de botas em suas costas e rosto. A adaga também não fora a única coisa que eles deixaram dentro do vampiro. Cacos de vidro foram empurrando para dentro dos ferimentos, onde a carne cresceria por cima deles. Ele fora batido de outras maneiras, também, seu corpo atacado por algo que tinha cortado e rasgado. A única misericórdia foi parecer ter sido feito depois que ele perdera a consciência.

Raphael teria gostado de estar absolutamente certo que ele não fosse capaz de tal perversidade sem sentido, mas parte dele não tinha tanta certeza. Nadriel também, uma vez tinha sido considerado o maior dos arcanjos.

Contanto, uma coisa *era* certa—Raphael não consentiria a chacina e tortura de seu povo. “Quem fez isso a você?” perguntou.

O olho bom do vampiro permanecia embaçado. Ele sobreviveria, mas se sua mente seria a mesma... “Eu não sei.” A resposta foi surpreendentemente clara, tão clara que Raphael revisou sua opinião das verdadeiras chances de recuperação de Noel. “Fui atacado.”

“Você não é jovem,” Raphael disse, tendo conseguido a história de Noel com Dmitri. Parecia que o vampiro era um membro confiável da equipe que operava abaixo dos Sete, um homem que Dmitri teria planejado trazer para a atenção de Raphael por sua inteligência e lealdade. “Você não deveria ter sido pego tão facilmente.”

“Mais do que um. Asas. Ouvi asas.”

Raphael tinha executado um arcanjo. Ele não sentiu nenhum remorso em matar um anjo que procurou fazer seu nome brutalizando aqueles que confiavam em Raphael. “Marcas?”

“Eu não consegui ver.” Seu olho bom de deslocou em direção a Raphael. “Eles pegaram meus olhos quando o espancamento começou.”

O embotamento do olhar do vampiro de repente fez sentido. O olho não fora deixado intacto afinal—tinha simplesmente começado a se regenerar antes de seu companheiro. “Você percebeu alguma coisa sobre seus agressores?”

“Eles disseram que eu era uma mensagem de Elijah.” Uma tosse arranhou seu peito.

Raphael não chamava nenhum arcanjo de amigo, mas ele não chamava tampouco Elijah de inimigo. “Homem ou mulher?”

“Eu já estava meio insano naquela hora.” Palavras monótonas. “Para mim, parecia o mal puro. Mas ao menos um deles estava excitado com a dor. Enquanto estavam me marcando... alguém ria e ria e ria.”

Elena estava no caminho de volta para tomar banho e se trocar da sessão de treinamento com Dmitri quando alguma coisa cortou o ar com um assobio assustador. Ela bateu duramente no chão, esmagando o cotovelo no calçamento de pedra e arranhando a palma da outra mão. Suas asas escaparam de lesões, mas somente porque ela se lembrara de cair de lado. O pagamento seria um hematoma gigante no flanco esquerdo e uma dor profunda no osso do braço.

Ela ergueu a cabeça com cautela de caçador no instante depois que atingiu a terra, sabendo que ela seria um patinho sentado se não se movesse. Sem perceber nada, ela tomou a decisão de se por em pé. Mesmo assim, tudo que ela ouvia era silêncio; parte do território de Raphael era cheio de árvores que pareciam se desenvolver no ar fresco da montanha e sem residências angelicais dentro de três quilômetros.

Imaginando se ela teria dado a si mesma uma boa pancada forte sem razão nenhuma, ela começou a se virar em um círculo lento. Aquele barulho de assobio, que parecia muito com—seu olho caiu no punho de uma faca atirada que ainda tremia por ser cravada no tronco de uma árvore diretamente na linha onde ela estava em pé. Mancando levemente por um tornozelo torcido, ela deu uma fungada na faca antes de tocá-la.

*Peles e diamantes e todas as coisas que boas garotas não deveriam querer.*

“Maldito vampiro.” Ela estava tão irritada com si mesma por tê-lo perdido se cobrindo nas sombras que levou duas tentativas para que puxasse o pedaço de papel enrolado no punho e amarrado com um elástico.

A mensagem estava escrita em uma letra masculina forte, arrojada e escura.

*Este não é um Refugio para você. Você é a presa. Não se esqueça.*

## 09

Raphael assistiu Elena andar, sua mão retalhada, seu pé arrastando, e se perguntou se ele teria de matar o líder de seus Sete, no final das contas.

“Eu vou matá-lo,” disse ela, caindo em um sofá em sua sala de estar. “E eu pretendo aproveitar cada minuto disso.”

Avaliando a expressão sanguinária no rosto dela, ele decidiu que iria deixar Dmitri para ela. “Seu pé precisa de uma olhada?”

“Parece que ele está se consertando realmente rápido.” Um olhar questionador. “Minha capacidade de cura foi acelerada?”

“Até certo ponto. Simples arranhões e entorses irão desaparecer no mesmo dia, mas, dada a sua recente transição, fraturas ainda vão levar semanas.”

“Melhor do que meses.” Ela correu a mão não lesionada sobre seu rosto. “Eu imaginei que você estava ocupado fazendo coisas de arcanjo.”

Olhando para ela, suja e surrada, alguns podem ter visto fraqueza. Ele viu força, determinação e uma vontade que ninguém poderia esmagar. “Eu falei com Noel.”

“O que ele disse?” Sua expressão estava severa na hora que ele terminou. “Nenhum rastro sólido para nós seguirmos.”

“Não. Ele sofreu uma emboscada quando estava sozinho em uma das seções menos povoadas do território do Refúgio de Elijah.” Tráfego cruzado era permitido em toda a cidade, desde que certas cortesias fossem observadas. “Eu fiz com que Jason checasse, mas ele em si não foi capaz de encontrar eventuais testemunhas.”

“O lugar da emboscada?”

“Exposto aos elementos. Qualquer vestígio da passagem deles já sumiu há tempos.” O que falava de um planejamento muito cuidadoso. “E Noel foi tão gravemente ferido, era impossível dizer se os que o espancaram deixaram algum de seu próprio sangue ou suor para trás.”

Elena balançou a cabeça. “Eu não acho que eles deixaram—eu teria captado o mais minúsculo traço quando nós o vimos pela primeira vez, aquela área estava tão limpa de cheiro. E as pegadas estampadas em suas costas?”

“Não é suficientemente detalhada—a carne dele já tinha começado a se curar.” Raphael estava certo de que tinha sido deliberado. Não para esconder as marcas das botas,

mas para garantir que os cacos de vidro fossem enterrados o suficiente para que eles causassem uma dor excruciante quando Noel recuperasse a consciência.

“Quão ruim isso é para ele?” Uma pergunta silenciosa.

“Brutal.”

Ela fechou sua mão machucada sobre o joelho, os tendões tornando-se brancos contra o ouro escuro de sua pele. “Você dá qualquer credibilidade ao ponto de vista de Elijah?”

“Nada além de uma tentativa de jogar comigo.” Se Elijah decidisse matar Raphael, ele não iria perder tempo com jogos mesquinhos. “Elijah não tem nenhum desejo de conquista.”

Elena encontrou seu olhar, sua frustração evidente com os eminentes becos sem saída. “Posso fazer alguma coisa?”

“Quanto mais forte você fica, mais difícil se torna machucar você.”

Sua expressão ficou decidida, como se ela tivesse ouvido algo que ele não tinha estado consciente de dizer. “Isso é pessoal para você, assim como é para Illium e os outros.”

“Eu não permitirei que meu povo seja tratado como peões descartáveis.” E ele teria sangue-frio para acabar com a vida de qualquer um que ousasse vir atrás de Elena.

“É assim que os caçadores trabalham. Atacou um, atacou a todos nós.” Um aceno rápido. “Eu tenho um sentimento que você suspeita de alguém.”

“Nazarach tem mais de sete séculos e como acontece com muitos dos antigos, a dor tornou-se o seu prazer.” Nazarach também era preso a Raphael. Se ele havia se tornado o traidor, sua punição iria enviar um grito através do mundo.

Elena brincava com os dedos ao longo do cabo de uma faca que ele não a tinha visto sacar. “É quando você sabe que passou da linha.” Ela olhou para cima, com os olhos assombrados. “Quando você começa a se sentir bem.”

“Você nunca vai cruzar essa linha,” disse ele, movendo-se para puxá-la para uma posição ereta. Ele podia não estar certo de si mesmo, mas ele não tinha dúvidas quando se tratava de Elena.

“Como você sabe?” O rosto dela era uma máscara escondendo mil pesadelos. “Fiquei contente quando Uram morreu. Eu estava tão malditamente *feliz* que o bastardo estava morto.”



“Você se deliciou com sua dor?” Ele murmurou no ouvido dela. “Você sorriu quando ele sangrou, quando sua carne incendiou? Você riu quando eu acabeicom a vida dele?”

Ele sentiu a sua rejeição da ideia antes mesmo de ela balançar a cabeça, envolvendo os braços apertados em volta dele. “Você se preocupa?”

“Sim. Crueldade parece ser um sintoma da idade e do poder.” Os pensamentos dele sobre Lijuan, ressuscitando os mortos, brincando com eles como uma criança com brinquedos. “Eu olho para o meu coração e vejo o abismo olhando de volta para mim.”

“Eu não vou deixar você cair.” Uma promessa feroz.

Ele segurou-a perto, a sua imortal com um coração mortal.

Uma hora depois, e ainda capaz de sentir os braços de Raphael ao seu redor, Elena entrou em uma sala de aula. Dez pares de olhos brilhantes olhando para ela e muda fascinação enquanto ela tomou um assento no semicírculo. Elena estava dando algumas olhadas nos seus próprios. Este era o mais próximo que ela já tinha estado do mais jovem dos imortais—eles pareciam muito mais frágil que ela poderia ter adivinhado, as asas deles tão delicadas que ela poderia ter rasgado cada uma com suas mãos.

Finalmente, uma menininha, seus cabelos castanhos amarelados em tranças, as asas de outono e pôr do sol em suas costas, se atreveu a falar. “Você é uma criança?”

Elena mordeu o interior do lábio e se mudou para a grande, sólida almofada—para sua eterna gratidão havia uma do seu tamanho no canto—que parecia funcionar como uma cadeira. “Não,” respondeu ela, sentindo seu espírito clarear de uma forma que nunca teria esperado após sua conversa com Raphael. “Mas eu não tenho sido um anjo há muito tempo.” Claro, quando Dmitri tinha dito que ela estaria indo a aulas para conduzi-la mais rápido sobre a cultura angelical—para salvá-la de sua própria ignorância—ela ainda não tinha bem esperado por isso.

Sussurros atrás de mãos levantadas, passados de anjo para anjo. Até que uma menina de olhos de amêndoa disse, “Você era mortal.”

“Sim.” Ela se inclinou para frente, descansando os cotovelos sobre os joelhos.

“Você não deveria fazer isso,” um menino com cachos negros soltos sussurrou urgentemente a sua esquerda. “Se Jessamy vir, você estará em apuros.”

“Obrigada.” Elena sentou-se para trás enquanto o menino—que parecia ter quatro anos—balançou a cabeça em aprovação. “Por que não posso fazer isso?”

“Porque é ruim para a sua postura.”

“Excelente, Sam”, uma voz adulta disse atrás de Elena. Um instante depois, uma anja alta e dolorosamente magra vestida com um longo vestido azul varreu todo o lado direito de Elena, rumo ao topo do semicírculo. Esta, Elena pensou, deve ser a temida Jessamy.

“Eu vejo que todos vocês já conheceram a nossa mais nova aluna,” disse a professora.

Sam levantou a mão.

“Sim, Sam?”

“Eu posso mostrar a ela os arredores.”

“Isso é muito gentil da sua parte.” Um brilho naqueles duros olhos castanhos, escondidos com um piscar de olhos.

Mas Elena tinha visto, e isso a fez gostar daquela mulher.

“Agora,” Jessamy disse, “porque é o primeiro dia de Elena, eu gostaria de rever algumas das matérias que nós já cobrimos, particularmente aquela que diz respeito à nossa fisiologia.”

Elena olhou para Sam. “Você não tem quatro anos, tem?”

“Eu não sou um bebê,” foi a resposta indignada, antes de serem ambos silenciado por seus vizinhos.

Então, enquanto Elena ouvia e aprendia, os outros alunos lhe ensinaram os nomes e funções de cada músculo, cada osso, e cada pena, desde aquelas que controlavam a direção até as que reduziam a resistência e aumentavam o impulso.

Na hora que a aula acabou, Elena tinha a cabeça cheia de informação e uma profunda consciência do quanto mais ela ainda precisava aprender.

“Vocês podem ir,” disse Jessamy para a classe enquanto ela se levantou. “Elena, eu gostaria de uma palavra com você.”

A decepção de Sam estava enorme nos olhos castanhos. “Devo esperar por você?”

“Sim,” disse Elena. “Eu não estive nesta parte do Refúgio antes.” Ficava bem no centro da cidade alastrada—território neutro, de acordo com Illium.

Um sorriso radiante, tão inocente que fez ela de repente ter medo por ele. “Eu vou esperar na área de recreação.” Inclinando a cabeça para a professora, ele fez o seu caminho para fora da porta, suas asas marrons de pontas pretas arrastando no chão.

“Sameon,” Jessamy disse gentilmente.

“Oops.” Outro sorriso. “Desculpe.” As asas se levantaram.

“Elas baixarão de volta no instante em que ele estiver fora de vista,” Jessamy apontou para duas almofadas de tamanho adulto ao lado de uma mesa com livros empilhados. “Quem lhe disse para se juntar à turma?”

Suspeita lambeu a coluna de Elena enquanto elas se sentavam. “Dmitri.”

“Ah.” Olhos da professora faiscaram. “Você não devia estar com os pequeninos. Eu pretendo lecionar você individualmente.”

“Eu ameaçaria esfolá-lo,” Elena murmurou, “mas eu gostei da aula. Você se importa se eu vier em mais? Eles me ensinam por simplesmente existir.”

“Você é bem vinda a qualquer momento.” O rosto magro de Jessamy ficou solene. “Mas você tem de aprender muito mais rápido do que eles se você for sobreviver a Zhou Lijuan.”

Elena hesitou.

“Eu sei sobre os renascidos,” Jessamy disse em uma voz cheia de horror. “Eu sou o depositário do conhecimento angélico. É meu dever guardar as histórias—mas essa história, eu gostaria de não ter que escrever.”

Concordando em silêncio, Elena colocou a mão sobre os livros empilhados na mesa. “Esses são para eu ler?”

“Sim. Eles contêm uma visão concisa de nosso passado recente.” Ela estava em pé. “Leia o máximo que puder, venha a mim com todas as perguntas, não importa quão pequena ou imprudente. Conhecimento é muito poderoso quando se trata de dançar com os mais velhos entre nós.”

Elena levantou-se, seus olhos indo para as asas de Jessamy quando a anja se virou para pegar algo atrás dela. A esquerda estava torcida de uma forma que fez o estômago de Elena se contrair.

“Eu não consigo voar,” disse a anja sem rancor, embora Elena não tivesse falado. “Eu nasci assim.”

“Eu—” Elena balançou a cabeça. “É por isso você é quem é.”

“Eu não entendo.”

“Você é gentil,” disse Elena. “Eu acho que você é o anjo mais gentil que eu já conheci.” Não havia sentimento de maldade neste anjo magro, com seus olhos de barro siena queimado e cabelo que brilhava um rico castanho. “Você entende a dor.”

“Como você, Caçadora da Sociedade.” Um olhar perspicaz enquanto eles saíram para o sol, que foi substituído quase de imediato por uma felicidade tranquila, mas intensa. “Galen.”

Seguir o olhar de Jessamy levou Elena a um anjo que tinha acabado de desembarcar na plataforma construída na frente da escola. Havia algo familiar sobre o musculoso homem de cabelos vermelhos, porém ela poderia ter jurado que nunca o tinha visto antes. Então aqueles olhos verdes muito pálidos encontraram os dela e a fria advertência neles abriu as comportas da memória.

Raphael sangrando no chão. Dois anjos voando com uma maca. Este olhando para ela como se ele gostaria de arremessá-la na escuridão além dos destroços de sua janela de vidro... E assistir enquanto seu corpo caía para atingir o chão a uma velocidade terminal, a coluna dela rasgando sua pele, seu crânio nada além de uma casca de ovo esmagada vazando massa cinzenta.

Claramente, ele não havia mudado de ideia.

“Galen.” Continha censura dessa vez.

O anjo do sexo masculino, finalmente olhou para longe de Elena, mas não falou. Entendendo a dica, ela disse adeus a Jessamy e desceu os degraus, sua nuca formigando em consciência primitiva.

“Aqui estou!”

Assustada, ela olhou para cima para encontrar Sam voando com suas asas que pareciam grandes demais para seu pequeno corpo. “Você já pode voar?”

“Você não?” Ele pairou ao lado dela.

“Não.”

“Oh.” Uma oscilante guinada para a esquerda, e ele estava pousando ao seu lado.

“Então eu vou caminhar também.”

Ela teve que lutar com um sorriso quando viu as asas dele arrastarem ao longo do caminho escrupulosamente limpo. “É mais fácil para você ficar no ar?”

“Às vezes, se há um bom vento.” Ele puxou a mão dela, apontando para alguém no outro lado do pátio. Olhando para cima, ela viu um anjo de ombros largos com asas estampadas como as de uma águia que está vindo a pousar. “Aquele é Dahariel. Ele é um dos antigos.”

Os olhos de Dahariel encontraram os dela.

*Idade. Violência. A chicotada de força.*

Isso foi tudo em um único olhar antes dele dar um breve aceno de cabeça e afastar-se na direção daquilo que ela aprendeu que era o território do arcanjo Astaad. Ela estremeceu apesar do sol. Aquele, ela pensou enquanto Dahariel desapareceu de vista, poderia só ser capaz de abater um homem com insensível precisão tal que nada restasse.

Sam puxou a mão dela novamente. “Vamos.”

Enquanto o seu pequeno guia turístico levava ela através do pequeno campus, o céu dolorosamente sobrecarregado de brilho, Elena permitiu que sua mente ficasse tranquila. Estas crianças eram imortais-natos, muitos deles provavelmente eram mais velhos que ela, apesar de sua aparência. Mas a idade era uma coisa relativa. Em seus rostos, ela via a mesma inocência que ela tinha visto no rosto do bebê da Sara, Zoe. Eles ainda não tinham experimentado o amargo pranto que o mundo tinha para lhes oferecer.

Parecia que os mais velhos, os anjos mais poderosos, por todas as suas crueldades, fizeram um esforço para manter esta parte do Refúgio livre da mancha da violência. Era um oásis de paz em uma cidade que sussurrava com um milhar de segredos sombrios.

O ar sobre sua cabeça, a passagem das asas de um anjo adulto.

Olhando para cima, ela viu um lampejo de um azul selvagem e então Illium estava pousando. Gritos e gargalhadas abundantes quando as crianças, incluindo Sam, o enxamearam como muitas pequenas borboletas. “Salve-me, Elena,” Illium disse assim que ele saiu para o ar... Mas não tão alto, não tão longe que os pequeninos não conseguissem acompanhar.

Sorrindo, ela se sentou em um pedaço do equipamento de recreação e assistiu-os arrebatados e mergulhar. Belle teria amado isso, ela encontrou-se a pensar. Sua irmã mais velha tinha um segredo—ela amava borboletas. Elena tinha lhe dado uma bolsa de moedas em forma de uma borboleta-monarca, uma vez, uma coisa bonita que ela tinha encontrado em uma venda de garagem por alguns centavos. Ela usou seu próprio dinheiro para comprá-la. E Belle a tinha em seu jeans no dia em que Slater Patalis quebrou suas pernas em tantos pedaços, que ela parecia como a boneca esquecida de uma criança.

Elena ainda podia ver as lantejoulas cor de laranja brilhante no mar de sangue, os dedos sem vida de Belle mergulhados no vermelho.

# 10

Raphael aterrissou no terraço externo da base de Elijah no Refúgio, sabendo que Elena gostaria de ter conhecido Hannah. Mas ela ainda era uma imortal nascida a pouco — Raphael nunca confiaria a vida dela aos temperamentos inconstantes de seus companheiros arcanjos e anjos. E não era uma coincidência que ambos Elijah e Michaela haviam decidido vir para o Refúgio neste momento.

O cheiro de magnólias precedeu a entrada de Hannah no balcão. “Raphael.” Ela estendeu ambas as mãos. “Faz muito tempo.”

Ele segurou aquelas mãos e inclinou seus lábios até a bochecha dela. “Mais que cinco décadas.” Hannah não deixava seu lar sul-americano muito frequentemente. “Você está bem?”

A pele de ébano de Hannah brilhou sob o sol da tarde enquanto ele assentia, seus cabelos uma massa de curvas negras com brasas que capturavam a luz do sol. “Eu vim para conhecer sua caçadora.”

“Você me surpreende, Hannah.” Ele soltou as mãos dela enquanto ela se virava para guiá-lo para dentro.

Ela riu, e era um som quente, gentil. “Eu tenho minhas falhas. Curiosidade é uma delas.”

“Elena ficará encantada de saber que ela trouxe você de sua casa.”

Hannah foi para uma pequena, belamente esculpida mesa e pegou uma garrafa modelada no mais delicado vidro. “Vinho?”

“Obrigado.” Ele olhou em volta do quarto, ele viu um toque da mão artística de Hannah em cada pintura, cada peça de mobília. “Você viaja mais do que as pessoas sabem.”

Um pequeno, secreto sorriso. “Elijah estará aqui logo. Nós chegamos há não muito tempo.”

“Obrigado.” Ele pegou o líquido dourado que ela estendia, e o brilho dele o lembrou de outro tempo, outro lugar. Uma caçadora agonizante em seus braços, seus cabelos um lençol branco. E um coração que ele acreditava estar morto há muito tempo abrindo-se em angústia.

“Como é o sabor?” Hannah perguntou.

Raphael balançou a cabeça. Ambrósia... aquele momento—era indescritível... e absolutamente privado.

Depois de um segundo, Hannah inclinou sua própria cabeça em silenciosa aquiescência. “Eu estou feliz por você, Raphael.”

Ele encontrou o olhar dela, esperou.

“Eu sempre pensei em você como um amigo,” ela disse calmamente. “Eu sei que se os outros decidissem vir atrás de Elijah pelas costas, você não se juntaria a eles.”

“De onde vem sua fé?”

“Do coração, é claro.”

Elijah entrou naquele momento, seu cabelo úmido. “Raphael. Você não trouxe sua Elena?”

*Minha Elena.*

Ele se perguntou o que sua caçadora iria pensar da forma que os imortais falavam dela. “Não dessa vez.” Talvez um dia, Elijah era o único arcanjo em quem ele confiaria. Mas esse dia não era hoje.

“Venha,” Hannah disse, “vamos nos sentar.” Enquanto ele observava, ela virou-se para Elijah, e Raphael soube que alguma comunicação silenciosa havia ocorrido entre eles, porque os lábios de Hannah se curvaram antes que ela se sentasse.

“Então,” Elijah disse enquanto sua companheira lhe servia vinho com um equilíbrio que continha uma elegante maturidade, “Eu ouvi que Michaela nos honra com sua presença.”

“Parece que ela achou o Refúgio adequado a seus gostos nestes dias.”

Um pequeno sorriso do outro arcanjo. “Hannah lhe contou sobre sua mais nova pintura? É extraordinária.”

“Eu mal comecei,” Hannah objetou. “Mas está ela quase pintando-se a si mesma.”

A próxima meia hora passou em tal fácil conversação, e apesar de Raphael ter adivinhado a forma que o encontro iria tomar, ele se encontrava impaciente. Não era um sentimento com o qual ele estivesse familiar—depois de ter vivido por tanto tempo, ela havia aprendido a arte da paciência. Mas então ele conheceu uma caçadora, e tudo mudou.

Finalmente, ele ficou sozinho com Elijah no terraço, Hannah tendo se desculpado discretamente. “Você conta tudo a ela?” Raphael perguntou.

“Uma pergunta tão pessoal. Não o que estou acostumado de você.”

“Elena me perguntou sobre relacionamentos angelicais. Eu descobri que sei muito pouco.”

Elijah olhou para baixo até o rio que corria tão longe abaixo, trançando-se para dentro e para fora de fendas que se aprofundavam com o passar dos séculos. “Hannah sabe o que eu sei,” ele disse por fim.

“Então por quê ela não permanece conosco?”

“Ela sabe por que ela é minha companheira. Ela não tem nenhum desejo de se envolver nos trabalhos do Grupo.” Uma pausa. “Você não entende porque sua caçadora sempre foi envolvida com o Grupo.”

“Como pode alguém com o poder de Hannah”—e ela havia se tornado mais forte desde a última vez em que ele a vira—“ficar contente em permanecer nas margens?”

“Hannah não tem gosto por política.” Elijah se virou para olhar para Raphael, sua mandíbula granito. “Como aquele que faz um outro anjo ousar usar meu nome.”

“Isso mostra uma arrogância que vai levar a um erro,” Raphael respondeu, ecoando algo que Elena havia dito a ele depois daqueles tensos momentos em que ela o havia segurado tão firmemente—como se ela o fosse prevenir fisicamente de cair no abismo. “Ele procura glória. Para isso, ele deve ser conhecido.”

“Eu entendo sua raiva, Raphael”—a fúria do próprio Elijah era um calor violento—“mas nós não podemos deixar que isso nos distraia do problema verdadeiro.”

“Você ouviu algo.” Estava nos olhos do outro arcanjo, sua voz.

Elijah assentiu. “Existem rumores de que Lijuan planeja mostrar abertamente seus renascidos no baile.”

Raphael havia imaginado. O último relatório de Jason, entregue após os renascidos de Lijuan terem conseguido encurralá-lo por tempo suficiente para rasgar partes de seu rosto, havia falado de uma armada sempre mais poderosa dos reacordados mortos. “Nós devemos nos preparar para as consequências, se a extensão da evolução de Lijuan se tornar conhecida.”

“O mundo estremecerá,” Elijah disse, sua voz macia no anoitecer. “E eles aprenderão a nos temer um pouco mais.”

“Isso não é sempre uma desvantagem.” Medo impedia mortais de aproveitar chances estúpidas, de esquecer de que um imortal deveria sempre ganhar uma batalha.

A face de Elijah era uma silhueta aristocrática contra o brilho laranja avermelhado do sol se pondo, seu cabelo dourado em chamas. “Você acha que isso se aplica neste caso?”



“Mortais são imprevisíveis—eles podem julgar Lijuan um monstro, ou eles podem chamá-la uma deusa.”

Elijah olhou para trás enquanto Hannah veio para fora perguntar se eles gostariam de mais vinho. “Raphael?”

Raphael balançou a cabeça. “Eu agradeço, Hannah.”

“O prazer é meu.”

“O que Lijuan está se tornando,” Elijah disse depois que sua companheira saiu, “uma parte de mim teme que isso aguarde a nós todos no fim.”

“Você sabe tanto quanto eu que nossas habilidades estão ligadas a quem nós somos.” Raphael ainda não podia entender seu próprio inesperado novo talento—de onde ele veio, que semente, que ato? “E você nunca tomou a primeira criança de cada família em um vilarejo somente para mostrar seu poder.”

Elijah estava visivelmente chocado. “Eu nunca ouvi isso de Lijuan.”

“Ela era uma anciã quando eu nasci, quando você nasceu.” E Elijah era mais de três mil anos mais velho que Raphael. “Ela já fez muitas coisas que foram escondidas na névoa do tempo.”

“Então como você sabe?”

Raphael simplesmente olhou para o outro anjo.

Depois de um tempo, Elijah assentiu. “Diz pouco sobre a nossa inteligência que nós não sabemos. O que ela fez com as crianças que ela capturou?”

“Algumas ela aparentemente criou como seus bichinhos de estimação mortais—manteve vivos enquanto eles a agradassem. Outros, ela deu a seus vampiros como fonte de alimento.”

“Nisso,” Elijah disse, “Eu não posso acreditar.” Sua face era uma máscara de náusea. “Crianças não devem ser tocadas. É nossa lei mais sagrada.”

Nascimentos angélicos eram raros, tão raros. Cada criança era considerada um presente, mas—“Alguns de nós acreditam que somente as crianças angélicas importam.”

Os ossos de Elijah acentuaram-se contra sua pele. “Você acredita?”

“Não.” Uma pausa, honestidade brutal. “Eu ameacei crianças mortais para controlar seus pais.” Mas não importa a transgressão dos pais, ele nunca havia tocado seus filhos.

“Eu fiz o mesmo na primeira metade de minha existência,” Elijah disse. “Até que eu entendi que a ameaça está apenas a um passo do ato.”

“Sim.” Um ano atrás, enquanto estava sob o efeito do Silêncio—um estado frio, inumano e sem emoção, causado por um uso específico de seu poder—a escuridão em Raphael havia julgado a vida de uma criança com o mesmo peso de uma semente. Era uma mancha em sua alma, um crime pelo qual ele nunca procuraria perdão—porque era imperdoável. Mas ele nunca mais teria a vida de uma criança como resgate. “Aquele que descobriu a atrocidade cometida por Lijuan,” ele disse, perguntando-se mais uma vez no que ele teria se transformado sem Elena, “testemunhou coisas que zombam de qualquer dúvida.”

*“Eu vi os corpos.” A voz de Jason estava tensa ao ponto de se quebrar, sua tatuagem tribal sobressaindo-se negra contra uma pele que era normalmente de um marrom saudável. “Pequenas coisinhas encolhidas. Ela os mantém como souvenirs.”*

*“Como eles ainda estão preservados?”*

*“Depois que os vampiros tiraram o sangue deles, os matando, ela os secou.” Os olhos negros de Jason encontraram os dele. “Tem bebês naquele quarto, sire.”*

Mesmo agora, Raphael não podia pensar nisso sem sentir uma profunda repulsa. Havia algumas coisas que você simplesmente não fazia. “Se Uram tivesse sobrevivido,” ele disse, falando do arcanjo que ele havia matado na noite em que ele provou ambrosia, a noite em que ele fez uma mortal sua, “ele estaria bem no caminho para a evolução de Lijuan. Ele sacrificou uma cidade inteira, até mesmo os pequenos em seus berços, por ter ofendido um de seus vampiros.”

“O anjo que tentou quebrar Noel”—a raiva de Elijah como mil lâminas de aço—“ele já está nesse caminho. Nós não precisamos de outro no Grupo.”

“Não.” Porque se um anjo tivesse aquela posição, o Grupo não iria se meter—não enquanto o anjo em questão limitasse suas atrocidades a seu próprio território, não causando problemas em escala global. Nenhum arcanjo iria interferir na esfera de poder dele ou dela.

“Você já viu algumas das garotas que Charisemnon tem levado para sua cama?”

“Muito jovens.” Havia sido Venom a trazer aquela informação para ele, o vampiro—com sua pele que falava do subcontinente indiano—movia-se facilmente no quente deserto do território de Charisemnon. “Mas ele traça a linha o suficiente para que isso permaneça como um assunto interno.”

Charisemnon tomava cuidado para não levar nenhuma garota menor de quinze anos, sua desculpa sendo a de que ele havia crescido em tempos em que quinze era considerado mais que velha o suficiente para se casar. Exceto que as garotas que ele escolhia sempre pareciam bem, bem mais novas do que sua idade cronológica. Havia imortais—e mortais—o bastante que concordavam com Charisemnon que o arcanjo podia entregar-se às suas perversões livremente.

Elijah olhou para Raphael. “Titus está dizendo que Charisemnon capturou e abusou de uma garota do lado dele da fronteira.”

“Eu estou de olho na situação — parece que vai se tornar uma guerra de fronteiras.”

“Titus pode ter suas falhas, mas nisso eu concordo com ele. Se Charisemnon ultrapassou os limites territoriais, ele deve pagar — ele não vai pagar por seus crimes em nenhuma outra corte.”

Raphael concordou. Mas mesmo Charisemnon, com todos seus costumes repelentes, não era a ameaça vindo inexoravelmente perto. “Eu não estou certo de que Lijuan pode ser parada.”

“Não.” A boca de Elijah era uma linha amarga. “Mesmo se combinássemos nossa força, eu não acho que poderíamos matá-la.” Ele respirou fundo. “Mas nós estamos nos antecipando. Talvez ela fique contente em brincar com seus renascidos dentro de sua corte.”

“Talvez.” E talvez Lijuan decidisse libertar suas armadas, se tornar a literal personificação da semideusa que ela já era em sua terra natal. Mas essa deusa iria trazer só morte, seus renascidos festejando na carne dos vivos enquanto ela assistia com um sorriso indulgente.

Foi, Elena pensou mais tarde, inevitável que ela sonhasse naquela noite. Ela conseguia sentir o passado empurrando-se para ela com as mãos mergulhadas em sangue. Ela lutou, o expulsou, mas ele ainda a arrastou de volta para aquele corredor negro, no fim daquele caminho curvado o pai dela havia colocado pedra sobre pedra em um verão confuso, e na brilhante cozinha branca, sua mãe havia mantido imaculada.

Marguerite estava no balcão. “*Bébé*, porque você está em pé aí? Venha, eu vou fazer um *chocolat* pra você.”

Elena sentiu seu lábio inferior tremer, seus pés hesitarem. “Mamãe?”

“Claro, quem mais seria?” Uma risada, tão familiar, tão generosa. “Feche a porta antes que o frio entre.”

Era impossível não virar-se, não fechar a porta. Sua mão, ela estava assustada ao ver, era a de uma criança, pequena, marcada com as feridas e cortes de uma garota que preferia subir em árvores à brincar com bonecas. Ela virou-se, com medo de que o milagre se esvaísse, tão aterrorizada de que o mostro estivesse olhando para ela.

Mas foi a face de Marguerite que ela encontrou, os olhos inquisidores de sua mãe enquanto ela se ajoelhou na frente de Elena. “Porque tão triste, *azeeztee*<sup>\*8</sup>? Hmm?” Longos, talentosos dedos colocavam o cabelo de Elena atrás das orelhas.

Marguerite sabia apenas algumas palavras em árabe marroquino, fracas lembranças da mãe que ela havia perdido na infância. O som de uma dessas preciosas memórias fez Elena acreditar. “Mamãe, eu senti tanto a sua falta.”

Mãos acariciando suas costas, segurando-a até que as lágrimas passassem e Elena pudesse se forçar a dar um pequeno passo para trás, para olhar para aquela amada face. Era Marguerite que parecia triste agora, seus olhos cinza molhados de sofrimento. “Sinto muito, *bébé*. Sinto tanto.”

O sonho se partiu, sangrando nas margens. “Mamãe, não.”

“Você sempre foi a forte.” Um beijo pressionado em sua testa. “Eu queria poder salvá-la do que está vindo.”

Elena encarou freneticamente enquanto o quarto começava a entrar em colapso, rastros de um líquido vermelho escuro escorrendo nas paredes. “Nós temos que ir pra fora!” Ela agarrou a mão de sua mãe, tentando empurrá-la pela porta. Mas Marguerite não iria, sua face feroz com advertência mesmo enquanto o sangue pingava para tocar seus pés descalços. “Esteja pronta, Ellie. Não acabou.”

“Mamãe, pra fora! Venha pra fora!”

“Ah, *chérie*<sup>9</sup>, você sabe que eu nunca deixei este quarto.”

Raphael embalou sua caçadora enquanto ela chorava em seu peito, sua vulnerabilidade uma faca no coração dele. Ele não tinha palavras com as quais aliviar o pesar dela, mas ele murmurou seu nome até que ela parecesse vê-lo, até que ela parecesse conhecê-lo.

“Beije-me, Arcanjo.” Era um áspero sussurro.

“Como queira, Caçadora.” Ele colocou sua mão no cabelo dela, pressionou seus lábios nos dela, e pegou-a. Ela ainda não era forte o suficiente para sustentar a força da selvagem profundidade da fome dele, mas ele podia dar a ela o esquecimento que ela procurava — mesmo que o controle requerido significasse uma violenta ampliação da agonia sexual que já ameaçava levá-lo a loucura. Ele não a machucaria, ele não tiraria o que ela ainda não estava pronta para dar.

Deslocando-se na cama, ele pressionou seu corpo contra o dela, deixando-a sentir o peso de sua possessão. *Os pesadelos não tem nenhum direito sobre você, Elena. Você pertence a mim.*

<sup>8</sup> Minha querida, em árabe.

<sup>9</sup> Querida, em francês.

Olhos de mercúrio líquido cintilaram de volta pra ele, cheios de uma enervada tempestade de emoção. “Então me tome.”

“Ou eu poderia simplesmente provocá-la.” E ele o fez, levando-a a um pico febril com seu beijo, com seus dedos, com a rígida exigência de sua necessidade de vencer os pesadelos dela.

O corpo dela estava escorregadio em seus dedos, a pele dela molhada com suor, os olhos cegos de excitação quando ele finalmente derrubou-a. “Raphael!” A coluna dela se tornou tensa enquanto o prazer se espalhava por ela em uma onda devastadora, um prazer ainda mais viciante por ter sido negado por tanto tempo.

Ele sentiu sua própria pele começar a queimar com poder, seu pênis pulsando com a necessidade de entrar nela até que ele fosse tudo que ela conhecesse, tudo que ela visse. Cerrando seus dentes, ele enterrou seu rosto no pescoço dela, lutando por controle... E notou que a brutal satisfação de seu corpo a havia levado à inconsciência.

# 11

Cinco dias depois que Raphael tinha amado-a em um esquecimento misericordioso, Elena encontrou-se sentando em um tranquilo jardim ensolarado. Os sonhos não tinham retornado desde aquela noite, mas ela podia senti-los pesados no horizonte, uma tempestade que ela ainda não estava pronta para encarar. Se ela não tivesse tido a impiedosa disciplina da marca dos treinos de Dmitri para mantê-la ocupada, sua mente podia ter sucumbido à loucura em um esforço para escapar da constante pressão. Porque, estranhamente, o Refúgio tinha ficado tranquilo, demais, o ataque a Noel uma aparente anormalidade.

No entanto, a raiva de Raphael não tinha diminuído nem um pouco.

“Nazarach nega envolvimento,” ele lhe disse na noite passada enquanto traçava seus dedos na parte plana do estômago dela. “Eu podia violar a mente dele, mas se ele está dizendo a verdade, eu teria que matá-lo, perdendo um dos anjos mais fortes em meu território.”

Elena tinha engolido diante da facilidade com que ele falou em rasgar a mente do outro anjo, um anjo que outro caçador tinha, uma vez, descrito a ela como um “monstro que, provavelmente, sorriria enquanto te fodia até a morte.”

“Nazarach se voltaria contra você?”

“Como você faria se eu fizesse o mesmo com você, Elena.” Sua mão alisou as bordas superiores de sua calcinha. “Eu preciso de prova—ou eu corro o risco de perder não apenas a lealdade dele, mas a lealdade de outros anjos fortes que olham por mim.”

Ela agarrou o seu pulso, apertou. Sempre que ele cedia, seu corpo queria que ele a tomasse. Mas, havia um aviso em seu olhar, uma paixão tão obscura que ela sabia que não estava pronta, não estava forte o suficiente. Ainda não. “Você precisa dele para manter poder?”

Ele passou a mão sobre o seu abdômen, inclinando sua cabeça para tomar os seus lábios em um beijo lento que fez os dedos dos seus pés curvarem-se debaixo do lençol. Aliviando ambos da lâmina afiada do desejo.

“Não.”

Foi necessário dois longos segundos para que ela encontrasse o ar para responder. “Então?”

“Humanos precisam dele, Elena.” Um lembrete quase suave.

Ela viu o pesadelo do qual ele estava tentando poupá-la. “A única razão para que mais vampiros não cedam ao desejo por sangue é porque os anjos os mantêm sob controle.”

“E mesmo um arcanjo não consegue controlar cada um dos vampiros que possui dentro de suas fronteiras. Eu teria que matar todos, se eles sucumbissem ao sangue.” Uma sobrançelha levantada. “Tantas sombras em seus olhos. O que você sabe sobre Nazarach?”

“Outra caçadora fez uma perseguição para ele um tempo atrás.” Ashwini tinha se recusado veemente a voltar para Atlanta quando um trabalho diferente apareceu. “Ela disse que a casa dele era cheia de gritos, cheia de uma dor que poderia levar o são ao próprio inferno. Ele, aparentemente, levou duas vampiras para sua cama por razão nenhuma, a não ser punir os homens delas.”

“Os vampiros escolhem sua eternidade quando escolhem serem Feitos.” Uma resposta delicada.

E uma que ela não podia argumentar contra. Até sua irmã, Beth, tentou ser aceita como uma Candidata, embora tenha testemunhado a punição bárbara do seu marido pelas mãos do anjo que ele chamava de mestre. “Você acredita em Nazarach?”

“Ele mente com facilidade, mas não é o único arrogante o suficiente para acreditar que pode se tornar um arcanjo.”

“Quem mais está no Refúgio, ou estava na época?” Ambos concordavam que o mandante estaria perto o suficiente para presenciar—e deleitar-se com—os resultados de suas ações. “Dahariel?” Aquele olhar sem emoção, semelhante ao de uma ave de rapina cujas asas eles sustentava, demonstrava uma mente friamente racional, capaz de justificar qualquer ato se o mesmo levasse a um resultado satisfatório.

Um aceno. “E também Anoushka, filha de Neha, está aqui há várias semanas.”

Neha, a Rainha dos Venenos, das Cobras.

Tremendo de pensar no que a descendente de Neha poderia ser capaz, Elena pegou um dos livros que Jessamy a tinha dado e trouxe sua mente de volta ao presente, à beleza dos seus arredores. Ela nunca teria encontrado esse jardim secreto sem o anjo de asa azul estirado ao seu lado.

Flores silvestres floresciam em um livre abandono, cercando alegremente uma espécie de tenda de mármore onde elas escolheram se estabelecer. O pavilhão em si era simples, porém elegante em design—quatro colunas sustentando um telhado que foi esculpido como uma fiel imitação de uma tenda de seda proveniente das terras árabes.

“Está ainda frio demais para essas flores.” Ela tocou a agradável pétala cor de abóbora de uma flor que roçou sua coxa quando ela se sentou com os pés balançando na beirada.

“As flores começaram a desabrochar sem aviso há um mês.” Illium deu de ombros. “Nós as apreciamos—porque questionar tal presente?”

“Eu entendo o que você quer dizer.” Abrindo o livro, ela espalhou suas asas no mármore frio. Com a sua força muscular aumentando a cada dia, elas não pareciam mais uma carga, mas uma extensão natural de si mesma. “Aqui diz que a Guerra dos Arcanjos começou por causa de uma disputa por território.”

Illium endireitou-se da sua posição esparramada, seu cabelo caindo desarrumado sobre um olho. “Essa é a versão contada para as nossas crianças,” ele disse, empurrando o livro de volta. “A verdade, como sempre, é muito mais humana. Tudo começou com uma mulher.”

“Ah, é mesmo?” Ela não fez nenhum esforço para esconder seu ceticismo.

O sorriso dele era uma provocação travessa. “Eu vou voar. Chame, se precisar de mim.”

Ela o observou andar para a ponta de um rochedo, levantar voo em uma onda primorosa de azul e prata. Então, cerrando o cenho, ela pensou, *Raphael*.

A resposta veio em uma fração de segundo.

*Sim*, ele disse, *começou por causa de uma mulher*.

Elena quase rasgou a página em sua mão. *Há quanto tempo você está escutando?* Ele não tinha, sequer uma vez, forçado-a a agir contra sua vontade, desde o entendimento silencioso que os dois tiveram no alto do Refúgio, mas isso—a violação dos seus pensamentos, seus segredos—era tão ruim quanto. Talvez pior. Porque ela confiou a ele sua dor, escolheu expor uma parte de si mesma que ela mantinha guardada firmemente.

*Nós somos um só, Elena.*

“Eu não acho.” Se isso acontecesse com os dois, ela podia ter sido capaz de aceitar. Mas, não acontecia. E ela lutou demais por seu direito de ser quem era para resignar-se a essa situação. Respirando fundo, ela empurrou mentalmente para fora com toda sua força de vontade.

*Elena, o que você—*

Um silêncio repentino. *Raphael?*

Nada. Nenhum cheiro de chuva dentro da sua cabeça. Um cheiro que ela não tinha se dado conta de sentir até que tinha sumido. Não havia dor de cabeça, não imediatamente, mas ela começou a sentir a pressão depois de uma hora de leitura sobre as guerras. O livro dizia que Titus apoiou Neha e Nadiel, enquanto Charisemnon lutou ao lado de Antonicus. Lijuan permaneceu imparcial.



“Nadiel, Antonicus,” ela disse baixinho, sem nunca ter escutado aqueles nomes antes.

Esfregando sua têmpora latejante, ela virou a página. A imagem lindamente detalhada tirou o seu fôlego. O rosto da mulher era um estudo da inocência, seus olhos um azul impossível que Elena tinha visto em somente outro ser, o cabelo negro como a noite... negro como o de Raphael. “Caliane,” ela leu. “Arcanjo da Suméria.”

Uma dor aguda desceu pelo seu pescoço, e ela sabia que era hora de tirar o escudo. Ela o manteve muito mais tempo do que tinha sido capaz como mortal, mas não o suficiente – então, ela teria que guardá-lo para aqueles segredos que não suportava expor para o mundo, não podia, nem mesmo, suportar expor para si mesma.

O cheiro de vento, de chuva, não reapareceu imediatamente. Mas, outro cheiro sim.

*Um almíscar sensual e exótico estratificado com o toque delicado da mais rara das orquídeas.*

Não estava em sua cabeça, ela se deu conta quase no mesmo instante. Estava no ar.

A adrenalina subitamente se elevou, ela largou o livro e ficou de pé enquanto Michaela descia na frente dela. O impacto visual era impressionante. Por mais que Elena não gostasse dela, não havia como escapar da verdade. As asas de Michaela eram um bronze maravilhoso, seu corpo era uma paisagem cheia de curvas e depressões equilibradas alcançando a perfeição. E o seu rosto... não havia outro tão marcante no mundo.

“Então” —lábios exuberantes esboçando um sorriso que fez com que Elena ficasse muito feliz de ter sua arma com ela—“Eu descobri o ratinho que Raphael anda escondendo.” A arcanjo entrou no pavilhão, suas asas acariciadas a um âmbar por causa dos raios do sol começando a se pôr. Hoje, ela estava vestida em uma insinuante calça caramelo, sua “blusa” consistindo em uma única tira de um macio pano branco que foi enrolado ao redor de seu pescoço, para criar uma frente única, antes de ser cruzada sobre os seus seios e, depois, ser amarrada com um nó abaixo de suas asas. Simples, sexy convidativo.

Elena sabia exatamente a quem o convite era dirigido. Seus dedos se curvaram nas palmas de suas mãos, o senso comum sendo esmagado para dar lugar à face da raiva possessiva que sufocava sua garganta. “Eu não sabia que você me achava assim tão fascinante.”

Os olhos de Michaela se estreitaram. “Você é um anjo agora, caçadora. E eu sou sua superior.”

“Eu não acho.”

A arcanjo olhou para o livro. “Essa é a companhia que você deve manter. A meio-anjo está mais de acordo com seu status.”

Ouvir Jessamy—sábia, doce, inteligente—ser descrita de maneira tão depreciativa fez com que Elena visse tudo vermelho.

“Ela é dez vezes a mulher que você nunca será.”

Michaela moveu a mão, como se a ideia fosse tão ridícula que nem ao menos merecia consideração. “Ela tem três mil anos de idade, e passa seus dias confinada em meio à poeira de livros que ninguém, exceto uma aleijada consideraria atraente.”

“Galen aparentemente a considera muito mais do que atraente.” Era um tiro no escuro.

Mas, ela estava acertou em cheio. “Galen é um cachorrinho que ainda não aprendeu a escolher seus inimigos.”

“Ele não quis você, também?” Elena disse, e, até mesmo ela sabia que era uma provocação. “Mas, é claro, ele deve ter seguido o exemplo do seu Senhor.” O ar escapou de seus pulmões enquanto ela voava para se chocar contra uma coluna de mármore no outro lado na tenda. Doeu muito, mas nada parecia quebrado.

Foi quando algo a atingiu. O punho frio do medo. “Onde está Illium?”

“Ocupado com outra coisa.” Um sorriso zombador enquanto o arcanjo se aproximava, cada movimento, inerentemente, sensual. “Você está sangrando, caçadora. Como sou desajeitada.”

Elena sentiu o gosto de ferro do seu corte no lábio, mas seus olhos permaneceram fixos em Michaela. Ela estava bem consciente de que a vadia estava jogando com ela, de que veio aqui para essa razão específica. “Se você o machucou, Raphael vai caçá-la.”

“E se eu machucar você?”

“Eu a caçarei.” Chutando, ela acertou seu pé direito contra o joelho de Michaela.

Para o seu espanto, o arcanjo foi ao chão. Mas era, Elena pensou, mais surpresa do que qualquer outra coisa, porque ela estava de pé novamente um segundo depois, seus olhos brilhando por dentro. “Eu acho,” a arcanjo disse em um tom que fez com que Elena se lembrasse, estranhamente, da sádica marca da maldade de Uram, “que eu estou disposta a descobrir o que Raphael fará a quem se atrever a machucar seu brinquedinho.”

Elena apertou o gatilho da arma que conseguiu sacar no instante seguinte em que Michaela caiu. Nada aconteceu. Então, seus dedos se soltaram, dígito por dígito, para jogar a arma no mármore. No mesmo instante, ela sentiu algo acertar seu peito, mas, quando ela olhou para baixo, não havia nada lá. Seu coração começou a martelar em pânico. Um instante depois, ela sentiu como se dedos feitos de um fino osso—duros, suas extremidades com unhas cheias de pontas maliciosas—estavam se fechando ao redor do órgão em pânico, apertando até que sangue encheu sua boca, escorreu pelo seu queixo.

Michaela parecia quase entretida. “Adeus, caçadora.”

Elena viu um lampejo de azul à sua direita, vislumbrou Illium cercado por asas cobertas de sangue. Sentindo-se retomar o controle dos seus dedos, no mesmo instante. “Vadia.” Foi um sussurro abafado, com o intuito de distrair enquanto sua mão se fechava na faca escondida no bolso lateral de suas calças. Segurando-a com toda a determinação teimosa que tinha dentro de si, ela ignorou a dor, ignorou o sangue emergindo em sua boca, e atirou.

Michaela gritou, sua mão caindo para o lado quando a lâmina perfurou seu olho. Um fogo branco e quente queimou a tenda no momento seguinte, mas foi Michaela quem acabou caída inconsciente contra a coluna atrás de si, não Elena. Tentando ver através de olhos que lacrimejavam contra a névoa do poder, Elena viu Raphael, sua mão rodeada com o brilho mortal de fogo de anjo.

Ela cuspiu o sangue. “Não.” Um resmungo que ninguém seria capaz de ouvir. *Raphael, não, ela não vale a pena.* Ele matou Uram porque tinha que ser feito, mas tinha custado algo a ele acabar com a vida de outro arcanjo. Ela sentiu a cicatriz, embora, como, ela não sabia dizer. *Eu a provoquei.*

*Isso não importa. Ela veio aqui para matar você.* Ele levantou sua mão, as chamas azuis lambiam seus braços, e ela sabia que Michaela ia morrer. Deslizando no chão, quando suas pernas saíram de debaixo de si, ela disse algo que nunca tinha dito a nenhum outro homem. *Eu preciso de você.*

A cabeça de Raphael girou em direção a ela, seus olhos estranhos em sua luminescência. O tempo congelou. E, então, ele estava ajoelhando-se ao seu lado, o fogo azul sugado de volta para dentro do seu corpo em um refluxo violento. “Elena.” Ele tocou sua bochecha, e ela sentiu um calor estranho invadir seu corpo, tocar seu coração ferido. Um instante depois, o ferimento suavizou.

Levantando os braços que tremiam em reação, ela o puxou para si, segurando a cabeça dele enquanto sussurrava em sua orelha. “Não a deixe transformá-lo no que ela é. Não a deixe ganhar.”

“Ela veio para ferir o que é meu. Eu não posso deixar isso passar impune.”

Possessão era uma parede de chamas negras em seus olhos, mas ela sabia que era mais do que isso. “É a respeito de poder, certo?”

Um aceno que fez com que a seda da meia noite deslizesse sobre as mãos dela, seu arcanjo desejando ouvir a razão. Por ora.

“Ela está fora de ação, inconsciente, com a minha lâmina no seu olho. Deixe-a em algum lugar onde todos possam vê-la.”

“Isso é sanguinário de sua parte.” Lábios contra os dela, sua raiva controlada. “A humilhação será pior do que qualquer tormento físico.”

“A vadia não veio apenas atrás de mim, ela machucou o Illium. Ele está—”

“Ele é um dos meus Sete,” Raphael disse. “Ele viverá—embora eu não diria o mesmo dos homens de Michaela.”

“Pobre Bluebell,” ela disse, procurando para ver Illium derrubando o último anjo que estava lutando com ele. “Parece que ele sempre está sendo ferido por—” Sua garganta se fechou quando Illium cortou as asas do homem caído com uma espada que ele puxou de, literalmente, lugar nenhum. “Raphael...”

“É uma punição adequada.” Ficando de pé, ele foi até o corpo de Michaela. O outro arcanjo gemeu enquanto ele a levantava, mas não recobrou a consciência. “Fique, Elena. Eu voltarei por você.”

Ela o observou levantar voo, não completamente certa de que o arcanjo sobreviveria à fria fúria que tinha tornado a expressão de Raphael remota de uma forma que ela não tinha visto desde que eles se tornaram amantes. Apoiando a mão na coluna atrás de si, ela lutou para ficar de pé justamente quando Illium entrou no pavilhão. Sangue manchava seu rosto, seu cabelo, sua espada.

“De onde veio a espada?” ela perguntou enquanto ele assumia uma posição de sentinela na sua frente. Suas costas estavam nuas, a camiseta arrancada dele. Abrindo suas asas, ele a tirou de vista, até que o mundo dela era uma parede de músculo masculino manchada de sangue e penas de um azul prateado ensopadas com fluído tornando-se ferrugem.

“Eu falhei com você novamente.” Era uma resposta tensa.

Ela respirou fundo várias vezes, colocou sua mão sobre seu coração, ainda capaz de sentir aqueles dedos espectrais arranhando-a. “Illium, você derrotou cinco outros anjos. E cortou suas asas.” Com uma eficiência fria e calma.

Ele virou sua cabeça para encontrar o olhar dela, o menor traço de um sotaque britânico em seu tom reservado quando ele disse, “Você sente pena deles?”

“Eu só...” Balançando sua cabeça, ela tentou encontrar as palavras. “Quando eu me sentava no meu apartamento observando os anjos aterrissando no telhado da Torre, eu costumava invejar a habilidade deles de voar. Asas são algo especial.”

“Elas crescerão novamente,” Illium disse. “Eventualmente.”

A frieza insensível da voz dele era um choque, que deve ter ficado claro, porque ele lhe lançou um sorriso formado de gelo. “Seu animal de estimação tem presas, Elena. Isso a enoja.”

Era a sacudida que ela precisava para remover a neblina mental remanescente. “Eu o considero um amigo. E a maioria dos meus amigos pode ganhar de um anjo melindroso em qualquer dia da semana.”

Ele piscou. Uma vez. Duas vezes. Aquele familiar sorriso travesso se formando no seu rosto. “Ransom tem um cabelo muito longo, muito bonito. Talvez eu devesse apresentá-lo à Relâmpago?”

Claro que Illium colocaria um nome na sua espada. “Tente e eu aposto, você estará sem algumas penas quando voltar.”

O anjo de asa azul levantou a longa lâmina de dois gumes como se fosse embainhá-la às suas costas. Ela estava prestes a avisá-lo de que seu estojo tinha sumido... quando a espada desapareceu. “Nós todos temos os nossos talentos, Ellie.” Um sorriso tímido. “O meu é um bastante útil. Eu não tenho glamour pessoal, mas eu posso fazer pequenos objetos próximos ao meu corpo desaparecer.”

Elena se perguntou se aquilo significava que, um dia, ele se tornaria um arcanjo. “Você tem usado uma espada durante todo o tempo em que te conheço?”

Uma contração de ombros. “Uma espada, uma arma, ocasionalmente uma cimitarra. É excelente para decapitações.”

Elena balançou sua cabeça diante das palavras sangrentas, então congelou quando sua cabeça começou a girar. “Vá lavar o sangue, Bluebell.”

“Depois que Raphael voltar.”

Elena deu alguns passos ao redor do pavilhão depois de empurrar Illium para que ele se movesse. “Eu posso andar até em casa.” Ela podia sentir os hematomas surgindo, mas não era tão ruim quanto poderia ter sido—especialmente quando se tratava do seu coração. Ela esfregou a ponta de sua mão sobre o órgão. Um pouco dolorido, mas de qualquer forma bem. “E, já que não sou suicida, você pode me acompanhar até lá.”

“O Senhor pediu que você ficasse.”

Na verdade, Elena pensou, tinha sido mais uma ordem—sem nenhuma expectativa de que ela escolheria fazer qualquer outra coisa. “Illium, você deve saber algo sobre mim, se essa amizade vai ter alguma esperança de funcionar. É improvável que eu obedeça cada uma das ordens de Raphael.”

O rosto de Illium se encheu de censura. “Ele está certo, Ellie. Você não está segura aqui.”

“Eu sou uma caçadora nata,” ela disse a ele, as palavras ásperas. “Eu nunca estive segura.”

“Oh, minha pequena caçadora, minha doce, doce caçadora.”

Livrando-se da memória como um casaco indesejado, mas sabendo que isso retornaria para atormentá-la de novo e de novo e de novo, ela começou a andar. Illium tentou ficar no seu caminho, mas ela tinha a vantagem—ela sabia que ele não encostaria um dedo nela.

Ela tinha se esquecido dos anjos que ele deixou nos jardins.

Eles pareciam pássaros quebrados, o sangue deles manchando o chão, transformando o campo de flores em um matadouro.

# 12

Sangue e dor aromatizavam o ar em um rico perfume que infiltrava em todos os seus poros. De repente, ela sentia falta do seu apartamento, do banheiro que ela transformara em seu refúgio pessoal, com uma força que a fazia temer interiormente, o estomago apertado o bastante para doer.

“Quanto tempo eles ficarão deitados lá?”

“Até eles conseguirem se mover sozinhos,” Illium disse, cada palavra uma navalha. “ou até que Michaela envie alguém para resgatá-los.”

Isso, Elena sabia, nunca aconteceria. Virando para longe da massa de corpos, asas decepadas e flores esmagadas, ela caminhou lentamente pelo caminho. “Espere. Meu livro.”

“Eu o buscarei para você depois que Raphael voltar.”

Elena hesitou, mas sabia que não queria voltar e passar pelos corpos novamente. “Obrigada.” Ela deu somente alguns passos a mais quando o cheiro de chuva, de vento, infiltrou em todos os seus sentidos.

Illium desapareceu em silêncio, e era Raphael que caminhava ao lado dela. Ela esperava uma reprimenda por se afastar de suas ordens, mas ele não disse nada até eles estivessem do lado de dentro das paredes de sua ala privada. Ainda assim, ela simplesmente a observou arrancar as roupas e entrar no chuveiro.

Ele estava esperando com uma toalha enorme quando ela saiu, e quando ele a envolveu ao redor dela, a delicadeza do gesto ameaçou destruí-la. Ela olhou para cima, encontrou seus olhos quando ele tirou os fios de cabelo úmidos do seu rosto. As palavras foram baixas quando ele disse, “a violência de nossa vida abala você.”

Sobre sua palma, o coração dele batia forte e certo. Era um som humano, tão honesto, tão real. “Não é a violência.” Ela matara seu próprio mentor quando ele ficou louco, matando cruelmente jovens garotos como se eles fossem carne. “É a desumanidade disso tudo.”

Raphael afagou seu cabelo com a mão, as asas se abrindo em torno dela. “Michaela veio atrás de você por um motivo muito humano—ela está com ciúme. Você é o centro das atenções agora, e ela não consegue suportar isso.”

“Mas a crueldade nos olhos dela.” Elena estremeceu com a memória. “Ela gostou de me machucar, desfrutou-se de um jeito que me fez lembrar de Uram.” O anjo nascido do sangue a chutara em seu tornozelo quebrado, fazendo-a gritar. E então ele sorria.

“Eles foram parceiros por uma razão.” Outro afago, seu coração tão aquecido e vibrante sob a bochecha que ela pressionara em seu peito. Mas ele também era o homem que punira um vampiro com uma prática tão fria que os moradores de Nova York evitavam os caminhos da Times Square uma vez manchados de sangue mesmo agora.

“O que você fez para a Michaela?” ela perguntou, a pele ficando gelada com a percepção que a humilhação por si só nunca teria sido o bastante para Raphael. Ele não agia caprichosamente, mas quando ele agia, o mundo estremecia.

Uma brisa da meia noite em sua mente. *Eu lhe disse uma vez, Elena. Nunca sinta pena de Michaela. Ela usará isso para arrancar seu coração enquanto ainda está batendo.*

O coração a que ele se referia deu uma batida em pânico pela memória, o músculo ferido, dolorido. “Como ela foi capaz de fazer aquilo, alcançar dentro de mim daquele jeito?”

“Parece que Michaela tem escondido seu novo poder.” Sua voz caiu. “Não é coincidência que ela o obteve logo depois de chegar perto da morte com Uram.”

“Ele a teve sozinha por tempo o bastante,” Elena disse, lembrando-se do medo forte nos olhos de Michaela quando eles a resgataram. Fora a primeira vez que ela vira um arcanjo com medo, e isso a balançou. “Você acha que ela a transformou de alguma forma?”

“O sangue dele transformou a mulher, Holly Chang. Ela não é nem vampiro nem humana agora. Resta-se ver o que se tornou Michaela.”

Elena estava envergonhada em perceber que ela se esquecera da única vítima sobrevivente dos ataques de Uram. “Holly? Como ela está?” O último vislumbre que Elena tinha dela, ela estava nua, a pele coberta de sangue e a mente meio destruída.

“Viva.”

“Sua mente?”

“Dmitri me disse que ela nunca será quem era novamente, mas ela não está perdida na loucura.”

Isso era bem mais do que Elena esperara, mas ela entendeu as coisas que ele não disse. “Dmitri ainda tem um pessoal a observando, não tem?”

“O veneno de Uram a alterou em um nível fundamental—nós precisamos saber o que ela se tornou.”

E, Elena compreendeu sem perguntar, se Holly provasse ser uma criatura de Uram, Dmitri cortaria sua garganta sem hesitação. O instinto guerreava com a dura realidade—o mal de Uram não podia ser permitido se espalhar. “Você não respondeu minha pergunta,” ela disse, esperando que Holly Chang cuspsse na cara de seu agressor, que se salvasse. “O que você fez para Michaela?”



“Eu a deixei em um lugar público com sua adaga no olho. O olho já se curou ao redor dela.”

“O que isso significa?”

“Dor para Michaela quando ela a puxar de volta, quando ela se curar de novo.” Não havia nenhuma misericórdia nele.

“É por causa disso que os agressores de Noel enfiaram cacos de vidro em seu corpo.”

Ela sabia que ele ligaria o espancamento perverso a sua própria ação de propósito. Outro lembrete de quem ele era, do que ele era capaz. Ele esperava que ela corresse? Se sim, ela tinha muito a aprender sobre sua caçadora. “Você fez mais alguma coisa.”

*Você acha que me conhece tão bem, Caçadora da Sociedade.*

Naquele momento, ele soava como o arcanjo que ela encontrara pela primeira vez, aquele que a fizera fechar a mão sobre a lâmina de uma faca, os olhos desprovidos de misericórdia. “Eu o conheço bem o suficiente para entender que você nunca deixa um insulto passar sem receber resposta.” Ela tinha visto sua busca implacável pelos agressores de Noel—sua determinação resoluta provavelmente a razão para que o ajo por trás disso fosse levado ao chão.

“Em suas viagens pelo Refúgio, você já viu uma rocha que se ergue em direção ao céu no outro lado do desfiladeiro?”

“Eu acho que sim. é muito estreita, afiada...” Sua mente fez a conexão com uma facilidade doentia. “Você a derrubou naquela rocha, não jogou?”

*Ela teria arrancado seu coração. Eu simplesmente devolvi o favor.*

Arrepios percorreram sua pele pelo gelo em seu tom. Enrugando o tecido da camisa dele sobre sua mão, ela tomou um longo fôlego. “O que você faria comigo se eu fizesse alguma coisa que o deixasse tão zangado assim?”

“A única coisa que você poderia fazer para me deixar tão zangado assim seria deitar com outro homem.” Uma baixa declaração contra sua orelha. “E você não faria isso comigo, Elena.”

Seu coração se apertou. Não pela escuridão de suas palavras. Pela vulnerabilidade. Novamente, ela estava abalada pelo poder que ela tinha sobre esse ser magnífico, este arcanjo. “Não,” ela concordou. “Eu nunca trairia você.”

Um beijo pressionado em sua bochecha. “Seu cabelo está úmido. Deixe-me secá-lo.”

Ela permaneceu imóvel quando ele deu um passo atrás e pegou outra toalha, secando seu cabelo com uma gentileza cuidadosa de um homem que conhecia sua força muito bem. “Você fechou sua mente para mim.”

“Eu não sou mais humana, mas eu ainda sou a mulher que ficou contra você no telhado da Torre naquele primeiro dia.” Agora que o aterrorizante homem que conhecera era seu amante, e ela sabia que se ela se cedesse à suas exigências, o relacionamento entre eles seria irrevogavelmente e inalteradamente arruinado. “Eu não consigo aceitar o seu direito de invadir minha mente quando bem entender.”

“Dizem que Hannah e Elijah dividem uma ligação mental,” disse a ela, abaixando a toalha e puxando sua mão para leva-la ao banheiro. “Eles sempre estão um com o outro.”

“Mas eu aposto que a conexão deles vem dos dois lados.” Ela afagou a linha arqueada de sua asa direita—que erguia graciosamente de suas costas. Sua camisa vestia com facilidade sobre sua estrutura muscular, as costas projetadas para acomodar asas. “Não vem?”

“Na hora certa,” Raphael disse, a voz mudando, tornando-se mais profunda, “nós teremos isso.”

Ela afagou a crista novamente, soltou um beijo no centro das costas dele. “Por quê você parece tão certo quando tantas coisas sobre o poderes angelicais parecem depender do anjo?”

*Você fala comigo com a facilidade de um de duzentos anos de idade já. Você ganhará o poder.*

“É bom saber disso.” Ela deu a volta para encará-lo. “Mas até que eu ganhe, eu não permitirei o tráfego de mão única.”

Os olhos dele eram árticos, tão, tão azuis, que ela sabia que a cor a seguiria em seus sonhos. “Se sua mente estivesse aberta,” ele disse, “eu saberia da chegada de Michaela no momento que você soube.”

Tudo bem, ele a pegou ali. Mas—“se você me deixar ter minha privacidade, então eu não me importarei de lhe chamar quando precisar de você.”

Sua mão em sua bochecha, um toque protetor, possessivo. “Você não me chamou hoje.”

“Eu fui pega de surpresa.” Ela sacudiu a cabeça, respirou fundo. “Não, eu serei honesta. Eu não aprendi ainda a contar com você. Estou acostumada a lidar com as coisas sozinha.”

“Isso é mentira, Elena.” Ele esfregou sua bochecha com o polegar. “Você ligaria para Sara para pedir ajuda em um instante.”

“Sara tem sido minha amiga desde que tenho dezoito anos. Ela é mais minha irmã que minha amiga.” Erguendo a mão, ela a colocou sobre a dele. “Eu não o conheço como conheço Sara.”

“Então pergunte, Caçadora da Sociedade.” Uma ordem do Arcanjo de Nova York. “Pergunte o que você quer saber.”

# 13

Raphael estava com raiva. Mas, Elena pensou, essa pura, resplandecente raiva, ela poderia lidar com ela. Quando ele se tornou como tinha se tornado antes com Michaela, então ela estava com medo da própria alma dele. “Conte-me sobre sua infância,” disse ela. “Diga-me como que é crescer uma criança em um mundo angélico.”

“Eu vou contar, mas primeiro, você vai para a cama, e eu vou te trazer algo para comer.”

Percebendo que era uma batalha que ela particularmente não queria lutar, arrancou a toalha enquanto ele foi para outra sala para pegar a comida, e deslizou para dentro de uma camisa de Raphael. As aberturas na parte de trás fluíram em torno de suas asas, mas ela não podia achar nada com que segurá-las na parte inferior. Decidindo que ela realmente não podia ficar incomodada procurando pelos elusivos fechos, ela estava sentada silenciosamente na cama quando ele voltou.

Ele parou por um segundo. “Estou surpreso em descobrir que você obedeceu uma ordem.”

“Eu não sou irracional... desde que o pedido seja razoável.”

Um brilho de divertimento iluminou o azul ártico enquanto ele colocou o prato de pequenos petiscos deliciosos sobre o colchão entre eles, os copos de água na mesa de cabeceira, e veio sentar na cama diagonalmente oposto a ela. Eles já tinham tomado esta posição antes, mas naquela época, ele tinha estado no lugar dela na cama.

Muito consciente da distância sutil, ela pegou um minúsculo sanduíche cheio com o que parecia ser finas fatias de pepino. “Então?”

Um longo, longo momento tempo passou antes que ele falasse. “Ser uma criança entre os anjos é uma alegria. As crianças são mimadas e geralmente estragadas. Mesmo Michaela não machucaria o coração de uma criança.”

Elena achou isso difícil de acreditar. Mas então, Michaela uma vez tinha saído da cama para libertar que o que ela acreditava ser um pássaro preso do seu quarto. A arcanjo não era puramente a Bruxa Malvada do Oeste, por mais que Elena tivesse gostado de encaixá-la nesse papel.

“Minha infância foi normal, exceto que meu pai era Nadiel, minha mãe, Caliane.”

A respiração se apressou para fora dela. “Você é o filho de dois arcanjos?”

“Sim.” Ele se virou, olhando para as montanhas, mas ela sabia que não era os picos cobertos de neve, o céu estrelado, que ele via. “Não é o dom que parece.”

Elena permaneceu em silêncio, esperando.

“Nadiel era contemporâneo de Lijuan. Mais velho por apenas mil anos.”

Mil anos. E Raphael falou sobre isso tão facilmente. Quão velho isso tornava Lijuan? “Ele era um dos seus anciãos.”

“Sim.” Raphael se voltou para ela. “Eu me lembro de ouvi-lo falar de cercos e combates muito antigos, mas principalmente, eu me lembro de vê-lo morrer.”

“Raphael.”

“E agora você sente tristeza por mim.” Raphael balançou a cabeça. “Isso foi no alvorecer da minha existência.”

“Mas ele era seu pai.”

“Sim.”

Traçando seus olhos sobre aquele rosto severamente masculino, incrivelmente bonito, ela colocou a bandeja de comida no chão. Ele assistiu, em silêncio, enquanto ela afastou os cobertores e veio se sentar na frente dele, a mão dela apoiado na coxa dele. “Pais e mães,” ela encontrou-se dizendo, “deixam a sua marca, não importa se a gente conhece a eles uma vida ou apenas um dia.”

Ele ergueu a mão para as asas dela, afagando uma mão para baixo da varredura de preto e índigo. “Raphael.” Isso saiu rouco, uma censura.

“Eu não falei dos meus pais em séculos.” Outro traço persistente ao longo de suas asas. “Minha mãe executou meu pai.”

As palavras cortaram através da névoa de prazer com precisão extrema. “Executou?” Imagens de corpos quebrados, putrefatos encheram sua mente quando ela foi catapultada de volta para o depravado playground de Uram.

“Não,” Raphael disse, “ele não se tornou um nascido do sangue.”

Não havia cheiro do vento, da chuva, em sua mente. “Como você sabia?”

“O horror estava pintado em seu rosto.” Seus olhos mudaram para uma cor que não tinha nome, estava tão pesado com a memória. “Uram venerava o que meu pai era.”

“Por quê?”

“Você não consegue adivinhar, Elena?”

Não foi difícil, não quando ela voltou a pensar no que ela sabia sobre Uram. “Seu pai achava que os anjos deviam ser adorados como deuses,” disse ela lentamente. “Que os mortais e vampiros deviam curvar-se diante de vocês.”

“Sim.”

Houve uma batida nas portas da varanda antes que ela pudesse formular uma resposta. Olhando por cima, ela viu apenas escuridão. “É Jason?”

“Sim,” disse Raphael, levantando-se para fora da cama, sua expressão sombria. “E Naasir aguarda abaixo.”

Ela observou-o sair para a varanda, e embora soubesse que Jason estava lá, ela ainda não podia decifrar nada sobre a forma de anjo de asas negras.

*Elena, vista-se.*

Presa pela urgência do comando, ela saiu da cama e puxou um par de calcinhas de algodão, ignorando as contusões que já tinha começado a virar um bom pútrido roxo nas costas e nas coxas. Sobre as calcinhas, ela vestiu uma calça preta feita de algum tipo de material resistente, parecido com couro, e—depois mudar a camisa—um top que envolvia em torno dela em um complicado padrão de tiras, mas acabava cobrindo seu peito enquanto deixava os seus braços e a maioria de suas costas nuas. O ajuste era confortável, deixando-a livre para se mover sem se preocupar com material estranho entrar em seu caminho.

Tendo sentido a aproximação da frente fria, ela escorregou em longas, mangas apertadas que se encaixam de forma segura um pouco abaixo dos ombros—elas forneceriam calor enquanto asseguravam que seus braços permanecessem sem restrições. Quando ela agarrou suas botas, ela flechou seus pensamentos para Raphael, ciente de que ele não estava mais na varanda. *Onde?*

*Dmitri irá acompanhá-la.*

O vampiro estava esperando por ela no corredor, e pela primeira vez, não havia sugestão de sexo sobre ele—a menos que você gostasse do seu sexo letal. Vestindo calça de couro preta, uma camiseta preta que abraçava seu esguiamente musculoso corpo e um casaco preto comprido que varria nos seus tornozelos, ele era a morte afiada em uma orla brilhante. Cintas atravessada no peito e ela reconheceu-as como um estojo duplo.

“Armas?” ele perguntou.

“Revólver e facas.” As facas sentavam em ambos os lados das suas coxas, além da arma que tinha escondida em sua bota após debater a possibilidade de colocá-la na curva da parte inferior das suas costas e decidir que ela ainda não estava confiante o suficiente em termos de deixar suas asas fora do caminho rápido o suficiente.

“Vamos lá.” Dmitri já estava caminhando.

O céu era um brilhante, exótico preto quando eles saíram, as estrelas tão claras que se sentia como se pudesse alcançá-las e tocá-las. A primeira neve a atingir o Refúgio brilhava embaixo dos pés, tendo caído com o silêncio furtivo no intervalo desde que ela tinha ido para dentro.

“Quão mal estão os seus ferimentos?” Um olhar frio, os olhos dele avaliando os dela como nada além de outra ferramenta.

“Estou funcional,” disse ela, sabendo que poderia trabalhar através da rigidez muscular, a dor incômoda no seu peito. “Nada está quebrado.”

“Você pode precisar rastrear.”

“Essa parte de mim nunca parou de funcionar. Como você sabe muito bem.”

“Não quero que você perca a prática.” Palavras casuais, mas seus olhos eram os de um predador à caça, seus passos largos comendo o chão enquanto eles caminhavam em direção a uma seção do Refúgio que parecia formado por habitações de famílias de médio porte.

Luzes brilhavam em todas as janelas que eles passaram, mas o mundo era assustadoramente quieto.

“Aqui.” Dmitri desceu por um caminho estreito iluminado com lâmpadas que pareciam como se tivessem sido transportadas de Inglaterra de meados do século XIX. Mente turbilhando com as possibilidades, ela manteve os olhos firmes no caminho o qual se torcida de uma maneira e outra, levando finalmente a uma pequena casa na beira de um precipício.

Uma localização perfeita.

O penhasco proporcionaria uma fácil decolagem, e havia muito espaço na frente quando se trata de pousos. Mas, dado o terreno, parecia haver apenas um caminho para fora para aqueles a pé—o caminho que eles tinham acabado de percorrer. Uma fuga estupidamente fácil. Então, por que Raphael precisava de um rastreador de cheiro?

*Elena.*

Seguindo a voz mental de Raphael, ela foi para a casa... com o cheiro de ferro se voltando para a ferrugem. Seu corpo congelou na porta, seu pé se recusando a passar por cima do limite.

*Goteja.*

*Goteja.*

*Goteja.*

*"Venha aqui, pequena caçadora. Prove."*

Foi um choque de memória, empurrando-a para o passado com rapidez brutal de tal forma que ela não podia lutar contra a descida.

*Belle, ainda viva quando ela entrou. Mas apenas por um fragmento de um momento, seus olhos velando com a morte mesmo quando Elena a alcançou —*

Ondas de perfume, o mais decadente chocolate e champanhe, promessas de prazer e dor. Excitação sem curvas, e aquilo era tão errado para aquele momento que rompeu o laço do pesadelo. Tomando uma respiração superficial, ela passou por cima do limite, obrigando-se a andar em uma outra casa manchada com o beijo de malícia.

O cheiro de Dmitri começou a desvanecer-se quase imediatamente e em velocidade rápida. Ele estava saindo, ela percebeu, consciente de que ela não poderia acompanhar de forma eficaz com o seu intenso cheiro sangrando no ar. Mas ele permaneceu tempo o suficiente para dar a ela uma bofetada mental quando ela hesitou na porta.

Isso a colocava em seu débito.

Carrancuda com a ideia, ela se concentrou nos seus arredores. Esse era claramente o salão principal, com um teto abobadado e uma impressão global do espaço. Livros enchiam as prateleiras que cobriam as paredes, e havia um tapete persa tecido a mão em azul sob seus pés. Em sua esquerda viu uma taça erguida sobre uma pequena mesa, primorosamente trabalhada, enquanto abaixo dela estava o que parecia ser um bicho de pelúcia de algum tipo. A visão da coisa esfarrapada fazia frio em seu coração. Anjos, como ela agora sabia, tinham filhos.

Definindo seus ombros contra o horror que ela poderia encontrar, ela ignorou as portas de ambos os lados e foi direto para o corredor para a sala na parte de trás.

Paredes brancas manchadas de vermelho.

O som dos soluços de uma mulher.

Um vidro caído, o escarlate de uma maçã em cima do balcão.

Fragmentos de pensamentos, imagens vindo em fragmentos semelhantes aos do vidro. Sua garganta trancada, sua coluna ficou rígida, mas ela se forçou a ficar, para *ver*. A primeira coisa que ela registrou foi Raphael ajoelhado antes de outro anjo, uma mulher minúscula com cachos caídos de preto azulado brilhante, suas asas um pó marrom raiado de branco. As próprias asas de Raphael espalhadas pelo chão, indiferente ao fluido que se transformava o ouro em ferrugem manchada.

*Encontre-o.* Um comando atado com uma violência da emoção.



Balançando a cabeça, ela respirou fundo... e foi atingida por uma avalanche de perfumes.

*Maçãs frescas.*

*Neve derretendo.*

*Um sussurro de laranjas mergulhadas em chocolate.*

Não surpresa com como os vampiros cheiravam aos seus sentidos de caçadora por agora, ela sugou aquele último aroma, descascando-o até o seu mais básico—até que ela pudesse isolar essa combinação especial de notas, mesmo no meio de uma multidão de milhares de pessoas.

No entanto, o outro cheiro, as maçãs frescas e a neve, aquilo não era um vampiro. A composição era única, diferente de tudo que ela já havia provado. Ela fez uma dupla checagem. Não, categoricamente não um vampiro. E não, como ela tinha pensado em primeiro lugar, apenas uma ampliação dos aromas que flutuam na atmosfera. Era outra pessoa.

*O fresco, emocionante aroma do mar. Vento vasculhando suas bochechas.*

*Um gosto de primavera, luz do sol, e grama cortada recentemente.*

*E por baixo de tudo, o gosto tremulante, familiar de peles contra sua língua.*

Mas não era Dmitri brincando com ela desta vez. “Quem mora aqui?” Ela conseguiu pedir através do caos das impressões. “Neve e maçãs e peles e primavera.” Não fazia sentido, mas Raphael estava na sua mente quase antes de ela terminar de falar. Ela lutou sua tentativa instintiva de repeli-lo, percebendo que ele precisava saber o que ela tinha pegado.

*Sam é a neve e as maçãs, seu pai as peles, a sua mãe a primavera.*

Seu coração gelou em seu peito quando ela encontrou o azul insuportável dos seus olhos. “Onde está Sam?”

“Foi pego.”

A pequena anjo ergueu um punho à boca, a mão tão pequena que poderia ter sido a de uma criança. “Encontre o meu filho, Caçadora da Sociedade.” As mesmas palavras, ditas por Raphael, tinham sido uma ordem. Vindas desta mulher, elas eram um apelo.

“Eu irei.” Isso era uma promessa e um juramento. Abaixando-se, ela atraiu os aromas de novo, então levantou-se, dobrando a cabeça como o cão de caça que ela era.

*O mais leve traço de laranjas.*

Seguindo o puxão, ela caminhou passando por Raphael e a mãe de Sam para colocar a mão na maçaneta da porta dos fundos. O cheiro balançou através dela. “Sim,” sussurrou, seus sentidos de caçadora cantando em reconhecimento. Abrindo a porta, saiu... para o nada.

# 14

Ela já tinha caído antes. Mas, na época, estava nos braços de um arcanjo. Dessa vez, não havia nada entre ela e o abraço inflexível das rochas abaixo. Pânico ameaçava dominá-la, mas foi esmagado pela sua força de vontade. Elena P. Deveraux ainda nunca desistiu.

Cerrando os dentes, ela abriu suas asas. Elas vacilaram, ainda, mais fracas do que o necessário para voar, mas conseguiram reduzir sua descida. Não é o suficiente, ela pensou, seus olhos lacrimejando com o vento, os músculos de suas costas começando a sofrer espasmos. Mesmo um imortal—especialmente um imortal jovem—não podia sobreviver a tal queda mortal.

Seu corpo seria destroçado pela velocidade do impacto, sua cabeça separada de seu corpo. Isso matava vampiros. E Raphael havia dito—“Oh!” Uma lufada de ar poderosa que a lançou em espiral, o terror era um choque circulando sua corrente sanguínea. Então, braços agarrando-a com uma força de aço que ela nunca pensaria em ninguém além de Raphael.

Eles caíram mais vários metros, a velocidade aumentada pelo impacto, antes que Raphael se firmasse e eles comessem a subir em uma violenta velocidade. Ela envolveu seus braços ao redor de seu pescoço, tremendo com alívio. “Parece que você sempre está me pegando quando eu caio.”

A resposta dele foi um aperto forte.

Eles aterrissaram em uma seção vazia do penhasco, a casa de anjo mais próxima escondida das vistas pelos dentes salientes da face escarpada de uma rocha. “Tudo bem, lição número um,” ela disse, tentando reaprender a respirar enquanto Raphael a colocava no chão, “nunca assumir que irá ter chão em baixo de meus pés.”

“Você precisa parar de pensar como uma humana.” A voz de Raphael era um chicote. “Isso podia ter custado sua vida hoje.”

Ela levantou sua cabeça. “Eu não posso simplesmente parar. Isso é tudo que eu conheço.”

“Então, aprenda.” Ele agarrou o queixo dela entre os seus dedos. “Ou você morrerá.”

Seu primeiro instinto foi contra-atacar, mas algo a impediu. Talvez fosse a vida que estava em jogo, ou talvez fosse a maneira como as asas dele vieram ao seu redor, protegendo-a do vento que era jorrado com neve, mesmo enquanto ele falava com ela com tal irritação. “Eu preciso entrar,” ela disse, “ver se eu cometi algum erro no rastreamento.”

Raphael segurou seu queixo por outro segundo antes de colocar seus lábios sobre os dela. Eles ainda estavam presos no alívio furioso do beijo quando ele subiu em direção ao céu, levando-a para a entrada da frente da casa de Sam. Abalada, mas determinada, ela andou pela casa, todos os sentidos em alerta... e chegou à mesma conclusão.

“Ele saiu por ali,” Elena disse, feliz pela mãe de Sam não estar mais no cômodo. Era impossível para Elena olhá-la e não se lembrar da aflição de outra mãe em uma pequena casa suburbana quase duas décadas atrás.

“Isso significa que ele tem um anjo como cúmplice.” A voz de Raphael não tinha tom—e era ainda mais aterrorizante por isso. Nesse humor, o Arcanjo de Nova York pode matar sem remorso, torturar sem compaixão. “Você distinguiu os membros da família de Sameon—você pode separar o cheiro de anjo?”

“Raphael,” ela perguntou, precisava perguntar, “você vai entrar no Silêncio?” Ele se tornou alguém que ela não conhecia naquelas horas aterrorizantes antes dela atirar nele, um arcanjo que a perseguiu por Nova York, incansável em sua perseguição.

*Não.*

Com seu coração ainda errático com o medo—por ele, pelo o que o Silêncio podia tomar dele, caso Raphael sucumbisse novamente—ela retornou para a porta que agora estava aberta, tentando intencionalmente ativar o que pareceu ser uma extensão de suas habilidades.

*Primavera e peles.*

*Maçãs polvilhadas com neve fres —*

Um estalo de ruído branco<sup>10</sup>.

Desapontamento a golpeou, cruel, definitivo.

“Se a minha transformação alterou meus sentidos de caçadora, a mudança não está completa. Parece estar indo e vindo.” Ela passou uma mão pelo cabelo, retornando ao seu treinamento e experiência. “Ele provavelmente não tocou a porta, de qualquer maneira—o cheiro de vampiro era rico demais, forte demais para estar diluído.” Olhando para baixo, em direção à escuridão profunda do desfiladeiro, ela sentiu suas bochechas congelarem. “O quão forte um anjo teria que ser para pegar alguém, se eles soubessem que aquele indivíduo estava prestes a pular?”

“Ninguém mais jovem que trezentos anos.” Suas asas roçaram as dela quando eles ficaram lado a lado, encarando a densa escuridão. “Eu vou começar a varrer a área.” E,

<sup>10</sup> Tipo de ruído produzido pela combinação simultânea de sons de todas as frequências. É frequentemente empregado para mascarar outros sons. Ex.: ruído de ventilador, rádio não sintonizado, o som de muitas pessoas falando ao mesmo tempo.

então, ele disse o que ela não foi capaz de articular. “Há uma chance de que a queda não fosse executada com sucesso.”

Todo o ser de Elena se rebelou contra a ideia do corpo pequeno de Sam deitado irrevogavelmente quebrado na fria escuridão. “Se esses desgraçados o machucaram, eu mesma acabarei com eles.”

*Esse é o porquê de você ser minha, Elena.*

Observando enquanto ele saía em direção ao ar da noite, ela fechou a porta e voltou para a parte da frente da casa. Todos os anjos tinham ido embora, mas um vampiro saiu das sombras quando ela deixava a casa. A pele dele era de uma tonalidade que chamava a atenção, convidando o contato tátil—um marrom bastante escuro com uma insinuação de ouro verdadeiro. A cor era tão rica, tão quente que brilhou mesmo quando a lua deslizou-se para trás de uma nuvem, envolvendo o Refúgio na mais absoluta noite. Mas, os seus olhos, um prata brilhante e impossível, atravessou a escuridão como se ela não existisse. O cabelo da mesma tonalidade de seus olhos caía ao redor de seu rosto, elegante e cortado em linhas irregulares que acentuava o ângulo de sua mandíbula.

“Um tigre,” ela sussurrou, observando-o andar até ela, embora chamar aquilo de andar era um grave xingamento. Seu avanço era o vagar fluído e silencioso do animal que ela sentia ao redor dele. “Você tem o cheiro de um tigre em caça.” Rico, vibrante, mortal.

“Eu sou Naasir.” Sua voz era elaborada, suas palavras graciosas, mas aqueles olhos metálicos a observavam com um foco sem pestanejar. “Dmitri pediu que eu a ajudasse.”

“Você é um dos Sete.” Havia poder em Naasir, não como o de Dmitri—sensual e letal—mas ferozmente afiado, como se aquela bela pele convidativa não fosse nada além de uma máscara para o predador em seu interior.

“Sim.”

As nuvens se dispersaram, jogando um feixe de luz da lua no rosto dele. E ela percebeu que os olhos do vampiro refletiam tão brilhantemente quando os olhos de um gato. *Impossível*. Mas Naasir não era o mistério que ela tinha para resolver essa noite. “Eu vou começar a examinar a área,” ela disse, “ver se posso encontrar o local de aterrissagem.” Elena não sabia o que encontraria, dado o quão longe os anjos podiam voar, mas, ela precisava fazer alguma coisa.

“Dmitri está organizando os vampiros e anjos mais jovens em uma busca similar.”

E, Elena pensou, eles cobririam o terreno muito mais rápido do que ela—especialmente quando ela não tinha nenhum ponto de partida para um rastreamento de cheiro. Mas, ela precisava fazer *alguma coisa*. Desviando-se do olhar fixo de Naasir, os seus olhos se prenderam em uma formação em forma de agulha à distância. Seu coração ricocheteou em sua caixa torácica.

“O quão bem você conhece o Refúgio?”

“Muito bem.”

“Mostre-me a parte de Michaela.” Raphael tinha sido implacável com a humilhação do outro arcanjo. Talvez o anjo que agrediu Noel tenha saído de seu buraco... ou talvez Michaela tenha decidido se vingar, machucando o coração daqueles que procuravam proteção junto à Raphael.

“Por aqui.” Naasir começou a se mover com a graça sobrenatural de um ser em casa à noite.

Ela só podia acompanhar o que pensava ser um engatinhar para ele.

Alcançando uma área aberta alguns minutos depois, ele levantou seus braços em algum tipo de sinal antes de se virar para ela. “A casa de Michaela é longe a pé.”

Elena sentiu sua coluna travar quando Illium desceu a menos de três metros deles. Ela não confiava em ninguém além de Raphael para carregá-la. Não apenas porque ela tinha um problema com confiança, mas o ato parecia íntimo demais, muito próximo. Especialmente levando-se em conta a sensibilidade quase dolorosa de suas asas. Entretanto, essa noite, havia uma razão muito mais pragmática para a sua relutância. “Se eu subir,” ela disse, “eu posso perder o cheiro do vampiro no chão, caso ele não tenha voado diretamente para a seção de Michaela.”

Illium estendeu uma mão. “Será muito mais rápido para você voar até o local da Michaela, checar a área e, então, retornar.”

Sabendo que ele estava certo, ela silenciou sua relutância pessoal e foi até ele, consciente de Naasir desaparecendo na escuridão. “Sou eu, ou Naasir é tão domesticado quanto o seu leão da montanha comum?”

“Comparados a ele, os leões são gatos malhados.” Illium fechou seus braços ao redor da sua cintura enquanto ela enrolava os seus ao redor do pescoço dele, suas asas fechadas firmemente em sua espinha. Isso a tornava mais fácil de carregar—e escondia a curva interna incrivelmente sensível onde suas asas saiam de suas costas.

“Seus machucados.”

“Não me deixe cair porque você está preocupado demais em segurar muito firme.”

“Eu não vou deixá-la cair.” Foi um sussurro íntimo em sua orelha enquanto ele subia.

“Famosas últimas palavras,” ela murmurou, o vento tirando o cabelo de seu rosto, ameaçando roubar seu ar, suas palavras.

“Você está mimada, Ellie. Você está acostumada a ser carregada por um arcanjo.” Ele deslizou abaixo de vários outros anjos, avançando em direção a um grupo elegante de prédios em um terreno relativamente regular. O chão ao redor dos prédios estava iluminado por lanternas de metal delicadamente modeladas, os caminhos uma melodia harmoniosa entre forma e função.

“Há jardins lá em baixo?” ela perguntou, a respiração de Illium quente contra sua bochecha quando ele inclinou sua cabeça para captar sua pergunta.

“Ela raramente visita, mas os jardins de Michaela são famosos no Refúgio. Mesmo no frio, ela encontra coisas que vão crescer, algumas vezes até florescer.”

*Florescer.*

Sua mente jorrou imagens do jardim de flores silvestres—pétalas encharcadas de sangue espalhadas pelo chão, corpos mutilados esmagando as flores, e a mais poderosa de todas, o sol cintilando na espada de Illium enquanto ele cortava asas com eficiência impiedosa. Ela se perguntou se aqueles anjos ainda estavam lá, deitados abandonados no escuro.

“Ela pode ser muitas coisas—cruel, maliciosa, egoísta,” Illium murmurou enquanto os levava a uma suave aterrissagem na varanda externa da casa de Michaela, “mas eu não acho que a Rainha de Constantinopla machucaria uma criança.”

“Você não viu o olhar dela no pavilhão.” Saindo dos braços de Illium, ela não estava surpresa de ver Riker aparecer em frente à porta fechada. Ela tinha captado seu cheiro—cedro<sup>11</sup> pincelado com gelo, evocativo e inesperado—no instante em que desceram. “Olá, Riker.” Foi necessário esforço para manter sua voz civilizada—na última vez em que viu o guarda favorito de Michaela, ele tinha sido pregado à parede, seu coração fincado com a perna quebrada de uma mesa, mas, antes disso, ele tentou jogar um jogo bastante sujo com ela.

Riker a encarou daquele jeito dele—sangue frio como qualquer réptil. “Você está no território da minha senhora. Não tem proteção aqui.”

“Eu estou procurando pelo Sam,” Elena disse. “Illium me disse que Michaela não machucaria uma criança, então eu espero que ela vá nos conceder permissão para procurar no terreno—para o caso do vampiro ter passado por aqui.”

“Minha senhora não precisa da sua aprovação.”

Elena passou a mão pelo cabelo, tentando manter o seu tom moderado, embora uma urgência impotente fosse bombeada pelo seu sangue. “Olhe,” ela disse, “eu não estou

<sup>11</sup> Tipo de madeira

aqui para arrumar briga. E se a sua senhora realmente se importa com os mais jovens, ela não ficará feliz de descobrir que você nos impediu.”

Riker não se moveu, aqueles olhos reptilianos nunca a deixando.

Sentindo o tempo escorrer pelos seus dedos, ela estava prestes a perguntar a Illium se ele podia simplesmente carregá-la sobre o terreno para que ela pudesse ver se o cheiro permanecia no ar, quando Riker alcançou a maçaneta.

“A senhora permitirá que você examine a casa.”

Surpresa, Elena não perdeu tempo em seguir Riker, tendo Illium às suas costas. A casa de Michaela tirou o seu fôlego — apenas a entrada era digna do termo “obra de arte”; os ladrilhos sob os seus pés eram ébano com veios de quartzo, as paredes em ambos os lados pintadas com cenários que faziam sua mente vagar. Elena não era sofisticada, mas até ela reconhecia o artista. “Michelangelo?”

“Se ele fez,” Illium murmurou, “ele esqueceu no momento em que saiu. Nenhum mortal deve saber sobre o Refúgio.”

E ainda assim, Elena pensou, Sara sabia. Seu coração se apertou. Ela sabia que Raphael tinha permitido por causa — e *para* — ela, dando um passo muito maior do que ela jamais teria esperado do arcanjo que conheceu naquele telhado exposto ao vento em Nova York. “Ele se lembrou em algum lugar fundo na sua alma,” ela disse, checando uma sala que fluía a partir da entrada.

Nenhum vestígio. Ela captou os cheiros de vários outros vampiros enquanto eles continuavam andando, mas, nem mesmo um lampejo daquele que ela sentiu na pequena cozinha mergulhada no sal das lágrimas de uma mãe. Mas, eles ainda mal tinham começado. Olhando o núcleo central ascendente, ela colocou sua mão no corrimão. “Eu preciso olhar em cima.”

“Você manterá distância dos aposentos da senhora.”

“Tudo bem.” Se Michaela estava protegendo o vampiro, não faria bem algum a Elena ir entrando sem autorização e acabar causando a morte de ambos, dela e de Illium, antes que eles livrassem Sam do perigo. Tudo que ela tinha que fazer era encontrar o menor traço de cheiro.

Mas, o segundo andar revelou-se tão impecável e elegante quanto o primeiro, cada escultura situada exatamente na posição ideal de modo a melhorar a graciosidade geral da casa, os tapetes sob seus pés totalmente cobertos por cores. Foi enquanto estava cruzando o tapete rubi e creme, perto do segundo lance de escadas, que ela foi golpeada.

*Laranjas mergulhadas em chocolate.*



Seu corpo todo se enrijeceu. Girando sobre seus calcanhares, ela disparou por um corredor que Riker tinha, especificamente, a advertido a não entrar, instinto predominando sobre o senso comum. Era o que ela tinha nascido para fazer, seus sentidos afiados com —

Um braço ao redor de sua cintura, puxando-a de volta contra um peito firme e musculoso, suas asas gritando contra a sobrecarga de sensações. “O que Riker mais gostaria é de ter uma razão legítima para matar você.” A voz de Illium, aquele tímido sotaque britânico atado com um fio de aço de advertência.

“Certo.” Ela balançou sua cabeça para clareá-la, subitamente consciente do vampiro favorito de Michaela em pé a apenas alguns centímetros do seu lado. E ela deixou ele se aproximar tanto, ela estava tão cega pela compulsão em seguir o cheiro, em recuperar a criança. “Certo.”

Illium continuou segurando-a até que ela empurrou suas mãos e deu um passo à esquerda, criando uma maior distância entre ela e Riker. “Raphael?”

“Está feito.” Olhos de um rico e único ouro veneziano prenderam os dela. “Ele não vai demorar.”

Elena teve que fechar suas mãos em punhos, cerrar seus dentes, para lutar contra a necessidade fulminante de correr atrás do cheiro que desaparecia. Riker permaneceu do outro lado de Illium. Mas, seus olhos, eles nunca a deixavam. Os pelos de sua nuca se arrepiaram. Michaela, obviamente, nunca tinha rescindido a ordem que uma vez deu a Riker — de matar Elena.

“Você corre para o seu mestre,” o vampiro disse sem aviso. “Como uma criança.”

“Raphael é meu amante, não meu mestre.” Ela se amaldiçoou por responder à provocação no instante em que as palavras deixaram sua boca.

“É isso o que você acha?” ele disse, e era um sussurro, suave e zombador em sua doçura. “Eles a chamam de bichinho do Raphael.”

Sua espinha ficou rígida, as palavras próximas demais daquelas que Raphael disse quando ela acordou. “Como está aquela bolsa que sua senhora fez?” ela perguntou, o lembrando de que Michaela, uma vez, arrancou a pele de suas costas e, depois, a conservou. “Ela ainda está cuidando bem dela?”

“Do melhor jeito.” O tom dele não mudou, e isso era o mais assustador de tudo. Riker tinha chegado tão fundo no abismo que ele gostava. “O seu mestre está vindo.”

Recusando-se a responder à provocação, ela esperou até que Raphael se aproximasse, ficando ao lado dela. “Michaela não está contente,” foram suas primeiras palavras.

“Você se importa?”

*Nós estamos na casa dela, Elena. As regras do anfitrião se aplicam.* Ela tentou moderar seu tom, mas era difícil, o seus sentidos de caçadora empurrando-a com uma força cada vez maior. “Eu posso sentir o vampiro que levou Sam. O cheiro vai naquela direção.”

*“Siga-o.” Michaela está furiosa, porém, mais do que isso, ela quer ver você humilhada.*

*Então, ela vai ficar decepcionada.* Mas, isso a incomodou, o fato de que o outro arcanjo estaria tão certo do fracasso de Elena, porque o vampiro que sequestrou Sam tinha estado ali, sem condições, sem desculpas. A mordida azeda de laranja, a doçura de chocolate — ela quase podia sentir o gosto.

Era tão forte, tão rico, que ela quase perdeu o cheiro escondido debaixo.

*Neve caindo em maçãs.*

# 15

“Sam.” Foi menos que um sussurro quando ela começou a correr, muito mais interessada nesse suave cheiro do que naquele que a trouxe aqui. O corredor acabava em uma porta, um pesado pedaço de madeira entalhado que tinha sido envernizado até que brilhasse em um âmbar escuro.

Suas palmas bateram na porta quando ela parou. “Ele está aí atrás.”

“Não, ele não está.” A voz de Michaela atravessou o ar quando ela apareceu à esquerda deles, seu rosto e corpo intocados mais uma vez. Um testemunho silencioso ao poder de um arcanjo. “Eu vou gostar de puni-la por violar minha casa sem razão.”

“Não haverá punição,” Raphael disse. “Ela está sob minha proteção.”

Michaela sorriu, ligeiramente, satisfeita, cruel. “Mas, ela não o aceita como seu mestre. Você não pode permanecer como o escudo dela.”

E Elena sabia que Michaela não via a hora de fazê-la gritar. Não importava. “Abra essa porta.”

Michaela acenou uma mão lentamente para Riker. “Faça como a caçadora diz.”

Elena arredou para evitar contato físico com o vampiro quando ele se moveu para executar a ordem da sua senhora. A porta balançou para o lado de dentro, revelando um quarto envolto em sombras, exceto pelo fraco prata da lua refletido pela neve. Elena não precisava de luz para achar seu alvo. Andando no interior do cômodo, ela dirigiu-se de maneira certa ao que se revelou ser um grande baú quando Riker acendeu as luzes fixadas na parede, o seu brilho um fraco mel.

“Um bebê imortal pode sobreviver sem ar?” ela sussurrou desesperadamente enquanto lutava para levantar a tampa pesada.

“Por um tempo,” foi a fria resposta quando Raphael assumiu a tarefa, enquanto Illium permanecia de guarda.

Pela primeira vez na sua vida, Elena desejava estar errada, que Sam não estivesse naquele baú. Mas o Grupo dos Dez tinha contratado-a porque era a melhor—ela não cometia erros. “Oh Deus!” O instinto a impeliu a alcançar o seu interior, mas ela hesitou a um centímetro de distância daquele pequeno corpo curvado. “Eu vou machucá-lo.” Ele estava tão ensanguentado, tão quebrado.

“Nós temos que levá-lo para os curadores.”

Acenando, ela trouxe aquele corpo contorcido em seus braços. As asas de Sam tinham sido esmagadas, os ossos frágeis provavelmente despedaçados. A maior parte do sangue vinha do que parecia ser um ferimento na sua cabeça, assim como de um corte em seu peito. Um peito que não estava se movendo. *Deus, por favor. "Ele está vivo?"*

Raphael, seu rosto uma máscara de pedra, tocou as bochechas do garoto, e foi somente nessa hora que Elena viu o *sekhem* marcado naquela pele delicada.

"Sim, ele vive."

Raiva era um furacão no seu interior, ela segurou Sam tão perto quanto se atrevia e foi passar por Michaela, mas a arcanjo estava encarando Sam, com uma expressão tão arrasada em seu rosto que Elena sentiu sua garganta se fechar, seu pé se enraizar no chão.

"Ele está vivo?" a arcanjo perguntou, como se não tivesse ouvido uma única palavra do que tinha acontecido até aquele momento.

"Sim," Raphael respondeu. "Ele vive."

"Eu não posso curá-lo," Michaela disse, olhando para suas mãos como se pertencessem a um estranho. "Raphael, eu não posso *curá-lo*."

Raphael foi à frente para colocar uma mão no ombro da arcanjo. "Ele ficará bem, Michaela. Agora nós precisamos ir."

Elena, já na porta com Illium, esperou somente até que Raphael estivesse no corredor para entregar sua preciosa carga. "Você é mais rápido. Vá."

Raphael foi sem dizer mais nada. Elena estava prestes a seguir quando ouviu Michaela dizer, "Eu não fiz isso." Era um som quebrado.

Chocada, ela olhou para trás para ver Riker ajoelhando-se ao lado de sua senhora, suas asas gloriosas arrastando-se no chão quando ela desmoronou no chão. "Eu não fiz isso," ela repetiu.

Riker tirou o cabelo de Michaela de seu rosto, a devoção em seus olhos era algo brilhante e cego. "Você não fez isso," ele disse, como se fosse uma confirmação. "Você não poderia."

"Elena" — os lábios de Illium roçando sua orelha — "nós temos que ir."

Virando sua cabeça novamente, ela seguiu a direção dele, não falando nada até que estivessem no ar gelado. "Eu já a tinha compreendido," Elena disse em um sussurro baixo, consciente do grande número de vampiros que rodeavam a casa. "Ela era a Rainha Vadia e isso era tudo."

"Uma grande parte dela é exatamente isso."

“Mas, o que nós vimos hoje... de onde veio aquilo?”

Ela sentiu Illium hesitar. Quando suas palavras vieram, eram abafadas. “Anjos não têm muitos jovens. É a nossa pior dor perder um filho.”

*Michaela perdeu um filho.*

O conhecimento a abalou, desviando sua compreensão de Michaela em uma direção totalmente inesperada. “Então, esse desgraçado não tinha o objetivo de machucar Sam, na verdade não.” De algum modo, isso tornava o fato ainda pior. “Ele tinha o objetivo de machucar Michaela.”

“Ou,” Illium disse, “o alvo dele era mais alto. Titus e Charisemnon já estão brigando por causa de uma garota que Charisemnon jura não ter pegado, mas Titus jura que sim. Independentemente se esse anjo tem alguma coisa a ver com isso, ou simplesmente se inspirou com a situação, os dois estão presos no mundinho deles, alheios às preocupações externas.”

Os pedaços se encaixavam. “Ele falhou em colocar Elijah contra Raphael, mas se você não tivesse me puxado, se Riker tivesse conseguido tocar em mim —”

“Raphael iria atrás de vingança.”

“Sam foi uma *isca*?” O estômago dela revirou.

“Se a armadilha tivesse funcionado, isso tiraria mais dois arcanjos da equação.”

Enfraquecendo o Grupo, dando espaço para um jogo de poder que transformaria um sociopata em arcanjo. “Eu preciso checar a área,” ela disse, forçando-se a pensar em meio à natureza abominável desse ato, para ignorar a angustiante visão do sangue de Sam em suas mãos, em suas roupas. “Há uma chance de que o vampiro tenha fugido a pé.”

Illium puxou sua espada. “Vá.”

Os vampiros de Michaela cheiravam a muita coisa—cravo da índia e eucalipto, Borgonha<sup>12</sup> e ágar<sup>13</sup>, com essências básicas tão distintas quanto sândalo<sup>14</sup> e o mais rico beijo de cereja. Mas, não havia nem um traço cítrico, de laranjas mergulhadas em chocolate. “Nada,” ela disse mais de trinta minutos depois, tendo checado um raio de quase cem metros ao redor da casa, vivamente consciente de sua audiência silenciosa.

Alguns vampiros tinham saído para o exterior, os olhos brilhando enquanto a acompanhavam. Um tinha até sorrido. Ela ficou mais do que aliviada de estar armada até os dentes.

“Você quer fazer uma varredura pelo ar?”

---

<sup>12</sup> Tipo de vinho

<sup>13</sup> Gel feito de algas que é utilizado na indústria alimentícia.

<sup>14</sup> Tipo de árvore

“Sim.” Mas, ela não estava esperançosa, não com tanto tempo tendo passado.

Illium percorreu com Elena a propriedade várias vezes, mas ela tinha que balançar sua cabeça no final. “Não.” Eles não falaram novamente até que ele os trouxe a uma suave aterrissagem em frente a um baixo prédio branco que se misturava harmoniosamente com a fina cobertura de neve. “Um hospital?”

Um curto aceno. “Este é o Medica<sup>15</sup>.”

Ela caminhou para dentro... e quase caiu da plataforma em direção ao ar. Illium a pegou quando ela recuou. “Merda,” ela murmurou, seu coração disparado. “Eu vou me lembrar disso!”

“Isso vai se tornar como uma segunda natureza depois de algum tempo.”

Esfregando seu rosto, ela olhou para baixo. Asas encheram sua visão, uma centena de tonalidades distintas, mil padrões únicos. E ela ainda não podia ver o fundo do espaço cavernoso—o que significava que o prédio era mais do que três andares abaixo do solo. “Esta é a sala de espera?”

“Eles estão aqui por causa do Sam,” Illium disse, deslizando seus braços—musculosos e familiares agora—ao redor dela em uma quente carícia. “Venha, eu a levarei até ele.”

*Isso não será necessário.* Elena se viu sendo puxada da plataforma por um arcanjo, suas palmas pressionadas contra o seu peito enquanto ele os levava para baixo rumo à cascata de asas e ao vasto espaço bem ao fundo. “Você foi capaz de rastrear o vampiro além da casa de Michaela?”

“Não. Parece que o anjo cúmplice o trouxe até lá e, depois, levou embora.” Ela manteve sua mente nos aspectos técnicos, sem saber se poderia lidar com o assunto da agressão a Sam. O pobre bebê devia ter sentido tanto medo. “A questão é—como eles conseguiram entrar na casa, para início de conversa? A segurança dela é impressionante.”

“Mas, os homens dela são leais?” Palavras potentes com a mais fria das fúrias quando eles entraram em uma área totalmente silenciosa. *Riker pode ser a sua criatura, mas ela ainda não quebrou a todos eles.* “Venha, você precisa conhecer Keir.”

Ela foi responder, mas as palavras ficaram presas na garganta. “Sam.” O invólucro de vidro em frente a ela estava iluminado por uma suave luz branca. O corpo frágil de Sam, deitado inconsciente em uma grande cama no meio, suas asas atadas em algum tipo de estrutura metálica que as esticavam nos lençóis. Sua mãe sentada ao seu lado, encostando-se no abraço de um anjo com vastos cabelos e ombros sólidos. Sam estava

<sup>15</sup> Termo em latim que se refere a um ramo da ciência médica que lida com as fontes, a natureza, as propriedades e a preparação de substâncias usadas na cura (drogas). O termo foi utilizado no período compreendido entre o Império Romano e o século XX, mas hoje normalmente é substituído pelo termo farmacologia.

gravemente ferido, mas, ele parecia melhor do que estava quando ela o pegou em seus braços pela primeira vez. “Eu estou imaginando isso?”

“Não.” O gosto do vento, do mar, limpo e fresco, uma garantia implícita. “Ele recuperou um pouco do seu espírito durante o voo para o Medica.”

Deslizando sua mão na dele, ela apertou em um alívio silencioso no momento em que um anjo virou a esquina no lado oposto. O homem tinha talvez 1,68 de altura e era tão magro quanto um garoto de dezoito anos de idade. Seus olhos inclinados para cima eram de um castanho caloroso, seu cabelo preto moldando um rosto moreno que era bonito de uma forma quase feminina, seu queixo pontudo, sua boca exuberante. O que o salvava era a confiança com a qual ele se portava, aquela sensação de masculinidade que simplesmente estava *lá*.

“Eu sinto como se o conhecesse,” Elena murmurou, encarando aquele rosto que desafiava classificação. Ele podia ter nascido no Egito, na Indonésia, em milhares de lugares diferentes.

A mão de Raphael libertou a dela para se curvar ao redor de seu pescoço. “Keir cuidou de você enquanto você dormia.”

“E algumas vezes”—um sorriso naquela boca perfeita—“eu cantava para você, embora Illium me implorasse para parar.”

Palavras suaves, mas aquele sorriso... velho, tão *velho*. Os ossos de Elena suspiraram com o conhecimento de que apesar do fato dele parecer um adolescente prestes a se tornar adulto, Keir tinha visto mais amanheceres do que ela podia imaginar.

“Você está mantendo Sam inconsciente?” Elena perguntou.

“Sim. Ele é jovem demais para se lembrar de não mover as asas, então nós não o traremos de volta à sua consciência total até que os seus ossos tenham se unido novamente.”

Os dedos de Raphael se apertaram na pele dela. “Algum dos seus ferimentos pode causar dano permanente?”

Elena encarou o vidro com medo. “Anjos podem ser feridos dessa forma?”

“Quando somos muito jovens,” Keir disse, “sim. Alguns ferimentos levam séculos para se curar totalmente.” Olhos castanhos se demoraram no rosto de Raphael. “É preciso uma implacável força de vontade para sobreviver a tamanha dor, mas Sam não precisará disso. Ele não tem ferimentos que levarão mais de um mês para se curar.”

Elena pressionou a palma de sua mão no vidro. “Eu não consigo entender a maldade que pode levar alguém a fazer isso.”

Dedos roçando o pulso no seu pescoço, a fúria do seu arcanjo tão ferozmente contida, ela se perguntou o que isso custava a ele. “Você já viu inocentes se afogarem em sangue, e ainda pergunta?”

“Bill,” ela disse, se referindo ao caçador que massacrara uma série de garotos antes de Elena acabar com a sua vida, “fez o que fez por causa de uma doença mental que acabou com a alma do homem que ele era. Mas este foi um ato calculado.” A marca na bochecha de Sam, o mais horroroso dos abusos, tinha sido coberta por uma atadura. “Aquilo irá desaparecer antes que ele acorde?”

“Eu garantirei que sim.” O tom de Keir se tornou tão frio que era como se ele fosse outro homem, um homem que nunca conheceu a misericórdia de um curador e nunca conheceria. “Este é um ato que ameaça manchar o Refúgio para sempre.”

Raphael encarou o vidro. “A mente dele?”

“Ele é jovem.” Um longo olhar em direção à Raphael. “Os jovens são resilientes.”

“Mas cicatrizes permanecem.”

“Algumas vezes, as cicatrizes são o que nos fazem ser quem somos.”

Elena se perguntou a respeito das cicatrizes que marcaram o filho de dois arcanjos, se um dia ele as compartilharia com ela. Ela não forçaria, sabia muito bem quanto velhas feridas podiam doer. Um ano. Um século. Isso pouco importava quando se tratava do coração. As cicatrizes formadas naquela cozinha do subúrbio, quando ela mal tinha feito dez anos de idade, tinham marcado-a permanentemente. Elas marcaram seu pai também, mas de uma forma diferente. Jeffrey Deveraux tinha escolhido lidar com isso apagando sua primeira mulher e suas duas filhas mais velhas da sua memória.

Suas unhas cravaram na palma de sua mão. “Eu vou ver se consigo encontrar algum rastro do vampiro.” A cidade era enorme, mas ela podia dar sorte—e era melhor do que não fazer nada.

“Eu voltarei com você,” Raphael disse. “Fique bem, Keir.”

O outro anjo levantou sua mão em um pequeno aceno enquanto eles iam embora.

“Os seus curadores têm habilidades especiais?” Elena perguntou.

“Alguns sim. Outros são mais parecidos com médicos humanos.”

“Eles devem ter visto coisas que variam desde sanguessugas a transfusões e transplantes de órgãos.” Chegando à sala de espera, ela envolveu seus braços ao redor de Raphael e deixou que ele a levasse para a plataforma.



As asas de Illium eram uma sombra azul em meio a neve quando eles saíram, seu rosto voltado para cima, em direção aos flocos de neve caindo silenciosamente do céu da noite. “A água, Ellie,” ele disse, “apagará os cheiros.”

“Merda.” Água era o que acabava com qualquer esperança de se ter um rastro de cheiro. Derretendo alguns flocos na palma de sua mão, ela tentou pensar positivo. “Algumas vezes, neve não é tão ruim — uma vez, eu consegui rastrear um vampiro porque a neve tinha retido o seu cheiro em vez de apagar.”

“Então, você precisa correr.” Raphael envolveu a cintura dela com suas mãos. “Illium, Naasir acha que pode ter encontrado algo no quadrante norte.”

Os olhos de Illium quase brilharam contra as linhas suaves de seu rosto. “Eu vou ajudá-lo a checar isso.”

Pressionando seus lábios na orelha de Raphael, Elena perguntou algo que estava cozinhando no fundo da sua mente. “Illium está ficando mais forte?”

*Ele foi ferido gravemente por Uram, entrou em um profundo sono de cura conhecido como anshara. Foi a primeira vez que ele fez isso — algumas vezes, há uma mudança em um homem depois do anshara.*

“Quão forte ele vai ficar?”

*Imprevisível.* Ele efetuou uma curva para baixo, o vento frio bateu no rosto dela. *Nós estamos na área próxima à casa de Sam.*

“Nada no ar. Coloque-me no chão—eu vou ver se consigo rastreá-lo através da neve.”

Mas, isso, também, se mostrou infrutífero. “Não é uma total perda de tempo.” Ela retirou um floco que caiu em seus cílios. “Está tão frio, a neve não vai derreter tão cedo. Isso me dá tempo de procurar pelo Refúgio.”

“O quão longe você pode captar um cheiro com essa neve?”

“Uns dois metros, no máximo”

Raphael olhou para cima. “O céus abrirão hoje à noite.”

“Então, eu acho que ficaremos acordados.” Elena encontrou a tempestade da meia noite dos olhos dele, sentiu-se forçada a alcançá-lo, acariciar sua bochecha. “Nós encontraremos os desgraçados.”

Ele não se suavizou sob seu toque, não se tornou nem um pouco menos distante. “O fato de eles terem se atrevido a pegar uma criança, demonstra uma profunda perversidade, uma perversidade que precisa ser extinta antes que infecte toda a nossa raça.”

“Nazarach e os outros?”

“Todos eles estavam à vista.”

“Claro que estavam.”

“Não importa se o anjo comandando isso não participou do ato físico—sua corrupção é a raiz disso. O que foi feito com Noel merecia a morte. O que foi feito com Sam... a morte seria uma misericórdia.”

Luz iluminou as pontas dos dedos dela que tocavam a pele de Raphael. Ela temia seu poder, seria uma tola se não temesse. Mas, ela não podia deixá-lo cruzar aquela linha, não podia deixar a caçada arrastá-lo para o abismo.

“Raphael.”

“Há,” Raphael murmurou, cerrando as pálpebras para abrigar o gelo de seu olhar, “uma música sombria nos gritos de seu inimigo.”

“Não,” ela sussurrou, tentando alcançá-lo. Crueldade, como ele uma vez a disse, parecia ser um sintoma da idade e do poder. Mas, ela se recusava a se render a isso, a deixá-lo ser consumido pela violência da sua própria força. “Não.”

Mas, ele não estava escutando. “Você não gostaria de enfiar um punhal na garganta dele, Elena?” A mão dele fechada ao redor da garganta dela, sensual, gentil, letal. “Você não gostaria de vê-lo implorar por sua vida?”

# 16

“Parte de mim,” Elena sussurrou, admitindo a necessidade de raiva interior, “quer fazer exatamente isso, quer torturar o desgraçado até que ele choramingue, até que ele se arraste.”

“Mas você vai ter pena dele quando a hora chegar.”

“Meu coração é humano.” E aquele coração era dele. Ignorando a mão que ainda tinha em torno de sua garganta, ela puxou a cabeça dele para baixo. Quando seus lábios se encontraram, ela sentiu a queimação lenta do poder dele crescer até que pulsava contra cada centímetro de sua carne. Foi um lembrete de que não importa que ela tivesse asas, ela era muito mortal em relação a este arcanjo.

Sua energia a rodeava, embebia-a em todos os poros, tomando os lábios dela com uma crueldade terrível e bela. Não houve qualquer tentativa de machucar, nenhuma dor. Não, Raphael beijou-a como o imortal que era—com a habilidade desumana de um homem que beijara muitas mulheres ao longo dos tempos, seus rostos tinham de ser um borrão agora. Era uma exposição direta e inconfundível do coração cruel que bate no seu peito.

*Você não consegue me assustar, pensou para ele.*

*Uma mentira, Caçadora da Sociedade. Eu posso sentir seu coração batendo como um coelho preso.*

*Eu seria estúpida em não ter medo. Mas eu não vou me afastar de nós só porque você está sentindo um pouco mais irritado.*

Uma fração de segundo quando seus lábios pararam, então ela os sentiu se curvarem, a mão de sua garganta se enguendo para pegar seu rosto. A incandescente queimação de seu poder sumiu, foi substituído pelo toque erótico de sua pele. *Só você ousaria dizer isso para mim.*

Necessitando respirar, ela rompeu o beijo, o corpo inteiro uma chama sussurrante. Cara, mas o arcanjo sabia beijar. “Nós temos que ir.”

Um pequeno aceno de cabeça, seu cabelo deslizando pela testa antes que o vento o empurrasse para trás. “Por onde você quer começar?”

“Que tal a escola—ele poderia ter estado observando Sam ou a outras crianças para decidir qual levar.”

O rosto de Raphael ficou parado, mas, embora seus olhos se tornaram um azul anil escuro iluminado por dentro, ele não flamejou com poder novamente. “Eu voarei com você até o terreno da escola.”

No entanto, embora Elena tenha procurado até as primeiras horas da manhã, quando a neve começou a cair em camadas brancas, ela não encontrou nem mesmo o menor traço do vampiro que pusera mãos brutais em uma criança em um lugar destinado a ser o mais seguro dos refúgios. Mais irritada do que qualquer outra coisa, ela entrou em seu quarto e começou a despir a roupa de neve molhada, seus machucados rígidos de frio.

“Permita-me.” Raphael colocou as mãos em seus ombros. “Suas asas estão se arrastando no chão.”

“Eu estou cansada,” admitiu ela, permitindo-lhe tirar suas mangas, desamarrar as alças de seu top, e puxá-lo de seu corpo. “Estou acostumado a ser mais forte do que as pessoas ao meu redor. Aqui, eu sou pateticamente fraca.”

Um beijo na pele nua do ombro, mãos quentes em seu estômago. “Força vem de muitas formas, Caçadora. A sua é mais profunda do que você sabe.”

Recostando-se nele, ela deixou seu corpo relaxar, confiando nele para mantê-la ereta. “Isso é bom. Ter alguém para me segurar quando eu estou cansada.” Era uma intimidade, um presente que ela nunca esperara.

Uma longa pausa. Outro beijo no ombro dela, aquelas mãos tranquilamente possessivas. “Sim.”

Tinha sido um salto no escuro admitir tanto, que ela estava começando a depender dele—ela, uma mulher que não dependera de homem nenhum desde o dia em que seu pai a jogou na rua—mas ela nunca esperara que ele honraria a sua confiança com a sua própria. Fechando as mãos sobre as dele, ela baixou a cabeça para um lado, expondo o pescoço.

Ele entendeu o recado, beijando uma linha até a curva do pescoço. “Chuveiro?”

“Banheira.” Ela não achava que poderia ficar de pé sozinha.

“Você vai cair no sono.” Os lábios dele se pressionaram no batimento acelerado do seu pulso, a força possessiva do corpo alcançando sua exaustão para despertar a mais primitiva das necessidades. *Mas eu vou segurar você em pé.*

Lá estava outro beijo, uma oferta. “Promete?”

“Prometo.”

Com a parte de cima do corpo nua, ela ficou no lugar enquanto ele permanecia atrás dela.

“Tantos machucados.” Suas mãos eram gentis sobre eles, a voz mantendo uma margem de raiva.

“Acostume-se a isso,” ela disse com uma risada. “Eu pareço ter a habilidade de me meter em encrenca.”

Um lento sorriso contra sua bochecha, as mãos no fecho das calças. “Como você fez na primeira vez que nos encontramos.”

Quando ela estava totalmente nua, as calças chutadas para longe, ela ergueu as mãos para trás para envolver os braços em volta do pescoço dele, arqueando o corpo em uma alongada sinuosa.

“Elena.” Um aviso rouco mesmo quando suas mãos acariciavam suas costelas para se fecharem sobre os seios.

A respiração abalada com a necessidade, ela se empurrou para ele, os mamilos arqueando-se para um toque mais brusco. “Mais.” Uma exigência descarada.

“Ao seu comando, Caçadora.”

Seus pensamentos se dividiram quando ele beliscou os mamilos, enviando uma dor aguda e repentina diretamente ao calor entre suas coxas. Ela se moveu, inquieta, querendo algo que somente ele poderia lhe dar.

“Raphael.” Os lábios dele encontraram os dela quando ela inclinou a cabeça para alcançá-lo, as mãos amenizando a dor que ele despertou com movimentos lentos e fáceis. Ele estava contendo a intensidade, a paixão restrita. Interrompendo o beijo, ela encontrou o cobalto resplandecente dos seus olhos. “Eu acho que ganhei meu segundo fôlego.”

O mais leve dos sorrisos, uma mão deixando seu seio para deslizar para baixo no seu corpo e sobre superfície plana sensível de seu estomago para circular o umbigo. Ela contorceu-se. “Faz cócegas.” A parte de trás esfregou em sua excitação, tornando líquido o calor entre suas pernas.

Quando ele moveu a mão para mais embaixo, ela não resistiu, permitindo que ele a separasse com uma intimidade decidida. Ele brincou com ela, agitando o polegar sobre feixe de terminações nervosas ultrassensíveis na parte de cima, mas sem lhe dar a forte pressão que ela necessitava. Estremecendo, ela moveu o corpo contra ele, tentando, estimulando... importunando.

Ele roçou os dentes ao longo do seu pescoço. “Fazer isso fará você ser punida.”

“Oooh, estou com medo.”

Ele beliscou seu clitóris. Prazer entrou em curto circuito no seu organismo, o corpo apertando-se em um arco, pronto, tão pronto... mas a pressão diminuiu um momento cedo

demais. "Raphael." Uma queixa sensual, a pele dela brilhando com uma fina camada de suor.

"Eu avisei você," era um lembrete íntimo quando ele introduziu dois dedos dentro dela, bombeando forte e profundo. Ela o guiou, guiou aqueles dedos perversos, a respiração vindo em ásperos pequenos intervalos, seu corpo movendo-se por vontade própria. Em seu seio, a outra mão dele era uma marca possessiva, modelando e dando forma. A boca tocou seu pescoço, seu ombro, os lábios marcando-a sem hesitação, sem nenhuma tentativa de esconder que aquilo era exatamente o que ele estava fazendo.

*Tão apertada e macia e minha.*

Abertamente possessivo, ardentemente masculino.

A parte de trás dela esfregou contra ele a cada ondulação de seu corpo, levando-a à excitação extrema. "Eu preciso de mais."

*Você não pode ter meu pau, Elena.*

Ela tremeu, tentando encontrar suas ideias. "Por que não? Eu gosto muito dele."

Com isso ela ganhou outra roçada provocadora em seu clitóris. Faíscas chamejaram por trás de suas pálpebras, e ela mal o ouviu através do zumbido na cabeça.

*Você não é forte o suficiente para suportar o que eu quero fazer com você.*

Meio louca pela necessidade, ela o montou mais forte, mais rápido. "Dê-me mais."

*Você tem certeza?* Uma explícita questão sexual.

*"Sim."*

Ela gritou quando ele abriu os dedos dentro dela, fazendo espaço para um terceiro. O volume extremo a atirou ao limite. Então ele pressionou o clitóris com o polegar e ela caiu. O orgasmo sacudiu através dela, uma fote e quase violenta liberação, que a deixou mole em seus braços.

Raphael aspirou o cheiro da satisfação de Elena, contendo a paixão escura dentro de si a mais estreita das margens, paixão que arrebatava as restrições, faminta para tomá-la com uma fúria que ele não estava certo de que ela sobreviveria mesmo em plena força.

Um ano em que esperara por ela. Um ano em que ouvira apenas o silêncio quando ele falou com ela. Ele não tinha muita paciência de sobra. "Logo," ele murmurou, dirigindo-se à necessidade voraz dentro dele.

Quando ele começou a retirar os dedos da apertada maciez de seu corpo, a necessidade o chutou forte, fazendo seu pênis pulsar. Ele queria jogá-la na cama, abrir

suas pernas bem abertas, e enfiar. *Eu vou morder seus seios*, disse a ela, removendo os dedos no seu tempo, apreciando a forma como ela apertou-lhe enquanto ele falava. *Mas, principalmente, eu planejo te foder até você não pode andar.*

Seu corpo teve espasmos, e ele percebeu que sua caçadora estava pronta uma vez mais. Tirando vantagem, ele deslizou um dedo de volta em seu corpo, o segundo não mais capaz de entrar, agora que ela estava tão luxuriamente inchada de prazer. *Depois de me saciar-me, vou espalhar suas pernas, fazer com que você mantenha-as abertas para mim.*

Uma lenta e demorada estocada.

*“Raphael.”* Sua voz era rouca.

*Então eu vou saborear a doce e arredondada carne entre suas coxas.*

Outra estocada, uma outra pontada de dor de prazer quando as nádegas dela esfregaram em seu pênis.

*Minha, Elena, você é minha.*

Movendo uma mão, ele a puxou para trás com os dedos em seu queixo e tomou sua boca enquanto ele dava-lhe uma carícia final e requintadamente íntima que a empurrou ao orgasmo uma vez mais. Sua sexualidade era terrena, selvagem, honesta. Era um canto de sereia para ele que enevoava seu cérebro, ameaçando fazê-lo perder todo o controle.

Segurando-a quando ela finalmente caiu do pico, ele tirou o dedo e manobrou seu redor até que ele pudesse pegá-la em seus braços, as asas moles como seus membros. Mas desta vez a fraqueza que viera da paixão estava bem saciada. Mesmo se ele não tivesse sentido a prova úmida disso em seus dedos, o seu olhar escurecido quando ela olhou para ele por debaixo cílios era toda a prova que ele precisava.

*Você não joga limpo, Arcanjo.*

Ela tão raramente iniciava o contato mental que ele saboreou-o. *Nem você. Meu pau está prestes a estourar.*

*“Eu prometo deixá-lo melhor.”*

Soprar a respiração entre os dentes cerrados, ele a colocou em pé no chuveiro, então esticou o braço e ligou a água fria. Ela gritou quando a água a atingiu, batendo as mãos no peito dele ainda vestido. *“Tire-me daqui!”*

*“Você é um anjo,”* disse ele, todo encharcado. *“Você não é tão sensível ao frio assim.”* Mas ele ligou o aquecimento.

Ela o encarou. *“Isso foi por quê?”*

Ele esperou em silêncio.

“Bom,” disse ela depois de alguns segundos, “estou feliz que você esteja sofrendo.”

Ele era um ser que vivera mais de mil anos, pensava que ele perdera há muito tempo a capacidade de realmente rir. Esta noite ele sentiu o humor puxar seus lábios, apesar do fato de que seu corpo permanecia dolorosamente duro com a necessidade, o seu sangue fervendo. “Isso não foi muito agradável de sua parte, Elena.”

Um olhar desconfiado enquanto ela tirava o cabelo do rosto.

“Afinal, eu levei você ao prazer duas vezes.”

“Nós estamos mantendo um placar agora?” Os olhos dela brilharam.

“Claro.”

Seu nariz se enrugou, e então ela não podia mais segurar, sua risada borbulhando em uma onda de puro leite. Isso o atingiu bem no coração que ele não estava certo de que ele ainda tinha antes de conhecer Elena. Segurando-a embaixo da água, ele enterrou o rosto na umidade de seu cabelo e sorriu. *Quando você estiver de volta com força total, você vai ficar muito ocupada tirando o atraso.*

Seus braços rodearam o pescoço dele, o corpo pressionado ao seu em um tipo aberto de afeição que ele sabia que era raro para a sua caçadora. Confiança, ele pensou, ela estava começando a confiar nele. Medo era uma emoção que ele não sentira durante séculos—não até a noite que Elena jazia quebrada em seus braços, em uma Manhattan que tinha se tornado uma zona de guerra—mas agora, ele sussurrava em suas veias.

A confiança de Elena não era dada facilmente.

Mas poderia ser tão facilmente perdida.

“Você está planejando tirar sua roupa?” Os dedos dela já estavam nos botões de sua camisa. Movendo-se para trás, ele a deixou despi-lo, a deixou provocá-lo, a permitiu fazê-lo uma fração mais humano.

Meia hora depois, Raphael assistiu Elena ceder ao sono, os cílios palidos contra a pele com toque de ouro que falava de uma terra de pôres-do-sol alaranjados e mercados prósperos, encantadores de serpentes e mulheres cobertas com olhos delineados com kohl<sup>16</sup>, suas asas espalhadas em uma amplidão da meia-noite e alvorecer enquanto ela deitava de frente. Aquelas asas, as asas de um guerreiro nato, eram um realce apropriado à sua força. Mas era a mulher, pensou ele, ajoelhando-se ao lado da cama por um instante, que era o verdadeiro tesouro.

---

<sup>16</sup> Um cosmético parecido com o delineador líquido, utilizado por mulheres orientais.



Afastando os cabelos do seu rosto, ele correu as costas de sua mão pela sua bochecha. *Minha*. A possessividade tinha crescido cada vez mais forte desde que ela concordara em ser sua amante. Ele sabia que só iria aumentar. Porque em todos os seus séculos de existência, nunca antes ele tivera uma amante que considerasse sua em todos os níveis. Ele mataria por ela, destruiria por ela, atacaria ferozmente qualquer um que ousasse tentar tirá-la dele.

E ele nunca iria deixá-la ir... mesmo que ela implorasse por liberdade.

Levantando-se, saiu do quarto pelas portas da varanda, fechando-as delicadamente atrás de si. A neve tinha parado de cair, deixando o Refúgio vestido na sombra de inocência. *Proteja-a*, ele disse ao anjo sobrevoando o céu.

A resposta de Galen foi rápida. *Eu não deixarei nada chegar a ela*.

Raphael sabia que Galen não estava convencido sobre Elena, mas o anjo tinha dado sua palavra—e nenhum dos Sete jamais trairia Raphael. Decolando em um mergulho íngreme, tocou com sua mente a de Elena que descansava—o ato tornara-se hábito após o ano que ela passara trancada em um sono que ele não fora capaz de penetrar.

O silêncio tinha sido interminável. Implacável.

Hoje ele sentiu a exaustão dela, a mente em paz, livre dos sonhos que tão frequentemente a perseguiram. Retirando-se, deixando-a com seu descanso, ele cortou o ar gelado em direção ao Medica. Foi quando ele estava prestes a mergulhar de sua posição acima dos domínios de Keir que ele sentiu outra mente tocar a sua.

*Michaela*.

# 17

A outra arcanjo veio à visão segundos mais tarde, as asas dela acobream em um céu que estava se transformando lentamente do pálido para brilhante. Ele esperou enquanto ela se levou a um constante pairar na frente dele. “O menino?” ela perguntou, sua expressão assombrada por uma agonia que ele sabia que teria feito o coração de Elena se preencher com pena, com simpatia.

Ele era mais velho, mais duro. Ele tinha visto Michaela acabar com vidas por um capricho, brincar com homens e anjos como se fosse com peças de xadrez. Mas nisso... ela ganhou o direito de saber. “Ele vai sarar.”

Um arrepio percorreu o corpo dela, um corpo tão bonito que tinha feito dos reis bobos e provocado a morte de pelo menos um arcanjo. Neha pode ser a Rainha das Serpentes, mas Raphael estava certo de que foi Michaela quem tinha ajudado a empurrar Uram ao ponto de sem retorno, incitando-o com o mais venenoso dos sussurros.

“Sua caçadora,” disse Michaela, não fazendo nenhum esforço para esconder seu desagrado, “ela foi capaz de pegar a trilha?”

“Não por baixo da neve. Há indicações de que o vampiro foi ajudado por um anjo.” E se esse conhecimento vazasse para a população em geral, iria devastar o que sobrou do equilíbrio do refúgio. “Você precisa verificar o seu pessoal.”

O rosto dela se transformou em uma máscara de pedra, seus ossos laminando contra sua pele. “Oh, eu vou.” Uma pausa, seus olhos penetrantes, mesmo no escuro. “Você não acha que o meu pessoal é fiel a mim.”

“Pouco importa o que eu penso.” O que ele acreditava era que o medo por si só, moldado por capricho arbitrário, jamais proveria a fidelidade. “Eu tenho que ir. Elena vai tentar rastrear o cheiro de novo quando ela acordar.”

“Ela continua tão fraca como um mortal.”

“Adeus, Michaela.” Se ela acreditava que Elena era fraca, esse era seu erro.

Ele pousou ao lado do Medica com um silêncio nascido de um milhão de pousos, a neve dificilmente levantando em torno dele. O edifício estava sereno, vazio, mas ele sabia que tanto os anjos como os vampiros voltariam com o nascer do sol, para se assegurar de que Sam vivia, que seu coração ainda batia.

Até então, Raphael iria vigiá-lo.

Elena acordou sabendo que ela estava nos braços de um arcanjo, o sol riscando seu caminho para o quarto nos dedos dourados. “Que horas são?”

“Você só dormiu algumas horas,” Raphael disse a ela, sua respiração uma carícia íntima contra o pescoço dela. “Você se sente forte o suficiente para continuar a busca?”

“Oh, a busca está acontecendo,” disse ela, roubando um único momento para saborear o calor selvagem dele. “É apenas uma questão de quão rápido eu vou ser capaz de ir.” Uma respiração profunda e ela se arrastou para fora da cama, suas asas mantidas perto de suas costas, até que ela estava de pé ao lado dele. Ela virou-se para encontrar Raphael olhando-a com aqueles olhos de um azul celeste, seu peito nu sedutoramente banhado pela luz solar.

“Elena.” Uma repreensão sutil.

Corando, ela passou por um rápido, mas abrangente, aquecimento. “Nada muito duro.” Seus olhos se voltaram para aquele corpo magnífico que ele não iria deixá-la tocar. “Eu posso precisar de uma massagem no final do dia, porém.”

“Isso poderia ser uma tentação muito extrema.”

Memórias acariciaram a mente dela, dos dedos dele provocando-a ao êxtase enquanto aquela voz profunda dizia a ela cada coisa imoral que ele planejava fazer. Sentindo o seu corpo excitar, ela se virou de uma face que poderia fazer até mesmo um caçador cair em pecado, e fez seu caminho para o banheiro. Depois de um banho rápido ela estava se sentindo um pouco mais humana.

*Humana.*

Não, ela não era mais isso. Mas ela não era um vampiro também. Ela se perguntava se seu pai iria achá-la mais aceitável agora, ou isso faria dela uma abominação maior ainda aos seus olhos?

*“Vá então, vai rolar na lama. Não se preocupe em voltar.”*

Ainda doía, aquela rejeição, o jeito que ele olhou para ela de trás da armação de metal fino de seus óculos. Após a morte de sua mãe ela tentou tanto ser o que Jeffrey Deveraux queria em uma filha, em seu herdeiro mais velho sobrevivente. A existência dela havia sido uma corda bamba, que vacilava constantemente sob seus pés apavorados. Ela nunca tinha estado confortável na Casa Grande, a casa que seu pai tinha comprado depois do sangue, da morte, dos gritos. Mas ela tentou. Até que um dia, a corda bamba estourou.

*Goteja.*

*Goteja.*

*Goteja.*

*“Sua fome faz a minha cantar, caçadora.”*

Ela endureceu em rejeição. “Não.”

Desligando a água, ela saiu e ficou com a toalha pressionada em seu rosto. Era real, aquele sussurro? Tinha que ser. Ela nunca esqueceria aquela voz baixa, sinuosa, aquele belo rosto que escondia a alma de um assassino. Mas ela tinha se esquecido das palavras, as tinha enterrado. As palavras... e o que veio depois.

*Elena.*

Puro, fresco, o mar e o vento. Ela se agarrou a isso. *Hey, eu vou sair em breve.*

*Eu posso sentir o seu medo.*

Ela não sabia como responder a isso, então ela não o fez. O cheiro do mar, a mordida fresca do vento, não desapareceram. Parte dela se perguntava se ele estava roubando seus segredos, mas outra parte dela estava feliz por ele não a ter deixado sozinha naquela casa que virou uma loja de destruição. *Raphael?*

Ele apareceu na porta, um ser que uma vez ela tinha atirado em terror. Um ser que agora segurava a própria alma dela em suas mãos. “Você precisa de mim?”

“Quanto você sabe?” Ela perguntou a ele. “Sobre a minha família?”

“Os fatos. Eu tinha te investigado plenamente antes do Grupo decidir contratar você.”

Ela sabia disso, mas agora ela encontrou seu olhar, emparedando seu coração repentinamente vulnerável. Ele poderia machucá-la tanto. “Você tomou mais do que os fatos de mim?”

“O que você acha?”

“Eu acho que você está acostumado a tomar o que você quer.”

“Sim.” Um aceno lento.

O coração dela ameaçou quebrar.

“Mas,” disse ele. “Estou começando a aprender o valor do que é dado livremente.” Caminhando, ele correu uma mão sobre o arco particularmente sensível da asa dela.

Ela estremeceu, capturada pelo magnetismo de um arcanjo que nunca seria nada perto da mortalidade. E então ele falou, seus olhos o azul infinito da parte mais profunda do oceano, infinito e puro além do descritível. “Eu não roubei os seus segredos, Elena.”

Tudo caiu aberto, emoção ameaçando levá-la. “Essa não é a resposta que eu esperava.”

Pegando uma toalha, ele moveu-se para trás dela e começou a secar suas asas com movimentos lentos, suaves. Tarde demais ela percebeu que, com ela segurando a toalha à sua frente, suas costas inteiras estavam descobertas aos olhos dele.

“O rubor está varrendo suas costas.” Ele deslizou o cabelo dela sobre um ombro, pressionando um beijo na pele delicada de sua nuca.

Ela estremeceu, tentou levantar suas asas para que ela pudesse deslizar a toalha em volta de seu corpo.

“Não.” Acariciando com a mão para baixo da curva de sua coluna vertebral e sobre suas nádegas, ele arrastou seus dedos de volta.

Ela encontrou-se se elevando na ponta dos pés para escapar do tormento delicioso. “Raphael.”

“Você vai me contar seus segredos?”

Seus pés se abaixaram até o chão em uma onda de dor e medo. Recostada nele, ela deixou cair a cabeça no seu peito. “Alguns segredos doem demais.”

Ele correu a mão para baixo da asa dela novamente, mas desta vez, a sensação parecia mais conforto. “Nós temos a eternidade,” disse ele, um braço vindo em volta do pescoço dela pela frente.

Ela sentiu seu coração saltar uma batida na segurança em seu tom. “Nessa eternidade, você vai me contar seus segredos?”

“Não compartilhei meus segredos por mais nasceres do sol do que você pode imaginar.” Ele puxou-a ainda mais perto. “Mas até que eu a conheci, eu nunca tinha possuído uma caçadora, também.”

Havia algo de estranho em rastrear cheiros pelo Refúgio. Não era apenas que ela parecia estar desenvolvendo a habilidade de rastrear anjos—que ia e vinha, os cheiros novos estáticos no fundo de sua mente—era que ela podia sentir os olhos nela a cada passo do caminho. “Você pensaria que eles nunca tinham visto um caçador antes,” ela murmurou baixinho.

Illium, caminhando ao lado dela, interesse vivido em seus próprios olhos, tomou as suas palavras como uma pergunta. “Muitos deles não.”

“Eu acho.” Ela franziu a testa enquanto ela pegou uma sugestão de um cheiro que puxava seus instintos, mas ele se esvaiu tão rápido, ela não pode identificar todos os elementos que o compunham. “Talvez eles estejam apenas checando você.” Peito nu e com músculos flexíveis de um homem que sabia usar o seu corpo, ele era, como Sara iria chamá-lo “deliciosamente mordível”.

Um sorriso perverso. “Suas asas estão arrastando na neve.”

Olhando para trás, ela viu a ponta branca incrustada com gelo. “Não me admira que elas sentiam-se entorpecidas.” Ela puxou as asas para cima, percebendo que tinha entrado uma das principais vias. Ela se alvoroçava com a atividade, mas por baixo de tudo estava um zumbido de raiva letal. “Todos os vampiros conhecem este lugar?”

“Não, só os mais confiáveis.”

O que tornava o rapto de Sam ainda mais distinto. Mas, claro, todos sabiam que o vampiro tinha sido nada além de uma ferramenta. Era o anjo que importava, o anjo que ia ser morto da forma mais dolorosa conhecida pelos imortais—e eles tiveram muito tempo para renovar com os métodos de tortura. Pegando uma sugestão cítrica momentânea, ela dobrou para a esquerda, para uma seção quase livre de olhos angelicais. “Há quaisquer laranjas nesta direção?”

“Não. Eles estão nas partes de Astaad e Favashi do Refúgio.”

*Chocolate. Laranjas. Fraco, tão fraco.*

Descendo para um joelho, ela afastou a neve com a mão nua, tendo aprendido que enquanto ela sentia o frio, ela não estava em perigo de congelamento.

“Eu poderia cavar para você,” Illium se ofereceu, agachando-se em frente a ela, sua testa quase tocando a dela quando ele se inclinou. Uma de suas penas flutuou para o chão, um tom exótico contra o branco imaculado. “Eu deveria?”

Ela balançou a cabeça. “Eu preciso chegar até embaixo, camada por camada, no caso da neve ter prendido seu—” Seus dedos roçando em algo duro, mais frio que a neve. “Parece um pingente ou uma moeda.” Tirando a mancha branca que derreteu em contato com a pele, ela virou ele para captar a luz.

Sua respiração se transformou em gelo em seu peito.

“Esse é o símbolo de Lijuan.” A voz de Illium era baixa, dura, a escolta descontraída dela substituída pelo homem que amputou as asas de seus inimigos com uma eficiência limpa.

“Sim.” Ela nunca esqueceria aquele anjo ajoelhado com uma cara de caveira enquanto ela vivesse. “Que tipo de um arcanjo usa isso como seu símbolo pessoal?”

Illium não respondeu, e ela realmente não esperava que ele respondesse. Lutando contra seu impulso instintivo de jogar a coisa perturbadora na fenda mais profunda que poderia encontrar, ela trouxe a medalha até seu nariz, e atraiu um longo suspiro.

*Bronze.*

*Ferro.*

*Gelo.*

*Laranjas cobertas em chocolate.*

“O vampiro tocou isso.” Querendo mais contato com o artefato, ela colocou na mão estendida de Illium. “Vamos.”

“Você pegou o cheiro?”

“Eu poderia ter pego.” Ela podia sentir aquilo se arrastando para ela, enterrado sob a neve, em constante risco de derreter se o sol de inverno se tornasse escaldante em uma das transições rápidas que ela tinha vindo a esperar aqui em cima.

Puxando esse fio tênue, ela começou a andar. “O que há lá embaixo?” Seu alvo era uma passagem coberta entre dois edifícios ordenadamente confinados. Parecia um buraco negro em lugar nenhum.

“Um pequeno jardim interno.” A espada de Illium fez um som de chiado quando ele a deslizou para fora de sua bainha. “Os anjos que residem aqui estão atualmente em Montreal, mas deveria haver uma lâmpada acesa na parede.”

“Vamos.” Ficou muito, muito escuro a menos de um metro para a passagem, mas a luz apareceu do outro lado não muito tempo depois. Ela acelerou o seu ritmo, saindo para a cena branca brilhante que os aguardava com um suspiro de alívio em silêncio.

Era, como Illium tinha dito, um jardim fechado, um retiro privado do mundo fora do alcance. No verão, era provável que transbordasse com flores, mas ele tinha uma espécie única de charme mesmo nos braços de inverno. A fonte no meio estava imóvel, as suas duas bacias superiores e a piscina cheia de neve. Mais neve cobria as estátuas que cercavam a piscina, algumas dentro, algumas fora, todos presos em movimento.

Andando mais, ela sentiu um inesperado deleite de uma centelha de vida dentro dela—as estátuas eram todas as crianças, cada rosto desenhado com uma mão amorosa. “Este é Sam!” Disse ela, vendo uma versão menor do anjo criança, um pé na fonte, com as mãos na borda, pura travessura em sua expressão. “E este é Issi.”

“Aodhan os usou como modelos.” Ao olhar interrogativo dela, ele acrescentou, “Um dos Sete.”

“Ele é talentoso.” Cada estátua era meticulosamente detalhada, até o botão em uma camisa rasgada ou o laço pendurado de um sapato abandonado. Enquanto ela circulou a obra de arte, seu sorriso desapareceu, seu intestino desvaneceu com o conhecimento de que alguém havia contaminado a este lugar.

*Laranjas mergulhadas em chocolate.*

E abaixo disso... *a feiura pútrida da decomposição iniciada há pouco.*





# 18

Fúria a circulou em uma fria onda, ela retirou neve suficiente da beirada para que pudesse se empoleirar. Ela não teve que limpar muito a fonte antes que seus dedos se chocassem contra a carne que se tornou azul por causa do frio. Retirando sua mão, ela lançou sua cabeça em direção a Illium. “Eu acho que acabamos de encontrar o vampiro que pegou Sam.”

“Outra profanação.” Os ossos da sua mão tornaram-se brancos contra a sua pele quando seus dedos se fecharam no cabo de sua espada. “Eu contei a Raphael.”

“Não Dmitri?” O segundo homem no comando lidava com qualquer tipo de problema, e com Raphael tendo marcado uma “discussão” logo cedo com Dahariel, ela pensou que o vampiro seria quem lidaria com isso.

“Ele foi para Nova York logo quando Sam foi encontrado,” Illium disse a ela, embainhando Relâmpago em um movimento fluído. “Venom é o mais novo entre nós. Com Galen tendo sido chamado pela Torre, existem alguns que podem ter ideias.”

Ela pensou em quanto tempo Raphael estava passando longe de sua Torre por causa dela, para dar-lhe tempo de se tornar forte o suficiente para enfrentar o mundo, se perguntou o que isso estava custando a ele. “Mas, se necessário, Venom poderia segurar um desafio tempo suficiente para a ajuda chegar?”

“Claro. Ele é um dos Sete.” O tom de Illium disse tudo sobre os requisitos necessários para compor aquele grupo super exclusivo. “A Torre também é construída para ser defensível. Existem mais de cem anjos e o mesmo número de vampiros de alto nível dentro ou ao redor da Torre a todo o momento.”

Um verdadeiro exército, ela pensou. Mas, arcanjos não governavam porque eram seres benevolentes. Eles reinavam porque tinham poder e não tinham medo de usá-lo para executar seus decretos. Naquele exato instante, um exemplo desse poder aterrissou no jardim—uma esquadra de anjos liderados por Galen.

O anjo de cabelos ruivos andou diretamente até a fonte, e foi a primeira vez que ela realmente teve a chance de examiná-lo. Ele parecia, ela estava surpresa de notar, com um brutamontes. Facilmente acima de 1,80 de altura, seus ombros eram largos, suas coxas grossas com músculo, seus bíceps—um deles rodeado por um arco de metal—eram de um homem que tinha herdado seu corpo, não os adquirido através de exercícios físicos em uma academia. E o seu rosto—maxilar quadrado, lábios sensuais, o tipo de boca que fazia as mulheres terem pensamentos quentes, pensamentos nada angelicais.

Os olhos dele cortaram em direção ao corpo. “Você acredita que esse é o vampiro que levou Sam?”

Dispersando sua perplexidade diante desse anjo que parecia tão real, tão humano, ela acenou. “Ele tem o exato cheiro e, até onde sei, ninguém nunca foi capaz de imitar bem o suficiente para enganar um caçador nato.”

Um curto aceno, cabelos ruivos pareciam chamas na luz do sol. “Dê-nos espaço para desenterrá-lo.”

Movendo-se, ela observou enquanto eles desenterravam e, depois, removiam o corpo, garantindo que eles não se esquecessem de nada. Como ela esperava, não havia cabeça—decapitação era a maneira mais eficiente de matar um vampiro, seguida logo depois pela carbonização. Deixando que Galen e suas tropas procurassem na fonte, e na área ao redor, pela cabeça, ela começou a percorrer o jardim. “Nenhum rastro,” ela finalmente murmurou, encarando a, agora vazia, fonte. “O vampiro foi jogado de cima.”

“Ou foi o líder ou um de seus seguidores anjos.” A voz familiar de Illium, suas asas o ponto mais vívido de cor em meio a todo o branco quando os anjos que vieram com Galen foram embora, levando o corpo com eles.

As asas de Galen a lembravam de um tartaranhão do norte<sup>17</sup>—um cinza escuro com listras que somente se tornavam visíveis quando ele as esticava em preparação para o voo. “A cabeça não está aqui,” o anjo ruivo começou quando houve uma rajada de vento, o poderoso movimento de asas levantando a neve.

Elena sentiu seu coração se surpreender novamente quando Raphael aterrissou. “Nós encontramos a cabeça,” ele disse, seu tom congelando o ar ao redor deles. “Ela foi deixada no travesseiro de Anoushka, com o *sekhem* marcado em sua testa.”

Elena tinha bastante certeza de que o vampiro deveria estar vivo para aquela humilhação. O seu medo quando ele percebeu que o chacal que ele venerava tinha se voltado contra ele deve ter sido agonizante—porque ele sabia exatamente o que estava vindo.

“Uma zombaria,” Galen disse. “Atingir Neha através de sua filha.”

“Ou uma jogada dupla muito inteligente,” Elena murmurou recordando as notas que leu sobre Anoushka. Inteligente, ambiciosa e com vários vampiros e anjos poderosos em sua corte, ela poderia fazer tudo isso. Mas, então, Nazarach e Dahariel também podiam.

“Se ela é uma vítima de verdade,” Illium disse, “como alguém chegou tão perto? Os guardas de Anoushka são mortais.”

---

<sup>17</sup> Tipo de pássaro

“Nenhuma segurança é absoluta. E está começando a parecer que esse anjo planejou os seus planos com meses de antecedência.”

“Jason?” Elena adivinhou.

Um aceno firme, o cabelo de Raphael um preto azulado sob o sol do inverno. “Um de seus homens conseguiu mandar uma mensagem da corte de Charisemnon—não há evidência de a garota ter alguma vez cruzado a fronteira. Ainda assim, Titus insiste que tem provas sob a forma de uma gravação que foi mandada a ele.”

Galen foi o próximo a falar. “Nós temos certeza de que a pessoa por trás disso ainda está no Refúgio?”

“Os jogos políticos podem muito bem ser comandados à distância, mas esses são pessoais demais. Ele está perto, ávido por ver os resultados dos seus atos.” A voz de Raphael possuía um afastamento que a assustou. A última vez que ele soou tão distante, ele acabou segurando-a sobre uma queda em espiral, um ser que poderia tê-la jogado só para que pudesse ouvi-la gritar.

O sangue dela corria como um trovão em seus ouvidos, ela teve que se focar para ouvir as próximas palavras dele.

“Ignore as distrações. Ele pode ter começado isso com o intento de provar seu poder, seu direito de se tornar membro do Grupo dos Dez, pode ter convencido a si mesmo de que esses atos levarão a esse objetivo—”

“—mas, realmente, o desgraçado apenas gosta dos seus joguinhos doentios,” Elena completou, suas vísceras se revirando. Porque esse tipo de sociopata? Ele não pararia até que fosse forçado. E ele já mostrou que tinha um gosto por crianças.

Olhos azuis cromo encontraram os seus. “Nossa mira não mudou. Nós caçamos pelo insulto sangrento a Noel, a Sam. E pela ameaça renovada à vida de Elena.”

Ela piscou, sentindo o sol aumentando o calor em sua pele. “O quê?”

“Uma adaga da Associação foi cravada na boca da cabeça deixada na cama de Anoushka.”

Fúria diante dos atos cruéis, diante da persistente zombaria à uma Associação que a deu uma família quando a sua própria a jogou fora como lixo, ela sentiu sua mente calma, seu cérebro congelar. “Laboratório forense?” Mesmo se ela não tivesse tido aquela conversa com Raphael sobre possíveis vestígios de provas no corpo espancado de Noel, ela teve uma intuição de que o Refúgio tinha um laboratório desses. Porque, embora, anjos possam parecer seres saídos de mitos e lendas, eles eram, a maior parte, implacavelmente práticos. Ela não se surpreenderia se eles tivessem um banco de DNA.

“O corpo está sendo processado,” Galen disse, “e eu vou mandar o pessoal examinar a cena mais uma vez, mas, eu acho que não vamos encontrar nada de valor, assim como aconteceu com Noel e Sam.”

“A única pista era o cheiro do vampiro morto,” Elena disse, sabendo que esse era o motivo dele ter morrido. Era perturbante saber que sua habilidade tinha assinado sua sentença de morte, mas, então, ele mesmo não tinha feito isso na noite em que decidiu ajudar a brutalizar uma criança? Sua mandíbula se apertou. “Nós sabemos quem ele era?”

“Ele parece um dos de Charisemnon,” Raphael disse. “Um vampiro mediano seduzido pela promessa de mais.”

Era um motivo tão humano que ela sabia que ele estava certo. Porque vampiros uma vez tinham sido humanos, afinal de contas. “Ainda só existem três possibilidades?”

“Nazarach, Dahariel e a própria princesa,” Illium confirmou.

“Algum dos três gosta de viver no passado?”

“Não.” Illium novamente. Anoushka mantém uma corte como sua mãe, mas, ela também possui uma fábrica química que fabrica venenos. Todos eles são familiarizados com modernas técnicas forenses.

“Então, voltamos ao básico, os observamos até que eles cometam um erro.”

“Nazarach,” Raphael disse, “tem estado sob constante vigilância desde o ataque à Noel, mas isso não prova sua inocência. Dahariel é de Astaad e vai requerer mais cuidado.”

“Mesmo com isso que foi feito a Sam?”

A resposta foi aquela de um arcanjo. “Dahariel é tão importante para o andamento do território de Astaad quanto Nazarach é para o meu.”

E Anoushka era filha de Neha. “Você não pode ir atrás deles sem arriscar uma guerra.”

“Dahariel pareceu indignado com o ataque a Sam,” Raphael disse, sua expressão impenetrável, “mas, sua casa é cheio de vampiros que quase choram com o som de asas de anjos.”

A mente de Elena voltou à última—e única—vez que viu Holly Chang. A mulher tinha ficado histérica com a visão das asas de Raphael após o trauma de ter sido forçada a testemunhar as atrocidades de Uram. O que Dahariel estava fazendo para obter a mesma reação de quase imortais que viveram centenas de anos?

Illium esticou a mão quando uma forte brisa levantou a neve no ar. Mas, isso não podia apagar o rastro remanescente da violência assassina. “O medalhão que nos trouxe até aqui.”

Pegando-o, Raphael traçou as linhas da esfera de metal como se procurasse por algo. Ela sabia que ele tinha encontrado quando seus dedos pararam. “Isso só poderia ter sido adquirido através da morte de um dos homens de Lijuan.”

“Você acha que ela está envolvida?” Elena perguntou.

“Não. Ela está ocupada demais brincando com os seus renascidos.” Ele fechou seus dedos ao redor do medalhão enquanto os pelos na nuca dela se arrepiaram com a lembrança da forma preferida de diversão de Lijuan. “Elena—o rastro?”

“A neve está derretendo,” ela disse, frustrada. “O rastro já era.”

“Paciência, caçadora,” Raphael disse com a confiança de um ser que tinha visto séculos passar. “Ele cometeu um erro matando um de seus próprios homens—medo vai soltar línguas.”

“Então, eu suponho que nós torcemos para que ele—ou ela,” ela adicionou, lembrando-se de Anoushka, “continue a atacar sua própria gente.” Ela encarou a fonte. “Pelo menos eles terão uma morte melhor do que se os pegarmos.”

O cheiro do vento, limpo e forte. *Eu diria que você está perdendo sua inocência, mas os seus pesadelos me dizem que você a perdeu há muito tempo.*

*Sim*, ela admitiu, dando a ele um vislumbre da parte mais secreta do seu coração. *Havia tanto sangue aquele dia. Eu podia vê-lo na minha pele mesmo no funeral.*

# 19

O dia seguinte trouxe uma surpresa indesejada. Com o rastro de cheiro tendo esfriado, e com o pessoal do Raphael trabalhando nas outras facetas da caçada, ela voltou a treinar para colocar seu corpo em forma para lutar—o anjo que já havia ferido dois dos homens de Raphael não a encontraria como o alvo fácil que ele parecia assumir que ela era. Ela tinha toda a intenção de enfiar uma adaga da Associação bem entre suas costelas quando ele viesse atrás dela.

Infelizmente, ela esqueceu que Dmitri tinha voltado para a Torre.

“Você estará morta dois segundos depois que ficar sem balas, se esse é o seu único meio de defesa.” Galen tomou sua arma, seu olhar verde pálido tão amigável quando o urso pardo local. “Armas secundárias?”

“Facas.” Ela nunca admitiria isso, nem em um milhão de anos, mas já estava começando a sentir falta da marca perversa do humor de Dmitri.

“Se você vai usar facas,” Galen disse enquanto ela entrava no ringue de treino, um círculo simples de terra batida em frente a uma grande estrutura de madeira sem janelas, “então, você precisa aprender a sacá-las sem cortar as suas asas.” Ele pegou o que pareceu ser um florete<sup>18</sup> na mesa, embora a guarda fosse muito mais simples que aquelas intrincadas que tinha visto na coleção de outro caçador. Passando a espada para ela, ele disse, “Eu preciso ver o que você sabe.”

“Eu disse facas,” ela disse a ele, deixando seu pulso cair quando testou o peso da lâmina. “Isso é muito mais longo do que qualquer coisa que eu já tenha usado.”

“Facas deixam você perto demais do alvo.” Ele estava repentinamente, no seu rosto, uma lâmina curta e letalmente afiada cortando sua garganta, seus seios esmagados contra o calor masculino do peito descoberto dele. “E você não é rápida o suficiente para ganhar contra outro anjo.”

Ela soltou a respiração com um silvo, mas não recuou. “Eu ainda poderia destripar você.”

“Não tão rápido quanto eu poderia cortar sua garganta. Mas, esse não é o objetivo do exercício.”

Sentindo sangue começando a pingar da sua garganta, ela calou sua raiva e pensou em suas opções com sangue frio. A sua mão da espada estava efetivamente inutilizada—

---

<sup>18</sup> Tipo de espada fina, utilizada na esgrima. Tem uma proteção de mão, chamada guarda.

ele estava próximo demais. Dada sua falta de força, sua outra mão não causaria muito dano, também.

*Exceto pelo fato de que asas de anjos eram extremamente sensíveis.*

Agarrando a asa dele com sua mão livre, ela trouxe a espada com a outra. Galen saiu de alcance, a faca desaparecendo tão rápido que ela mal captou o movimento. “Asas,” ela disse, percebendo que o desgraçado tinha ensinado-a algo criticamente importante, “me concedem vantagem em termos de surpreender um oponente, mas chegue perto demais e elas se tornam uma fraqueza.”

“Nesse estágio, sim.” Galen girou o florete que tinha pegado. A fina espada de duelo parecia delicada demais para sua grande mão. Ela apostaria sua fortuna recém-descoberta que sua arma pessoal de escolha era algo mais próximo de um sabre. Pesado, sólido, efetivo.

“Suponho que vou usar a besta<sup>19</sup> para chipar os vamps de agora em diante,” ela disse, pensando nostalgicamente nos colares que tinham sido seu método favorito de imobilizar seus alvos.

Embutidas com um chip que neutralizava um vampiro por meio de um novo rearranjo temporário do cérebro, as armas especiais eram apenas uma vantagem do caçador contra oponentes mais fortes e rápidos. Ela considerou adquirir algumas cópias bastante ilegais para uso pessoal, agora que estava rodeada por vampiros. Mas ela percebeu muito rápido que na primeira vez que usasse um, ela não apenas criaria uma bela confusão que poderia acabar com a Associação, como também custaria a Raphael a lealdade dos vampiros sob seu comando. Os chips eram rigorosamente regulados por uma razão—vampiros não queriam passar suas vidas olhando por cima de seus ombros.

Elena entendia exatamente como eles se sentiam—era horrível perder o controle sobre o seu corpo, se tornar uma marionete. O fato que importava era que a maioria ao redor dela, atualmente, era forte demais para ser afetado pelos chips. Esse era um segredo que ela levaria para o seu túmulo. Porque, algumas vezes, tudo que um caçador tinha era o elemento surpresa, a crença do vampiro de que ele tinha sido neutralizado.

“Você planeja retornar para a sua posição na Associação?” O tom de Galen era a personificação da desaprovação.

“O que mais eu vou fazer? Sentar e enfeitar?”

“Você é um risco.” Palavras frias, duras. “Em campo, você seria um alvo fácil para qualquer um que queira atingir o Raphael pegando você como refém.”

---

<sup>19</sup> Tipo de arma com aparência de espingarda, mas um arco na ponta que atira dardos mais curtos que flechas.

“É o porquê de eu estar aqui me enchendo de hematomas.” Ela não recuaria. “Raphael não quer uma princesa. Ele quer uma guerreira.”

*Minhas amantes sempre foram mulheres guerreiras.*

O seu arcanjo tinha dito isso a ela. E agora que eles tinham estabelecido os limites, ele estava usando suas habilidades, seus talentos. Ela não deixaria um mandão de cara amarrada mudar o maior alicerce do relacionamento deles.

“Ele quase morreu por sua causa.” Um corte da lâmina, tão perto que ela reagiu instintivamente para bloquear o golpe.

Girando, ela levantou o seu espadim. “Ele escolheu cair comigo.”

“Algumas vezes, até mesmo um arcanjo comete erros.” Um borrão de movimento.

Mas, ela leu os seus pés, já estava saindo do seu alcance. Quando ela se virou, foi para ver várias mechas do seu cabelo caindo na terra batida do ringue, cortadas de maneira precisa pela lâmina de Galen. Ele podia parecer um brutamontes, mas ele podia ser *mover*. “Eu acho que as restrições foram abandonadas.”

“Se elas tivessem sido, você estaria morta.” Retornando para uma postura de espera, ele olhou criticamente para a sua mão. “Você precisa mudar o seu modo de segurar a espada. A maneira como está segurando agora, eu poderia quebrar o seu pulso com um único golpe.”

“Mostre-me.”

Ele mostrou, adicionando, “O florete é, fundamentalmente, uma arma de estocada. Use isso.”

O resto da manhã passou de uma maneira cada vez mais cansativa.

Três horas depois, ela estava pingando suor e eles tinham atraído uma multidão de curiosos observadores. Galen não afrouxou, convocando-a em outra seção de treino. Ela podia sentir suas asas se arrastando, os músculos das suas pernas tremendo.

*Desgraçado.* Recusando-se a deixá-lo levá-la ao chão, ela evitou seus golpes com movimentos deliberadamente apáticos... até que ele baixou a guarda pela menor fração de segundo. Então, ela atacou. O florete atingiu o ombro dele, afundando vários centímetros.

Um vermelho escorreu pela pele morena do seu peito.

Uma arfada horrorizada dos observadores. Mas, Galen apenas torceu o seu corpo para longe da lâmina, baixou sua própria arma e estendeu sua mão para ela. “Bom. Você devia ter feito isso há uma hora.”



Desejando o apunhalar, ela entregou o florete. “Eu peguei o básico, mas levará tempo para eu me tornar eficiente com isso.” Tempo que ela não tinha.

“Nós focaremos em atirar facas mais tarde, mas você precisa de alguma habilidade com uma lâmina mais longa, caso você tenha que lutar em espaços reduzidos.” Olhos verdes pálidos presos nos dela. “Se você planeja sobreviver à ideia de baile de Lijuan, você precisa parar de agir como humana e ir diretamente à jugular.” Ele deixou o ringue de treino sem mais nenhuma palavra.

Tudo que ela queria fazer era cair em uma poça de gelatina, mas orgulho a manteve de pé.

Ninguém ficou no seu caminho quando ela deixou o ringue, embora ela tenha sentido olhos nela durante todo o caminho até a fortaleza de Raphael. Armas e facas, ela pensou enquanto entrava, eram os mais leves, mais versáteis armamentos para o dia-a-dia. O florete era um pouco longo demais, mas uma espada mais curta... sim, aquilo podia funcionar.

Pena pela miniatura do lança-chamas em seu estoque. Não seria exatamente fácil de carregá-lo por aí no dia-a-dia—e ainda que fosse eficiente contra vampiros, a arma somente enfureceria um anjo. O melhor que ela podia esperar com um anjo era inabilitar ele – ou ela – tempo suficiente para conseguir uma dianteira.

Ela estava tão ocupada repassando suas opções que levou vários minutos para perceber que tinha virado à direita ao invés da esquerda depois de entrar no corredor principal. Podia muito bem seguir em frente, ela pensou, exausta demais para voltar—a passagem iria, eventualmente, levá-la até o núcleo central. Esfregando sua nuca, ela viu que nas paredes daqui pendiam exuberantes sedas com tons de joias que se movimentavam com a brisa que entrava através das janelas acima. O carpete sob seus pés ecoava o tema, sendo de um rosa profundo acentuado com o menor traço de ametista<sup>20</sup>.

Uma risada carregada pelas correntes de ar.

Ela congelou, percebendo a importância dos seus arredores. Rico e exótico e quase vibrante demais, as cores a acariciavam com dedos de veludo. A última vez que tinha estado em um lugar tão saturado com sensualidade, tinha sido na ala dos vampiros na Torre. E Dmitri tinha quase fodido uma mulher na frente dela. Não importava que os dois estivessem vestidos; a loira miúda e curvilínea tinha estado a um suspiro de distância do orgasmo.

Era tarde demais para voltar. Enrijecendo sua espinha... e sentindo o cheiro familiar e primitivo de um tigre em caça, ela começou a se retirar. Mas, sua cabeça insistia em virar em direção a uma porta aberta, insistia em olhar aquelas costas musculosas e lisas de um

<sup>20</sup> A ametista é uma variedade violeta ou púrpura do quartzo, muito usada como ornamento.

perfeito marrom tocado pelo ouro, insistia em observar aquela cabeça com cabelos prata se curvar sobre o pescoço de uma mulher que suspirava em uma inconfundível submissão sexual.

Uma mulher com asas.

Seus pés ficaram presos no chão. Naasir estava se alimentando de um anjo, e pelos gemidos arfados dela, pela maneira como ela agarrava os seus bíceps, era óbvio quem tinha as rédeas. Incapaz de desviar o olhar, ela viu Naasir fechar os seus dedos sobre a carne de um seio farto. A cabeça do anjo pendeu para trás, expondo seu pescoço—implorando por outro beijo de sangue—quando ele levantou sua cabeça. Quando ele se virou. Quando aqueles olhos de platina líquidos seguraram os de Elena.

Estremecendo, ela girou sua própria cabeça de volta e continuou o seu caminho o mais rápido que suas pernas a carregariam. Foi um alívio sair no núcleo central da casa com seu teto abobadado e abundância de luz. *Santo Deus*. Havia sexo naqueles olhos, naquele rosto, mas também havia uma necessidade sombria, um desejo sombrio... como se ele, muito facilmente, pudesse rasgar o peito de sua amante e beber diretamente do seu coração ainda pulsante enquanto a fodia.

Calafrios percorreram sua espinha. Ela tinha pena do caçador que alguma vez já teve que rastrear aquela besta de olhos prata pela noite.

Vinte minutos depois, ela estava limpa, uma toalha enrolada em seu corpo enquanto ela se sentava na cama esfregando suas panturrilhas, e contemplando a caminhada para a aula de Jessamy. Mas, sua mente insistia em retornar ao cenário perturbador que tinha vislumbrado na ala dos vampiros, a estranheza de tudo isso repentinamente sobrepujando tudo.

Este lugar, com suas belezas e segredos perfurantes, sua violência envolta em paz, não era seu lar. Ela era mortal em seu coração—e não existiam mortais ali. Motoristas de taxis ranzinzas ziguezagueando em meio a chuva, banqueiros de investimento elegantemente vestidos com telefones celulares cirurgicamente acoplados às orelhas, caçadores contundidos e ensanguentados contando piadas após uma difícil caçada—essa era a vida dela. E ela sentia falta de tudo isso até não conseguir respirar.

*Sara entenderia.*

Segurando a toalha mais firmemente ao redor de si—asas e tudo—ela pegou o telefone. Desejando desesperadamente que sua melhor amiga estivesse acordada, ela ouviu o telefone chamar na outra linha.

“Olá.” Um tom masculino e profundo, tão acolhedor quanto Sara teria sido.

“Deacon, sou eu.”

“Ellie, é bom ouvir sua voz.”

“É bom ouvir você também.” Fechando a sua mão em punho na toalha, ela expulsou lágrimas inesperadas. “É tarde aí?”

“Não. Eu estava assistindo *Vila Sésamo* com a Zoe. Ela acabou de dormir.”

“Como ela está?” Elena odiava o fato de ter perdido um ano da vida de sua afilhada.

“Pegou um pequeno resfriado,” Deacon disse. “Mas, o Slayer já a tem de volta.”

Elena sorriu diante da referência ao cão dos infernos babão que pensava que Zoe era *dele*. “Sara?”

“Vocês duas devem ter uma linha direta funcionando.” Humor tranquilo, bem Deacon mesmo. “Ela estava prestes a ligar para você, mas teve que sair como um raio logo após o jantar. Os últimos dias foram difíceis na Associação—quase perdeu um de seus caçadores.”

O coração de Elena se chocou contra suas costelas. “Quem?”

“Ashwini.” Ele falou da caçadora que primeiro contou à Elena sobre Nazarach. “Ela foi encurralada por um grupo de vampiros em algum beco de Boston—aparentemente eles queriam se vingar porque ela rastreou um deles que fugiu. Eles a cortaram bem feio.”

“Eles estão mortos?” Uma pergunta fria.

“Ash matou dois, feriu os outros. A tinta não estava nem seca nas ordens de execução quando as cabeças deles foram entregues à Associação, entrega expressa.”

“Provavelmente o anjo deles.” Em sua maioria, anjos *não* gostavam de vampiros agindo descontroladamente. Era ruim para os negócios. “Ash está bem?”

“Os médicos dizem que não ocorreu dano permanente. Um mês de recuperação no máximo.”

Alívio fez o seu corpo todo tremer. “Graças a Deus.”

“E quanto a você, Ellie?”

A preocupação naquelas palavras a fez engolir em seco. “Eu estou bem. Acostumando-me a esse novo corpo. As coisas não funcionam do mesmo modo, entende?”

“Eu tenho uma ideia para uma besta especial para você.”

“É?”

“Eu vou desenhá-la para que você possa amarrar em um braço confortavelmente, ao invés de amarrá-la nas costas. Dessa forma, você não terá que se preocupar com suas asas.”

“Parece muito bom.”

“O que você acha de flechas ultraleves? Elas farão o trabalho sem pesá-la durante o voo.”

“Você pode fazê-la de modo que carregue automaticamente?” Galen podia ir comer suas palavras, ela pensou. Infantilidade, sim, mas isso a fez se sentir melhor. “Eu preciso de velocidade.”

“Algo com pequenas lâminas de serras giratórias pode ser melhor—deixe-me trabalhar nisso. Você pode usar os dardos para chipar e as lâminas para defesa séria.” Uma pausa. “Você vai voltar para a Sociedade?”

“Claro.” Ela era caçadora nata. Asas não mudaram isso.

Raphael encontrou os olhos de Neha na tela montada na parede. A Rainha das Cobras, dos Venenos, sentou em uma cadeira entalhada de cor clara que brilhava. O brilho não fazia nada para esconder o fato de que os entalhes eram milhares de serpentes contorcidas, suas escamas captando a luz quando Neha se recostou, o bindi<sup>21</sup> em sua testa uma pequena cobra dourada.

“Raphael.” Os lábios dela—vermelhos, exuberantes, venenosos—entreabertos. “Eu ouvi dizer que há problemas no Refúgio.”

“Um anjo que procura tornar-se um arcanjo.”

“Sim, assim minha filha me disse.” Ela acenou uma mão elegantemente bem modelada, as pulseiras em seu pulso fazendo um delicado tinido. “Sempre há um que procura subir acima da sua posição.” Alcançando, ela pegou algo, a seda do seu sári<sup>22</sup> cor de esmeralda fazendo um leve ruído. “Mas, eu concordo, esse precisa ser punido de uma maneira que nunca será esquecida. Nossas crianças são raras demais para serem usadas como peões.”

Raphael sabia que, apesar da maneira como ela tinha se expressado, Neha era um dos poucos membros do Grupo dos Dez que tratava crianças humanas da mesma maneira preciosa. Isso não a impedia de acabar com vidas adultas—mas, qualquer órfão resultante crescia em meio a uma vida de luxo venenoso, as memórias das mortes agonizantes de seus pais apagadas de suas mentes.

<sup>21</sup> O Sagrado Ponto Bindi é uma maquiagem utilizada na testa pelas mulheres indianas.

<sup>22</sup> O sári é um traje nacional das mulheres indianas, constituído de uma longa peça de pano que envolve e cobre todo o corpo.

“Anoushka,” ela disse agora, acariciando a jibóia que colocou em seu colo, “diz que você sabe do desagradável objeto que foi deixado na cama dela.”

“Vocês têm muitos inimigos.” E Anoushka, ele pensou, estava começando a montar um exército próprio.

A mão dela moveu-se pela pele azul-esverdeada da cobra, insinuante, sensual, como se ela estivesse acariciando um amante. “Sim.”

“Você ouviu algo dos outros que possa ajudar na caçada?” Aquele a quem eles procuravam pode muito bem ter cometido erros em quaisquer atos que antecederam os ataques dentro do Refúgio.

“Titus e Charisemnon fecharam suas fronteiras—ninguém do meu pessoal pode entrar ou sair.” Uma luz de irritação encheu aqueles olhos escuros. “Favashi mencionou algo sobre perder alguns de seus vampiros mais velhos dois meses atrás. Ela ainda não rastreou o criminoso.” Dessa vez, Raphael viu uma clara descrença.

Neha, ele sabia, teria matado e continuado matando até que alguém confessasse. Não era a melhor maneira de se chegar à verdade—mas, então, a Rainha dos Venenos nunca tinha tido uma rebelião em suas terras. “Como está Eris?” Foi só quando as palavras deixaram sua boca que ele percebeu que tinha mentido para Elena. *Havia* outra relação de longa duração envolvendo um arcanjo. Mas, não tinha sido uma mentira com intenção—ele simplesmente tinha se esquecido de Eris, como a maioria se esquecia.

“Ele vive.” As palavras de Neha eram frias em sua total exatidão. “Anoushka está investigando seu pessoal para encontrar o traidor que sujou sua cama. Eu o manterei informado se ela descobrir qualquer coisa de valor.”

Quando ele terminou a conexão, Raphael pensou na última vez que viu Eris.

Há trezentos anos.

## 20

Elena estava lendo um dossiê de eventos atuais em um canto da sala de aula enquanto as crianças criavam presentes para Sam usando artes e habilidades, quando o mar bateu em sua mente.

*Algo aconteceu, ela pensou antes que Raphael pudesse falar, esquadrinhando a sala de aula com os olhos desesperados para se assegurar que todos estavam presentes. Não outra criança?*

*Lijuan enviou-lhe um presente.*

Sua alma gelou ao pensamento de que um anjo que usava a morte como símbolo consideraria um presente adequado. *Você sabe o que é?*

*Está chaveado com o seu sangue.*

Ela não pode evitar um tremor. *Nós vamos visitar Sam. Eu chegarei depois.* Ela tinha a impressão de que o presente não a colocaria exatamente no estado de espírito correto para ver uma criança ferida.

*Venha ao meu escritório. Eu vou mandar alguém para guiá-la.*

*Qualquer um menos Galen.* Ela não tinha nada contra as suas habilidades como um mestre de armas—o bastardo era bom. Mas a sua antipatia por ela era tão sólida como rocha. E mesmo com a convivência tão curta, ela compreendeu que ele não era o tipo de homem que facilmente mudaria de ideia. Melhor salvar os dois dos agravos e evitar o contato desnecessário.

O mar começou a recuar. *Eu devo ir.*

Queria perguntar-lhe o que mais estava acontecendo, mas decidiu guardar suas perguntas até sua reunião sobre o “presente”. Por enquanto, ela iria focar nas crianças, sua empolgação infecciosa enquanto elas se preparavam para visitar seu amigo... não um arcanjo que encontraram prazer somente na morte.

Raphael voou para um canto distante do Refúgio, o eco do toque mental de Elena ainda ressonante em sua mente. Elijah estava esperando por ele em um afloramento rochoso longe dos olhares indiscretos, os cabelos dourados açoitados pelos ventos da montanha. Pousando, Raphael se juntou a ele na beira do penhasco. “O que você descobriu?”

“Eles não fecharam apenas as suas fronteiras,” o outro arcanjo respondeu. “Titus está se preparando para agir contra Charisemnon.”

Arcanjos não interferem nos assuntos uns dos outros, mesmo quando esses assuntos levavam à matança em massa, mas eles precisavam estar preparados. “Titus se recusa a aceitar que sua evidencia poderia ser falsa?”

“Ele não vai acreditar que um mero anjo poderia ter brincado com eles com tanta facilidade,” disse Elijah, “desencadeando uma guerra que os mantém presos em suas próprias terras enquanto este aspirante profana o Refúgio.”

Raphael olhava para os picos cobertos de branco além do desfiladeiro, pensando na política de não-interferência. “Mesmo em uma guerra de fronteira, milhares morrerão. E, no entanto, consideramos isso uma tarifa aceitável para manter o equilíbrio de poder dentro do Grupo.”

Elijah levou um longo tempo para responder. “Essa é uma declaração muito humana, Raphael.”

*“Então, ela matará você. Ela lhe tornará mortal.”*

Lijuan dissera isso para ele, depois de aconselhá-lo a matar Elena.

A mais velha Arcanjo estava certa—Elena tinha mudado alguma coisa nele. Ele sangrava mais rápido, curava-se mais lentamente. Mas também lhe fora dado o mais inesperado dos presentes. “Talvez isso me manterá racional quando eu chegar a idade de Lijuan.”

“Então um de nós é corajoso o suficiente para dizer isso.” Elijah assentiu. “Ela não é louca no sentido aceitado.”

“Sua mente não está doente,” Raphael concordou, “mas para as coisas que ela está usando aquela mente—não são as que ela teria feito se tivesse realmente pensando.” Lijuan não era há muito tempo nada perto do que era conhecida, mas ela sempre jogara o jogo político com a mente clara.

“Você tem certeza?” Elijah curvou-se para pegar uma pedra que de alguma forma acabara em um cume improdutivo. “Nenhum de nós testemunhamos a sua juventude, mas há rumores de que ela era fascinada com a morte mesmo assim. Alguns dizem... não, eu não posso lançar essa calúnia sobre ela sem provas.”

Raphael disse que o outro arcanjo não diria. “Que ela levou os mortos para sua cama.”

Um olhar afiado. “Você ouviu o rumor?”

“Você esquece, Elijah, os meus dois pais eram arcanjos.”

“Caliane e Nadiel conheceram Lijuan na sua juventude?”

“Não. Mas eles conheciam aqueles que conheceram.” E o que eles contaram a seus pais tinham rumores por trás do espesso véu de segredo. Porque mesmo então, Lijuan já havia se tornado um ser para ser temido.

“Agora que ela é a única anciã,” disse Elijah, a voz contemplativa. “Eles nos chamam de imortais, mas, nós, também, eventualmente, acabaremos como poeira nas areias do tempo.”

“Depois de milênios,” apontou Raphael. “Como diria Elena—você não fica curioso sobre o que nos espera do outro lado?”

“De acordo com muitos humanos, nós somos os mensageiros dos seus deuses.”

Raphael olhou para Elijah. “Depois de Lijuan, você é o mais antigo entre nós. Ela é uma semideusa em seu território. Você já considerou definir-se como um?”

“Eu vi o que acontece com aqueles que tomam esse caminho.” Elijah não olhou para Raphael, mas o que ele quis dizer ficou claro. “Mesmo se eu não tivesse, eu tenho Hannah. O que eu sinto por ela é muito real, muito deste mundo.”

Raphael pensou na maneira que seus pais amavam um ao outro, aquele poderoso, quase exaltado amor, comparado a o que ele sentia por Elena. Não havia nada exaltado sobre a forte dor em seu pênis quando ele a tocava, o desejo pulsante de sua necessidade. “Titus e Charisemnon irão chacinar centenas,” disse ele afinal, “mas é Lijuan que continua a ser a verdadeira ameaça.”

“Meus homens me disseram o seu exército do renascidos dobrou em número nos últimos seis meses.” E houveram boatos perturbadores que alguns de seus soldados eram mortos muito recentes—como se eles tivessem sido sacrificados para alimentar o abraço frio do poder de Lijuan. “Se ela soltá-los no mundo, isso irá agourar o início de uma nova Idade das Trevas.”

A última Idade das Trevas devastou civilizações que cresceram ao longo de milhares de anos, destruindo edifícios e obras de arte tão magníficas, que o mundo nunca mais conheceria seus equivalentes. Milhões e milhões de seres humanos morreram—danos colaterais de uma guerra entre os anjos.

Mas então, eles tinham lutado contra os exércitos dos mortos, pesadelos com corpos.

Elena observou criança após criança acompanhar Jessamy ao quarto de Sam. Keir trouxera o menino em um estado semi-acordado onde ele estava consciente do que estava acontecendo, mas não sentia nenhuma dor. Uma mistura caótica de felicidade e de raiva lhe rasgou enquanto o observava sorrir com os presentes que seus colegas haviam levado.



Como alguém poderia ser imoral o suficiente para ferir tal inocência?

*Pinga.*

*Pinga.*

*Pinga.*

*“Ela gosta disso, veja.”*

Dor disparou pelo seu queixo enquanto ela arrancou-se de volta ao presente, mas não era o bastante; suas horas de luz do dia já não estavam mais seguras da mão longa do pesadelo. Ela podia ver os olhos de Ari olhando fixos nos dela, aquele olhar turquesa brilhante ficando lentamente embaçado quando Slater cumpriu sua sede monstruosa. Ari tinha sussurrado a Elena para correr, mas sua própria irmã mais velha não fora capaz, as pernas não apenas quebradas como as de Belle, mas arrancado completamente, uma amputação bárbara.

Gravetos.

É o que os ossos quebrados de suas coxas pareceram, o sangue secando quando entrava em contato com o ar.

*“Ela não vai correr.” Uma risadinha. “Ela gosta disso, veja.”*

*“Você gostaria de vê-lo?”*

Girando em seu calcanhar, Elena olhou para o rosto assustado de Jessamy, sua mente bloqueada naquela inundada cozinha com um sofrimento que a perseguiria pela eternidade.

Jessamy a tocou com a mão hesitante. “Elena?”

“Sim,” disse ela, forçando as palavras a passar pelo martelo brutal de memória. “Sim, eu gostaria de ver Sam.”

“Entre.” Os olhos de Jessamy tinham uma preocupação silenciosa, mas ela não bisbilhotou. “Eu vou reunir as outras crianças de volta na sala de aula.”

Desenterrando um sorriso de algum lugar, Elena calou todo o resto e entrou no quarto de Sam. “Então,” disse ela, “é assim que você escapa de escrever as dissertações de Jessamy.”

Um brilho naquele olhar que ela se preocupara que ficaria para sempre baço. De acordo com Keir, Sam não se lembrava de nada do seu rapto—provavelmente resultado do ferimento na cabeça. Havia uma boa chance de que ele se lembraria depois, mas os curandeiros e seus pais planejaram prepará-lo para essa eventualidade. Até então, ele

estaria mais forte, esperançosamente mais capaz de processar os eventos daquela noite terrível.

"Não," Sam disse, sua voz rouca. "Ela disse que eu tenho de alcançar."

"Parece com ela," Elena sussurrou, em seguida, apontou para os presentes. "Você ganhou uma boa bolada."

"Você me trouxe um presente?"

Elena sorriu. "Eu já? Eu até pedi a seus pais se eu poderia dar isso a você."

Excitação o fez avançar. "O que é isso?"

"Ei, cuidado." Acomodando-o de volta na cama, ela enfiou a mão no bolso para tirar uma pequena adaga enfiada em uma bainha de metal primorosamente desenhada.

Os olhos de Sam ficaram enormes quando Elena a colocou em suas mãos. "Deram-me isso depois que eu terminei uma caçada para um anjo em Shikoku, Japão. Ele me disse que ela tinha mil anos de idade." Ela tocou o rubi na parte inferior do cabo. "A lenda é que este rubi foi uma vez parte do olho de um dragão."

Pequenos dedos correram reverentemente sobre a joia. "O que aconteceu com o dragão?"

"Ele era um ser antigo, que um dia, ele simplesmente decidiu dormir. Depois de um tempo, ele virou pedra, tornando-se a maior montanha que o mundo já viu." Enquanto ela falava, ela pode evitar senão lembrar as vezes que sua mãe contara histórias para ela e suas irmãs enquanto estavam tombadas na cama de seus pais.

Até mesmo Belle, muito legal para tudo, tinha se esparramado no chão, pintando as unhas do pé ou lendo revistas. Mas ela nunca virara uma página quando Mamãe contava suas histórias. Piscando para longe as imagens agridoces, Elena continuou a contar o conto que ela originalmente ouvira de um velho monge budista, enquanto estavam sentados bebendo chá verde ao lado de um jardim de areia imaculada. "Seus olhos se transformaram em rubis, suas escamas em diamantes, safiras e esmeraldas. Apenas um guerreiro foi corajoso o suficiente para se aventurar perto do dragão adormecido."

"O dragão acordou?"

"Sim." Ela se inclinou mais perto, a voz um sussurro conspiratório. "E porque o guerreiro tinha sido tão corajoso, o dragão deu-lhe um pedaço do seu olho."

"O resto?"

"Dizem que o dragão ainda dorme, e que se alguém é inteligente e corajoso o suficiente para encontrá-lo novamente, o dragão lhe dará as riquezas do mundo."

“Eu vou encontrar o dragão.” Os olhos de Sam se tornaram tão brilhantes quanto aquelas joias míticas. “E eu vou cuidar bem do seu presente.”

“Eu sei que você vai.” estendendo a mão, ela tirou os cachos negros desordenados daquele rosto doce, mantendo um apertado o aperto sobre a raiva que seus sentidos de caçadora zunindo por sangue. “Durma agora. Nós nos falaremos novamente depois.”

Keir entrou quando Elena se levantou. Ela observou-o acalmar Sam com suas mãos de pianista para embalar o menino em um sono profundo. “Ele irá guardar isso com estima, sabe,” o curandeiro disse, colocando a adaga cuidadosamente sobre a mesinha de cabeceira. “Este é o tipo de coisa que uma criança leva para a vida adulta.”

Elena deu um pequeno aceno de cabeça, mal mantendo os pés sob uma avalanche repentina de memória – como se seu subconsciente tivesse esperando para que os olhos de Sam se fechassem. Por que aqui? Por que agora? Nem Ari nem Belle, nem sua mãe, nunca tinha terminado em um hospital. Somente no necrotério.

*“Por que você a trouxe aqui?” Uma voz estridente feminina. “Ela é uma criança.”*

*Uma mão grande em torno da dela, dando-lhe a coragem para ficar firme. “Ela merece ver suas irmãs pela última vez.”*

*“Não assim!”*

*“Beth é muito jovem,” disse o homem, “mas Ellie não é. Ela sabe o que aconteceu. Santo Deus, ela viu tudo.”*

*“A mãe dela —”*

*“Grita cada vez que os medicamentos se enfraquecem, grita até que os médicos a mediquem novamente.” Palavras recortadas. “Não posso ajudar Marguerite, mas posso ajudar Ellie. Está tudo confuso em sua mente. Ela fica me perguntando se o monstro fez Arielle e Mirabelle igual a ele.”*

*“Eu não vou deixar você fazer isso.”*

*“Tente ficar no meu caminho.”*

*“Elena?”*

Murmurando um apressado adeus quando Keir olhou para ela com um olhar muito perceptivo, ela fez seu caminho para fora e entrou no corredor. Sua mente não conseguia parar de circular em torno da verdade que seu subconsciente tinha acabado expelir — Jeffrey a levava para ver suas irmãs. Ele brigara com sua tia, brigara contra a equipe do hospital, brigara com todos... porque ela precisava ver que Arielle e Mirabelle realmente tinham partido, que elas não tinham sido arrastadas para o mundo imundo de Slater.

*“Está tudo bem, Ellie.” Uma grande mão acariciando sua cabeça. Lágrimas naquela voz profunda. “Não há mais dor onde elas estão agora.”*

Ari e Belle *tinham* parecido em paz, apesar da forma como suas vidas terminaram, os olhos fechados em descanso, os corpos parecendo inteiros debaixo dos lençóis brancos. Elena apertara os lábios em cada bochecha fria, afagara seus cabelos, e disse adeus. Eles ficaram ao lado dos corpos por mais de uma hora até...

*“Tudo bem, papai.” Ela deslizou a mão na dele, olhando para o homem que sempre tinha sido o mais forte pilar no seu universo. “Podemos ir agora.”*

*Umidade brilhava naquele olhar cinza pálido que sempre fora tão firme, tão forte. “Sim?”*

*“Não chore.” Estendendo a mão quando ele se abaixou, ela enxugou aquelas lágrimas. “Elas não estão sofrendo mais.”*

Elena titubeou para um corredor lateral, sua mão tremendo enquanto ela se fortalecia. Ela sempre acreditara que tinha perdido seu pai no dia em que tudo terminou em sangue, mas ela estava errada. Ele ainda tinha sido seu pai naquela tarde no hospital, ainda fora um homem disposto a lutar pelo direito de sua filha de dizer adeus.

Quando tudo ficara errado? Quando seu pai tinha começado a tratá-la como repugnância para a qual ele não podia suportar olhar? E quantas memórias mais que ela tinha enterrado?

“Elena?”

Virando-se, ela se viu cara a cara com Keir, a sua expressão cuidadosa. “Você gostaria—”

Mas Elena já estava balançando a cabeça. “Sinto muito, mas eu tenho que ir.” Ela quase correu para a sala de espera, tomou as escadas escondidas para o nível superior. Suas asas se arrastando nos degraus projetados para vampiros, mas ela os venceu e saiu para o ar gelado, sem ser interrompido por mais ninguém.

O vento foi uma fria bofetada contra suas bochechas superaquecidas, o ar fresco um bálsamo bem-vindo. “Eu não quero me lembrar.” Um pensamento covarde, mas ela não era suficientemente forte para suportar o conhecimento pesadamente suspenso na beira do seu horizonte. Porque era mau. Pior do que qualquer outra coisa. E ela já estava lutando para sobreviver às memórias.

Uma tosse à sua esquerda. “Eu iria perguntar se você estava observando as estrelas, mas são só cinco horas.”

Suas costas ficaram rígidas. O que ela disse? Qualquer um, menos Galen. “Venom.”

# 21

O vampiro estava usando seus óculos escuros que são sua marca registrada, seus lábios retendo um traço familiar de zombaria. “Ao seu serviço.”

Ela percebeu que ele tinha que ter deixado Nova York assim que Dmitri chegou. “Vampiros sofrem de jet lag<sup>23</sup>?”

Venom tirou seus óculos, concedendo-lhe o impacto total daqueles olhos fendidos como os de uma cobra. Não importava que ela já os tivesse visto antes — sua pele ainda se arrepiava em um choque visceral, uma profunda resposta à estranha inteligência daqueles olhos. Parte dela se perguntava se foram apenas seus olhos que mudaram quando ele foi Feito — Venom pensava como um humano, ou seu intelecto era uma coisa muito mais fria?

“Oferecendo-se para amenizar minhas dores, caçadora?” o vampiro disse, passando sua língua sobre um longo incisivo e retirando-a com uma gotícula dourada cheia de veneno. “Eu estou tocado.”

“Apenas sendo amigável,” ela disse, pagando ironia com ironia.

As pupilas de Venom se contraíram um segundo antes dele deslizar os óculos de volta.

Ela não podia evitar. “Porque sua língua não é bifurcada?”

“Porque você não consegue voar?” Um sorriso afetado. “Essas coisas nas suas costas não são acessórios, você sabe.”

Ela deu-lhe o dedo, mas parte dela estava grata pela sua irritante presença. Ele a puxou firmemente para o presente, o passado trancado naquele armário onde ela preferia mantê-lo na maior parte do tempo. “Você não deveria agir como meu guia?”

Ele abanou uma mão. “Siga-me, senhora.”

Apesar de suas palavras, eles caminharam lado-a-lado enquanto ele a levava ao escritório principal de Raphael, algo que ela nem sabia que existia até aquele momento. “Como estão as coisas em Manhattan?” Ela falou tanto com Sara quanto com Ransom sobre isso, mas as impressões de um vampiro, especialmente um vampiro forte como Venom, eram provavelmente diferentes das de um humano.

---

<sup>23</sup> Jet Lag é aquele desconforto, aquela fadiga que o corpo sente quando se viaja ao longo de alguns ou vários fusos horários.

Claro, Venom não lhe deu nenhum tipo de resposta direta. “As pessoas estão começando a acreditar que os rumores de sua ressurreição foram muito exagerados. A maioria pensa que você está morta e enterrada em algum lugar. Tão triste.”

Ela ignorou a provocação deliberada. “A verdade ainda não foi descoberta? Eu sei que o pessoal do Raphael não falaria, mas os outros? Michaela?”

“Todos com inveja. Raphael é o primeiro arcanjo na memória viva a ter Feito um anjo.” Um olhar em direção a ela daquelas lentes espelhadas que não a mostrava nada além de seu próprio rosto flutuando na escuridão.

“Você é um prêmio único. Tenha cuidado para não ser caçada e colocada em alguma parede.”

Raphael estava sentado atrás de uma grande mesa preta quando ela entrou, tendo Venom deixado-a na porta. Déjà vu<sup>24</sup> a atingiu com uma força implacável. Ele tinha uma mesa como essa em sua Torre, também.

*“Se eu fosse deitá-la na minha mesa e introduzir meus dedos em você agora, eu acho que mudaria de ideia.”*

Raphael olhou para cima naquele instante, seus olhos ardendo com um calor inequivocamente sexual que dizia que ele sabia exatamente no que ela estava pensando. Segurando aquele olhar, ela fechou a porta e andou até ele com passos lentos e decididos. Em vez de parar quando alcançou o granito, ela subiu e, tirando os papéis do seu caminho, girou suas pernas para o outro lado, abrindo-as para envolvê-lo no meio delas.

O arcanjo colocou suas mãos em suas coxas. “Novamente você vem até mim com pesadelos em seus olhos.”

“Sim,” ela disse, passando suas mãos pelos cabelos dele. “Eu venho até você.” Era uma confiança que ela não concedeu a mais ninguém.

Ele apertou as suas coxas, aproximando-a sem qualquer esforço, fazendo com que seu coração disparasse. O Arcanjo de Nova York estava em um humor perigoso hoje. Inclinando-se ao mesmo tempo em que ele levantou sua cabeça, ela o beijou. A posição dominante dela durou um mísero segundo. Uma súbita mudança em seu aperto e ele a tinha em seu colo, suas pernas em ambos os lados das dele, o calor úmido entre suas coxas pressionado contra a linha rígida do seu pau.

Arfando com o inesperado, contato elétrico, ela levou um segundo para perceber que tinha aberto suas asas sobre a mesa dele. “Eu estou bagunçando seus papéis,” ela sussurrou contra lábios que a tinham tentado ao mais erótico dos pecados.

---

<sup>24</sup> Sensação de já ter visto, presenciado, uma situação antes.

Ele moveu sua mão para fechá-la sobre o seu seio.

Um choque de sensação. Sua espinha arqueou.

“Eu vou cobrar recompensa pelo seu mau comportamento em carne. Você está pronta para pagar?” Uma questão cheia de crueldade sensual que fez com que seus instintos de sobrevivência se agitassem em medo.

Mas, em vez de lutar, ela relaxou. Raphael, ela pensou, era mais do que aterrorizante o suficiente para banir o mais assustador dos pesadelos. Quando os dentes dele se fecharam sobre o pulso no seu pescoço, quando suas mãos arrancaram sua blusa para deixar a parte superior do seu corpo nua, ela agarrou seus ombros e apertou.

Então, aqueles fortes, dentes brancos moveram-se mais para baixo.

O estômago dela se agitou com uma mistura viciante de medo e desejo. “Raphael.”

Ele esticou sua língua, uma mão nas suas costas, a outra envolvendo seu seio de modo que ele pudesse lambe o mamilo com um foco lento que fez com que todo o seu corpo se enrijecesse em expectativa. “Você está planejando morder?” Foi uma pergunta rouca.

*Talvez.*

Ouvindo a crueldade nisso, ela encontrou-se hesitando, mesmo que seu corpo desejasse o toque dele. Ela estava perto de estar forte o suficiente para aceitar o Arcanjo de Nova York nesse tipo de humor?

*Você é minha companheira, Elena. Você não tem outra escolha além de aprender.*

Ele estava em sua mente, deslizando enquanto desejo provocava um curto-circuito nas defesas dela. “Será que algum dia você vai entender a necessidade de limites?” Ela mordeu o lábio dele, frustrada o suficiente para agir por instinto.

Os olhos dele tornaram-se escuros como a meia noite quando ele levantou a cabeça, seu polegar acariciando o pico que ele excitou com uma prontidão latejante. “Não.”

“Desculpe”—ela colocou os braços ao redor do pescoço dele—“você não escapa com respostas autoritárias comigo.” E ela não ia deixar que sua irritação cavasse um abismo entre eles. Essa coisa que os mantinha amarrados—essa emoção crua e dolorosa—valia a pena lutar por ela. “E eu nunca vou aceitar ser um fantoche. Não por Lijuan, e certamente não pelo homem que considero meu.”

Ele não respondeu, apenas a observou com aquele olhar altivo. Ele a observou como naquela primeira vez em que eles se conheceram. Na época, ela tinha tido medo de que ele a mataria. Agora, ela sabia que ele não faria isso. Mas... ele poderia machucá-la de maneiras que apenas um imortal podia. Ela devia ter recuado—mas, ela nunca foi o tipo de pessoa que fazia isso.

“O que,” ela disse, tocando o nariz dele com o dela em uma afeição silenciosa, em uma confiança que era um fio frágil que ele podia arrebentar com um único ato descuidado, “fez com que você ficasse de tão mau humor?”

O cheiro do mar aumentou, até que ela podia quase tocar a espuma\*. A pausa, cheia de coisas não faladas, era uma lâmina brilhante pendendo sobre suas cabeças. Suor começou a ser formar ao longo da sua espinha, mas ela continuou a segurá-lo, continuou a lutar por um relacionamento que tinha surgido do nada e tinha se tornado a coisa mais importante do seu universo.

*Elena.* Uma carícia em sua mente quando ele levou sua cabeça até a curva do pescoço dela.

Seu coração audível com o conhecimento de que o perigo tinha passado, ela passou suas mãos pelos cabelos dele, roçou seu rosto no dele. “Você tem seus próprios pesadelos,” ela disse, entendimento vindo até ela como a claridade depois da tempestade. “Eles estão ruins hoje.”

Ambos os braços ao redor dela, ele a puxou para ainda mais perto. Ela foi, precisando do calor dele tanto quanto ele precisava dela. E aquilo não era surpreendente? O Arcanjo de Nova York precisava dela? Ela, Elena Deveraux, Caçadora da Associação e filha indesejada. Apertando-o com um carinho feroz, ela pressionou seus lábios contra as têmporas dele, suas bochechas, qualquer parte dele que ela podia alcançar.

“Deve ser algo no ar,” ela pegou-se dizendo em uma voz tão silenciosa que era quase sem som. “Parece que eu não consigo parar de pensar na minha mãe, minhas irmãs.” Foi a primeira vez que ela falou dos seus pesadelos em voz alta. Mesmo sua melhor amiga não sabia da verdade da sua infância, da perversidade que a assombrava a ponto de em alguns dias ela mal conseguir respirar.

“Diga-me os nomes delas.” Uma respiração quente contra o seu pescoço, seus braços tão fortes ao redor dela.

“Você sabe.”

“Apenas fatos.”

“Minha mãe,” ela disse, segurando, segurando firme, “seu nome era Marguerite.”

*Elena.* Um beijo mental, seu cheiro envolvendo-a tão protetoramente quanto seus braços.

Seu lábio tremeu até que ela o prendeu entre seus dentes. “Ela estava nos Estados Unidos desde que casou com o meu pai, mas ela ainda falava com um sotaque parisiense. Ela era essa fascinante, adorável borboleta com sua risada e suas mãos ágeis. Eu costumava amar apenas ficar sentada na cozinha, ou no seu quarto de trabalho, observando minha mãe falar enquanto trabalhava.”



Marguerite tinha feito colchas, lindas peças únicas que tinham vendido por dinheiro o suficiente para que ela criasse uma pequena herança. Nada comparado à fortuna do seu marido, mas a dela tinha sido passada para suas filhas com amor, enquanto Jeffrey... “Ela nunca teria deixado meu pai fazer o que fez.”

“Ele vive apenas porque eu sei que você o ama.”

“Eu não devia, mas eu não consigo evitar.” Aquele amor estava enraizado muito fundo, tão fundo que até mesmo os anos de negligência não o tinha destruído completamente. “Eu costumava desejar que ele tivesse morrido ao invés da minha mãe, mas eu sei que minha mãe teria me odiado por pensar isso.”

“Sua mãe teria perdoado você.”

Elena queria acreditar tanto nisso que doía. “Ela era o coração da nossa família. Após a morte dela, *tudo* morreu.”

“Fale-me das suas irmãs.”

“Se Mamãe era o coração, então Ari e Belle eram a paz e a tempestade.” Elas deixaram um buraco na família Deveraux quando o sangue delas correu pelo chão.

*O rosto bonito de Slater, seus lábios coloridos com um vermelho brilhante.*

Ela agarrou-se à Raphael, afastando a imagem odiada com mãos desesperadas.

“Eu era a filha do meio e eu gostava disso. Beth era bebê, mas Ari e Belle me deixavam fazer coisas com elas algumas vezes.” Nenhuma palavra mais sairia, seu peito apertado com falta de ar.

“Eu não tive irmãos.”

As palavras foram inesperadas o suficiente para quebrar a sua angústia. Permanecendo no lugar, enrolada ao redor de Raphael como uma trepadeira, ela escutou.

“Nascimentos angelicais são raros, e meus pais tinham ambos milhares de anos quando eu nasci.” Cada nascimento era uma celebração, mas o seu tinha sido particularmente festejado. “Eu fui a primeira criança nascida de dois arcanjos em vários milênios.”

Elena, sua caçadora confiando nele para mantê-la segura, permanecia tranquila contra ele, mas ele podia sentir sua atenção, sua palma quente através do linho da sua camisa. Deslizando uma das suas mãos pelas suas costas nuas, lenta e facilmente, ele continuou a falar, continuou a compartilhar coisas que ele não falava em uma eternidade. “Mas, havia alguns que diziam que eu não deveria ter nascido.”

“Por quê?” Ela levantou sua cabeça, limpando seus olhos com golpes fortes das suas articulações. “Porque eles diriam isso?”

“Porque Nadiel e Caliane eram velhos demais.” Segurando-a perto o suficiente que os seios dela roçavam seu peito a cada respiração, ele moveu sua mão sobre a curva da cintura dela, do seu tórax, saboreando a sensação da sua pele contra a dele. “Havia a preocupação de que eles tinham começado a degenerar.”

Elena cerrou o cenho. “Eu não entendo. Imortalidade é imortalidade.”

“Mas, nós evoluímos,” ele disse. “Alguns de nós degeneramos.”

“Lijuan,” ela sussurrou. “Ela evoluiu?”

“Isso é o que dizemos, mas mesmo o Grupo dos Dez se pergunte no que ela está evoluindo.” Um pesadelo, isso era certo. Mas, um privado, ou um que devastaria o mundo?

Elena não era de modo algum estúpida. Ela entendeu em poucos segundos. “Esse é o porquê da sua mãe ter executado o seu pai.”

“Sim. Ele foi o primeiro.”

“Ambos?” Dor — por *ele* — circulou aqueles olhos expressivos.

“Não no começo.” Ele viu os últimos momentos da existência do seu pai tão claramente como se as cenas estivessem pintadas através da sua íris. “A vida do meu pai terminou em fogo.”

“O mural,” ela disse, “no corredor na sua ala — é a morte dele.”

“Um lembrete do que pode me aguardar.”

Ela balançou sua cabeça. “Nunca. Eu não deixarei isso acontecer.”

Sua humana, ele pensou, sua caçadora. Ela era tão jovem, e mesmo assim havia um centro de força nela que o fascinava, continuaria o fascinando através das eras. Ela já o tinha mudado de maneiras que ele não entendia — talvez, ele pensou lentamente, houvesse uma chance de que ela pudesse salvá-lo da loucura de Nadiel. “Mesmo se você falhar,” ele disse, “eu tenho total confiança de que você encontrará uma maneira de acabar com a minha vida antes que eu manche o mundo com a maldade.”

Rebelião naqueles olhos. “Nós morremos,” ela disse, “nós morremos juntos. Esse é o acordo.”

Ele pensou sobre os seus pensamentos finais quando caiu com ela em Nova York, o corpo dela quebrado em seus braços, sua voz menos do que um sussurro em sua mente. Ele não tinha considerado se agarrar à sua eternidade por um segundo sequer, tinha escolhido morrer com ela, com sua caçadora. Que ela optaria por fazer o mesmo... Suas mãos se fecharam. “Nós morremos,” ele repetiu, “nós morremos juntos.”

Um momento de total silêncio, a sensação de algo sendo colocado no lugar.

Liberando a dor da memória, ele pressionou um beijo no pulso do pescoço dela. “Nós precisamos ver o que Lijuan mandou para você.”

Ela estremeceu. “Eu posso ficar com a sua camisa?”

Ele deixou que ela se arrastasse do seu colo, seu corpo lindo e flexível... e forte. Avaliando o seu tônus muscular com um olho crítico quando ela se virou para olhar algo em sua mesa, ele tomou uma decisão. “As aulas de voo começam amanhã.”

Ela girou tão rápido, ela quase tropeçou em suas asas. “Sério?” Um grande sorriso cortou seu rosto. “Você vai me ensinar?”

“Claro.” Ele não confiaria a vida dela a ninguém mais. Deslizando sua camisa, ele a deu para ela.

Ela a colocou e arregaçou as mangas. Era grande demais para ela, claro, mas ela deixou as extremidades pendendo. Quando ele comentou aquilo, um toque de cor atravessou suas bochechas. “É reconfortante, ok. Agora, onde está aquele presente estúpido?”

# 22

Elena viu os lábios de Raphael esboçarem o menor traço de um sorriso diante das suas palavras mal humoradas, mas ele não comentou. Em vez disso, ele foi até um armário no canto, os músculos das suas costas movendo-se com uma força fluída que fez com que todos os hormônios femininos nela sentassem implorando por atenção.

Afastando os ecos remanescentes do passado com o prazer sensual de observar o seu arcanjo se mover, ela andou para ficar ao seu lado enquanto ele abria o armário para revelar uma pequena caixa preta do tamanho e formato de uma caixa de joia. Ela recuou, dando um passo para trás, suas palavras saindo com uma ríspida precipitação. “Jogue essa coisa no buraco mais fundo que você encontrar.”

Raphael olhou para ela. “O que você sente?”

“Isso me dá arrepios.” Abraçando-se, ela esfregou suas mãos para cima e para baixo nos seus braços, gelo sendo formado no oco do seu estômago. “Eu não quero isso em lugar nenhum perto de mim.”

“Interessante.” Alcançando, ele levantou a caixa. “Eu não sinto nada, e ainda, mesmo sem sangue, isso chama você.”

“Não toque nisso,” ela ordenou entre dentes cerrados. “Eu disse para você jogar fora.”

“Nós não podemos, Elena. Você sabe disso.”

Ela não queria saber disso. “Jogos de poder. E daí? Nós a agradecemos e retribuímos com uma bugiganga ou alguma outra coisa. Você deve ter algumas coisas por aí.”

“Não vai funcionar.” Olhos que tinham mudado para a cor mais sombria encontrada na mais profunda, mais obscura parte do amanhecer, antes do sol nascer no horizonte. “Este é um presente muito específico. É um teste.”

“E daí?” ela disse novamente. “Arcanjos jogam jogos de poder. Quem diabos diz que eu tenho que jogar também?”

Raphael colocou a caixa em um canto de sua mesa, suas asas sussurrando contra as dela. “Quer você goste ou não, tornando-se minha amante, você aceitou um convite para esses jogos.”

Era como se sua pele estivesse sendo tocada por milhares de patas de aranhas. “Nós podemos jogar isso fora depois que eu abrir?”

“Sim.”

“Isso não será uma política ruim?”

“Será uma declaração.” Ele estendeu sua mão. “Venha, caçadora. Eu preciso de uma gota do seu sangue.”

“Vê? Horripilante?” Estremecendo, ela sacou uma de suas facas e cortou seu dedo indicador esquerdo. “Qualquer um que dê presentes trancados com sangue nunca vai lhe dar um kit de banho.”

Pegando a mão dela, Raphael a segurou sobre a caixa, apertando seu dedo apenas forte o suficiente para liberar uma única gota de sangue luminosa. Ela observou a gota pender da sua pele por um longo momento, como se a mesma estivesse com repulsa de tocar a caixa de veludo, antes que caísse em um respingo lento e suave. A caixa pareceu consumi-la, uma escuridão voraz que ansiava pelo gosto da vida. Sua mão se fechou ao redor da faca. “Eu realmente não quero ir a esse baile.”

Raphael beijou a ponta do seu dedo antes de libertar sua mão. “Você quer que eu abra?”

“Sim.” Ela não ia tocar naquela coisa se pudesse evitar.

Ele abriu. Ela não podia ver o que tinha dentro inicialmente, sua visão bloqueada pela mão dele, mas, então, ele se moveu...

Seu estômago se revirou. Largando a faca, ela girou e foi para a porta que esperava levar até o banheiro. Seu alívio foi sobrepujado pela ânsia de vômito que a atravessou enquanto ela cambaleava para dentro do recinto com azulejos. Jogando sua cabeça acima do vaso, ela voltou seu almoço em um pulso forte e agitado que parecia que estava arrancando a membrana do seu estômago.

Em algum momento no meio, ela percebeu que estava de joelhos, Raphael ao seu lado, suas mãos tirando os cabelos dela do seu rosto, as asas dele esticadas para envolvê-la em um ouro branco. Tremendo enquanto os espasmos musculares de acalmavam, ela apertou a descarga e sentou-se.

Raphael se levantou, trazendo-a uma toalha fria. Ela passou o pano no rosto, muito consciente dele se agachando em frente a ela, a raiva dele uma chama furiosa. “O que,” ele disse naquele tom frígido que ela o ouviu usar com Michaela uma vez, “aquele colar significa?”

“Tem que ser uma cópia,” ela engasgou. “Nós enterramos o verdadeiro. Eu *vi*.” A tampa do caixão se fechando, seu último vislumbre do rosto de Belle.

Mãos envolvendo suas bochechas, lindas asas esticadas. “Não a deixe ganhar. Não a deixe usar suas memórias contra você.”

“Deus, a *vadia*.” Fúria se ergueu em uma onda cegante. “Ela fez isso de propósito, não fez?” Não era realmente uma pergunta, porque ela sabia a resposta. “Eu não sou ameaça alguma a ela, ela faz isso apenas porque é *divertido*. Ela quer me ferir.” Por razão alguma além do fato de que isso a concederia alguns momentos de diversão.

“Ela obviamente não conhece você.” Ele a puxou, colocando-a de pé.

Andando até a pia, ela colocou a toalha na bancada e lavou sua boca com água quase escaldante. “Belle,” ela disse quando se sentiu finalmente limpa, “teria cortado a garganta de Lijuan por se atrever a usá-la contra mim.” A memória da natureza doce e selvagem da sua irmã fez com que ela endireitasse sua espinha. “Vamos.”

Dessa vez, embora continuasse a se recusar a tocar, ela olhou cuidadosamente para o colar que Lijuan a mandou. “É uma cópia.” Alívio a atravessou, suas pernas ameaçando desmoronar até que ela se apoiou na mesa. A arcanjo chinesa não tinha profanado o local de descanso final de Belle. “Nós decidimos gravar o nome de Belle atrás em um determinado ano com um fio aquecido. Nós só conseguimos um B meio trêmulo no colar antes que mamãe nos pegasse.” A memória a fez sorrir, apagando a feiura. “Ela ficou tão brava—o pingente era de ouro nove quilates.”

Colocando o colar de volta na caixa, Raphael a fechou. “Eu vou garantir que seja jogado fora.”

“Faça isso... mas, me faça uma cópia primeiro.” Ela mostrou os dentes em um sorriso selvagem. “A vadia quer fazer joguinhos, vamos brincar.”

“Os espiões dela irão delatar,” Raphael disse. “É um bom movimento, mas eu não permitirei.”

Ela levantou sua cabeça. “O quê?”

“Isso foi feito para machucá-la. Usar esse pingente apenas a lembrará do passado.”

“Sim,” ela disse. “Isso me lembrará de como Belle socou o valentão da vizinhança mesmo ele sendo três anos mais velho e vinte quilos mais gordo que ela. Isso me lembrará da sua força, da sua determinação.”

Raphael olhou para ela por um longo momento. “Mas, essas memórias vêm envoltas em escuridão.”

Ela não podia discordar. “Talvez seja a hora de eu abraçar a escuridão em vez de fugir dela.”

“Não.” O maxilar de Raphael era uma linha brutal. “Eu não vou deixar Lijuan colocá-la em um pesadelo acordado.”

“Então, você está deixando-a ganhar.”

Um beijo forte, inesperado. “Não, nós estamos deixando-a acreditar que ganhou.”

Raphael se livrou do presente de Lijuan e voou de volta para o Refúgio coberto pelas sombras escuras da noite. O que ele disse para Elena tinha sido verdade—mas isso escondia outras verdades, verdades mais profundas.

Ele fez isso para protegê-la.

E ela sabia. Mas, ela o deixou convencê-la. O que demonstrou a ele a profundidade das cicatrizes dela mais do que qualquer outra coisa. Uma vez, quando Uram era são, quando ele ainda se lembrava do jovem que tinha sido, ele e Raphael tinham tido uma conversa.

“Humanos,” o outro arcanjo tinha dito, “eles vivem vidas tão oscilantes.”

Raphael, com nem mesmo trezentos anos, tinha assentido. “Eu tenho amigos humanos. Eles falam de amor e ódio, mas, eu me pergunto, o quanto eles realmente conhecem de tais emoções?”

Até hoje, ele podia se lembrar do olhar que Uram tinha lhe lançado—aquele olhar de um homem mais velho divertido com a pretensão da juventude. “Não é a quantidade que interessa, Raphael. Nós desperdiçamos nossas vidas porque elas são infinitas. Humanos precisam viver milhares de vidas em uma. Toda dor é mais afiada, toda alegria é mais incandescente.”

Raphael tinha se surpreendido—mesmo nessa época, Uram era libertino, descuidado em seu prazer, aberto em sua crueldade. “Você soa como se os invejasse.”

“Algumas vezes, eu invejo.” Aqueles olhos verdes vívidos tinham encarado a aldeia humana abrigada abaixo do castelo que eles chamavam de lar na época. “Eu me pergunto o que eu teria sido se soubesse que tinha somente cinco ou seis míseras décadas para deixar minha marca no mundo.”

No fim, Uram tinha deixado uma grande marca no mundo, mas não tinha sido o que aquele jovem teria desejado. Agora, ele seria para sempre lembrado pela maioria como o arcanjo que perdeu sua vida em uma batalha por território, por poder. Somente alguns, mesmo entre os anjos, sabiam da verdade—que Uram tinha se tornado Nascido do Sangue, cheio de uma toxina que tinha transformado seu sangue em veneno. O pai de Raphael nunca tinha caído naquele tipo de sede de sangue. Mas o desejo de Nadiel por poder tinha sido, de muitas maneiras, pior.

Vendo Elena de pé na sacada do lar deles, ela ainda vestida com sua camisa, suas asas magníficas esticadas como se desejando voar, ele mergulhou de maneira brusca e rápida.

*Raphael!* Era um grito cheio de quantidades iguais de admiração e medo.

Sentindo algo há muito adormecido acordar dentro dele, um eco do garoto presunçoso que divertia Uram, ele subiu em uma difícil escalada vertical, antes de girar em uma queda espiralada que podia fazer com que os mais inexperientes se chocassem com as rochas abaixo.

Foi no meio do caminho que ele sentiu—a mente de Elena ligando-se à dele, sua arfada mental enquanto experimentava o êxtase perigoso da queda. Então, ele estava circulando e subindo. Ela permaneceu com ele até que Raphael desceu em uma luxuosa corrente de ar para aterrissar na sacada.

Ela o encarou por um instante, suas próprias asas se fechando. “O que”—uma sacudida da sua cabeça—“acabou de acontecer?”

“Você se conectou a mim.” Isso deveria ter sido impossível—ele era um arcanjo, seus escudos impenetráveis. Mas, ele se lembrou, ela tinha feito isso uma vez—como mortal. Ele se perdeu nela naquele dia, tão afogado no perfume selvagem do desejo de Elena que ele parou de pensar. Mais tarde, ele sofreu sua fúria diante do que ela acreditou ter sido uma tentativa de coerção da parte dele. Sua caçadora não entendeu o que tinha feito.

*“Existem alguns humanos—um entre meio bilhão, talvez—que nos fazem ser algo diferente do que somos. As barreiras caem, o fogo se inflama e as mentes se fundem.”*

Lijuan tinha matado o humano que a tocou tão profundamente.

Em vez disso, Raphael tinha escolhido amar.

“Eu podia sentir o que você sentiu.” Animação ainda faiscava nos olhos de Elena. “É assim quando você está dentro da minha mente?”

“Sim.”

Uma pausa, sua expressão concentrada. “Você não gosta disso, gosta? De que eu possa deslizar pelos seus escudos.”

“Eu tive mais de mil anos para me acostumar a estar sozinho dentro da minha mente.” Ele passou as costas da sua mão pelas bochechas dela. “É... desconcertante ter outra presença lá.”

“Agora você sabe como eu me sinto.” Uma sobrancelha levantada. “Não é legal saber que nada dentro de mim é privado.”

“Eu nunca tomei os seus segredos mais profundos.”



“Como eu vou saber disso?” ela perguntou. “Quando você é tão arrogante com a sua habilidade para entrar quando quiser? Como eu posso ter certeza de que o que eu escolho compartilhar com você é realmente uma escolha?”

Pela primeira vez, ele sentiu um vislumbre de compreensão. “Será uma maneira muito mais lenta de conhecer um ao outro.”

“Velocidade não é tudo.” As mãos dela se fecharam no corrimão.

Ele pensou na sua confiança quando ela falou da sua mãe, na sua compaixão quando ela aceitou o fardo das memórias dele. “Eu tentarei, Elena.”

“Eu acho que isso é o melhor que vou conseguir de um arcanjo.” As palavras foram amenizadas pela diversão nos olhos dela. “A conversa mental não me incomoda. Isso ocorre de ambos os lados. Essa outra coisa—eu tenho a sensação de que não é algo que eu vou ser capaz de controlar ainda por um bom tempo.”

“Você captou algum dos meus pensamentos enquanto estávamos conectados?”

“Não muito. Eu estava envolvida demais no voo—Deus, mas você consegue voar, Raphael.” Ela assobiou. “Eu sei que não é fácil, o que você fez.”

Orgulho se desenrolou dentro dele, produzido pelo coração do jovem que ele tinha sido antes de Caliane. Antes de Isis. Antes de Dmitri.

“Eu captei um nome.” Palavras hesitantes. “Você estava pensando em seu pai?”

“Sim.” Ele observou o vento soprar algumas rebeldes mechas de cabelos loiros quase brancos pelo seu rosto, o corpo dela desenhado contra o céu noturno incrustado de estrelas, e fez uma escolha que era apenas dele. “Eu estava pensando que, de muitas maneiras, a loucura do meu pai foi pior que a de Uram.”

Elena não interrompeu, simplesmente se moveu para frente para que pudesse entrelaçar sua mão na dele. Ele enrolou seus dedos ao redor dos dela, pensando na mudança fundamental em sua vida desde o dia em que conheceu Elena Deveraux, Caçadora da Associação. Tão rapidamente ela envolveu seu coração, transformando-se na parte mais vital da sua existência.

“Com Uram, embora houvesse uma pequena hesitação, no final, todo o Grupo dos Dez concordou que ele precisava morrer.” Foi Lijuan quem mais se questionou sobre ele—e ainda se questionava. “Lijuan se perguntava se talvez o poder que era adquirido tornando-se um Nascido do Sangue valesse a pena.”

Elena tremeu. “Você deveria ter mostrado a ela aquele cômodo onde Uram mantinha os restos de suas vítimas.” Seu estômago se revirou com as memórias mesmo agora. “Era um matadouro. Apenas o cheiro já faria a maioria das pessoas correrem gritando.”

“Você esquece, Elena,” Raphael disse, seu olhar quase preto, “Lijuan brinca com os mortos.”

*“Mantenha o pingente parado, Ellie.”*

*“Eu estou tentando.”*

*“Shh, Mamãe vai ouvir.”*

Respirando a mordida fresca do cheiro de Raphael, ela engoliu o sussurro acre da memória e se focou no presente. “Por que seu pai foi pior?”

O cabelo de Raphael se levantou na brisa da noite, mais escuro que a escuridão que o cercava. “Ele não matou indiscriminadamente. Por muito tempo, todos estavam convencidos de que ele estava sendo guiado simplesmente por um desejo por poder, por território.”

“Outros se juntaram a ele,” ela adivinhou.

Um lento aceno. “Ele era um imperador, mas ele queria ser um deus. Quando os assassinatos começaram, eles eram discretos, até mesmo políticos.”

Elena alcançou para tirar o cabelo dele do rosto, precisando tocá-lo, ele se tornou tão repentinamente remoto. “O que fez com que as pessoas mudassem de ideia?”

Ele se inclinou em direção ao toque, mas sua expressão permaneceu acética, distante. “Quando ele começou a incinerar vilas inteiras em territórios que não eram dele.”

A leitura que ela fez sob a indicação de Jessamy veio ao seu socorro. “Uma declaração de guerra.”

“Meu pai não viu isso dessa maneira. Ele esperava que os outros no Grupo dos Dez se curvassem sob o seu comando—ele já acreditava que *era* um deus nesse momento.”

“Quantos anos você tinha quando ele morreu?”

“Meras décadas da minha existência.”

Uma criança, ela pensou, ele tinha sido nada mais que uma criança. “Isso significa...” Ela parou, não podia continuar.

“Que ele já estava no caminho da loucura antes de eu ter nascido.”

Ela deslizou seus braços ao redor da cintura dele, colocando sua orelha sobre o seu coração. “Esse é o porquê da preocupação com o seu nascimento.”

Os braços dele eram faixas de aço ao redor dela. *Algumas vezes, eu me pergunto o que ele passou para mim. O que minha mãe também passou para mim.*

# 23

Naquele momento, Elena entendeu que o Arcanjo de Nova York tinha compartilhado algo com ela que não havia dividido com mais ninguém. Como ela sabia, ela não podia dizer. Mas sabia. Assim como ela sabia que não havia palavras para responder a pergunta de Raphael. Apenas o tempo podia responder, mas... “O curso da sua vida tomou uma direção que aposto que nem mesmo Lijuan podia ter previsto. Nada é predestinado.”

Raphael não falou por vários longos minutos, e eles permaneceram lá enquanto os ventos da noite tocavam músicas obscuras pelos corpos deles, passavam pelas suas asas. Seu arcanjo não tinha se incomodado em colocar outra camisa, e a sensação da pele dele era maravilhosa sob suas mãos, sua bochecha. Ela estava, ela percebeu, estranhamente contente apesar dos eventos perturbadores do dia.

“A noite está tranquila,” Raphael disse finalmente, “os ventos razoavelmente calmos. A visibilidade está clara em todas as direções.”

“Uma boa noite para voar,” ela sussurrou.

“Sim.”

Ela segurou quando ele levantou voo, mudando seu aperto para seu pescoço. O vento da decolagem tirou o cabelo dela do rosto, então o jogou de volta, enroscando-o em ambos. “Eu preciso cortar isso,” ela murmurou, puxando mechas da sua boca com uma mão, a outra presa em Raphael.

*Porque você não cortou, mesmo quando caçadora? Eu pensava que era uma vulnerabilidade.*

A ferida estava próxima demais da superfície hoje, mas ela respondeu de qualquer maneira. *Meu cabelo é parecido com o de minha mãe. Eu fui a única das suas quatro filhas a manter a cor quando cresci.* Ari e Belle tinham, ambas, ficado com um loiro dourado como Jeffrey, enquanto Beth tinha herdado a cor da avó paterna delas, seu cabelo um loiro avermelhado maravilhoso.

*Então, somos ambos as sombras de nossas mães.*

Sabendo que o que ela desejava poderia ser para ele uma maldição, ela roçou seus lábios pelo maxilar dele em um conforto silencioso. “Vá mais rápido.”

Raphael precipitou-se para cima e para baixo sem aviso, fazendo-a rir em completa alegria enquanto ela prendia suas pernas ao redor dele. Ela não percebeu que tinha aberto suas asas até que elas começaram a captar o ar. “Raphael!”

“Recolha-as,” ele disse. “De outro modo, nossa aterrissagem vai ser difícil.”

Pensando em cada passo do processo, ela contraiu suas asas—seus músculos deram uma leve fisgada por ir contra o vento, mas nada para se preocupar. “Elas querem abrir novamente.”

“Instinto.” Os inclinando mais, ele esticou suas asas até seu comprimento total e os trouxe a uma aterrissagem gentil e precisa em um pequeno planalto montanhoso com vista para um vale raso cheio de neve.

“Este lugar parece diferente das terras perto do Refúgio.” Suas beiradas suavizadas pelo tempo, o vale parecia como se fosse oferecer suporte em vez de esmagar.

“A neve aqui tende a ser mais suave,” Raphael disse. “É o porquê de este ser um bom lugar para treinamento de voo.”

O coração dela pulou uma batida. “Agora?” Ela pensou que ele planejava apenas levá-la para voar em seus braços.

“Agora.”

Excitação era uma tatuagem em suas costelas, ela foi até a borda do planalto, olhou para baixo.

E para baixo.

Vertigem nunca foi um problema, mas—“De repente parece muito mais fundo, agora que eu sei que vou cair em direção a isso.”

“Você, com medo?” O toque das asas dele contra ela, um brilho de ouro que ela percebeu com o canto do olho.

O lábio dela se contorceu. “Você está passando pó de anjo em mim, Arcanjo?”

“Pó de anjo fica lindo saindo de asas no escuro.” Um beijo pressionado contra o maxilar dela enquanto ele se movia para ficar às suas costas, o pó afrodisíaco tinha o gosto de puro sexo. “Enquanto você voa, o pó vai se infiltrar em sua pele, preparando o seu corpo para mim.”

“Você só sabe falar,” ela murmurou, sentindo-o posicionar suas mãos firmemente na altura de sua cintura. “Então, o que eu faço agora?”

“A única maneira de aprender a voar, é voar.” Ele a empurrou da beirada do penhasco.

Medo esmagou tudo, menos a necessidade de sobreviver. Suas asas se esticaram, captando o ar, reduzindo sua queda enquanto seus músculos gritavam com a tensão repentina. A camisa de Raphael se enroscou ao redor dela, expondo seu estômago aos

elementos. Ela não se importou, mais preocupada em colocar suas asas para trabalhar. Mas, era tarde demais, o chão se aproximando em uma velocidade terminal.

Neve nenhuma era tão suave—ela ainda ia atingir o chão forte o suficiente para estilhaçar seus ossos.

Mãos agarrando-a sob seus braços, levantando-a com facilidade. *Feche as suas asas.*

Ela obedeceu, embora a adrenalina circulando em seu corpo fizesse com que ela desejasse exatamente o contrário. No instante em que seus pés tocaram o chão, ela girou para empurrá-lo na altura do peito, suas mãos queimando com o contato com a pele nua dele. “Essa é a sua ideia de ensinar? Meu sangue poderia ter atingido Manhattan!”

“Você nunca esteve em perigo algum.” Os olhos dele brilharam com diversão e isso apenas a deixou mais furiosa. “É assim que jovens anjos aprendem a voar—eles são empurrados dos ninhos antes que tenham uma chance de desenvolver medo.”

Sua fúria sofreu uma parada brusca, embora seu coração continuasse a ricocheteiar violentamente em seu peito. “Vocês empurram bebês em direção ao ar?”

“Como você acha que pássaros aprendem a voar?”

“Huh.” Ela cruzou seus braços, a camisa grudando na pele ensopada de suor. “Você sabe, eu sou adulta—eu já conheço o medo.”

“É por isso que eu não lhe dei nenhum aviso. Instinto fez o que devia.”

Esfregando suas mãos por suas bochechas em uma tentativa de esfriá-las, ela tomou um longo fôlego, amarrou as extremidades da camisa de lado e andou de volta. “Tudo bem, me empurre novamente.”

“Você pode pular sozinha.”

Elena tinha aprendido há muito tempo a guardar seus medos para si mesma, vendo-os apenas como uma fraqueza que podia ser usada contra ela, mas dessa vez, não havia nada a fazer além de admitir. “Eu sou muito cagona.”

Raphael pressionou um beijo na sua nuca, colocou suas mãos na cintura dela novamente. “Dessa vez, abra as suas asas o mais rápido possível.”

Assentindo, ela mal estava em posição quando ele empurrou. Levou pelo menos três segundos para ela abrir suas asas. Lento demais. Raphael a trouxe de volta de novo. E de novo. E de novo.

“Mais uma vez,” ela disse, seus músculos gritando com exaustão. “Eu tenho que conseguir.”

O rosto de Raphael estava cheio de linhas austeras, mas ele acenou. “Mais uma vez.”

Sabendo que seu corpo desistiria mesmo que sua força de vontade não, Elena deu alguns passos para trás. “Não vai ser tão ruim se eu correr.”

“Lembre-se, você precisa desenrolar suas asas no instante em que estiver no ar, ou o impulso para baixo será forte demais para parar.”

Ela acenou, tirando mechas de cabelo molhadas de suor do seu rosto. Então, enchendo sua mente com imagens do seu corpo em voo, ela começou a corrida pelo planalto. Ela estava no ar segundos depois, e foi somente quando sentiu o puxão forte de músculo em seus ombros que ela percebeu que suas asas estavam abertas. Houve inclusive, por um único segundo, um leve movimento para cima antes que ela começasse a cair novamente. Exceto que dessa vez, ela teve uma sensação de controle.

Sua aterrissagem não foi nem remotamente semelhante à graça da de Raphael. Ela veio ao chão dolorosamente forte sobre seus joelhos, seu impulso jogando seu rosto para frente. Mas, ela estava rindo quando levantou aquele rosto da neve. “Eu consegui!”

O arcanjo agachando-se em frente a ela tinha os olhos cheios de um feroz tipo de orgulho. “Eu não tinha dúvidas que você conseguiria.” Ele a observou limpar seu rosto. “Amanhã, você vai sentir dor como se tivesse sido espancada, mas você precisa continuar a treinar.”

“Eu sei. O mesmo princípio se aplica ao treino normal.”

“No entanto, se você sentir dor de verdade, me avise.” Dedos no queixo dela. “É melhor esperar que ferimentos pequenos se curem do que transformá-los em ferimentos graves.”

“Especialmente porque nós estamos com o tempo contado.” Ela encontrou o olhar dele, tão brilhante mesmo no escuro nevoento. “Você acha que Lijuan usará minha inexperiência em lidar com meu novo corpo contra mim.”

Um curto aceno enquanto ele libertava seu queixo. “Ela usará toda arma que puder.”

“Por quê?”

“Uma forma de quebrar o tédio.” Os lábios dele se estreitaram em uma linha fina. “Se perguntada, ela dirá que é por poder, por política, mas, no final, não é por nada além do seu próprio divertimento. Você é um brinquedo novo, um que captou o interesse dela.”

“E nós temos que jogar.” Sentindo dor em todos os músculos, ela ficou de pé.

Raphael levantou-se com ela, parecendo não sentir frio algum, apesar do fato de estar magnificamente sem camisa. “Em outra época, eu poderia ter recusado o convite

para o baile” —um lembrete silencioso de que ele, também, era um arcanjo — “mas, nós precisamos atender a esse.”

Ela assentiu. “Você precisa ver o quanto Lijuan devolveu?” De acordo com o que tinha escutado, o mais velho dos arcanjos não estava mais desejando deixar sua terra natal, mesmo que fosse para se encontrar com o Grupo dos Dez.

“Se ela libertar seus renascidos no mundo, não vai haver volta.”

A ideia dos mortos andando, suas almas presas naquelas cascas horripilantes fez com que Elena estremecesse. Quando ela estremeceu, finos rastros de ouro brilharam no ar. “Você vai voar para mim, Raphael?” ela perguntou, decidindo se prender à fascinação esta noite. “Eu quero ver o pó de anjo saindo das suas asas.”

Raphael esticou suas asas, fazendo sua respiração ficar presa. Os padrões que marcavam suas asas como únicas eram indistintos na escuridão, mas ela conhecia os raios brilhantes na sua asa esquerda que divergiam em direção à última faixa, à última linha. Era uma cicatriz, feita por uma arma que ela atirou. Ele esteve tão frio àquela noite. “Você alguma vez entrará no Silêncio novamente?” ela encontrou-se perguntando.

Sua resposta foi potente com a memória, com o conhecimento do quão perto ele tinha chegado do precipício da maldade. “A necessidade teria que ser grande demais.” E, então, ele tinha subido em uma tempestade da mais fina neve e de vento, seu poder fazendo com que ela enterrasse seus pés para manter-se de pé. Êxtase inundou sua língua no momento seguinte, e ela percebeu que ele jogou o pó afrodisíaco nela quando subiu.

*A mistura especial.*

Seu corpo todo começando a sussurrar com necessidade, ela observou enquanto ele subiu cada vez mais alto, tornando-se uma silhueta no céu noturno. Quando ele começou a descer, foi em uma série de lentos, quase preguiçosos mergulhos, como se ele estivesse montando as correntes de ar. Rastros de ouro seguiam cada movimento seu, um maravilhoso show brilhante contra o céu de veludo preto.

Isso a atingiu novamente, bem no coração — como essa criatura maravilhosa e poderosa podia ser dela? E, ainda, ele era. Talvez ele não fosse dela, nunca seria dela, do jeito como um homem mortal poderia ter sido, mas, então, ela nunca se encaixou realmente com aqueles homens mortais. Eles consideravam sua força de caçadora repelente, tinham chamado-a de pouco feminina na sua cara. *Você é incrível*, ela pensou para o seu arcanjo.

Ele a ouviu, porque seu próximo mergulho foi íngreme, a subida ainda mais íngreme.

*Exibido.*

Outro mergulho íngreme, tão acentuado e rápido que sua respiração ficou presa. Ela alcançou como se para pegá-lo quando ele despencou, seu coração batendo a cem milhas por ora. Ele parou com menos de um metro entre ele e a terra firme, o vento da sua ascensão golpeando-a quando ele subiu de volta.

Ela soube antes de provar que ele a havia inundado com mais pó de anjo. Cada parte exposta do seu corpo latejou... incluindo o comprimento total das suas asas, as quais ela esticou em preparação para o voo, embora ela fosse inexperiente demais para executar uma decolagem vertical como Raphael. *Eu espero que todo esse pó de anjo não seja apenas uma provocação, porque isso pode me deixar com um humor mortal.* Ela já podia sentir o impacto erótico, o pulso entre as suas coxas exuberantes com a necessidade.

O cheiro do mar a varreu quando ele respondeu. *Seus músculos se sentirão muito melhor depois de um banho e uma massagem.*

Aquilo foi tudo o que ela precisou para montar um cenário sensual cheio de imagens da última vez em que eles estiveram em uma banheira juntos. Os seus dedos se conduzindo para dentro dela, seu corpo maravilhoso nu para a sua apreciação, sua excitação forte e exigente. Ela respirou de maneira trêmula quando seus seios empurraram o tecido molhado da camisa dele, os bicos dos seus seios excitados mesmo com aquele mínimo contato. Levantando sua mão, ela abaixou antes que pudesse tocar em si mesma. Tudo estava sensível demais, necessitado demais. *Eu acho que está na hora de ir para casa.* Ela saturou suas palavras mentais com aquele desejo sexual feroz que fez com que sua pele se esticasse tanto, ficasse tão delicadamente frágil.

A resposta de Raphael foi aterrissar atrás dela, seus braços a envolvendo em um aperto de aço quando ele a virou para encará-lo. Louca para sentir o gosto dele, ela colocou seus braços ao redor do seu pescoço, fechou suas asas firmemente nas suas costas e esperou pela decolagem.

Eles subiram em meio a rastros remanescentes de pó de anjo, cada fina partícula levando-a cada vez mais a um tipo de calor que ela não tinha certeza que podia sobreviver. Gemendo, ela pressionou sua boca na inflexível linha do maxilar dele, absorvendo sua pele, sugando e provando enquanto ele os levava para casa. Contra sua barriga, ele estava duro, deliciosamente tentador. Ela queria fechar sua mão ao redor daquele calor pesado, mas tinha que satisfazer-se com beijos mordiscados ao longo da sua mandíbula.

Ele não a impediu, mas seu corpo ficou cada vez mais tenso, seus músculos elétricos com tensão no momento em que eles aterrissaram na sacada do quarto. Ela o sentiu abrir as portas e fechá-las depois que eles entraram. E, então, o arcanjo perdeu o controle. Ela estava sendo virada com um movimento rude que não deixou espaço para argumentação, a camisa arrancada dela como névoa.

Um fragmento de pensamento antes das mãos dele se fecharem sobre os seus seios, por trás, seus dentes afundando-se na carne sensível do pescoço dela. O grito de prazer foi



arrancado dela, uma explosão curta e afiada. As mãos envolvendo seus seios tão possessivamente apertaram, mandando outra descarga elétrica diretamente para o calor entre suas coxas, seu corpo escorregadio com disposição, com *necessidade*.

Libertando o aperto que ele tinha em seu pescoço, Raphael sugou a marca que tinha feito, seu corpo uma fornalha que a queimava de dentro para fora. Quando ela girou, tentando se virar, ele deslizou uma mão até seu abdômen, mantendo-a no lugar com facilidade, sua outra mão continuando a atormentar a carne sensível dos seus seios, seus mamilos quase dolorosamente excitados.

“Sua boca,” ela sussurrou, sua voz roca. “Eu preciso da sua boca.”

*Ainda não.*

Ela estremeceu com a implicação daquele comentário, com seu sombrio tom sexual. Raphael não estava somente fora de controle, ele não iria permiti-lhe nenhum tipo de controle também. Ela podia ter lutado, mas ela o desejava desde o instante em que acordou do coma. O arcanjo podia tê-la de toda e qualquer maneira que quisesse.

Levantando os braços, ela os girou atrás de si e ao redor do pescoço dele, mas Raphael já estava empurrando-a para frente, para a cama. Ela seguiu o movimento, acabando de joelhos nos lençóis. Raphael pressionou sua mão na parte inferior das suas costas. Compreendendo a mensagem silenciosa, ela ficou sobre suas mãos também.

Era uma posição extremamente submissa. Entretanto, ela estava se sentindo tudo, menos submissa. Usando uma mão para mover o seu cabelo para o lado, ela olhou por sobre o ombro, desejando provocá-lo da maneira que uma mulher podia provocar um homem na cama. “Oh Deus.”

O arcanjo estava brilhando. Um terror visceral em suas entranhas, nascido de um instinto que tinha eras de idade.

*Eu posso sentir o seu medo, Elena.*

Soltando uma respiração, ela sugou outra, a ação trêmula. “Isso vai apimentar os procedimentos.”

Uma piscada lenta, os olhos dele demorando-se na extensão das suas costas enquanto ele desdobrava suas asas com uma graça descuidada que fez a boca dela se encher d’água. Então, olhos cerrados, ele passou uma mão sobre a curva da sua bunda. *Abra as suas coxas.*

Ela resistiu.

Um olhar de um azul feroz, selvagem.

Sorrindo apenas o suficiente para deixá-lo saber que ela estava provocando, ela alargou sua postura uma fração mínima. Ele respondeu correndo um único dedo pela costura da calça dela, alisando exatamente a parte mais quente, mais ávida dela.

“Raphael!”

*Você quis brincar.*

Ainda, do mesmo modo, sombrio, ainda cheio de intenção sexual... mas, contendo uma indicação de divertimento sensual. Estremecendo diante da intimidade da carícia, ela soltou uma respiração. “Sim, eu quis.” Ela foi se virar de barriga para cima, mas ele leu a tensão em seus músculos mais rápido do que ela pôde se mover, segurando-a no lugar com uma única mão em seu quadril.

“Não é justo,” ela murmurou, baixando a cabeça. “Eu não sou tão forte.”

*Quem disse alguma coisa sobre jogar limpo?*

Ela riu, sentindo como se sua pele estivesse se esticando para acomodar a energia sexual dentro dela. “Você está planejando tirar a minha calça em breve? Eu estou queimando.”

Outra exuberante carícia íntima. “Eu posso sentir a sua umidade através da roupa.” Sua voz baixou, tornou-se impossivelmente mais sensual quando seus dedos deslizaram para cima. “Eu vou lambê-la aqui.”

A afirmação direta fez com que fogo queimasse suas bochechas.

“Rubor?” Um puxão na parte de trás da sua calça e, de repente, o material tinha sumido, sua pele nua para o exame dele. “Rubor por toda parte.” Ele traçou o contorno recortado da sua calcinha na região das suas coxas. “Rosa,” ele murmurou, “com fita azul. O seu par favorito.”

O rubor parecia que ia devorar todo seu corpo. “Eu não percebi que você prestava tanta atenção nas minhas roupas.”

“Certas peças prendem a minha atenção.” O divertimento sensual estava de volta, seus dedos traçando a fita pela sua bunda e ao longo do seu quadril. “Tanto calor sob sua pele. Certamente você não está envergonhada agora?”

Ela não podia falar, focada demais na força masculina de dar água na boca do corpo dele, na maneira como ele estava tocando-a, como se ele tivesse todo o tempo do mundo, como se não houvesse impaciência nele. “Raphael.”

“Eu gosto do som do meu nome nos seus lábios.” Sua mão se fechou na sua coxa quando ele alargou sua postura ainda mais. Dessa vez, ela não resistiu, mesmo jogando, desejando incitá-lo a ir mais rápido. Quando ele fechou sua mão entre suas coxas, tudo que ela podia fazer era sugar algumas poucas respirações arfadas. Os lençóis embaçaram

em frente aos seus olhos quando ele moldou o tecido da calcinha ao seu corpo, abrindo-a em meio ao material molhado como se ele não existisse. “Depressa.” Foi um sussurro.

Mas ele ouviu. *Não.*

Sua carne ficou ainda mais molhada por ele, uma precipitação de líquido fluindo da junção das suas coxas. Ela foi apertá-las instintivamente forte, mas ele a impediu com um joelho na cama, a perna dele empurrando sua coxa. Ela sentiu a cama afundar quando ele subiu totalmente, imitando sua posição—exceto que ele manteve aquela coxa entre as dela, a palma esquerda da sua mão ao lado da dela, enquanto sua mão direita alcançou, moldando seus seios, as asas dela presas no meio.

Ela esperava que isso fosse doer, mas suas asas caíram em linhas graciosas, como se o conhecimento de prazer carnal estivesse impresso em seus músculos. E a sensação... Cada pena, cada fino filamento estava sintonizado no poderoso calor masculino do corpo dele. “É demais,” ela disse, tentando se afastar.

Ele a manteve no lugar. “Você vai se acostumar a isso.”

Frustrada, necessitada, ela se esfregou contra a linha da excitação dele. *Comporte-se, caçadora.* Raphael apertou seu mamilo apenas o suficiente para ascender um fogo selvagem dentro dela.

Gritando, ela pressionou-se contra ele. Quando isso não funcionou, ela seguiu o instinto e deitou de bruços, virando de barriga para cima, antes que ele pudesse impedi-la. Suas pernas se enroscaram estranhamente nas dele, ela olhou para cima, para um imortal que tinha uma possessividade muito mortal queimando em seu olhar. “Já chega,” ela sussurrou.

Ele se moveu para que ela pudesse libertar suas pernas, mas balançou sua cabeça. “Não.”

# 24

Ele abriu suas asas acima dela, toda sua estrutura queimando com um fogo branco. Isso a cegou, esmagando seus sentidos. Mas, ela não podia, não ia fechar seus olhos, fascinada com a beleza sobrenatural dele. Perigoso, ele era tão perigoso. Mas, ele era dela. Levantando suas mãos, ela as pressionou contra o peito dele.

*Uma descarga de pura adrenalina.*

Os olhos dele encontraram os dela, o branco eclipsado pelo azul. Ela devia ter ficado com medo, mas ela estava com uma necessidade grande demais para sentir algo sequer próximo do medo. “Raphael.” Era, simultaneamente, uma súplica e uma exigência, o corpo dela movendo-se com disposição sinuosa.

Abaixando-se, ele pressionou seus lábios nos dela, finalmente, beijando-a com uma lenta, quase primitiva intensidade que fez com que ela deslizasse suas mãos pelos ombros dele, tentando puxá-lo para baixo. Mas, ele continuou a se manter acima dela, fechando seus dentes sobre o seu lábio quando ela insistiu.

O poder contido por trás daquele perfil de aço era magnífico, uma tempestade que ela podia provar na intensidade do seu beijo. Necessidade se contorceu dentro dela, um desejo feroz e voraz. Agarrando seus ombros, ela atirou sua perna sobre ele... e moveu uma mão em um lento deslizar sobre o arco da asa dele.

O poder dele brilhava tão forte, ela não podia manter seus olhos abertos por mais tempo. Os lábios dele encontraram os dela um momento depois e, dessa vez, não havia nada contido nele. O arcanjo tinha soltado as rédeas totalmente. O seu corpo veio sobre o dela, sua ereção pressionando exigentemente o seu abdômen.

Ela se contorceu, tentando colocá-lo entre suas coxas. Mas, Raphael tinha outras idéias. Separando seus lábios dos dela, ele a prendeu no colchão e começou a beijar seu corpo. O coração dela parou, depois voltou a bater em uma velocidade frenética.

*Eu prometi lamber você lá.*

“Não!” Ela chutou em uma tentativa de se livrar de um prazer que ela sabia que iria despedaçá-la, milhares de cacos brilhantes.

*Sim. Você é forte o suficiente agora.*

Alcançando, ela tentou segurá-lo, mas o cabelo dele deslizou por suas mãos como água negra, sedoso e frio pela sua carne. Ela agarrou os lençóis, cravou seus calcanhares na cama. Mas, nada podia tê-la preparado para a maneira como ele a provou através do, agora transparente, tecido da sua calcinha, as mãos dele mantendo-a aberta para o seu

deleite. Era agonia e êxtase, uma descarga elétrica líquida contida dentro de um corpo que parecia, repentinamente, pequeno demais, frágil demais, para o que estava sendo exigido que ele suportasse.

Como se ele soubesse que a tinha pressionado demais, Raphael levantou-se para pressionar um beijo no seu umbigo. *Minha caçadora.*

Seu coração foi atingido pela afeição misturada com calor sexual, ela alcançou para passar seus dedos pelos lábios dele. Não havia sorriso — a força das emoções entre eles era forte demais, demais para permitir um sorriso — mas, ele não impediu sua exploração. Quando a mão dele moveu-se contra seu quadril, ela estremeceu.

Um único puxão e a última barreira entre o beijo dele e sua carne mais íntima tinha sumido. Depois, aqueles lábios estavam nela, firmes, determinados, implacável em sua exigência.

*Minha, você é minha.*

O beijo de Raphael era tão físico quanto suas palavras, cheio de possessividade masculina e um selvagem, inexorável desejo. Prazer saturou o corpo dela, percorreu suas veias, inundou seus poros enquanto ele a cariciava em todos os níveis, enquanto ele a incitava a *sentir* de uma forma como ela nunca se sentiu antes, enquanto ele a tomava.

O pico foi uma lenta subida, uma descida arrasadora. Cor explodiu em uma onda selvagem, mas ela não apagou, flutuando com a maré para ir para casa nos braços de Raphael.

Raphael segurou sua caçadora enquanto o coração dela desacelerava, a pele de Elena brilhava com uma fina camada de suor. O lado mais primitivo dele, a parte queurgia para que ele a possuísse até a alma, ronronou com satisfação silenciosa.

Ela era dele, nunca seria de mais ninguém.

Deslizando sua mão pelo corpo dela, ele saboreou a ascensão e a queda irregulares do seu peito, os gemidos baixos presos em sua garganta enquanto ela reagia ao seu toque. Quando a mão dela se ergueu para envolver sua bochecha, ele roçou seu rosto contra sua palma, os dedos dele traçando a curva da sua boca corada pela paixão.

Olhos com pálpebras cerradas olharam para ele, pratas com desejo saciado. “Eu acho que você me deixou exausta, Arcanjo.”

“Eu apenas comecei, caçadora.” Saindo de cima dela, ele deslizou suas pernas pelo lado da cama. “Está na hora do nosso banho.”

Elena gemeu. “Você está me torturando.” Os olhos dela foram até a pressão devoradora do seu pau contra o material rígido semelhante ao couro da sua calça, quando ele se levantou, se virou para encará-la. “E a você mesmo.”

A visão dela deitada tão deliciosamente largada na cama deles fez com que seu corpo se tornasse impossivelmente mais rígido. “Eu aprendi a saborear os meus prazeres, assim como pretendo saboreá-la... de novo e de novo.”

Seus seios se expandiram quando um tremor a percorreu. “Eu amo a maneira como você fala na cama.” Palavras roucas quando ela puxou-se para cima em uma posição sentada, e, então, se moveu até que estava de joelhos perto da beirada da cama. “Vem aqui.” Uma exigência sensual.

Ele viveu bem mais que um milênio, desenvolveu um controle de ferro sobre o lado primitivo da sua natureza, mas ele não podia mais resistir ao convite luxuriante nos olhos da sua caçadora tanto quanto não podia abrir mão da sua habilidade de voar. “O que você faria comigo, Elena?”

Alcançando, ela desabotoou o primeiro botão da sua calça, seus dedos notadamente femininos contra o tecido preto. “Coisas muito, muito depravadas.” Uma única e lenta carícia ao longo do contorno do seu pau.

Ele solto um silvo, enfiou suas mãos no cabelo dela. Mas, ele não a impediu, esta mulher que brincava com ele—que confiava nele. “Seja gentil.”

Ela o lançou um olhar prata perplexo. Então, um lento, sorriso cheio de deleite. “Eu não vou morder... ao contrário de algumas pessoas.” Um pouco mais de pressão na sua carne excitada quando ela o moldou com a sua mão.

O abdômen dele tornou-se rígido. “Você está me dando ideias.” Ele ainda podia sentir o almíscar selvagem dela na sua língua, luxuoso e terreno. “Na próxima vez, talvez eu use meus dentes em carne muito mais delicada.”

Estremecendo, ela desabotoou os próximos dois botões... antes de se inclinar para pressionar um sensual beijo molhado na parte mais baixa do seu umbigo.

Os quadris dele deram um solavanco, sua mão se fechando em punho no cabelo dela. “Eu,” ele estabeleceu, “não tenho esse controle todo.” Libertando-a, ele se afastou.

“Isso não é—” Suas palavras se perderam quando ele tirou o que restava da sua roupa, não desejando nada entre a carne dele e seu toque.

A respiração de Elena escapou como um sussurro. O impacto dele era... indescritível.

Então, ele estava andando de volta em direção a ela, sua ereção uma tentação totalmente pura. Ela colocou seus dedos ao redor dele, consciente da sua mão indo aos

seus cabelos novamente, consciente dele enrolando mechas ao redor do seu punho. “Chega de provocação.” Um puxão gentil. “Cumpra sua promessa.”

Sua pele ficou quente, apertada com o áspero tom sexual daquela exigência, mas ela o lançou um sorriso provocador. “Dando ordens mesmo na cama?”

*Elena.*

Ouvindo a tensão nisso, de repente, violentamente, consciente do quanto seu arcanjo esperou por ela—e ainda era um golpe no coração, o fato de que ela era amada por ele—ela baixou sua cabeça e correu sua língua sobre a veia que pulsava ao longo da linha grossa da excitação dele. Ele fez um som inarticulado que misturava dor e prazer, sua mão puxando levemente o cabelo dela. Incapaz de resistir, agora que tinha provado o gosto dele, suas coxas se contraindo, ela percorreu seu caminho de volta e o levou à boca.

*Elena!*

Ela não podia tomá-lo todo. Ele era grande demais, grosso demais. *Mas, eu terei a eternidade para refinar minha técnica.* O pensamento sensual ardeu em um inferno de necessidade enquanto ela amava seu arcanjo, lambendo e provando e sugando.

Fogo branco e brilhante contra sua pele e ela sabia que ele estava brilhando, esse ser letal que ela ousava provocar da mais íntima das maneiras. A resposta dele, quando veio, foi totalmente sensual. *Sua boca—sua voz cortante na mente dela—é um pedaço do céu e do inferno.*

Gemendo baixo em sua garganta, ela subiu, girou sua língua ao redor da cabeça antes de deslizar sua boca de volta para a tentação que era seu corpo. Ela amou o gosto dele, o contraste entre aço e seda, a maneira como ele murmurou pequenas promessas sensuais em retribuição.

Sob suas mãos, os músculos dele tornaram-se duros como granito, sua pele brilhava com fogo. “Já chega, Elena.” Um comando.

Ela o deixou sentir seus dentes.

Um choque de ondas dentro da sua mente, uma tempestade selvagem. *Eu vou,* ele disse, nenhum traço do homem civilizado nele agora, *amarrá-la à cama na próxima vez.*

Sabendo que estava tão próximo do limite que outra carícia o derrubaria, Raphael passou sua mão sobre o arco sensível da asa esquerda de Elena, escapando da doce, quente prisão da sua boca enquanto ela estava distraída pelo choque de sensação. Mas, apesar dos olhos dela brilharem com a febre do desejo combinado de ambos, ela não desistiu. Levantando um único dedo provocador, ela o sugou entre a beleza dos seus lábios em forma de biquinho.

Esse foi todo o encorajamento que o desejo voraz dentro dele precisou. Espalhando por suas veias, isso o dominou, um ondulante fogo negro. Ele retornou à cama em uma onda negra de calor, lançando Elena para frente, puxando suas pernas para cima e espalhando-as.

Era a forma mais selvagem, mais primitiva de possuir uma mulher, mas sua caçadora se apoiou sob seus cotovelos, lançou-lhe um olhar desafiador e disse, “Estou esperando.”

Ele deslizou-se para dentro dela com uma única estocada forte. O grito dela ecoou pelas paredes, mas era um grito que continha partes iguais de exigência e necessidade. Segurando seus quadris de maneira forte, ele retirou-se quase totalmente, então enfiou com força novamente. Não havia misericórdia nele, mas Elena não pediu isso a ele.

*Aprenda a voar rápido, Elena,* ele disse enquanto os levava a um pico final, cegante. *Então, nós vamos dançar no céu.*

Eles tiveram aquele banho—muito mais tarde, Raphael passando a toalha molhada sobre suas asas com movimentos preguiçosos quando ela se inclinou na beirada. “Isso parece tão íntimo.”

“E é.” Um beijo pressionado na linha ultrassensível onde sua asa direita saía de suas costas. “Permitir que alguém cuide de suas asas é considerado um ato que leva um relacionamento muito além do sexo.”

Membros pesados com desejo saciado, ela pensou nisso. “Eu posso lavar suas asas?” Seria a mais deliciosa das indulgências, o mais agradável dos prazeres.

“Você tem esse direito desde o nosso primeiro banho.”

A verdade direta das palavras dele fez seu coração doer.

“Mas,” ele continuou, colocando a toalha na beirada enquanto se encaixava às costas dela, “no momento, você não está em condição de fazer nada além de relaxar.”

Ela ouviu o traço de orgulho masculino naquilo, sentiu a dor ser traduzida em afeto sensual. “Você sabe fazer sexo, Arcanjo.”

Um aperto nos seus seios, sua mão livre alcançando entre eles para deslizar dois dedos dentro dela. Sugando um fôlego, ela encontrou sua voz. “De novo?” Calor desenrolou-se em seu abdômen.

“De novo.” Retirando seus dedos, ele beijou a curva do pescoço dela, sua ereção pressionando-a.

“Seja gentil.”



Ela o sentiu sorrir diante do eco das palavras anteriores dele. *Para você, Elena, qualquer coisa.* Ele deslizou para dentro dela em um impulso suave, o corpo dela se alargando para acomodá-lo em um êxtase afiado. E quando ele se moveu, dessa vez, foi lento e profundo, uma possessão tão carinhosa, que teria roubado seu coração, se ela já não o tivesse dado a ele bem no alto de uma Manhattan arruinada.

Elena tinha bastante certeza de que seus músculos eram gelatina no dia seguinte, mas ela se arrastou para a sessão de treino com Galen mesmo assim. Raphael tinha dado-lhe a massagem que prometeu antes que eles dormissem, e nada estava realmente rompido ou quebrado, então seria trabalhar em meio à dor muscular.

Galen lançou-lhe um olhar e atirou o que pareceu ser um tijolo de metal de dez toneladas. Ela encarou a claymore<sup>25</sup>—e aquilo realmente parecia a pesada arma escocesa—por um segundo, então posicionou seus pés e levantou-a. Seus bíceps tremeram, mas a maldita lâmina acabou ficando vertical, a ponta apontando para o céu azul cheio de nuvens.

Galen examinou seus ombros, seus braços. “Você é mais forte que um mortal normal.”

“Eu não sou mais mortal,” ela apontou, apenas mantendo a claymore reta.

“Ninguém tem relatos de um anjo Feito, mas se o mesmo princípio dos vampiros de aplica, então sua força não vai aumentar a níveis imortais por um bom tempo.”

Dando de ombros, ela deixou aquilo como estava. O fato de que caçadores natos eram ligeiramente mais fortes que humanos normais não era exatamente um segredo, mas isso também não era anunciado. E embora ela pudesse ser agora um imortal, ela ainda era caçadora nata, ainda um membro da Associação. Aquelas eram lealdades que ela nunca trairia.

“Jogue-a para mim.”

Ela cerrou seus olhos e caminhou em meio ao chão salpicado de neve para entregá-lhe a lâmina. “O quê? Você quer provar para mim o quão fraca eu sou? Você pode fazer isso com um soco.”

“Mas, assim Raphael me mataria.” Uma eminentemente resposta prática quando ele pegou a claymore e se virou para buscar algo em uma pequena mesa no canto da área de treino. Ele estava sem camisa mais uma vez, mas ainda usava aquele arco fino de metal ao redor do seu braço esquerdo, o metal era de um cinza sólido com o mais ligeiro brilho. Um pequeno amuleto de algum tipo pendia do centro, mas ela não pôde identificar a origem.

---

<sup>25</sup> Espada larga de dois gumes, de origem escocesa.

Nórdico? Talvez.

Ela não tinha problema em vê-lo como parte de uma sanguinária cultura guerreira. Desviando seu olhar do arco em seu braço, ela encontrou-se como o foco de pelo menos vinte pares de olhos curiosos. “Nós temos uma audiência novamente.”

Para sua surpresa, Galen fechou a cara. “Nós não precisamos de uma—não na condição em que você está.” Levantando uma mão, ele fez um gesto acentuado para baixo.

Uma bala azul prateada caiu do céu, correndo em direção ao solo como um relâmpago. A aterrissagem de Illium foi selvagemmente exibida, um mergulho difícil, rápido que o deixou sorrindo de joelhos, suas asas esticadas em uma exibição gritante. “Convencido,” ela disse a ele, avaliando que seu coração pararia de tentar sair pela boca a qualquer minuto agora.

Ele ficou de pé. “Não é vaidade, é verdade, Ellie.”

Balançando sua cabeça, ela olhou para Galen. “O que o Bluebell vai me ensinar?”

“Nada. Illium vai interpretar a borboleta.”

Elena não fazia ideia o que o outro anjo quis dizer até que ele a conduziu para dentro do grande prédio que tinha vista panorâmica para o ringue de terra batida que eles usaram pelas últimas semanas. Uma sala de treino fechada, ela percebeu quando Galen fechou as portas, bloqueando a audiência deles. “Impressionante.” O teto elevado, lembrando-a um verdadeiro anfiteatro.

*“Voles-tu, mon petit papillon.”*

Illium riu com a instrução de Galen de “voe, borboletinha” e mostrou a ele o dedo do meio, respondendo em uma língua que Elena pensou que pudesse ser grego.

Ela estava chocada em ver um sorriso cortar o rosto de Galen. Aquele sorriso desapareceu no instante em que ele se virou para ela. “Bom, você está usando bainhas de braços.” Ele se aproximou, examinou-as com as mãos rápidas e cuidadosas de um especialista em armas. “Qualidade excelente.”

“Deacon é o melhor.”

Aqueles olhos verdes pálidos fecharam-se nela. “Você conhece Deacon pessoalmente?”

Ela inclinou a cabeça para o lado. “Ele é casado com a minha melhor amiga.”

Illium arfou. “Agora você conquistou o Galen. Ele tem sonhos molhados em que consegue colocar a mão no... estoque de Deacon.”

Outra troca veloz de grego e francês, o francês de Galen rápido demais para ela acompanhar. Ela não precisava entender—era óbvio que os dois estavam zombando um do outro. Amigos, ela pensou de repente. Por alguma razão, Illium, com seu sorriso e coração, era amigo desse anjo de olhar gelado que parecia ser esculpido em pedra.

“Eu pensei,” ela disse quando Galen virou-se novamente para ela, “que luta com quase contato fosse desvantajoso.”

“Vocês não vão estar próximos. Illium.”

Illium subiu, não parando até que estava pairando bem no alto da sala, uma flecha azul contra a cor escura da madeira.

“Acerte-o.”

Ela deu um passo para trás, balançou sua cabeça. “Essas facas são reais.”

“Ele é imortal. Um ferimento com facas pequenas não vai machucá-lo. E se você puder fazer isso com uma faca, você será invencível com uma arma.”

“Ele pode ser imortal, mas ele sente dor.” E Illium já tinha se ferido por ela.

“Eu aguento, Ellie.” Um grito do telhado. “Mas você não vai me acertar.”

“Ah é?” Ela brincou com a faca em sua mão.

“É.”

Ainda assim, ela hesitou. “Você tem certeza?”

“Eu desafio você.”

Encorajada pelo estímulo competitivo, ela trilhou seus movimentos preguiçosos quando ele ficou pairando no ar... e atirou. Ele tinha ido antes que a faca deixasse sua mão. E ela entendeu porque Galen tinha chamado-o de borboleta. Illium podia mover-se incrivelmente rápido em um espaço fechado, parecendo precisar de pouco ou nenhum espaço ou tempo para se virar, correr em outra direção.

Suor estava escorrendo pelo seu rosto no momento em que ela ficou sem facas—as suas e aquelas que Galen tinha dado a ela. Illium lançou-lhe um beijo da sua posição em uma viga. “Pobre Ellie. Quer uma soneca?”

“Cala a boca.” Limpando seu rosto, ela balançou sua cabeça para Galen. “Como diabos ele pode se mover desse jeito?”

“Eles chamam a mãe dele de beija-flor.” Galen pegou uma faca que Illium jogou de volta, uma das várias que tinham se alojado em variadas partes da sala. “Você tem alguma habilidade—isso vai fazer com que seja mais fácil de levá-la ao ponto onde você possa acertar consistentemente o pescoço.”

Ela limpou sua garganta. “Local mais vulnerável?”

Um aceno. “Mas, isso vai levar tempo. Por ora, se você puder acertar o atirar em um anjo vindo em sua direção, você vai desorientá-lo tempo suficiente para correr.”

Uma pausa, e ela percebeu que ele estava esperando por uma resposta. “Eu não sou orgulhosa demais para correr. Minhas pernas me mantiveram viva mais vezes do que você imagina.”

Aqueles olhos verdes gelados pareceram brilhar com súbita aprovação, mas isso era provavelmente um desejo da sua parte. “Se você estiver encurralada em uma situação na qual não tem saída a não ser lutar, uma boa mira lhe dará uma ligeira vantagem.”

“Ênfase no ‘ligeira’.”

Galen puxou uma faca da parede, seus bíceps flexionando. “Você está jogando com arcanjos. ‘Ligeira’ já é uma melhoria sobre ‘morte certa’.”

# 25

Jason estava de pé em frente à Raphael na sacada do lado de fora do escritório do arcanjo, os prédios do Refúgio alastravam-se abaixo.

“O que você descobriu?” Raphael perguntou ao seu espião mestre.

A tatuagem no rosto de Jason estava completa, mas Raphael sabia que embora o pedaço de carne que tinha sido arrancado por um dos renascidos de Lijuan estivesse curado, a tinta era apenas temporária, de modo a não denunciar fraqueza. Jason estava refazendo a tatuagem passo a passo, dolorosamente. “Ela está guardando um segredo.”

Raphael esperou. Todos os arcanjos guardavam segredos, mas para Jason comentar esse fato, isso tinha que significar alguma coisa.

“É um segredo que parece que ela não compartilhou com mais ninguém, mas eu acho que a Sombra sabe,” ele disse, referindo-se a Phillip, o vampiro que estava com Lijuan mais tempo do que Raphael esteve vivo. “Ele é como o animal de estimação dela — ela não o proibiu de entrar no quarto secreto como proibiu a todas as outras pessoas.”

“Você ou um dos outros acham que conseguem ver o que tem nesse quarto?”

Jason balançou sua cabeça. “Ela tem um grupo de renascidos ao redor do local dia e noite.” Ele tocou seu rosto. “Eu tenho bastante certeza de que eles cortariam qualquer intruso, membro por membro.”

Desmembramento total era uma das poucas maneiras que *poderia* levar à morte um anjo da idade de Jason. Entretanto, se a cabeça fosse deixada inteira, havia uma chance de regeneração. “Você foi capaz de confirmar quantos renascidos de Lijuan comem carne?”

“Não são mais somente os mais velhos—eu vi um grupo de renascidos mais jovens se alimentarem dos corpos dos mortos recentes,” o anjo respondeu. “Eles fizeram isso a céu aberto.”

“Então, ela cruza outro limite.” Era mais um indicador de que a mente dela não estava mais funcionando como deveria. “Fale-me sobre esse quarto secreto.”

“É no centro da sua fortaleza montanhosa, escondido profundamente no núcleo. Os renascidos andam por todos os corredores ao redor, e os que se locomovem são aqueles com olhos que brilham — aqueles que se alimentam de carne.”

“Você tem alguma ideia do que ela possa estar escondendo?” Não podia ser nada bom, isso era certo.

“Ainda não. Mas eu vou descobrir.” Jason arrumou suas asas. “Eu fiz como você pediu e mandei Maya entrar no domínio de Dahariel. Algo está acontecendo, mas se tem relação com os eventos no Refúgio, é impossível dizer. Há rumores de que Dahariel matou vários de seus vampiros recentemente, mas essa pode ter sido uma punição legítima.”

“Peça para Maya permanecer onde está. Eu tenho gente dentro das terras de Nazarach e Anoushka.”

“Se for provado que foi Nazarach?”

“Eu irei executá-lo.” Nazarach comandava Atlanta, mas somente sob o consentimento de Raphael. “Dahariel é o mais forte deles.” E o mais friamente inteligente. Deixar aquela cabeça decapitada na cama de Anoushka era o tipo de ameaça calculada que Dahariel podia fazer.

“Se for ele,” Jason disse, “ele começou a atacar próximo de casa—uma das concubinas favoritas de Astaad foi encontrada estripada ontem. Ela estava marcada por dentro. Tudo indica que ela ainda estava viva nesse momento.”

“Então...” Parecia que nada além da morte—brutal, impiedosa—iria satisfazer esse aspirante a arcanjo agora. “Astaad não informou o Grupo dos Dez.”

Jason não comentou exceto para dizer, “Orgulho.”

“Sim.” O arcanjo que governava as Ilhas do Pacífico tinha que estar enfurecido com o fato de que alguém tinha conseguido violar as paredes do seu harém. “Mais um arcanjo passado para trás.” Da maneira mais covarde, mas embriagado no prazer perverso, o anjo por trás do assassinato não veria dessa forma. Ele, ou ela, veria isso, Raphael estava certo, como uma verdadeira vitória.

“Senhor—tem mais.”

“Sim?”

“Eles encontraram outra adaga da Associação cravada na cavidade do peito dela.”

*“Pequena caçadora, pequena caçadora, onde estáááá você?” Brincalhão, monótono, aterrorizante.*

*Colocando seus braços ao redor dos seus joelhos levantados, ela abaixou sua cabeça, tornando-se ainda menor. O armário cheirava a sangue. O sangue de Ari e Belle. Em seus pés, seus cabelos, em suas roupas.*

*Vá embora, ela pensou, por favor, vá embora. Por favor, por favor, por favor... Era uma prece em sua cabeça, sua voz baixa e fraca. Onde papai estava? Por que ele não veio para casa? E porque mamãe não estava na cozinha como em todas as manhãs? Por que tinha um monstro lá?*

*“Onde você está escondida, pequena caçadora?” Os passos horripilantes pararam por um segundo. Um instante depois ressurgiram com um som ainda mais congelante—lábios estalando. “Suas irmãs são deliciosas. Dê-me licença enquanto eu vou dar outra mordida.”*

*Ela não acreditou nele, terror e uma frustrada, raiva afiada mantendo-a presa no lugar. A risada veio três segundos depois.*

*“Pequena caçadora esperta.” Uma longa respiração, como se ele estivesse sugando a frescura do ar.*

*As suas próprias narinas arderam com o aroma pungente de um tempero para o qual ela não tinha nome, misturado com gengibre... e uma luz dourada, pura. A deixava com náusea o fato de que essa criatura fétida, este monstro, cheirava como dias de verão e como o abraço quente de uma mãe. Ele devia cheirar como podridão e pus. Era outra afronta, outra dor a ser adicionada àquelas que ele já tinha cravado em seu coração*

*Ari. Belle. Se foram.*

*Ela bloqueou seus soluços com um punho, sabendo que suas irmãs nunca dançariam com ela pelo chão da cozinha novamente. As pernas de Belle, aquelas pernas bonitas e longas tinham sido quebradas até que se contorceram de uma forma que era simplesmente impossível. E Ari... o monstro tinha fuçado o pesadelo que era o seu pescoço antes que Elena encontrasse a coragem para seguir a ordem que sua irmã agonizante havia dado-a para que corresse. Mas, o sangue, o sangue a denunciaria.*

*Ela esperou, ouviu. Ele estava se movendo. Ela pensou que ele podia ter ido para o andar de cima, mas o seu pulso estava batendo tão forte em seus ouvidos. Ela não podia confiar nos sons, não podia correr. Não quando ele podia estar em pé no corredor esperando por ela. Então, era tarde demais. Os passos voltaram.*

*“Eu tenho uma surpreeeeeesa para você.” Um som dissimulado, rouco, a maçaneta do armário em que ela estava escondida foi girada. Ela se comprimiu à madeira, mas não tinha lugar algum para onde ir, lugar algum para onde correr.*

*“Buu!” Um único olho castanho perfeito encarou maliciosamente através do buraco feito pela remoção da maçaneta. “Aí está você.”*

*Ela o fincou com a agulha de tricô que tinha pegado da cesta de sua mãe na sala de estar, perfurando o centro daquele olho morto. Líquido foi jorrado em sua mão, mas ela não se importava. Era o grito dele—alto, afiado, agonizante—que importava. Dando um pequeno sorriso selvagem, ela saiu do armário quando ele tombou para trás, correndo por ele e subindo as escadas.*

*Ela devia ter ido para fora, achado ajuda. Mas, ela queria a sua mãe, precisava ver que ela estava viva, estava respirando. Empurrando a porta do quarto de seus pais, ela a fechou com violência atrás de si, virou a tranca. “Mamãe!”*

*Não houve resposta.*

*Mas, quando ela olhou em volta, alívio a inundou. Porque mamãe estava apenas dormindo. Correndo com pés que continuavam a deixar pegadas vermelhas desbotadas no carpete, ela balançou o ombro de sua mãe.*

*E viu a mordaca ao redor da boca dela, as facas que prendiam seus pulsos e tornozelos aos lençóis. “Mamãe.” Seu lábio inferior tremeu, mas ela já estava alcançando para tirar a mordaca. “Eu vou ajudá-la. Eu vou ajudá-la.”*

*Foi o aviso aterrorizado nos olhos de sua mãe que a fez virar.*

*“Pequena caçadora má.” Balançando a chave do quarto para ela, o monstro puxou a agulha, e olhou para aquilo com um único olho curioso, o outro uma ruína ensanguentada na sua bochecha. “Você acha que mamãe gostaria de um presente?”*

*“Acorde, Elena!”*

*Ela colocou-se de joelhos de uma só vez, pegando a faca que escondia debaixo do travesseiro por hábito. Raphael olhou para ela, para cima, enquanto ela o encarava, faca erguida, pronta para ir à sua garganta.*

*Vermelho nublou sua visão, seus tendões tremendo com a necessidade de atacar.*

*Elena. O cheiro do mar, do vento. Você está segura.*

*“Eu nunca estarei segura.” Isso escapou como um grito contido, tão tenso, tão doloroso que era praticamente apenas som. “Ele me persegue nos meus sonhos.”*

*“Quem?”*

*“Você sabe.” Ela tentou abaixar a faca. Seus músculos se recusaram.*

*“Diga. Faça-o ser real, não um fantasma.”*

*Sua boca se encheu com o gosto amargo da fúria. “Slater Patalis.” O vampiro assassino mais infame na história recente. “Nós fomos a sua última parada para o lanche.”*

*“Os registros dizem que os caçadores foram capazes de capturá-lo porque você o incapacitou.”*

*“Eu me lembro de apunhalá-lo no olho, mas isso não teria o impedido.” Seus dedos finalmente se abriram, largando a faca. A lâmina teria cortado sua coxa se Raphael não a tivesse pegado no meio do caminho.*

*Colocando-a na pequena mesa de cabeceira, ele disse, “Suas memórias estão incompletas?”*



“Elas estão voltando cada vez mais.” Ela encarou a parede, não vendo nada além de sangue. “Eu sempre vi partes, mas agora eu acho que elas eram partes misturadas do todo. O que eu vi esta noite...” Seus olhos arderam, suas mãos fechando-se nas suas coxas. “O monstro quebrou as pernas da minha mãe, seus braços, a prendeu na cama, fez com que ela ouvisse enquanto ele matava Belle e Ari.”

Raphael abriu seus braços. “Venha aqui, caçadora.”

Ela balançou sua cabeça, não desejando se render à fraqueza.

“Mesmo um imortal,” Raphael disse calmamente, “tem pesadelos.”

Ela sabia que ele não estava falando dela. De alguma forma, isso fez com que fosse mais fácil. Ela caiu em direção ao abraço dele, enterrando seu rosto na curva quente do seu pescoço, o cheiro limpo, brilhante, dele enchendo seus pulmões. “Mais tarde, eu vi os rastros no carpete, percebi que ela tentou ir até nós, mesmo depois dele tê-la ferido tão gravemente. Mas, ele subiu novamente, colocou-a na cama de novo.”

“Sua mãe lutou por você.”

“Ela perdeu a consciência logo depois que a encontrei. Eu estava tão assustada na hora, com tanto medo de estar totalmente só com ele, mas, agora, eu acho que a sua falta de consciência foi um alívio.” Seu estômago se revirou porque na profundidade mais secreta da sua mente, ela sabia que Slater tinha ferido sua mãe de outras maneiras, tinha feito Elena assistir. “Eu fiquei acordada porque sabia que Beth estava vindo para casa da sua festa do pijama. Eu sabia que não podia deixar o monstro pegá-la. Mas, ele foi embora antes disso.”

“Então, sua irmã mais nova foi salva do horror.”

“Eu não sei,” Elena disse, lembrando-se da falta de compreensão no rosto pequeno de Beth na cerimônia do funeral de Ari e Belle. “Foi a sua primeira festa do pijama, e eu acho que ela nunca mais passou uma noite fora de casa novamente. Em algum lugar bem no fundo, ela tem medo do que encontrará quando voltar para casa.”

“Você também, tem um medo escondido,” Raphael murmurou. “O que é que você tem tanto medo de falar?”

“Eu acho,” ela disse através da névoa de lágrimas que ela se recusava a deixar cair, “que ele fez algo comigo.” Então, ele deixou ambas, ela e Marguerite, vivas, enquanto Ari e Belle estavam mortas no chão da cozinha.

“Diga-me.” A voz de Raphael era uma brisa gelada.

Ela acolheu o gelo, envolvendo-o ao redor de si como um cobertor de segurança. “Eu não cheguei a essa parte do dia ainda.” Seu coração apertou-se em batidas cheias de pânico diante da idéia, mas ela se segurou em Raphael, seu corpo forte embaixo do dela, e

confrontou o pesadelo de cabeça erguida. “O que quer tenha sido, foi tão ruim que eu apaguei da minha mente todos esses anos.”

“Pode ter sido a transição que ressuscitou as memórias.” Seus braços eram granito ao redor dela, possessivos, protetores, imóveis. “Seu coma pode ter desbloqueado a mesma parte da sua mente que se abre em imortais durante o *anshara*.”

Ele tinha caído no profundo sono de cura durante a caçada de Uram, tinha voltado à sua infância, à beleza do rosto de tirar o fôlego de sua mãe o olhando enquanto ele sangrava no chão de um prado. “Ele abre as memórias que desvaneceram com o tempo, até que acreditamos que elas se foram há muito tempo.”

“Nada nunca desaparece.” Uma respiração quente contra o pescoço dele, dedos se curvando em seu peito. “Nós nos enganamos dizendo que as coisas desaparecem, mas elas nunca realmente somem.”

Raphael roçou uma mão sobre aquele brilhante cabelo quase branco que tinha balançado como uma bandeira pelo seu braço quando eles caíram em Manhattan. Algumas memórias, ele pensou, eram gravadas em pedra.

“O que você sonha no *anshara*?”

“Não é algo que se fale. A jornada de um anjo pertence somente a ele.”

Os dedos de Elena se esticaram em seu peito. “Eu acho que é mais sobre confrontar os seus demônios.”

“Sim.” E, então, ele tomou uma decisão que nunca pensou que tomaria — não desde o dia em que viu Caliane se mover pela grama que brilhava com o orvalho, seu pé tão leve, sua voz tão clara enquanto ela cantarolava uma antiga cantiga de ninar. “Eu sonho com a minha mãe.”

Elena ficou imóvel. “Não com o seu pai?”

“Meu pai era o monstro que foi conhecido.” Sua mãe tinha sido o terror nas sombras, desconhecida, irreconhecível. “Caliane me deu um beijo de despedida enquanto eu fiquei lá, sangrando e ensanguentado depois de uma luta que eu sabia que nunca ganharia.” Mas, ele tinha que tentar, tinha parar a loucura que espalhou uma mancha sombria pelos olhos de sua mãe. “Essa foi a última vez que a vi.”

“Ela foi morta pelo Grupo dos Dez?”

“Ninguém sabe o que aconteceu com a minha mãe.” Era um mistério que o assombrou por centenas de anos, provavelmente continuaria a assombrar ainda por milhares mais. “Ela simplesmente desapareceu. Nenhum rastro dela nunca foi encontrado depois do dia em que a vi ir embora.” Ele não foi achado por... um longo tempo. Tão

jovem, tão ferido, ele não foi capaz de chamar ajuda. Tinha ficado lá deitado como um pássaro quebrado, suas asas esmagadas.

“Você acha que ela sabia?” Elena perguntou, dor em sua voz. “Que ela tomou sua própria vida para poupá-lo da tarefa?”

“Alguns dizem isso.” Raphael deslizou seus dedos pelas asas dela, fascinado, como sempre, com a mistura de cores que tornava sua caçadora única mesmo entre os anjos.

“E você?”

“Quando anjos já viveram por muito tempo, algumas vezes eles escolhem Dormir até outra época em que se sintam compelidos a acordar.” Lugares secretos, lugares ocultos, esses eram locais onde anjos dormiam quando a eternidade se tornava um fardo.

“Você acha que Caliane está Dormindo?”

“Até eu ver o seu corpo, ver seu local de sepultamento... sim, eu acho que minha mãe Dorme.”

*“Shh, meu amor, shh.”*

# 26

As próximas seis semanas passaram em uma fúria de armas e treinos de voo—com Raphael quando ele estava no refúgio, e com Galen quando Raphael tinha que voltar para a Torre. Seu tempo livre, ela passava inalando o máximo de informação que podia, e visitando Sam. Para a sua alegria, o garoto estava se curando muito mais rápido do que todos tinham previsto. Noel, também, estava se recuperando muito bem.

Não houve mais violência evidente no Refúgio... exceto pelas adagas da Associação sujas de sangue que continuavam aparecendo em locais que ela frequentava. O sangue revelou-se ser de Noel, então, não podia haver engano algum a respeito da origem da ameaça. Infelizmente, todas as adagas foram desprovidas de cheiros de vampiros. E a habilidade de Elena de rastrear anjos continuava a ser descontroladamente errática.

Frustrada com a falta de uma pista sólida—mas, determinada a garantir que ela não seria um alvo fácil—Elena tinha acabado de deixar outra adaga no centro forense em uma manhã fria quando ficou cara-a-cara com a filha de Neha.

“*Namastê*<sup>26</sup>.” O cumprimento veio da boca de uma mulher encantadoramente bonita com o olhar puxado de uma sibarita<sup>27</sup>... se a pessoa não visse a inteligência calculada por trás disso.

Elena manteve sua resposta calma, educada. Até agora, nada apontava para Anoushka como sendo o anjo que eles procuravam, e como filha de Neha, ela era poderosa—Elena não precisava irritá-la sem razão. “*Namastê*.”

Anoushka a olhou de cima a baixo, não fazendo nenhum esforço para esconder sua avaliação. “Eu estava curiosa sobre você.” Era uma afirmação quase adolescente enquanto ela se aproximava, graciosa em um sári branco bordado em rosa e azul pálidos. “Você parece tão humana, embora você tenha asas,” ela murmurou. “A sua pele deve transparecer cada hematoma, cada ferimento.” Um comentário tão casual. Uma ameaça tão velada.

Elena respondeu com a verdade. “Sua pele é perfeita.”

Uma piscada, como se ela tivesse surpreendido o outro anjo. Então, Anoushka inclinou sua cabeça por uma mínima fração. “Eu acho que não recebi um elogio de outro anjo por pelo menos cem anos.” Um sorriso que devia ter sido encantador, e ainda... “Você quer andar comigo?”

<sup>26</sup> Cumprimento comum na região do sul da Ásia

<sup>27</sup> Natural de Sibaris, antiga cidade grega.

“Eu receio que tenha que ir para o treino.” Ela vislumbrou Galen com o canto do olho, torcendo para que ele mantivesse distância. Até o momento, Anoushka parecia apenas curiosa. Qualquer sinal de agressão e as coisas podiam ficar feias.

“Claro.” Anoushka abanou sua mão. “Deve preocupar Raphael ter uma companheira que é tão fraca.”

Ter a outra anja às suas costas era como ter besouros arrastando-se em sua pele. Ela estava quase grata de ficar ao lado de Galen—no momento, tentar proteger-se de um especialista em armas soava como uma aposta muito melhor do que enfrentar um anjo que poderia ser uma verdadeira serpente. De acordo com os rumores que escutou, Anoushka cresceu tomando veneno com o leite de sua mãe.

Um tremor deslizou-se por sua pele, e ela estava mais que pronta para se jogar no cansativo treino físico. Entretanto, outra criação de Neha—Venom—interrompeu o combate corporal no meio. O vampiro estava com seus óculos escuros onipresentes, seu corpo coberto por um terno preto sobre preto. Mas, pela primeira vez, sua expressão não tinha nenhum sinal de zombaria. “Venha. Sara está esperando por você no telefone.”

Ela já estava andando em um ritmo acelerado ao lado dele. “Está acontecendo alguma coisa com Zoe?” Medo por sua afilhada a sufocou.

“Você deveria falar com ela diretamente.”

Suas asas roçaram os degraus enquanto ela subia para o escritório de Raphael. Ela as endireitou instintivamente, a ação uma segunda natureza agora—graças a ter sido jogada ao chão por Galen mais de uma vez. Ele não lhe dava nenhuma colher de chá. Qualquer erro e ela ia ao chão. Ela apreciava isso—porque os renascidos de Lijuan com certeza absoluta não teriam misericórdia dela se o mais velho dos arcanjos decidisse oferecer seus convidados aos seus animais de estimação.

Conduzindo Elena até o corredor do escritório, Venom assumiu uma posição de sentinela diante da porta. Ela sabia sem perguntar que Illium estava em algum lugar por perto—nunca havia menos que dois membros dos Sete com ela quando Raphael estava longe do Refúgio. Isso a irritava, mais que irritava. Mas, fatos eram fatos. Ela recuperou sua força, aprimorou suas habilidades, mas ela não era um arcanjo, e ameaças das adagas à parte, Michaela ainda estava no Refúgio. Qualquer compaixão que o arcanjo tinha em seu coração pelos jovens, ela não tinha nenhuma por Elena.

A última vez que Elena falou com Ransom, ele disse-lhe que agora os vampiros estavam apostando se ela sequer iria sobreviver até o baile de Lijuan, quanto mais sobreviver ao evento.

*“Você sabe como sua cabeça era desejada em uma bandeja de prata? Bom, a recompensa foi triplicada a qualquer um que leve até Michaela não somente a sua cabeça, mas suas duas mãos também.”*

Agarrando o telefone assim que chegou ao escritório, ela disse, “Sara?”

“Ellie.” A voz de Sara estava estranhamente acentuada—uma mistura de preocupação e irritação. “Eu estou com o seu pai esperando em outra linha.”

Sua mão se apertou no telefone. Jeffrey Deveraux tinha praticamente chamado-a de prostituta na última vez em que eles se encontraram. “O que ele quer?”

“Algo aconteceu.” Uma pausa. “Eu poderia lhe dizer, mas, dessa vez, eu acho que ele tem o direito.”

Cerrando o cenho, Elena assentiu, embora Sara não pudesse vê-la. “Transfira a ligação. Vamos acabar com isso.” Ela não deixaria que ele a ferisse, ela prometeu. O homem que lutou pelo seu direito de ver suas irmãs, de dizer adeus, há muito tempo tinha sumido, e ela estava cheia de ser ferida pelo desgraçado que tomou o seu lugar.

Sara não perdeu tempo. Um assobio de ar e, então, silêncio. “Sim?” Elena disse, incapaz de chamá-lo de pai.

“Você precisa voltar para Nova York. Isso está relacionado com o seu trabalho.” A última palavra estava cheia com a mesma repugnância que envolvia qualquer menção de suas habilidades como caçadora nata por seu pai, desde que ela conseguia se lembrar.

E, agora, ele pensava que ela era uma vampira. Era uma surpresa que ele estivesse se dignando a falar com ela, de qualquer forma. Sua mão se apertou impossivelmente mais forte. “O que é?”

Uma pausa que sussurrou coisas há muito tempo não ditas. “O túmulo de sua mãe foi violado na noite passada.”

*Lijuan.* Uma raiva congelante desenrolou-se pelas vísceras de Elena. “Eles a levaram?”

“Não.” Uma curta palavra. “O criminoso foi impedido por um vampiro que parece pertencer a Raphael.”

Seus joelhos ameaçaram entrar em colapso enquanto alívio a percorria. Claro que Raphael tinha colocado guardas nos túmulos dos seus familiares depois do presente que Lijuan lhe mandou. Apoiando-se na mesa, ela lutou para manter seu tom ameno. “Talvez seja a hora de você seguir os desejos da Mamãe de ter seu corpo cremado e suas cinzas jogadas ao vento.”

*“Para que eu possa voar, chérie.”*

Essa tinha sido a resposta de Marguerite quando Elena lhe perguntou depois de ouvir por acaso sua conversa com Jeffrey sobre o que ela gostaria que ele fizesse caso morresse antes dele.

“Não vai haver necessidade disso se você puder manter os seus amigos longe dela.” Cada palavra era dura, designada a cortar, machucar.

Encolhendo-se, ela disse, “Há muita necessidade—mas, então, você nunca soube como manter promessas.” Ela desligou antes que ele pudesse dizer qualquer coisa mais, sua mão tremendo quando ela a levou até a boca.

A porta abriu atrás dela no instante seguinte, e ela sabia sem se virar que Raphael tinha vindo para casa por ela. “Eles não tocaram nela?”

“Eles nem ao menos chegaram perto de tocar a lápide.” Mãos fortes nos seus ombros, puxando suas costas contra a quente parede que era seu peito.

“Meu pai fez parecer que eles a desenterraram.” Ela fechou suas mãos sobre as dele. “Porque você não me disse?”

“Eu ouvi em trânsito.” Um beijo pressionado na sua bochecha. “Eu queria contar a você pessoalmente—eu não esperava que Jeffrey tivesse os recursos para descobrir tão rapidamente.”

“Meu pai conhece todo muito que há para conhecer.” Tanto legal quanto ilegalmente, embora ele a esbofetearia por insinuar o último. “Aquele que tentou chegar até o túmulo da minha mãe. Os seus homens foram capazes de pegá-lo?”

“Sim.” Uma confirmação tranquila que fez com que os pelos atrás do pescoço dela se levantassem. “Ele era renascido.”

Ela sugou um fôlego. “Ele tinha o suficiente de uma mente para executar as ordens por conta própria?”

“Parece que ele foi renascido muito recentemente.” Raphael deslizou suas mãos pelos seus braços, soltando-a quando ele andou para abrir as portas da sacada. “Eles não falam, mas Dmitri jura que havia uma súplica de misericórdia nos seus olhos quando ele foi pego.”

“Ele queria viver?”

“Não.” Ele estendeu uma mão.

Ela pegou sua mão e ele a levou para a brisa fria da sacada. Eles permaneceram lado a lado, suas asas tocando-se em uma intimidade que ela não permitiria a mais ninguém. “Por que ele não correu, cometeu suicídio quando teve chance?”

“Lijuan tem controle sobre os seus brinquedos. Eu não acredito que ela tenha controle suficiente para manipulá-los àquela distância, entretanto, o que me faz pensar que ela tinha mais alguém lá que os homens de Dmitri não encontraram.”

“Alguém que o renascido pensou que tinha que seguir.” Ela soltou uma respiração, perguntando-se que tipo de maldade poderia assustar os mortos. “O que Dmitri fez com ele?”

“Deu-lhe o que ele queria.”

A mão de Elena se fechou no corrimão. “Ótimo.” Ela gostaria daquela mesma misericórdia, se alguma vez fosse transformada no horror de um dos mortos despertos de Lijuan.

“Os seus jogos,” Raphael disse, “estão se agravando. O ato contra o túmulo da sua mãe aconteceu no meu território, violando nosso acordo implícito de não entrar nas terras uns dos outros sem permissão.”

“Negação plausível. Ela sempre pode dizer que não sabia nada sobre as ações dos seus subalternos.”

“Nós todos saberíamos que seria mentira, mas, sim, ela está distante o suficiente do ato para ter credibilidade.” As asas de Raphael se esticaram, uma deslizando pelas suas costas em uma carícia silenciosa. “Está na hora de fazermos a nossa própria jogada.”

Ela olhou para ele, viu o anglo impiedoso de seu maxilar, se lembrou que esse era o arcanjo que executou outro. “Você já fez.”

Seus lábios se curvaram em um sorriso que nenhum mortal jamais gostaria de ver. “Lijuan mostra sinais de acreditar que seu status como a mais velha entre nós faz com que ela seja intocável.”

“Você poderia matá-la se necessário?”

“Eu não tenho certeza se Lijuan realmente pode morrer.” Ele disse as palavras aterrorizantes com poder silencioso. “É possível que ela tenha vivido tanto que tenha se tornado o mais verdadeiro dos imortais, permanecendo em ambos os lados da linha entre a vida e a morte.”

“Exceto,” Elena disse, sentindo um fantasma atravessar seu rosto, “parece que ela prefere os mortos aos vivos.”

“Sim.”



## 27

“Merda!” Illium se esquivou de uma faca, girou para encontrar a ponta da sua asa oposta presa na parede. “Duas facas é trapaça.”

Algo feroz em Elena sorriu com satisfação—pobre Illium estava suportando o impacto da turbulência incitada pelo telefonema do seu pai no dia anterior. “Primeiro *strike*<sup>28</sup> para a caçadora.”

O anjo de asa azul alcançou e puxou a faca. Descendo até o chão, ele a entregou, o cabo primeiro. “Golpe de sorte.”

“Mau perdedor.”

“Estava ficando patético ver você errar.”

“Olhe aquilo,” ela disse com uma arfada de zombaria, “eu acho que arranquei algumas penas no processo. Pobre, pobre Bluebell.”

Ele sorriu, aqueles olhos dourados brilhantes com travessura, com uma habilidade de brincar que parecia ter sido eliminada dos outros imortais. “Da próxima vez,” ele disse, “eu vou fazer você correr tanto que eles terão que carregar o seu corpo choroso daqui.”

Limpando a faca, ela a deslizou de volta para a bainha do seu braço antes de levantar sua mão para esconder um bocejo exagerado.

“Se vocês dois terminaram,” Galen naquele jeito sem humor dele, “nós ainda temos uma hora pela frente.”

Ela olhou para a asa de Illium—para ver que já estava quase totalmente curada. “Eu acho que está na hora de colocar mais alguns buracos em você.”

“Vou te dizer uma coisa,” Illium disse. “Se você conseguir me acertar três vezes seguidas, eu lhe darei um colar de diamante.”

“Mude para uma bainha cravejada de diamante e você tem um trato.”

Illium levantou uma sobrancelha. “Não muito prático.”

“É prático, se você está planejando usá-la com um vestido de baile.”

“Ah.” Um brilho de interesse. “Tudo bem. E se você não me atingir três vezes, você tem que me levar em uma caçada.”

---

<sup>28</sup> Nome no Baseball para a jogada que um bateador erra.

“Por quê?” ela perguntou, perplexa. “As caçadas são quentes, soadas, frequentemente exaustivas.”

“Eu quero ver como você caça.”

Um pulso de memória: *Illium é fascinado por mortais.*

Talvez fosse por isso que ela gostava tanto dele. Ele via o seu antigo status não como uma fraqueza, mas como uma dádiva. “Tudo bem.”

Ele estendeu uma mão. “Feito.”

Ela a apertou. “Agora, faça o seu trabalho, borboleta.”

Ele deixou o chão em uma rajada de vento, uma única pena azul flutuando em direção à sua mão. Ela a colocou no bolso, guardando para Zoe. Até agora, ela tinha várias penas do Raphael, com as pontas salpicadas de ouro, duas do Illium, e algumas dela própria.

“Vai!”

Olhos no alvo, ela equilibrou suas facas de atirar na mão e posicionou seus pés. Sua visão estava mais afiada do que quando foi humana, mas não muito — ainda não.

No final, ela atingiu Illium mais duas vezes, perdendo um terceiro golpe pelo menor movimento de uma pena. Illium desceu. “Eu vou a uma caçada.”

“Vai ver se irá continuar sorrindo quando acabar em um pântano infestado de mosquito.”

“Eu não tenho medo de mosqui —”

Ela estava girando em seus calcanhares antes que Illium parasse de falar, tendo captado o cheiro de três vampiros desconhecidos. Mas, foi um anjo que ela encontrou na soleira da porta, suas maçãs do rosto exóticas e olhos quase pretos de modo algum tão incomuns quantos as asas que ela vislumbrou antes que ele as dobrasse.

Cinza escuro estampado com listras de um vívido e impressionante vermelho.

Asas maravilhosas.

Mas, ao invés de admiração, foi medo, primitivo e profundo, que a apunhalou, afiando seus sentidos, seus reflexos. “Quem é ele?” Ela podia sentir o poder dele pressionando-a, um peso esmagador.

O deslizar metálico de espada deixando a bainha. “Xi pertence a Lijuan.” Illium ficou ao seu lado enquanto Galen avançou para cumprimentar o outro anjo. “Ele tem novecentos anos.”

“Por que ele não é um arcanjo?” Ele podia acabar com cidades com aquele poder, apagar milhares.

“Enquanto Lijuan viver, Xi continuará a ganhar poder. Sem ela, seu corpo não seria capaz de armazenar o que consegue.”

“Todos os arcanjos podem fazer isso?” ela perguntou, sentindo sua pele se arrepiar quando os olhos de Xi moveram-se para a parte exposta das suas asas. “Compartilhar poder?”

“Só Lijuan.”

Galen pareceu estar discutindo com Xi e finalmente, vários minutos depois, o anjo chinês posicionou seus pés juntos em uma saudação quase militar e entregou uma caixa de madeira brilhante. Mas, os olhos dele, eles se demoraram em Elena por um longo e congelante segundo.

Ela começou a andar até Galen no instante em que Xi saiu. O anjo ruivo permaneceu em pé de costas para ela, seus olhos na entrada. “Seria melhor,” ele disse em uma voz muito precisa, “se você esperasse que Raphael voltasse para abrir isso.”

“Raphael foi encontrar Michaela e Elijah. Pode levar horas.”

“Eu informarei o Senhor—”

“Não.” Ela colocou sua mão na caixa, quase vacilou com a frieza inumana do objeto. “A reunião é importante—tem algo a ver com Titus e Charisemnon.”

Illium tocou seu ombro, sua expressão severa. “Lijuan está fazendo jogos, Elena. Não abra a caixa sem Raphael.”

Ela tinha aceitado que era fisicamente mais fraca, embora isso a irritasse, mas, uma caçadora só podia aguentar até certo ponto. “Dê-me uma razão.”

“Eu não sei o que tem dentro,” Illium disse, seus olhos assombrados de uma maneira que tornou o dourado em algo afiado como uma lâmina, um lembrete de que apesar de todo o seu bom humor, Illium escondia um âmago tão impiedoso quanto o homem que ele chamava de senhor, “mas, eu sei que tem o propósito de enfraquecer Raphael.”

“Você acha que ela me machucaria?” Elena encarou os entalhes na caixa, encarou até que os padrões complicados se fundiram no horror que realmente eram. “Cadáveres. São todos cadáveres.”

“Eu acho,” Illium disse, colocando ambas as mãos em seus ombros, seus polegares gentis contra sua nuca, “que existem muitas formas de se ferir. Nem todas são físicas.”

Elena brincou com a tranca, seus pulmões se expandindo quando tomou um longo fôlego. “Eu posso sentir os cheiros deles. Grama fresca esmagada com gelo, um cobertor quente de lã salpicado com pétalas de rosas, sangue filtrado através da seda.” O coração dela martelou em seu peito, pronto para caçar, pronto para se render à perseguição. Sob as pontas dos seus dedos, a caixa ficou quente, como se sugando a sua força vital.

Dispersando o pensamento perturbador, ela engoliu em seco. “Há pedaços de vampiros aqui. Órgãos. Eles sempre têm o cheiro mais forte.”

*“Está na hora de fazermos a nossa própria jogada.”*

Ela retirou sua mão da tranca. “Eu não preciso abrir. Eu sei o que tem dentro.” Lijuan simplesmente retornou o que Raphael mandou a ela. E se uma parte de Elena estava horrorizada pela forma do aviso dele, outra parte—uma cruel e primitiva parte nascida em um cômodo ensopado de sangue há quase vinte anos atrás—estava viciosamente agradecida. “Façam o que quiser com isso.” Movendo-se sobre seus calcanhares, ela rompeu o toque de Illium e saiu no frio cortante de uma tarde na montanha.

Venom estava esperando por ela em um penhasco rochoso que tinha sido deixado intocado por mãos angelicais, um fundo desarmonicamente selvagem para um vampiro que parecia que tinha saído das páginas de uma revista masculina de alta classe. O rosto suado e tenso dela refletido pelas lentes escuras dos seus óculos, o rosto dele tão intocado como sempre. “Quanto gel é preciso para deixar o seu cabelo tão perfeito assim?” ela resmungou enquanto tentava passar por ele.

Ele a bloqueou com um único movimento suave. “É um presente natural.”

“Hoje não é um bom dia para mexer comigo.” Ela não ia cair na armadilha que Lijuan criou, não ia ver Raphael como um monstro, mas... cada vez que ele ultrapassava os limites, isso era um golpe que a fazia enxergar sua nova realidade. Uma realidade na qual arcanjos brincavam com vidas imortais e mortais como se elas não fossem nada, mas sim as mais descartáveis peças de xadrez.

Venom sorriu, e era uma visão que teria feito muitas mulheres ficarem de joelhos, cheia de uma promessa erótica que dizia que ele faria até a morte ser boa. “Eu tenho tentado descobrir o que ele vê em você.”

Elena atacou com uma faca em sua mão direita, não atingindo seu braço por milímetros. Ele se esquivou impossivelmente rápido. Quando Venom se moveu, isso a lembrou apenas da criatura que Neha escolheu como seu símbolo—como se ele nunca tivesse sido humano. Mas, hoje, até isso não era o suficiente para instigar sua curiosidade. Ela continuou andando.

O vampiro apareceu ao seu lado novamente um pouco depois. “Dmitri, agora,” ele murmurou, “eu consigo ver porque ele quer brincar com você. Ele gosta de facas e dor.”

“E você não?” Ela lembrava muito claramente aquela cena na garagem—Venom andando com uma graça sedosa em direção a uma mulher silenciosamente estupefata por seu tipo perigoso de sexo. Havia apreciação masculina na expressão dele... mas, também havia o desejo primitivo da criatura fria que marcava seus olhos. “Você é quem secreta veneno.”

“Você também.”

Ela parou, piscou, se apoiou com suas mãos nos joelhos. “Merda.” Como ela pôde deixar isso passar? Não perguntar a Raphael sobre as consequências de se tornar um anjo?

Uma parte dela friamente honesta respondeu com uma única palavra.

*Medo.*

Ela estava com medo. Assustada em aceitar a verdade irreversível da sua nova vida. Assustada em saber que ela possa, um dia, olhar em olhos que veneravam tanto quanto os de Geraldine, e entender tarde demais que estava criando uma vítima. Presa para os imortais circulando como tubarões.

Sentindo suas bochechas incendiarem com que fogo simultaneamente quente e frio, ela disse, “Quando?”

Venom deu-lhe um sorriso lento. “Quando for a hora.”

“Sabe,” ela disse, colocando-se de pé apesar da súbita agitação em seu estômago, “inescrutável não funciona quando você está sorrindo.”

A resposta de Venom foi anulada por um pequeno bipe. Levantando um dedo, ele pegou um brilhante telefone celular preto, lendo algo na tela. “Que pena, não há mais tempo para conversa. Você tem que se preparar para uma reunião.”

Elena não se incomodou em perguntar com quem a reunião era—o vampiro somente aproveitaria a chance para provocá-la. Em vez disso, ela percorreu a distância que ainda faltava até a fortaleza mais rapidamente, bateu a porta da ala privada na cara de Venom, e tirou a roupa, tentando não pensar na caixa que tinha tocado, no que havia sob os entalhes macabros.

Houve uma batida na porta principal quinze minutos depois. Tendo tomando um banho rápido, Elena abriu a porta para encontrar um velho vampiro com olhos que brilhavam. Ele tinha uma fita de medida ao redor do seu pescoço e alfinetes em seu bolso. Seu assistente carregava giz de alfaiate e o que pareceu ser uma maleta contendo milhares de amostras de tecido.

Ela estava, ao que parecia, tendo suas medidas tiradas para a confecção de roupas apropriadas para o baile de Lijuan.

Tudo em tons de azul.

Raphael voltou da sua reunião com Elijah e Michaela para descobrir Jason esperando por ele. O anjo de asa preta manteve o silêncio até que estavam no escritório de Raphael. “Maya descobriu algo perturbador sobre Dahariel.” Ele entregou um arquivo.

Abrindo-o, Raphael encontrou-se diante de uma imagem fotográfica de um jovem rapaz que tinha acabado de cruzar o limite que separava homem de garoto. “Mortal?”

“Não.” Jason agarrou o pulso de uma mão com a outra, o aperto tão forte que Raphael viu o fluxo de sangue para a sua mão parar. “Ele foi feito há meio milênio.”

Antes que o Grupo dos Dez decretasse que nenhum mortal abaixo dos vinte e cinco anos de idade podia ser Feito sem consequências letais para o Criador. Hoje em dia, os mortais considerariam a Criação desse garoto um crime, mas há quinhentos anos, humanos viviam vidas muito mais curtas. Nessa idade, o jovem já poderia ter sido pai, quase certamente, esperava-se que ele conquistasse o seu próprio caminho no mundo.

“Ele assinou para servir Dahariel por cinco décadas, três anos atrás,” Jason disse, apertando-se ainda mais.

Raphael fechou o arquivo. “O que você não está me dizendo, Jason?”

“O garoto não tem sido visto desde o ano passado.”

Raphael sentiu uma onda sombria de raiva. Os Feitos estavam à mercê dos Criadores, e depois do vencimento do contrato original, se eles não pudessem cuidar de si mesmos—estavam à mercê daquele que escolhessem dar sua lealdade. Muitos escolhiam errado. “Assassinato não é crime se o vampiro está sob contrato.” Uma lei inumana—mas, vampiros não eram humanos. Em muitos casos, eles eram predadores quase incontroláveis. Mas, anjos eram predadores também. E esse garoto tinha se entregado nas mãos de um.

“O garoto não está morto,” Jason disse, para a sua surpresa. “Parece que Dahariel está mantendo-o em uma jaula privada para o seu... entretenimento.” A maneira destoadada com que aquela palavra saiu disse a Raphael mais sobre a ideia de Dahariel de entretenimento do que qualquer outra coisa. “E porque ele assinou para servir Dahariel de livre e espontânea vontade, ninguém pode fazer nada para ajudá-lo.”

“O que Dahariel prometeu em retorno pela aliança desse vampiro?” Assassinato não era crime, mas havia certas leis não escritas que tinham que ser seguidas, leis que impediam que a estrutura do mundo implodisse. Uma dessas leis exigia que todos os serviços contratados fossem honrados—por ambos os lados.

“Proteção contra outros anjos.” A risada de Jason era totalmente sem humor. “Parece que o garoto ainda está fraco depois de todos esses anos de existência. Ele sobreviveu tanto tempo somente porque se uniu àqueles mais fortes que ele.”

“Ele escolheu a sua eternidade, Jason.” Duro, mas verdade. Ninguém que viveu por quinhentos anos poderia deixar de entender a crueldade gerada pela idade, a escuridão que vivia no coração de tantos imortais. Se esse garoto assinou com Dahariel sem fazer seu dever de casa em relação às tendências do anjo, esse era um erro com que ele teria que conviver—se ele vivesse. “Nós não podemos fazer nada por ele.” Porque Dahariel tinha prometido somente proteção contra *outros* anjos.

Os olhos de Jason encontraram os dele, as pupilas negras contra íris que eram quase do mesmo tom austero. “De acordo com alguns da sua fortaleza que falam, Dahariel sente muito prazer em torturar o garoto com tanta lentidão que isso garante que parte dele esteja sempre curada, capaz de suportar mais. Dizem que ele já está perdido na loucura.” Raphael podia sentir Jason lutando com sua raiva, mas suas palavras seguintes eram friamente racionais. “A maneira como Noel foi espancado—se encaixaria nos métodos de Dahariel.”

“Astaad não vai se mover contra ele apenas por isso.” Especialmente porque isso significaria admitir que ele criou uma víbora em seu próprio meio.

“Maya continua vigiando. Eu também consegui informação vinda da corte de Anoushka.”

“Alguma coisa importante?”

“Ela imita a sua mãe, mas ela parou de ganhar poder.”

“Então, ela sabe que nunca será um arcanjo.” Isso pode ser o suficiente para impulsionar uma personalidade já fraturada para além do limite. “Ela descobriu isso recentemente?”

“Não. Uma década atrás. E ela não demonstra sinais de desintegração.”

Aceitação ou uma máscara, não havia como dizer. “A Diretora da Associação foi capaz de rastrear o roubo de um carregamento de adagas da Associação até um armazém na Europa dois dias depois que Elena acordou.” O enfureceu ver Elena ser perseguida, mas sua caçadora, ele pensou, podia cuidar de si mesma. Então, agora que estava se curando, Noel também podia. Era o abuso sofrido por Sam que guiava a todos. “Nazarach estava envolvido em uma caçada por um de seus vampiros na época—uma mulher que conseguiu cruzar para o território de Elijah.”

Jason acenou. “Ele estava distraído, é improvável que escolhesse aquele momento para orquestrar o roubo.”

Era o que Raphael tinha concluído. “Veja se você pode determinar os movimentos de Anoushka e Dahariel.”

“Senhor.”

“Jason,” Raphael disse quando o outro anjo se virou para sair, “você não pode resgatar o garoto, mas eu posso comprar o restante do seu contrato.” Dahariel não negaria a um arcanjo, especialmente se ele fosse o anjo por trás da violência ligada ao símbolo *sekhem*.

“Dahariel vai apenas encontrar outra vítima.” Os olhos de Jason eram sombrios.

“Mas não será esse garoto.”

Quando Jason saiu depois de um pequeno aceno, Raphael se perguntou se as cicatrizes na alma do anjo algum dia se curariam. A maioria enlouqueceria após alguns anos da “infância” de Jason. Mas, o anjo de asas negras suportou. E quando chegou a hora, ele deu sua lealdade à Raphael, colocando sua inteligência à serviço de um arcanjo.

Se salvar esse garoto lhe daria um pouco de paz, então Raphael cuidaria de Dahariel. E, se o anjo se revelasse ser aquele que feriu Sam, então, Raphael teria ainda mais prazer em desmembrá-lo pedaço por pedaço, mantendo-o vivo para que sentisse cada queimadura, cada fratura, cada corte brutal.

Porque, embora os anjos pudessem ser predadores, eram os arcanjos que ocupavam o topo da cadeia alimentar.



# 28

*“Você veio brincar, finalmente?” Um sorriso manchado de vermelho. “Você está atrasada.”*

*“Corra,” uma palavra interrompida. “Corra, Ellie.”*

*O monstro riu. “Ela não vai correr.” Um sorriso satisfeito enquanto ele abaixava sua boca até a garganta de Ari. “Ela gosta, veja.”*

*Algo se enrolou no corpo dela, uma mão invisível que a tocou em sua parte mais privada. Ela foi gritar. Mas, sua boca não abriu, sua garganta não vibrou... porque o seu corpo gostava. Horrorizada, ela começou a arranhar sua pele, tentando arrancar isso em uma tentativa fútil de parar o prazer traiçoeiro e aterrorizante. Uma queimação floresceu entre suas pernas e sua jovem mente não conseguia entender. Choramingando, ela arranhou mais forte. Poças de sangue surgiram debaixo de suas unhas quando vergões surgiram em seus braços.*

*A carícia—o cheiro—parou. “Que pena você ser jovem demais para isso. Nós teríamos tido tanta diversão.” Ele tirou uma gota de sangue da sua boca, esticou seu dedo. “Prove. Você vai gostar. Você vai gostar de tudo.”*

Chegando em casa, quando a noite caiu, Raphael viu Elena de pé na beira de um penhasco abaixo da sua fortaleza, seus olhos nas pequenas luzes em forma de linhas pontilhadas que salpicavam as cavernas. O vento tirou o seu cabelo solto de seu rosto quando ela se virou de volta em direção à vista depois de observá-lo aterrissar atrás dela, o ouro branco prata sob o luar.

“Galen lhe disse o que Lijuan me mandou?” ela perguntou quando ele veio ficar ao seu lado.

“Claro.” Ele ouviu o relatório de Galen da sua reação, mas agora se encontrou observando o rosto dela. A linha do seu perfil estava afiada, seus lábios o único traço de suavidade—sua guerreira, ele pensou, alcançando para tirar uma única mecha de cabelo importunando sua bochecha.

Seus cílios desceram quando ela soltou uma respiração. “Eu entendo o jogo. Uma parte minha está violentamente grata por você ter feito o que fez.”

“Então?”

“Outra parte minha queria que eu nunca tivesse conhecido nada desse mundo.”

Ele esticou suas asas, protegendo-a do vento que tinha mudado de direção, mantendo-se em silêncio enquanto ela encarava o rio que corria tão longe abaixo.

“Era inevitável, não era?” ela disse finalmente. “Sendo caçadora nata, era inevitável que eu conhecesse o sangue e a morte.”

“Para alguns não é inevitável.” Sua asa acariciou a dela. “Mas, para você, sim.”

O luar captou o brilho da sua bochecha e ele percebeu que sua caçadora estava chorando. “Elena.” Envolvendo-a em suas asas, ele a puxou em seu abraço, sua mão no cabelo dela. O que a levaria às lágrimas? “O seu pai fez algo para magoá-la?” Se Raphael pudesse ter matado o homem sem destruir Elena, ele teria feito há muito tempo.

Ela balançou sua cabeça. “Ele veio por mim.” Era um sussurro áspero. “Slater Patalis foi atraído até minha família por minha causa.”

“Você não sabe disso.”

“Eu *sei*. Eu lembrei.” Seus olhos eram como diamantes cobertos pela chuva quando ela olhou para cima. “‘Caçadora linda,’ ” ela disse em um assustador cantarolar. “‘Linda, linda caçadora. Eu vim para brincar com você.’ ” Dando um pequeno grito, ela caiu de joelhos.

Ele caiu com ela, cercando-a no calor de suas asas enquanto puxava seu corpo rígido até o seu abraço. “As memórias estão vindo até você fora do sono?”

“Eu estava lendo um dos textos de Jessamy, esperando você vir para casa e meus olhos fecharam-se por um segundo. É como se as memórias estão apenas esperando por uma chance agora.” Seu corpo se agitou contra o dele quando ela soluçou. “Todo esse tempo eu odiei meu pai porque eu lhe *disse* que o monstro estava vindo e ele não quis me ouvir, quando foi por mim que Slater veio. Por mim! Eu o atraí para a nossa família.”

“Uma criança não pode ser culpada pelas ações do mal.” Raphael não estava acostumado a se sentir impotente, mas não havia nada que ele pudesse fazer enquanto o coração de Elena se quebrava na sua frente. Apertando-a mais perto, ele murmurou tranquilizações sem palavras no ouvido dela, lutando contra a compulsão de apagar sua memória, de lhe dar a paz que ela precisava tão desesperadamente.

Foi uma das batalhas mais difíceis que ele já lutou. “Você não é culpada,” ele repetiu, seu corpo brilhando com uma raiva que não tinha lugar algum para ir.

Elena não disse palavra alguma, apenas chorou tão forte que todo seu corpo balançou. Pressionando seus lábios nas têmporas dela, ele a balançou enquanto as estrelas ficavam afiadamente brilhantes, enquanto as luzes se apagavam abaixo, enquanto o vento se tornava congelante com um toque de neve. Ele a segurou até que suas lágrimas há muito tinham ido e a lua beijava suas asas como um amante há muito tempo negado. Então, ele subiu com ela para o céu.

*Voe comigo, Elena.*

As asas dela se abriram, embora sua voz permanecesse silenciosa.

Mantendo um olho nela, ele a levou em um passeio selvagem e excitante através de serranias e passagens, o ar cortando as bochechas deles. Ela seguiu com determinação implacável, encontrando caminhos ao redor de obstáculos quando ela não conseguia se mover rápido o suficiente para deslizar pelas pequenas fendas que Raphael utilizava. Isso requeria concentração, o que era exatamente com o que ele contava.

Quando eles aterrissaram, ela estava cambaleando sobre seus pés. Ele quase a carregou para dentro e a colocou na cama, levando-a a um sono sem sonhos com um pequeno empurrão mental. Ela ficaria irritada com ele por isso, mas ela precisava do seu descanso. Porque o tempo deles estava quase acabando.

O baile de Lijuan era em uma semana.

# 29

Elena estava deitada na cama enquanto Raphael se vestia, na manhã seguinte, observando-o colocar uma das camisas especialmente desenvolvidas que fluía ao redor das suas asas. Ela se sentia frágil, machucada. Ele a segurou a noite toda, ela pensou. Ele afastou os pesadelos. Por ele, ela encontraria a força para lutar contra uma culpa que ameaçava sufocá-la.

Sentando-se, ela tomou um gole do café que estava ao lado da Rosa do Destino. “Como as suas camisas ficam presas na parte inferior?” Ela nunca viu nenhum botão abaixo das fendas para a saída das asas. Aquilo parecia ser o que a maioria dos anjos poderosos preferiam, os fechos pequenos e discretos—quase invisíveis. Os anjos mais jovens, ao contrário, pareciam escolher opções mais intrincadamente desenvolvidas, cada uma tão única quanto o usuário.

Raphael levantou uma sobrancelha. “Eu sou um arcanjo e você me pergunta como minhas camisas ficam presas?”

“Eu estou curiosa.” Focando-se na distração para manter sua mente fora do passado, ela largou o café e curvou um dedo.

O arcanjo aparentemente estava no humor para obedecer, porque ele deixou sua camisa desabotoada para atravessar o quarto, para apoiar-se com suas mãos em ambos os seus lados, e levar sua boca até a dela. O beijo era uma reivindicação, sem dúvida alguma. Longo e profundo e lento, o beijo fez com que os dedos dos seus pés se curvassem, seus nervos se incendiassem, fazendo-a gemer no fundo de sua garganta. “Provocador,” ela acusou suavemente quando ele levantou sua cabeça.

“Eu preciso garantir que você nunca perca o interesse.”

“Mesmo se eu viver um milhão de anos,” ela disse, presa em um azul sem fim, “eu não acho que encontrarei um homem tão fascinante quanto você.” Uma grande vulnerabilidade atingiu-a um momento depois. Ela empurrou o calor do seu peito. “Mostre-me a camisa.”

Uma mão levantando o seu queixo, um beijo que lhe disse que o arcanjo estava em um tipo de humor afetuoso. “Eu faço como minha senhora ordena.” Ele se virou para dar-lhe suas costas.

Afastando os lençóis, ela sentou-se sobre seus joelhos. “Não há nenhuma costura,” ela murmurou, espiando nas extremidades das fendas. “Nenhum botão, nem zíper. “Eu meio que esperava velcro.”

Raphael tossiu. “Se você não fosse minha, caçadora, eu teria que puni-la por esse insulto.”

*Seu arcanjo estava brincando com ela.* Era uma estranha constatação, e uma que fez com que o peso em seu coração diminuísse um pouco. “Tudo bem, eu desisto. Como você sela as fendas?”

Ele esticou uma mão, movendo-se para encará-la. “Observe.”

Foi preciso muita força de vontade para ela desviar sua cabeça do maravilhoso plano do seu peito. Se ela não fosse cuidadosa, pensou, o arcanjo ainda poderia fazer dela sua escrava. Seus olhos se arregalaram no instante em que espiou as mãos dele. “Isso é o que eu penso que seja?” Uma chama azul lambeu a mão dele, fazendo seu coração pular.

“Não é fogo de anjo.” Ele fechou sua mão, acabando com o show de luz. “É uma manifestação física do meu poder.”

Ela soltou uma respiração. “Você usa isso para selar as bordas?”

“As bordas não estão realmente seladas. Olhe cuidadosamente.”

Ela tinha olhado muito cuidadosamente, mas, agora, ela levou a camisa quase até seus olhos. E foi quando ela os viu. Fios do mais fino azul, tão finos que eram quase invisíveis, enfiados em meio ao branco do linho. Quanto poder, ela pensou, perplexa, ele devia ter para fazer algo assim sem pensar? Este homem nunca, jamais, lhe diria que ela era forte demais, muito rápida ou violenta demais. “Eu suponho que nós, peões, não conseguimos fazer isso?”

“Isso requer a habilidade de manter poder fora do corpo.” Virando, ele passou um polegar sobre o seu lábio inferior. “Até agora, você tem muito pouco poder, então, não vale a pena.”

Ela pegou seu pulso, olhou para cima. “Raphael, eu vou ter que Fazer vampiros?”

“Você é um anjo Feito, não nato.” Ele a acariciou com seu polegar mais uma vez. “Nem mesmo Keir sabe a resposta para essa pergunta.”

E Keir, ela sabia sem perguntar, era um ancião. “Mas, se eu tiver —”

“Não vai ser tão cedo.” Uma resposta sólida como uma rocha. “Seu sangue estava livre da toxina quando você acordou. Você vai ser testada várias vezes por ano agora que está acordada.”

“É difícil? Fazer alguém?”

Raphael acenou. “A escolha é difícil. É para o benefício Grupo dos Dez não selecionar aqueles que são fracos, que vão sucumbir, mas erros acontecem.”

Ouvindo o que ele nunca disse, ela pressionou um beijo na palma de sua mão.

“Entretanto, o ato em si,” ele disse, sua voz reduzindo-se, “é tão íntimo quanto você escolhe torná-lo. Para muitos, é um processo clínico semelhante à doação de sangue. O humano é colocado em um sono induzido durante a transferência.”

Alívio a fez tremer. “Eu pensei que seria como quando você me beijou.” A intimidade do beijo tinha abalado-a até a alma.

Chamas cobalto. “Nada nunca será como o nosso beijo.”

Com o coração disparado, ela se levantou para ficar de pé na cama, suas mãos nos ombros dele. Ele olhou para o seu corpo nu. “Elena.”

Ela o beijou. A resposta dele foi um inferno, mas ela sentiu a tensão sob a superfície. “Nós temos que partir em breve, não temos?”

“Sim.” As mãos dele alisando sua bunda, lenta e suavemente. “Nós vamos optar por meios de transporte mortais até Pequim.”

“Não seria mais impressionante chegar voando?”

“Voos de longa distância requerem força muscular que você ainda não tem.” Uma resposta prática, mas suas mãos deslizaram-se mais para baixo... e mais baixo. “É bom que ela nos considere fracos quando chegarmos. Isso a deixará descuidada. Nós vamos precisar de toda vantagem, se ela realmente cruzou a linha em direção à loucura irrevogável.”

“Raphael...” Ela estremeceu, enfiou suas mãos nos cabelos dele. “Galen está certo. Eu o deixo vulnerável. E ela sabe as minhas fraquezas.”

*Eu também sabia, Elena. E ainda assim você possui o meu coração.*

Duas horas depois Elena encontrou-se de volta no ringue de terra batida que tinha se tornado tão familiar para ela quanto seu próprio rosto. Provavelmente porque ela tinha sido derrubada no local mais de uma vez.

“Então,” ela disse, encarando os olhos fendidos e inumanos do seu parceiro de treino, “ocasionalmente, você perde o seu terno.”

Venom sorriu, mostrando os caninos que ela viu jorrar veneno, seu rosto, simultaneamente, absolutamente lindo e inalteravelmente inumano. Ele não tinha simplesmente perdido seu terno, ele estava vestido com apenas uma fluída calça preta que se movia como líquido quando ele se deslocava, seu corpo tão sinuoso quanto a cobra que a olhava através daqueles olhos.

E aquele corpo... sim, definitivamente, era digno de um segundo olhar. Mas, ela estava mais preocupada com a facilidade com a qual ele movia as longas facas curvadas

em suas mãos. Elas quase a lembravam de algumas espadas curtas que tinha visto, mas elas eram um pouco curtas *demaís*, um pouco curvadas demais. Não como uma foice, mas, sim, com uma fluidez mais delicada e suave. Lâminas destinadas à graça letal.

Claro, identificá-las não importava. Era o que ele podia fazer com elas que contava. Ela devolveu o sorriso dele com outro. “Você não agarrou a faca que eu atirei em você em Nova York.”

Ele deu de ombros, brilhante pele de um ouro escuro sobre puro músculo flexível. “Eu a peguei.”

“Pela borda mais afiada.” Ela testou as longas e finas lâminas que Galen a passou. Mais curtas que o espadim com que ele a iniciou, elas tiveram o seu peso diminuído para que ela pudesse atirá-las também. Se as lâminas de Venom eram feitas para encantar, as dela eram feitas para o poder e o máximo dano, ambas as bordas afiadas—ela podia cortar alguém com precisão cirúrgica se necessário. “Descuidado de sua parte.”

“Eu acho que vou ter que compensar isso hoje.” Abaixando seu corpo em uma posição semi-agachada, ele começou a circulá-la, seus movimentos quase dolorosamente lentos.

Ela moveu-se na direção oposta, desejando decifrar o seu estilo. A maioria das pessoas transparecia seus movimentos seguintes com algum tipo de sinal. Ela tinha muita consciência do seu próprio sinal—seus pés. Levou anos de treino para que ela garantisse que seus pés nunca apontassem para a mesma direção que ela pretendia se mover. Venom não sinalizada com seus pés.

Ela mudou sua atenção para o próximo sinal mais comum—os olhos. Todo o ar escapou de seus pulmões com o contato. Seu cérebro continuava a ter dificuldade em aceitar o que via quando ela olhava nos olhos de Venom. Nesse momento, as íris fendidas se contraíram e ela, assustada, deu um passo para trás.

Uma suave risada.

O desgraçado estava brincando com ela. Rangendo os dentes, ela manteve seu olhar fixo no dele enquanto eles continuavam a circular um ao outro. Foi na segunda rotação completa que ela sentiu-se piscar, cambalear um pouco.

*Merda!*

Ela atirou uma das lâminas sem aviso. Ele moveu-se para o lado com a rapidez de uma cobra, mas ainda acabou no chão, caído de costas, com um corte feio no braço.

Galen estava ao lado deles em um instante. “O que foi isso?” ele disparou, sua mandíbula uma linha dura. “Se desfazer da sua arma antes da luta começar não vai exatamente mantê-la viva.”

Elena não tirou os olhos de Venom. O vampiro colocou uma mão sobre o seu braço sangrando, mas o seu sorriso... Lento. Zombador. Desafiando Elena a chamá-lo para a briga. Abaixando sua cabeça, ela precipitou-se... e atirou com força a segunda lâmina bem entre suas pernas.

“Merda!” Ele se moveu para trás, fluindo sobre os seus pés de uma maneira que simplesmente não era humana. Corpos comuns não se moviam com aquele tipo de fluidez líquida.

Galen estava olhando para Venom agora. “Você tentou encantá-la?”

“Ela deve estar preparada para o inesperado.” Os olhos de Venom cintilaram um verde brilhante quando ele voltou a olhar Elena. “Eu teria tido-a com mais meia volta.”

“Eu também poderia ter cortado as suas bolas se tivesse mirado um pouco mais alto,” Elena disse, recuperando suas armas. “Você quer fazer mais jogos ou podemos trabalhar? Estamos com o tempo contado.”

“Isso vai levar alguns minutos para curar.” Ele moveu sua mão para mostrar que o ferimento ainda estava jorrando sangue. “Agora eu posso trocar figurinhas com o Dmitri.”

Ignorando suas palavras dissimuladas, ela começou a treinar os movimentos que Galen tinha ensinado-a nas horas em que ela não estava atirando facas em Illium. O anjo de poucas palavras a observou atravessar todo o local e deu um curto aceno no final. Sentindo-se inexplicavelmente satisfeita, ela apontou a ponta de uma lâmina para Venom. “Pronto?”

Ele girou ambas as armas em sua mão. “Eu nunca provei você.”

*“Vem aqui, pequena caçadora. Prove.”*

Tudo se tornou frio, silencioso. Ela não estava mais consciente do calor zombador nos olhos de Venom, da fina camada de neve, ou da presença observadora de Galen. Tudo que ela conhecia era a caçada.

Venom atacou sem aviso, movendo-se com a rapidez da cobra que era evidentemente uma parte muito maior dele do que apenas seus olhos. Mas, Elena já tinha ido, suas lâminas cruzadas na sua frente enquanto se movia, uma mão deslizando para cortar uma linha fina de sangue no peito do vampiro.

Ele disse algo quando o golpe o acertou. Ela não o ouviu, sua mente direcionada para matar.

Dessa vez, o monstro não entraria, não mataria Ari e Belle, não partiria o coração da sua mãe tão gravemente que ela nunca foi capaz de deixar aquela cozinha saturada com os gritos das suas filhas.



Seu olho captou o minuto de tensão dos músculos da coxa de Venom e ela atacou antes que ele pudesse. Dessa vez, ele evitou suas lâminas, mas não o pé que ela passou para derrubá-lo. Porém, ela cometeu um erro. Uma linha de fogo percorreu o seu lado.

Estúpida. Ela esqueceu que tinha asas para se preocupar agora.

Espiando rapidamente a asa para assegurar que o dano não era sério, ela girou uma lâmina, fazendo-a chiar no ar frio da montanha, e voltou sua atenção para aqueles olhos assustadores novamente. Acerte-os e ele cai. Foi um pensamento totalmente sem emoção.

Os olhos de Venom se contraíram naquele instante, suas lâminas subindo em uma postura defensiva enquanto ele bloqueava suas tentativas de causar dano mortal. Mas, Elena não estava pensando, movendo-se com a velocidade e a força que faziam dela caçadora nata. Venom gritou algo para ela, mas tudo que ela ouviu foi um silvo frio.

Ela foi para os olhos dele.

Uma pancada de escuridão explodindo na sua cabeça. E, então, nada.

Raphael aterrisou ao lado do corpo caído de Elena, sua fúria finamente afiada. “Você provocou isso?” ele perguntou enquanto a pegava em seus braços, cuidadoso, tão cuidadoso.

Venom limpou sangue do seu rosto. “Nada pior do que eu já tenha dito para ela antes.” O olhar do vampiro demorou-se em Elena. “Eu acho que fiz alguma brincadeira sobre prová-la.”

“Você sabe que eu o mataria por isso.”

“Nossa tarefa é protegê-lo de ameaças—especialmente daquelas que você pode não reconhecer.” Venom encontrou seus olhos. “Michaela, Astaad, Charisemnon, todos vão tentar matá-la em algum momento, sabendo que isso vai abalá-lo. Melhor se livrar do problema agora.”

Raphael esticou suas asas em preparação para voar. “Ela é mais importante para mim do que todos vocês. Nunca se esqueça disso.”

“E você é um arcanjo. Se você cair, milhões irão morrer.”

Não ditas estavam as palavras—melhor uma anja outrora mortal, recém-criada, morrer ao invés dele. Mas, essa era uma barganha que Raphael jamais faria. “Escolha a sua lealdade, Venom.”

“Eu fiz a minha escolha há dois séculos.” Aqueles olhos fendidos cortaram para Elena. “Mas, se ela convidar a morte, ela vai encontrá-la.”

Muito consciente do que o vampiro estava falando, Raphael levantou voo, segurando Elena rente ao seu coração. Ele não podia evitar se lembrar da última vez que a segurou tão fraca em seus braços. A imortalidade não a tornou mais segura, apenas mais provável de sobreviver às dores que com certeza entrariam em seu caminho. Mas, ele não podia fazer nada para protegê-la das memórias que a assombravam.

O chamado mental de Galen tinha vindo quase tarde demais. Se Elena tivesse conseguido tocar nos olhos de Venom, a criatura de sangue frio que vivia dentro do vampiro atacaria, afundando suas presas na carne desprotegida dela.

Isso a teria deixado paralisada, em agonia.

E, enquanto nas garras do desejo da cobra, era bastante possível que Venom tivesse cortado a cabeça de Elena antes que Galen pudesse intervir, causando sua morte.

Deitando-a na cama, ele alcançou dentro de sua mente. *Elena.*

Sua cabeça se moveu para os dois lados enquanto ela gemia, como se lutando uma selvagem batalha interna. Sua promessa a ela—de manter sua distância mental—lutou com o instinto de proteção que se fechou ao redor da sua alma. A urgência era ainda mais forte hoje do que tinha sido ontem. Seria tão fácil entrar e apagar o que a machucava.

*“Eu prefiro morrer como Elena, a que viver como uma sombra.”*

Tirando mechas embaraçadas do seu rosto, ele repetiu seu chamado em voz alta. “Elena.”

Seus olhos abriram e, por um único instante, eles não eram o cinza prateado ao qual ele se acostumou. Ao invés, eles eram quase meia noite, cheios de milhares de ecos de pesadelo. Então, ela piscou e se foi. Olhando para ele com uma expressão confusa em seu rosto, ela esfregou sua testa. “Eu sinto como se tivesse sido atingida por um caminhão. O que aconteceu?”

“Eu tive que intervir quando você decidiu transformar o treino em combate mortal.”

Sua mão caiu do seu rosto. “Eu me lembro.” Um sussurro. “Venom está bem?”

“Sim.” Mas, sua preocupação era com ela. “Suas memórias estão começando a se infiltrar na sua vida quando você está acordada.”

Ela se sentou. “Era como se eu fosse uma pessoa diferente. Nem isso—era como se eu fosse uma máquina focada em apenas uma coisa.”

“Isso parece o Silêncio.”

Elena estremeceu com a memória do que ele se tornou no Silêncio, a criatura sem alma que tratava vidas humanas como meras chamas facilmente apagadas. “Você acha que é a transformação— a imortalidade?”

“Um fator.” Ele assentiu. “Mas, pode ser que esteja apenas na hora.”

Hora de ela se lembrar de todas as coisas que preferiu esquecer. “Eu quero falar com o meu pai.”

## 30

“Ele não tem direito ao seu pedido de desculpas.”

Sua cabeça se ergueu. “Como você sabia?”

“A culpa é uma mancha na sua alma.” Passando seus dedos pelo rosto dela até que se fecharam na sua garganta, ele se inclinou até que os lábios deles estavam a um milímetro de distância. “Você não irá se rastejar para ele.”

Elena se encolheu. “Mas, *eu* sou a razão pela qual Slater escolheu nossa família.” Isso, nada podia mudar.

“E seu pai é a razão de o que restou da sua família está dividido em dois.”

Ela não tinha resposta para isso—porque ele estava certo. Jeffrey estilhaçou a família deles no dia em que a expulsou, suas coisas como lixo na beira do gramado tão bem cuidado da Casa Grande. Os vizinhos de sua rua elegante eram bem educados demais para observar abertamente, mas ela sentiu seus olhos observadores. Não importava. Tudo que importava era que ele destruiu o pouco que restava do relacionamento entre eles quando ele tentou curvá-la.

*“Fique de joelhos e implore, e talvez eu reconsidere.”*

“É uma ferida inflamada entre nós,” ela disse, colocando uma mão sobre o coração de Raphael. “Eu sei, agora, que ele me odeia porque Slater foi atraído por minha causa.” Como Dmitri, Slater foi capaz de encantar caçadores com o cheiro, mas esse não tinha sido o seu único dom. “Dmitri pode me rastrear?” ela perguntou, algo se encaixando dentro de si.

“Sim.”

Nenhum mortal, ela pensou, nem caçador sabia disso. “Foi isso que Slater fez. Ele sentiu meu cheiro em algum lugar e mudou de curso rumo à nossa vizinhança.” Slater não deveria ter ganhado a habilidade de cheiro—ele era jovem demais. Mas, o vampiro não tinha sido normal de maneira alguma. “Eu podia senti-lo se aproximar, provar o seu cheiro no vento.” Ela tentou tanto convencer seu pai, implorando, suplicando, gritando no final.

*“Já chega, Elieanora.” Um comando irritado. “Marguerite, eu acho que você precisa parar com os contos de fadas.”*

*“Mas Papai—”*

*“Você é uma Deveraux.” Um olhar de aço. “Ninguém nessa família já foi um simples caçador. Você não vai ser a primeira e ficar me contando histórias absurdas não vai ajudá-la.”*

*Mais tarde, sua mãe balançando-a, dizendo-a que ela falaria com Jeffrey. “Dê-lhe um tempo, azeeztee. Seu pai foi criado com tradições — leva um tempo para ele aceitar novas ideias.”*

*“Mamãe, o monstro —”*

*“Talvez você os sinta, minha querida. Mas, eles estão simplesmente vivendo suas vidas.” O ensinamento gentil de uma mãe. “Ser um vampiro não significa ser mal.”*

Aos dez anos, Elena não soube explicar que sabia a diferença, que o que estava vindo era mal. Quando ela encontrou as palavras, era tarde demais.

Os dias restantes passaram como um borrão—a maior parte deles gasto em treinamento de voo com Raphael. Qualquer tempo livre que tinha, ela passava andando pelo Refúgio, aprendendo e escutando. De acordo com as informações de Jason, tanto Anoushka quanto Dahariel estavam desaparecidos durante o tempo em que as adagas da Associação foram roubadas, mas não havia como saber se foi um dos dois. Como boa notícia, as adagas tinham parado de aparecer, e o rumor era de que Anoushka e Dahariel—assim como Nazarach—tinham ido para os seus territórios, mas ela não baixou sua guarda.

A vigilância constante, somada ao rigoroso treinamento de voo, era exaustiva, mas ela a acolhia com prazer, incapaz de pensar, de aceitar, a verdade do papel em que desempenhou na morte de suas irmãs—e, consequentemente—na de sua mãe. Então, ela focou-se na caçada, e no baile que se aproximava, com visitas regulares a Sam. Foi quando ela estava andando pelo corredor, após uma dessas visitas, que tudo deu errado.

“Michaela.” Seus olhos se arregalaram quando viu os corpos espalhados atrás do arcanjo. Pelo menos um era a versão angelical de um enfermeiro, seu cabelo embaraçado com algo escorregadio, uma linha vermelha na parede onde ele permanecia caído.

“Caçadora.” O arcanjo começou a seguir em frente, seu corpo vestido em um fluído vestido vinho que corria pelos seus seios em uma carícia exuberante antes de se abrir a uma altura de um terço na sua coxa esquerda, mostrando uma insinuante porção de carne. Ninguém jamais poderia dizer que Michaela era menos que deslumbrante.

Mas, hoje... Elena engoliu em seco. Aquele vestido não era vinho. Tinha sido branco. Era sangue que o ensopava, partes dele ainda molhadas suficiente para escorregar contra o corpo de Michaela. O rosto do arcanjo estava limpo, seu cabelo liso e brilhando com saúde, mas suas unhas, também, estavam incrustadas com um vermelho ferrugem. A morte se agarrava a ela.

*“Eu vim para ver a criança.”*

Elena não cometeu o erro de pensar que Michaela estava se explicando. Não, o que ela estava ouvindo era um decreto. Ela devia ter deixado o arcanjo ir, mas—e tirando a insanidade do vestido dela—havia algo totalmente perverso em Michaela no momento, algo que não podia ser permitido se aproximar de uma criança indefesa. “A visita foi permitida?” Sua mão se fechou no cabo da arma que ela colocou no bolso lateral da sua calça.

Michaela moveu rapidamente a mão para Elena como já havia feito uma vez. Mas, dessa vez, Raphael não estava lá para impedi-la. Uma linha molhada queimou a bochecha de Elena, sua carne se partindo como se cortada por uma lâmina.

“Eu não preciso da permissão de ninguém.” Um sorriso lento. “Você sabe que existem maneiras de marcar até mesmo um imortal?”

Elena pensou que viu algo estranho naqueles olhos por um segundo, uma centelha vermelha. Mas, quando ela olhou novamente, foi para ver apenas aquele brilhante verde cegante. “Você pode,” ela disse, pegando a arma, “não ter tido nada a ver com os ferimentos de Sam, mas o garoto está sob a proteção de Raphael. Você vai assustá-lo se entrar dessa maneira.”

Michaela ignorou a última parte da sentença de Elena. “Você está esperando para que Raphael a salve?” Um riso tilintante. “Ele está com Elijah, voando sobre a parte oposta do Refúgio. Aparentemente, houve um rumor de um corpo de um anjo encontrado lá.”

“Houve?” Mandando o orgulho para o inferno, ela enviou um chamado mental por ajuda, desejando que seu arcanjo não estivesse fora de alcance. *Raphael!*

Uma flexível contração de ombros. “Eu vou ver a criança agora.”

Elena encontrou-se esmagada contra a parede, seus dentes se fechando em seu lábio inferior quando sua cabeça bateu, atingindo a parede forte o suficiente para fazer sua visão nublar. Ela lutou contra os laços invisíveis prendendo-a ao mármore, assim como tentava expulsar a vertigem de seus olhos. A arma caiu no chão com um estrondo abafado.

“Oh, você está sangrando.” Michaela pressionou seus lábios suavemente contra os de Elena, um beijo macabro com sabor de malícia... e algo mais.

*Almíscar e orquídeas... tocados por uma mordida afiada de ácido.*

Horror espalhou-se por ela. Porque aquela última nota, o ácido aromatizado pela luz do sol não era o cheiro de Michaela. Esse cheiro pertencia a um arcanjo que foi executado no alto de uma Manhattan negra como breu. Mas, Uram teve Michaela sozinha tempo suficiente para remover seu coração. A questão era —o que ele colocou nela?

“Eu poderia matá-la agora,” o arcanjo murmurou contra a boca de Elena, “mas, eu acho que será mais divertido assisti-la quando Raphael se cansar de você.” Outra linha entalhada na bochecha oposta de Elena, o cheiro de ferro impregnando o ar enquanto as

palavras de Michaela cortavam o coração. “Você será apenas carne nesse dia, presa fácil para qualquer um que queira provar um anjo Feito. Nós teremos muito tempo para brincar.”

Ela estava descendo o corredor em uma espiral de tecido tingido de vermelho ferrugem um instante depois, suas palavras ecoando pelo crânio de Elena. Mas, era Sam que importava nesse momento—a arcanjo poderia realmente feri-lo fisicamente em seu atual estado mental, que parecia não ter nada de sanidade e tudo de um tipo de prazer sádico.

Mais do que assustada pelo garoto, ela estava lutando inutilmente contra o que a prendia quando Galen e Venom passaram com uma velocidade sobrenatural.

“Ugh!” Foi um lamento desgracioso quando a força a segurando na parede evaporou quase no mesmo instante. Colocando-se de pé, ela agarrou a arma, correu atrás dos outros dois... e veio a uma parada brusca alguns metros atrás de Michaela.

Galen ficou na frente do arcanjo, sangrando por causa de vários cortes em seu corpo e rosto. Venom estava levantando-se de um canto onde o mármore tinha sido estilhaçado pelo impacto do seu corpo. Sangue pingava do seu rosto, mas seus olhos eram um hipnótico verde-dourado fendido, a cobra surgindo na superfície.

Michaela encarou Galen. “Você acha que eu machucaria a criança.”

“Você já cometeu violência em um local de cura.”

Elena sugou um fôlego diante do fraco brilho ao redor das asas de Michaela. *Jesus*. “Se você soltar essa força aqui,” ela disse através de lábios que estavam começando a inchar, “você provavelmente vai derrubar o prédio, matando não somente Sam, mas quaisquer outras crianças que estão aqui.”

Michaela virou-se para prender Elena com um olhar que era pura luz, sem pupilas, e nem íris, não mais de qualquer forma humanos. Claro, Michaela nunca foi humana. Mas, hoje a diferença entre anjo e arcanjo era um calor que deixou Elena lutando para manter seu olhar, seus olhos enchendo-se de lágrimas.

Era tentador, tão tentador, atirar, mas se a bala atravessasse o corpo de Michaela, havia uma chance de que ela pudesse ricochetear nas paredes e quebrar o vidro dos quartos dos pacientes a centímetros de distância. Ela guardou a arma, pegou uma faca, seus olhos na garganta de Michaela.

“Eu não irei machucar a criança.” Era a voz de Michaela, mas tão sufocada com poder que retumbou com fúria, mil vozes contidas.

Elena lutou com a urgência de recuar, sabendo que ela estava muito acima de seu nível, mas também sabendo que ela tinha que ajudar a atrasar Michaela tempo suficiente para ajuda mais poderosa chegar. “Se você não contiver seu poder, você irá.”

A arcanjo continuou a olhar Elena, sua cabeça inclinada de uma forma que era assustadoramente inumana. Elena teve a sensação de dedos arrastando-se pela sua mente, tentando espreitar. Bile subiu em sua garganta, mas ela manteve sua posição, percebendo que se Michaela tinha que tentar encontrar uma maneira de entrar, isso significava que Raphael a estava protegendo. Ela não era estúpida o suficiente para recusar essa proteção.

“Tão fraca.” Uma afirmação quase sem malícia—como se Elena estivesse simplesmente longe de ser notada por ela. Isso assustou Elena ainda mais. Porque não importava o quê, Michaela sempre foi muito humana em suas emoções. No momento, ela poderia estar no Silêncio.

Virando-se de volta para Galen, Michaela levantou uma mão. Galen vacilou como se atingido por um golpe, mas manteve-se firme. Michaela riu, fez um movimento rígido de corte. Dessa vez, o grande anjo musculoso bateu na parede, salvando suas asas somente porque ele girou seu corpo, atingindo de frente a parede.

Sangue sujou o mármore, mas a atenção de Elena estava em Venom. O vampiro tinha atacado enquanto a atenção de Michaela estava em Galen, enterrando suas presas no pescoço do arcanjo no momento seguinte em que Galen atingiu a parede. Elena soltou sua lâmina no mesmo instante. Sua faca atingiu o outro lado do pescoço de Michaela.

Gritando com fúria, Michaela arrancou Venom, atirando-o tão forte que ele acabou imóvel e contorcido do outro lado do corredor. Depois, ela alcançou para arrancar a faca como se não fosse nada mais que um palito de dente, suas artérias se fechando diante dos olhos de Elena. A faca atingiu o chão com um som metálico enquanto ela levantava um dedo para Elena. “Que membro você gostaria de perder primeiro?”

*Jesus. Jesus.* Elena sabia que não havia maneira de parar Michaela quando dois outros imortais muito mais velhos tinham falhado—a arcanjo esmagaria seu coração antes dela conseguir alcançar sua arma, muito menos apertar o gatilho. *Onde você está, Raphael?*

O mar chocou-se na sua mente, uma violenta tempestade. *Estou a caminho. Mantenha-a calma. Se ela liberar seu poder, vai destruir o Refúgio.*

Tomando uma decisão em frações de segundos, Elena passou as costas de sua mão pela sua boca, os cortes em seus lábios ainda sangrando. “Eu a levarei até Sam.”

A arcanjo esperou.

Com os cabelos da sua nuca se levantando em um aviso primitivo, Elena tomou a dianteira, ouvindo o sussurro do vestido de Michaela quando ela seguiu. *Galen e Venom estão ambos inconscientes.* Os olhos de Galen tinham aberto nos últimos segundos, mas Venom parecia mal, muito mal. *Eu acho que ela quebrou a espinha dele, talvez o seu pescoço.* E um vampiro podia morrer por causa de um pescoço quebrado se outros danos suficientes fossem feitos.

*Ele não está morto, ainda.*



A última palavra foi cortante. Gelo envolveu seu coração. Ela nunca pensou que lamentaria sua morte, mas Venom mostrou-se disposto a arriscar sua vida para proteger uma criança. Isso o tornou melhor, muito melhor, do que um arcanjo que arrasaria o Refúgio enquanto estivesse enfurecido com poder. Isso a lembrava muito de outro arcanjo—um cheio de toxina. Quanto de Uram Michaela carregava?

Coração acelerado, Elena parou em frente ao quarto de vidro onde Sam estava deitado em um tranquilo sono. Ela viu Keir chegar pelo canto de seu olho e tentou alertá-lo com um movimento frenético da sua mão, mas Keir balançou sua cabeça. “Sam está descansando,” ele disse em um tom ameno, como se um arcanjo não estivesse prestes a explodir ao lado deles. “A cura está progredindo extremamente bem.”

“Ele não ficará marcado?”

Elena achou a pergunta de Michaela peculiar, até que percebeu que a arcanjo não estava falando dos ferimentos superficiais do garoto.

“Não, não haverá dano permanente.” Keir colocou um braço no de Michaela, ousando tocar o calor que queimava a pele dela. “Ele vai crescer como deveria.”

Elena observou Michaela colocar sua mão no vidro. “Ele é tão frágil.” O brilho desapareceu em uma onda lenta. “Tão quebrável.”

“Crianças sempre são,” Keir disse, seu tom gentil, seus olhos anciãos naquele rosto juvenil. “É um risco que tomamos.”

“Grande demais,” Michaela sussurrou. “O risco é grande demais.”

A imagem congelou na mente de Elena—um arcanjo de uma beleza impossível vestida com sangue, sua mão apoiada no vidro, seus dedos tremendo com emoções que levou lágrimas à garganta de Elena. O que Michaela teria sido, ela se perguntou, se não tivesse perdido seu filho? O egoísmo que estava presente em todos os seus movimentos teria se transformado em algo melhor? Ou ela teria se tornado outra Neha, criando seu filho como uma cópia venenosa de si?

“É melhor quebrar o pescoço deles quando nascem.”

Elena deslizou a arma. Se Michaela fizesse um único movimento, ela esvaziaria todo o pente nas asas do arcanjo antes que Michaela pudesse se virar, usar seus poderes para desarmar Elena. Porque dada a escolha de um possível ricochete versus morte certa para Sam, ela arriscaria o ricochete.

“Você não acha?” a arcanjo disse para Keir em uma voz que era chocante em sua reflexão.

“Nós não matamos os nossos jovens.”

Silêncio. Quando o arcanjo se afastou do vidro, seu rosto estava como Elena sempre tinha visto—perfeição sem misericórdia. Virando-se com um aceno para Keir, ela foi embora em um varrer de asas bronze e seda branca manchada de vermelho escuro, sua beleza deixando uma imagem marcante que era difícil de ignorar.

Elena deixou uma respiração trêmula escapar. *Ela foi embora.*

*Leve Keir até Venom.*

Elena já estava se movendo naquela direção, Keir ao seu lado. Eles chegaram para encontrar Galen—seu rosto uma confusão de sangue e pele rasgada—ajoelhado ao lado do vampiro caído. “Ele está gravemente ferido. Espinha quebrada, crânio fraturado, falência dos pulmões. Seu coração pode ter sido perfurado com uma costela quebrada.”

“Ele mordeu Michaela,” Elena disse, incerta se isso fazia alguma diferença.

“Então, provavelmente ele descarregou o veneno de suas presas.” Keir começou a passar dedos muito brancos pelo corpo de Venom. “Isso fará com que seja mais fácil de lidar com ele.”

“O veneno dele pode machucar um anjo?”

“Não de uma maneira duradoura,” Galen respondeu, “mas, causa uma dor violenta na maioria.”

“Ele está morrendo.” Sentando-se sobre seus calcanhares, seu rosto branco com tensão, Keir acenou para Galen. “Você o carrega para a sala de tratamento?”

Galen deslizou seus braços sob o corpo quebrado de Venom. Elena engoliu sua reação negativa, nascida do conhecimento mortal que dizia que uma vítima de ferimento na coluna vertebral não devia ser movida. Keir certamente sabia muito mais sobre tratar tais ferimentos em vampiros do que ela jamais saberia. Enquanto eles se moviam para o quarto, ela sentiu o cheiro do mar, do vento, encher sua mente. Alívio pulava dentro dela. “Raphael está aqui.”

Mas, mesmo um arcanjo podia salvar um vampiro tão quebrado? O que causaria a Raphael perder um dos membros dos Sete?

# 31

Elena estava limpando o sangue das suas bochechas quando Raphael deixou o quarto de Venom. “Eu preciso dos seus dons, Elena.”

Ela largou a toalha molhada que encontrou em um dos quartos de tratamento vazios. Seu rosto ainda ferido, mas não tanto quanto estaria se ela ainda fosse humana – o processo de cura já tinha começado em algum nível. “O anjo morto?”

Um aceno.

“Venom — ele está...?”

“Não é fácil matá-lo.”

Eles não falaram durante o voo até o corpo. O lugar onde o corpo estava caído era uma grande confusão de rochas. Fazendo uma rápida avaliação da perigosa área irregular, ela percebeu que aterrissar ia ser problemático. Orgulho poderia tê-la levado a tentar mesmo assim, mas ela estava totalmente consciente de que, no momento, Raphael precisava dela funcional, capaz de cumprir uma tarefa que somente ela podia. *Uma ajudinha.*

Mudando de posição para que ficasse acima dela, Raphael a ordenou que fechasse suas asas. Era surpreendentemente difícil ir contra seus recém-nascidos instintos, mas ela conseguiu fechá-las. Raphael a pegou antes que ela pudesse sequer começar a cair, levando-a a uma aterrissagem perfeita no pedaço de rocha estável mais próximo.

“Obrigada.” Com sua mente já no corpo, ela se moveu mais próximo. De cima, tinha parecido como se o anjo tivesse sido jogado nas pedras, seus ossos esfaqueados, seus membros tão danificados que nem todos estavam inteiros. Agora, ela viu que sua cabeça tinha sido separada do seu torso, seu peito um buraco escancarado faltando não somente seu coração, mas todos os seus órgãos internos.

“Alguém quis ter certeza absoluta que ele não levantaria.” A caixa torácica do anjo brilhava na luz do sol da montanha, seu sangue não mais molhado, porém mantendo um profundo brilho que a fez se inclinar para frente com o rosto franzido em concentração. “Parece que o corpo dele está se transformando em pedra.” A carapaça vermelha escura era estranhamente bonita.

“É uma ilusão,” Raphael disse. “Suas células estão tentando reparar o dano.”

Ela se endireitou. “Ele ainda está vivo?”

“Não. Mas, leva muito tempo para um imortal realmente morrer.”

“Não é imortalidade, é? Se você pode morrer?”

“Comparado a uma vida humana...”

*Sim.* “Então, corte a cabeça, remova os órgãos para uma garantia extra.”

“Seu cérebro também foi removido.”

Elena encarou a cabeça. “Parece inteira.” Ela se inclinou, então recuou. “Eu realmente não posso pegar nada?” ela perguntou, seus dedos se curvando nas palmas de sua mãos quando ela se aproximou de um cabelo emaranhado com sangue que, um dia, poderia ter sido loiro.

“Não.” Mas, ele já estava agachando do outro lado do corpo, sua mão levantando o que restou da cabeça do anjo.

A parte de trás tinha sumido. Uma casca vazia. Sentindo seu rosto esquentar com uma onda de descrença, ela acenou para que ele a largasse. “Trabalho completo.”

Ele a colocou na rocha, o rosto para cima. “Seu nome era Aloysius. Quatrocentos e dez anos de idade.”

De algo modo, era mais difícil quando se tinha um nome. Respirando fundo, ela começou a separar os cheiros. Havia tantos. “Muitos anjos vieram aqui.” E parecia que a sua habilidade de sentir anjos, em desenvolvimento, estava funcionando bem hoje.

“Havia esperança de que ele pudesse ser ressuscitado até que se descobriu que o seu cérebro foi retirado.”

Ela olhou para Raphael do outro lado do corpo o qual não era nada além da mais vazia das cascas. Ele tinha dito a ela, mas—“A vítima honestamente poderia ter sobrevivido a todo o resto?”

“Imortalidade nem sempre é bonita.” Uma resposta que não deixou espaço para ambiguidade. “Muito provavelmente, ele estava consciente enquanto seus órgãos foram retirados.”

Engolindo em seco, ela balançou sua cabeça. “Eu sou nova demais para isso, certo? Se alguém decidir me fazer em picadinhos, eu vou perder a consciência?”

“Sim.”

“Ótimo.” Ela não era do tipo que desistia, mas ela também não queria saber como uma pessoa ficava após sobreviver a esse tipo de tortura. “Dado os respingos de sangue, ele foi jogado de uma altura bastante expressiva.” Ela estava tentando não pensar demais no que poderia estar grudando nas solas de seus sapatos—a E.F.<sup>29</sup> a colocaria atrás das

---

<sup>29</sup> Equipe forense, responsável pelo processamento de uma cena de crime

grades por comprometer uma cena desse jeito, mas ela aliviou sua consciência com o fato de que a cena já estava tão comprometida que era inútil para qualquer outra pessoa que não fosse um caçador nato.

“Entretanto,” ela continuou, “não foi tão alta que partiu o corpo dele completamente—você tem como saber se ele tinha os seus órgãos nesse momento?” Era impossível dizer com todo aquele sangue coagulado.

“Sim.” Raphael apontou para a cavidade do peito aberta. “Alguns dos órgãos deixaram pedaços para trás.” Ele alcançou e pegou o que pareceu ser uma dura pedra rosa, irregular nas bordas. A pedra brilhava em um tom de quartzo rosa bastante profundo na luz do sol. “um pedaço do fígado dele.”

Calafrios percorreram sua pele. “Você tem certeza que ele não pode sentir isso?”

“Ele está morto. O que seu corpo está fazendo é semelhante a uma galinha correndo por aí quando sua cabeça é cortada.”

“Uma resposta nervosa.” Fez sentido que levasse mais tempo para um imortal mais velho desaparecer.

Retornando a pedra para a cavidade do peito, Raphael apontou para a cabeça. “Partes do cérebro também foram encontradas espalhadas nas rochas.”

Ela ia jogar fora esses sapatos no instante em que chegasse em casa. “Um impacto tão forte teria tornado seus órgãos uma meleca,” ela disse. “Isso não faria com que fosse mais difícil de removê-los?”

“Não se o ‘cirurgião’ esperou que ele se curasse suficiente para os órgãos tornarem-se viáveis novamente.”

Ela estava lidando bem com o sangue, mas gelo congelou suas veias diante da natureza cruel do assassinato. “Jesus.”

“Use os seus sentidos, caçadora.” Foi um lembrete gentil. “O vento está contido, mas pode mudar sem aviso.”

Dispersando seu horror, ela começou a filtrar os cheiros que já conhecia—separando os caras bons dos maus que podiam vir depois. Ela estava no meio do processo quando a sua habilidade de sentir anjos falhou sem aviso, deixando um único fio limpo para trás. “Um vampiro esteve aqui.”

“Não com a equipe de resgate,” Raphael disse, sua expressão atenta.

“Significa que ele esteve aqui antes.” Tentando não sufocar com o cheiro adocicado do corpo na sua frente—um corpo que não cheirava como a morte deveria—ela afiou seus sentidos para aquele rastro de vampiro.

*Cedro coberto por gelo, um cheiro incomum, cheio de elegância.*

Seus olhos se abriram rapidamente. “Riker. Riker esteve aqui.”

Raphael encontrou Michaela horas depois, nas alturas do céu noturno acima de sua casa, seu corpo vestido em uma espécie de macacão justo que a tornava um insinuante e perigoso predador. Não havia nenhum traço da insanidade que Elena e Galen viram nela, seu corpo tão imaculado e exuberantemente gracioso como sempre.

“Raphael,” ela disse, pairando verticalmente ao lado dele. “Você está aqui para me alertar sobre a sua caçadora novamente?”

Elena, Raphael pensou, podia ver no passado de Michaela uma ferida que a tinha tornado mais amarga, mas Raphael conheceu o jovem anjo que ela tinha sido, sua ambição uma fogueira na qual ela sacrificaria qualquer coisa. “Você foi até o Medica com a intenção de fazer o mal.”

Um sorriso coberto pela mais pura malícia. “Não havia intenção alguma até que seu brinquedinho e os seus amigos entraram no meu caminho.”

“Você feriu vários curadores quando entrou. E você esperou até depois que sabia que Elena estava dentro.”

“Isso não o enoja?” ela sussurrou, sua voz mudando de venenosa para um ronronar de sensualidade em um piscar de olhos. “Que ela seja tão fraca?”

“Poder sem consciência apodrece a alma,” ele disse a ela, observando seus olhos ficarem mais afiados mesmo que seus lábios permanecessem curvados em um sorriso que prometia o mais sombrio dos pecados, o prazer mais excruciante. Ele pensou em Uram, caindo na armadilha daquele sorriso, a beleza egoísta daquela mente—mas, então, o arcanjo morto tinha escolhido seu caminho muito antes de Michaela sequer ter nascido. “Por que você matou Aloysius?”

“Esperto, Raphael.” Uma pequena inclinação de sua cabeça, deleite genuíno em seus olhos. “Ele era um dos meus, tornou-se meu quando eu assumi parte do território de Uram.”

“O que ele fez para merecer tal execução?” Como o arcanjo que governava o território dele, Michaela tinha o direito de matar Aloysius, mas por ter sua morte vinda pelas mãos de um dos que foram Feitos—um vampiro que provavelmente tinha sido permitido alimentar-se do anjo agonizante—foi um ritual de humilhação.

Os olhos verdes de Michaela tornaram-se estreitas fendas de luz. “Ele ajudou a capturar Sam.”

Qualquer simpatia que Raphael poderia ter sentido por Aloysius morreu, rápida e permanentemente. “Você pegou a memória dele?”

“Inútil.” Ela atirou uma mão. “Ele era um ator menor, uma ovelha ingênua no exército desse desconhecido aspirante a arcanjo.”

“Você foi capaz de descobrir qualquer coisa que possa nos levar à identidade daquele que procuramos?”

“Não. Aloysius não era nada além de um peão.”

Raphael viu a verdade no pequeno sorriso que flertou com os lábios dela. Era frio, sem misericórdia, satisfeito. “Você perdeu o discernimento, matá-lo antes de pegar todas as suas memórias.”

“Ele sorriu enquanto colocava Sam naquela caixa.” Uma fina linha de vermelho circulou suas íris. “Eu vi isso quando olhei em sua mente.”

“Foi quando você o jogou?”

“Sim.” Uma contração de ombros. “Eu já tinha quebrado as asas dele. Riker cuidou do resto.”

Raphael freou a sua frustração. “Como você descobriu o envolvimento dele?”

“Ele estava com medo de que seu mestre tinha vindo a considerá-lo dispensável, não conseguiu evitar contar seus medos a sua amante.” Um lento sorriso, aquele de uma serpente na grama. “E lealdade é uma mercadoria tão rara quando riquezas estão envolvidas.”

Elena se sentiu quase surrealmente calma quando entrou no avião no dia seguinte. Eles estavam voando para Pequim dois dias antes do baile, chegariam um dia antes dos outros arcanjos. “Venom?” ela perguntou.

“Ele está seguro.” Raphael disse a ela quando eles decolaram. “Eu movi todos os três—Sam, Noel e Venom—para outro local. Galen foi com eles.”

“Ótimo.” Ela agarrou os descansos de braços. “Eu sinto por Michaela, sinto mesmo.” Perder um filho... ela não podia imaginar a dor.

*Seu pai tinha perdido duas filhas.*

*Por causa de Elena.*

Engolindo a dor misturada com culpa que se assentou como uma pedra em seu peito, ela virou-se para olhar para o arcanjo que chamava de seu. “Mas, ela estava fora de

controle no hospital. Tudo que seria preciso era uma conversa com você e, então, não haveria violência.”

“Você está esperando que ela haja como um humano, Elena.” Uma resposta envolta em gelo. “Arcanjos não estão acostumados a pedir permissão para nada.”

Ela não era mais a mesma mulher que acordou do coma, o relacionamento deles um completo mistério. Ela conhecia partes dele agora. Suficiente para perguntar, “Qual o problema?”

Raphael a olhou com olhos que tinham se tornado aquele tom metálico que nunca pressagiava nada de bom. “O que Michaela fez com Aloysius? Eu não teria sido tão misericordioso.”

As palmas de suas mãos ficaram úmidas. “Você chama aquilo de misericórdia?”

“Ele morreu rapidamente.” Geada naquele olhar, um gelado inverno imortal. “Eu o teria mantido vivo por dias enquanto abria sua mente.”

Ela soltou uma respiração instável. “Por que você está me dizendo isso?”

*Você precisa saber quem eu sou.*

Elena pensou naquilo, deu-lhe sua resposta. “Se Slater Patalis estivesse na minha frente, eu faria o mesmo.”

Raphael passou as costas de sua mão pela bochecha dela. “Não, Elena. Eu acho que a sua raiva é uma chama muito mais quente.”

Alcançando, ela entrelaçou os dedos deles. “Eu vou tentar pará-lo se alguma vez chegar a isso.”

“Por quê? Você sente pena daqueles que machucariam um inocente?”

“Não.” Ela trouxe as mãos deles grudadas até seus lábios. “Eu me importo com você.”

Raphael sentiu o gelo nele mudar, começar a esquentar a partir de dentro. “Então, você tentaria me salvar.”

“Eu acho que vai ser mútuo.” Uma voz rouca com memórias sombrias. Hoje, ela tinha acordado com um grito novamente, sua mente presa dentro de um horror de quase duas décadas atrás.

Imitando o beijo dela, ele levantou sua mão até a boca dele. “Nós vamos salvar um ao outro.”

Não houve mais palavras até que sua caçadora balançou sua cabeça. “E se esse anjo, o que quer se tornar arcanjo, tentar algo enquanto estamos fora?”



“Nazarach, Dahariel e Anoushka foram todos convidados para o baile, assim como outros de poder comparável.”

Elena ficou imóvel. “Vai ser quando eles farão o seu movimento, não é? Será o local perfeito, especialmente com o Grupo dos Dez reunindo-se à frente do baile.”

“Sim.” Ele a olhou, o pulso no pescoço dela palpitante e frágil. “Não os deixe se aproximar. Você continua o alvo que mais chama a atenção desse aspirante.”

“Não se preocupe. Eles não são exatamente pessoas com as quais eu gostaria de passar o tempo.” Um tremor que ele sabia que não tinha nada a ver com a ameaça a sua vida mesmo antes que ela falasse. “Lijuan... você ouviu algo?”

“Ela trouxe os seus renascidos para a Cidade Proibida. Nós veremos os mortos andarem.”

# 32

A Cidade Proibida tirou o fôlego de Elena. Um intrincado labirinto de construções delicadas e travessias escondidas, o local realmente era uma cidade dentro de uma cidade. E era uma cidade cheia de maravilha—pontes de mármore branco com dragões entalhados no final, pátios pavimentados repletos de árvores, cada uma delas com sedosas luzes brilhantes no lugar dos frutos; cortesãos vestidos em inumeráveis tons de joias. Era como algo saído de um sonho.

“Borboletas,” ela sussurrou, de pé na sacada privada da residência, no último andar, que pertencia a eles. “Eles me lembram borboletas.”

A presença de Raphael era um calor sólido atrás de si, suas mãos apoiadas no corrimão em ambos os lados dela. Ela saboreou o calor dele, sentindo o seu peito vibrar quando ele falou. “Neha e alguns outros mantêm uma corte de certa extensão, mas a de Lijuan é a mais extensa.”

“Ela realmente é uma rainha.” Leques abriam-se enquanto ela observava, sorrisos de flerte trocados sobre suas bordas ilusórias. Todas as mulheres vestiam vestidos na altura dos tornozelos, a maioria em estilos que sussurravam elegância em vez de sexo. “Você acha que eles sabem sobre os renascidos?”

“Sim.” As mãos dele se fecharam sobre as suas, sua voz uma íntima escuridão nas orelhas dela. “Os homens de Jason dizem a ele que Lijuan começou a trazer alguns dos renascidos para a corte interna como entretenimento.”

As mãos de Elena, cobertas pela força das de Raphael, se fecharam na pedra envelhecida do corrimão. “Ela os rebaixaria dessa forma? Eu achei que ela os considerava suas criações?”

“Alguns, parece, são mais preferidos que outros.” Ele deslizou suas mãos rumo aos seus braços, segurando-a perto dele. “Amanhã de manhã, eu me reúno com o Grupo dos Dez. Tome cuidado quando você andar pelo local—Lijuan pode considerar um jogo atizar um deles contra você.”

“Quem é meu guarda-costas?”

“Aodhan.” Uma pausa. “Você não está satisfeita.”

“Eu não gosto do fato de ainda ter uma babá.”

“É necessário.”

“Por enquanto.”

Uma quietude perigosa, e ela sabia que essa era uma batalha que teria que lutar novamente. Ela podia lidar com isso—e Raphael, ela pensou, também podia. “Você escolheu uma guerreira, lembra-se?”

Um beijo na pele sensível logo abaixo da sua orelha. “Assim como você escolheu um arcanjo.”

Ela sempre soube que ele não seria um amante fácil. Mas, então, ela também não era. “Eu nunca lutei com você.” Um convite divertido. “Você gosta de facas?”

O mais fraco traço de um sorriso naquela boca que ele roçou contra o mesmo local que atormentou antes. “Nós vamos dançar com lâminas depois do baile.”

Era difícil pensar com ele tão perto, a Cidade Proibida zumbindo com beleza abaixo. “Você não trouxe muito homens com você.” Jason tinha voado com eles, e também Aodhan, apenas dois membros dos Sete.

“Se isso acabar em uma luta, será tarde demais.”

Elena terminou de colocar seu cabelo no elegante coque francês que Sara a ensinou—as mechas escorregadias presas com o que parecia ser quinhentos grampos—e examinou-se no espelho. O vestido azul-gelo com manga de aba aplicada era nu nas costas, não chegava nem mesmo o meio das coxas—com fendas em ambos os lados—e, apesar das peças de cristal bordadas na superfície, deslizava-se pelo seu corpo como uma segunda pele. Ela tinha encarado o alfaiate quando ele a mostrou o vestido pela primeira vez, mas o vampiro não era idiota. Combinado com botas de salto alto que alcançavam as coxas e meias-calças, ambas em preto, isso a transformava de uma acompanhante em uma assassina elegante enquanto proporcionava liberdade de sobra caso ela precisasse se mover.

Quentes mãos masculinas em seus quadris. “Perfeita.” O desejo escancarado naquela única palavra ecoou pelo seu corpo como um longo e preguiçoso golpe, seus mamilos se excitando contra o tecido suave.

“Maquiagem,” ela arfou.

Ele relaxou o seu aperto suficiente para que ela pudesse passar um pouco de blush bronze sobre as maçãs do rosto e também máscara em seus olhos. Abrindo a caixa que estava incluída com a roupa, ela encontrou um tubo de batom, o qual se revelou ser um intenso escarlate. “Este não é meu estilo.”

“Pense nisso como uma camuflagem,” Raphael disse, puxando-a novamente contra seu corpo parcialmente vestido enquanto ela segurava o batom, seu pênis uma marca nas suas costas, as asas dela ardendo com a mais erótica das sensações. “Permitindo que você se misture no território do inimigo.”

“Eu não pareço muito com os vampiros e anjo que vi lá fora.” Seu vestido/túnica não era de forma alguma recatado. E, então, havia as facas. Sem mencionar a arma. Estava tudo escondido nessa noite, uma cortesia que tinha ido na contramão dos jogos de Lijuan. Mas, ela estava aprendendo a escolher suas batalhas. “Eu não saberia como usar um leque mesmo se você me batesse na cabeça com um.”

“Não, você é caçadora demais.” Um olhar tão ardente, uma parte dela esperava que o espelho derretesse. Como sempre, ela teve que apertar suas coxas para lutar contra a urgência de levá-lo para o chão, de cavalgá-lo até gritar de êxtase.

“Mas, ela não verá isso,” ele murmurou. “Ela verá apenas uma anja jovem e fraca— intrigante por causa da maneira como ela veio a ser, mas, de outra maneira, não merecedora da sua atenção.”

“Ótimo.” Isso daria a ela a liberdade de observar Lijuan desprevenidamente. Elena não tinha nenhuma ilusão de que pudesse, fisicamente, fazer qualquer coisa para impedir o mais velho dos arcanjos, mas talvez ela pudesse captar algo da sua psique, alguma coisa pequena que poderia ajudar Raphael.

Libertando-a, Raphael andou até a mesa ao lado. “Illium pediu permissão para dar-lhe um presente.”

Curiosa, ela virou... para encontrar azul cromo. “O que ele fez para provocá-lo dessa vez?”

Uma lenta curva da sua boca, o humor perigoso de um arcanjo. “Facas e bainhas,” ele murmurou.

Ela tocou a parte de cima da sua bota direita. “Eu tenho as minhas—”

“Hmm.” Pegando algo de uma caixa lisa de madeira, ele moveu-se até ela. “Mas, você não tem nada meu.” As mãos dele na sua nuca, um beijo tão sombrio e cheio de possessividade que fez com que ela quisesse reivindicá-lo em retorno.

“Nós não vamos chegar a esse jantar se você continuar com isso.” Ela segurou o seu olhar, segurou a beleza e a crueldade nele, a palma de sua mão no peito nu de Raphael.

Ele deslizou sua mão para cima, pela parte de dentro da sua coxa, seus dedos acariciando a oh-tão-sensível carne entre suas pernas. Ela sugou um fôlego. “Provocando, Arcanjo?”

Dente roçando seus lábios. “Saiba disso Elena—você nunca usará a faca de outro homem.”

Ela piscou. “Ele queria me dar uma lâmina? O que tem de errado nisso?”

“Lâminas,” ele sussurrou, “e bainhas vão juntas. E a sua bainha, sempre, guardará somente a minha lâmina.”

Levou um segundo—desejo cobriu sua mente. Seu rosto inflamou. “Raphael, isso é—” Ela balançou sua cabeça, incapaz de encontrar as palavras. “Lutar não é sexual.”

“Oh?” Olhos cheios de tempestades marítimas, violentas e selvagens e excitantes.

O calor tornou-se brasas ardentes dentro dela, exuberantes com o conhecimento de que esse perigoso e lindo homem pertencia a ela. “Possessividade vai nos dois sentidos, Arcanjo.”

“Entendido, caçadora.” Dando um passo para trás, ele abriu sua mão.

Seu olho estava ofuscado, sua mente hipnotizada. “Essas pedras são reais?” Ela já estava pegando o objeto dele, já estava puxando a linda, linda lâmina da bainha que tinha sido desenvolvida especialmente para ela. A lâmina brilhou afiada na luz, guerreando com o esplendor das joias do cabo, da bainha, por domínio.

“Claro.”

Claro. Ela brincou com a faca para lá e para cá em sua mão, testando seu peso, o equilíbrio. Era a perfeição em seu punho. “Deus, é maravilhosa.” As joias eram de tirar o fôlego, mas era a lâmina que detinha o seu interesse, a delicadeza e força dela. “Jogue para mim aquela echarpe.”

Pegando o pedaço de tecido transparente e fino, Raphael o jogou para cima. O tecido caiu em uma névoa... partindo-se em ambos os lados da lâmina como se tivesse se rompido perfeitamente no meio. “Oh, cara.” Tão afiada, tão lindamente afiada. “Você mandou fazer para mim?” Cruzando a distância entre eles, ela o beijou sem esperar por uma resposta.

Os olhos de Raphael estavam brilhando o suficiente para ofuscar os diamantes e safiras azuis do cabo e da bainha quando ela recuou. “Você soa como se estivesse fazendo sexo.”

“Uma lâmina tão linda é tão boa quanto sexo.” Ela virou a bainha, olhando... admirando. Ela não era materialista por natureza. Somente com o seu apartamento—uma punhalada de dor—ela tinha sido diferente. Mas, essa lâmina, mexia com a mesma parte dela. *Minha*, ela pensou. “Eu preciso de uma...”

Raphael já estava levantando uma bainha da caixa. Feita de um suave, lustroso couro preto, ela tinha um cinto que deslizava pelas fendas em ambos os lados da bainha, antes de se ajustar firmemente na parte de cima do seu braço. “Perfeito.” Ela deslizou a arma no lugar. “A faca e a bainha são leves o suficiente que não irão cair. E tão lindas que vão parece decorativas.”

Raphael observou sua caçadora brincar com seu presente, espantado com o prazer que recebeu com a alegria dela. Esse presente significou algo para ela. Ele acertou.

Ele também tinha quase matado Illium por atrever-se a tentar usurpar algo que era dele.

*“Você acha que eu já não tenho um presente assim para a minha companheira?”*

*“Senhor, eu não tenho a intenção de desrespeitar.”*

*“Vá, Illium. Antes que eu esqueça que ela ama você.”*

Tinha sido uma reação irracional, focada em um anjo que há muito tempo tinha provado sua lealdade, que tinha sangrado por Elena. Raphael não estava acostumado a sentir-se tão fora de controle, não por qualquer um.

*“Então, ela vai matá-lo. Ela vai torná-lo mortal.”*

Ele tinha assumido que aquilo significava um enfraquecimento físico, mas e se Lijuan o estivesse prevenindo contra isto—o aquecimento lento do seu coração, até que isso cegasse a razão fria que coloria os seus hábitos por tanto tempo? “Razão ou emoção,” ele disse para Elena enquanto ela deslizava a faca de volta para a sua bainha após uma série de movimentos complexos. “Qual você escolheria?”

Ela lhe deu um meio sorriso engraçado por cima do ombro. “Não é assim tão simples. Razão sem emoção é, frequentemente, uma máscara para a crueldade; emoção sem razão pode permitir às pessoas justificar todos os tipos de excessos.”

“Sim,” ele disse, lembrando-se do impiedoso monstro que se tornava no Silêncio.

Virando, Elena andou até ele, seus quadris oscilando de uma maneira que era pura provocação, os saltos agulha das suas botas trazendo sua altura até pouco acima do maxilar dele. “Lembra-se do que eu disse sobre a possessividade ocorrer nos dois sentidos?”

“Eu não irei trair você, Elena.” Que ela sequer pensasse em questionar isso causou uma onda de raiva nele.

“Não venha ficar ranzinza comigo, Arcanjo.” Passando por ele, ela abriu um dos zíperes laterais da mala que tinha guardado suas armas e retirou uma pequena caixa. “Eu tenho um presente para você, também.”

Um prazer surpreso se espalhou dentro dele. Ele já foi presenteado com muitas, muitas coisas através dos séculos. Mas, a maioria não tinha significado nada, mortais e imortais igualmente o cortejando por poder, por prestígio, por ganhos grandes e pequenos. “Você adquiriu isso no Refúgio?”

“Não.”

“Então, como você conseguiu isso?”

“Eu tenho as minhas maneiras.” Vindo para ficar na frente dele, ela abriu uma pequena caixa para revelar um anel.

Um anel adornado com âmbar.

“Você,” ela disse, deslizando o anel no dedo apropriado da sua mão esquerda, “está bem e verdadeiramente comprometido.”

O seu coração apertado de uma forma que ele nunca tinha experimentado, ele trouxe o anel até seus olhos. O aro interno era de platina, grossa e sólida, o âmbar um sólido quadrado polido. Mas era escuro, o âmbar mais escuro que já tinha visto... com um centro de puro fogo branco. Intrigado, ele retirou o anel para levá-lo até a luz. As cores mudavam constantemente, ora escura, ora clara.

Foi então que ele viu, a inscrição no interior. *Knhebek*.

Ele viveu em Magrebe<sup>30</sup> por um tempo, viajou pelo Marrocos antes de se tornar arcanjo, tinha ouvido aquela palavra sussurrada por jovens ávidos a beldades de pele corada e olhos puxados.

*Eu te amo.*

O aperto em seu peito aumentou ainda mais. Deslizando o anel de volta em seu dedo, ele disse, “*Shokran*<sup>31</sup>.”

O rosto dela esboçou um sorriso cheio de deleite. “De nada.”

“Você fala a língua da sua avó materna?” Ele fechou seus dedos em sua palma, possessivo em relação a um objeto pela primeira vez em séculos.

“Eu só sei algumas palavras que a minha mãe costumava dizer.” Um sorriso cheio de memórias—aquelas felizes. “Ela misturava o árabe marroquino com o francês parisiense e o inglês o tempo todo. Mas, nós crescemos com ela, então nós entendíamos.” Até mesmo Jeffrey.

Ele ria na época, ela pensou, lembrando-se. Seu pai ria com a confusão de línguas da sua mãe—ele ria de si mesmo, não dela.

“Tenha piedade.” Segurando sua cabeça em suas mãos. “Eu sou um pobre garoto do interior. Eu não sei nenhuma dessas línguas floridas.”

“Meninas.” Olhos cintilantes, de um prata pálido e brilhantes com divertimento. “Não acredite em uma palavra que o Papai diz. Ele fala francês como um nativo.”

“Ma chérie, você me magoa.” Mãos dramáticas golpeando o seu coração.

<sup>30</sup> Região africana que abrange Marrocos, Sahara Ocidental, Argélia e Tunísia. Chama-se Grande Magrebe quando se juntam a estes a Líbia e a Mauritânia.

<sup>31</sup> Obrigado, em árabe

“Onde você está, Elena?” Dedos levantaram o seu queixo, até que ela encontrou olhos tão azuis que poderia afogar-se neles para sempre.

“Em casa,” ela sussurrou. “Em casa antes de tudo ser roubado.”

“Nós vamos construir o nosso próprio lar.”

A promessa se enrolou ao redor do seu coração, um raio vívido de sol. “Em Manhattan.”

“Claro.” Um lento, lento sorriso. “Que tipo de mansão você gostaria?”

Merda, mas o arcanjo estava brincando com ela novamente. A luz do sol aumentou, encheu suas veias. “Na verdade, eu meio que gosto da sua.” Ela deslizou seus braços ao redor do seu pescoço. “Eu posso ficar com ela? Oh, e eu posso ficar com o Jeeves, também? Eu sempre quis um mordomo.”

“Sim.”

Ela piscou. “Fácil assim?”

“É apenas um lugar.”

“Nós vamos torná-lo mais,” ela prometeu, sua boca na dele. “Nós vamos torná-lo nosso.”

Mas, primeiro, ela pensou quando bateram na porta, eles tinham que sobreviver à loucura de Lijuan.



# 33

Raphael em roupas formais fez Elena babar, seu perfil entalhado com clareza perfeita contra o céu noturno enquanto eles andavam ao longo dos caminhos curvos da Cidade Proibida—seguindo o empregado que os guiava para o jantar. Seu arcanjo estava usando uma camisa branca com calças pretas, mas a camisa era uma obra de arte, o tecido em ambos os lados das aberturas para as asas era bordado em um design em preto que se curvava e fluía – sem nunca perder o traço que dizia que este era o Arcanjo de Nova York.

“Sexy” era uma palavra tímida demais para descrevê-lo.

E era óbvio que as belas vampiras com cabelos de seda ao redor deles pensavam o mesmo. Ela cravou seus olhos em uma que teve a audácia de balançar seu leque na direção dele. O leque caiu.

Satisfeita, ela se virou novamente para Raphael. “Jason e Aodhan?”

“Eles têm suas tarefas.”

*Ela não sabe sobre Jason?*

*Sim.*

E, então, eles estavam sendo conduzidos por portas intrincadamente pintadas—para um cômodo que parecia absorver toda a luz, todo o ar, esmagando suas costelas contra seus órgãos. Movendo-se uma fração mínima, Raphael captou seu olhar, dando-lhe um foco, uma forma de lutar contra a sensação de sufocamento. Parecia que horas tinham passado, mas não podia ter sido mais do que dois segundos, no máximo. Quando ela virou sua atenção de volta ao cômodo, seu coração lutando para recobrar seu ritmo, seu olhar foi atraído para um grupo de cadeiras abaixo de uma parede cheia de borboletas, suas asas para sempre abertas, um único pino afiado prendendo cada uma.

“Raphael.” Lijuan sussurrou do outro lado do cômodo para cumprimentá-los, suas pupilas um estranho tom perolado, seu vestido uma mistura desconcertantemente feminina criada a partir de camadas de um fino tecido flutuante que girava ao redor do seu corpo em um persistente cinza e um branco como névoa, seu cabelo sendo tirado do seu rosto em um vento que Elena não conseguia sentir, um vento que não tocou nem as pesadas cortinas de brocado<sup>32</sup>, nem as exuberantes tapeçarias nas paredes.

A pele de Elena se arrepiou em um aviso primitivo, milhões de anos de evolução dizendo-lhe que ela nunca, jamais devia deixar-se chamar a atenção da criatura em sua

<sup>32</sup> Tipo de tecido ricamente decorado, feito de seda colorida, e com relevos bordados geralmente em ouro ou prata.

frente. Porque não era o cômodo que absorvia toda a luz. Era Lijuan. A parte primitiva do cerebelo<sup>33</sup> de Elena enviou uma descarga de pânico pelo seu corpo quando ela permaneceu no lugar, dizendo-a para correr, para se esconder.

Mas, é claro, já era tarde demais.

Ela observou quando Raphael pegou as mãos de Lijuan, quando ele curvou sua cabeça para roçar seus lábios pela aquela pele pálida e perfeita. Os olhos de Lijuan encontraram os dela sobre os ombros de Raphael, e não havia nada remotamente humano neles, nada que Elena pudesse sequer tentar ler.

Quando o delicado anjo recuou, aqueles olhos sobrenaturais retornaram à Raphael. “Você está diferente.”

“E você nunca muda.”

Um riso tilintante, um que não devia parecer tão cortante contra a pele de Elena, como se fosse feito de lâminas esmagadas contra vidro. “Por que eu não o conheci quando era mais jovem?”

“Eu não teria chamado sua atenção na época,” Raphael disse, virando-se para colocar uma mão na parte de baixo das costas de Elena. “Esta é Elena.”

“Sua caçadora.” Os olhos pálidos de Lijuan se fixaram em Elena, e foi preciso cada pingo de força de vontade dentro de si para que ela não desse um passo para trás, não se escondesse.

Porque Lijuan era o horror dentro do armário. Aquele em que as mães assustavam seus filhos. Aquele que você nunca deveria ver.

“Senhora Lijuan.” O título formal, aprendido com Jessamy, saiu, soando normal. Como, Elena não tinha certeza.

Os olhos de Lijuan foram ao pescoço de Elena. “Você não usa nenhum colar.”

Elena não deixou cair o seu olhar, embora seu estômago fosse um nó de fúria. “Eu prefiro o presente de Raphael.”

“Uma faca—tal ornamentação foi popular em outra época.” A atenção de Lijuan mudou, como se o colar que tinha causado tanta dor a Elena não mais importasse. “Asas tão lindas. Você pode mostrá-las para mim?”

Ela não queria mostrar nada a essa criatura, mas o pedido tinha sido educado. Ela não ia causar um incidente político simplesmente porque Lijuan era tão inumana que desafiava entendimento. Movendo para dar espaço a si mesma, ela abriu as asas que seu

---

<sup>33</sup> É o centro coordenador dos movimentos e intervém também no equilíbrio do corpo e na orientação.

arcanjo tinha lhe dado ao mesmo tempo em que lhe deu a vida. Mas, quando Lijuan levantou uma mão como se para tocar, ela as fechou novamente.

Raphael já estava falando. “Não é de seu feitio quebrar o protocolo.”

“Minhas desculpas.” As mãos de Lijuan caíram, mas seus olhos permaneceram nas partes visíveis das asas de Elena. “Minha única defesa é que elas são bastante extraordinárias.”

Elena desejou que pudesse encolher suas asas ainda mais. “Obrigada.”

Lijuan tomou o agradecimento como se fosse seu direito. “As minhas, como podem ver, são tão simples.” Ela esticou suas asas.

Elas eram de uma suave cinza semelhante à cor de uma pomba. Delicadas. Totalmente primorosas em sua perfeição sedosa. “Simples talvez,” Elena encontrou-se dizendo, “mas, muito mais bonitas por isso.”

Lijuan voltou a dobrar suas asas. “Tão honesta. É o porquê dela intrigá-lo?”

Raphael respondeu com uma indagação implícita. “Você não se importa muito com tais emoções terrenas.”

“Ah, mas *você* me intriga.” Tocando as mãos dele, Lijuan gesticulou para a esquerda. “Eu achei que poderíamos comer informalmente.”

Elena quase engoliu sua língua com isso. Esse cômodo poderia não ser uma sala de jantar, mas era suntuoso além de qualquer descrição, a parede dos fundos revestida com painéis espelhados com suas bordas em ouro ornamentado, na parede da direita pendia tapeçarias que certamente custavam centenas de milhares, a parede da frente era cheia de janelas que davam para a brilhante—e sempre elegante—festa dos cortesãos abaixo. A parede da esquerda, aquela abaixo da qual eles deviam se sentar, era onde as borboletas permaneciam.

Movendo-se relutantemente para ficar ao lado de uma cadeira estofada em um maravilhoso tom de jade, ela não podia evitar olhar para as criaturas congeladas para sempre em estase<sup>34</sup>. “Não tem vidro,” ela disse quase para si mesma. “Como você impede que elas se decomponham?”

Outra risada tilintante. Seu coração congelou quando ela percebeu o que tinha dito.

“Você não contou a ela meu segredo, Raphael?” Olhos que cintilaram com um divertimento adolescente.

*Assustador.*

---

<sup>34</sup> Estagnação, imobilidade.

Raphael tocou as costas de Elena brevemente com sua mão. “Não é mais tanto um segredo. Favashi me falou disso ontem.”

“Mas, você soube antes de todos.” Lijuan sentou-se em uma cadeira que tinha sido feita para acomodar asas, tendo uma coluna central para suporte, com os lados curvando-se graciosamente. “Como está o anjo de asas negras?”

Raphael esperou que Elena se sentasse antes de tomar um assento ao lado dela. “Jason está muito ansioso para o baile.”

A conversa civilizada mascarava uma sutil sugestão de perigo que lambia os tornozelos de Elena como um fogo senciante. Raphael lhe disse que Jason tinha sido ferido pelos renascidos de Lijuan. Agora ela se perguntava se o ataque tinha sido de propósito. Um aviso?

Lijuan levantou uma mão e o corpo de uma brilhante borboleta azul soltou-se da parede em sua mão, o pino que a prendia caindo silenciosamente no carpete. “E aquele mais jovem? O bonito?”

“Eu decidi que seria melhor se Illium não se juntasse a nós,” Raphael disse sem perder uma batida. “Ele poderia ter se revelado uma tentação grande mais.”

Largando a borboleta na mesa, Lijuan riu, e, dessa vez, foi mais sombrio, cheio de— se é que se podia chamar o som disso—humor verdadeiro. “Hmm, sim, aquelas asas são bastante magníficas.” Os olhos dela foram até as de Elena. “Tão incomuns quanto as suas.”

“Infelizmente,” Elena disse, sabendo que tinha que manter-se firme, mesmo que esse arcanjo pudesse esmagá-la com um único pensamento, “eu não sou colecionável também.”

“Oh, eu não quero ter as suas asas emolduradas,” Lijuan disse, seu cabelo continuando a dançar suavemente naquela arrepiante brisa que não tocava mais nada. “Eu acho você muito mais interessante viva.”

“Sorte minha.” Exceto que ela não pensava assim. Recostando-se na sua cadeira, ela deixou que Raphael e Lijuan continuassem a conversa. Enquanto eles falavam, ela observava, ela ouvia... e ela tentava descobrir porque Lijuan parecia tão *errada*.

Sim, o poder dela fazia a pele de Elena se arrepiar, mas Raphael tinha uma vez quebrado cada osso do corpo de um vampiro e o deixado lá como uma advertência a outros. E a conversa deles no avião deixou claro que ele era tão capaz daquele tipo de brutalidade, hoje, quanto era naquela primeira vez quando ela o conheceu.

Ainda assim ela levava Raphael para sua cama, noite após noite, prendia-se ao seu abraço quando os pesadelos ficavam ruins demais. Confiança, havia confiança entre eles. Mas, mesmo antes, quando ele tinha sido simplesmente o Arcanjo de Nova York—duro, cruel, certamente sem misericórdia—ela nunca tinha sentido esse arrepio em sua pele, essa sensação de que estava na presença de algo que simplesmente *não devia existir*.

“Ah, aqui está a refeição.”

Elena já tinha virado sua cabeça em direção da porta, tendo sentido os vampiros se aproximando.

*Jasmim e mel.*

*Madeira de bálsamo doce polvilhada com canela.*

*Um beijo de luz do sol tocado com tinta.*

Combinações estranhas, cheiros estranhos, mas vampiros eram desse jeito. Ela tinha perguntado a Dmitri como eles cheiravam uns para os outros. O vampiro tinha lhe dado aquele sorriso provocador que guardava somente para ela. “Nada. Nós guardamos nossos sentidos para os mortais—para a comida.”

Os três que entraram no cômodo eram todos homens, mas somente um tinha o cabelo escorregadio com óleo e os olhos amendoados da terra de Lijuan. Ele era a madeira de bálsamo. Ao lado dele, estava um homem eurasiático<sup>35</sup> com os ombros sólidos de um boxeador e com os olhos azuis como o céu de algum garoto do Kansas, seu rosto não exatamente harmonioso, mas parecendo como todos os outros apesar, ou talvez por causa, dos seus traços incomuns. Ele era o jasmim. E a luz do sol—seu estômago se revirou com as memórias despertadas por aquele cheiro, memórias de sangue e morte, carne apodrecida jogada por toda parte enquanto Uram apertava seu tornozelo estraçalhado.

A luz do sol moveu-se para mais perto, colocou um delicado conjunto de porcelana pintada à mão na baixa mesa entalhada que era a única barreira entre ela e Raphael, e Lijuan. A mão dele era a escuridão lustrosa encontrada no centro da árvore *mpingo*<sup>36</sup>, tão rica, tão pura que a mobília feita com o cerne da madeira custava milhares e milhares de dólares.

Sua pele era tão bonita, tão evocativa dos meses em que, um dia, ela passou na África que foi preciso um momento para que Elena olhasse nos olhos dele, para que percebesse que ele estava morto.

<sup>35</sup> Pessoa nascida na Eurásia que é a massa que formam, em conjunto, a Europa e a Ásia.

<sup>36</sup> Mpingo é uma árvore também conhecida como jacarandá-africano, madeira negra africana ou pau-preto. Sua madeira é escura, muito dura, de alto valor comercial.

Raphael soube no instante em que Elena percebeu que o vampiro em pé em sua frente, colocando chá oolong<sup>37</sup> da cor do mel em uma pequena xícara, era um dos renascidos. Todo o seu perfil ficou imóvel, tão imóvel, a quietude de um caçador que tinha avistado uma presa.

Ele poderia ter falado com ela mentalmente, advertido-a a não aparentar medo, mas com as habilidades crescentes de Lijuan, era possível que ela pudesse ouvir o aviso—e Raphael não faria nada que taxasse Elena como fraca. Em vez disso, ele confiou em sua caçadora, e ela não o decepcionou.

“Obrigada,” ela disse educadamente quando o renascido terminou de servir.

Um curto aceno do vampiro que era tão fresco, tão novo, que não podia ter sido renascido há muito tempo. Os olhos dele—sim, havia algo lá, conhecimento do que ele tinha sido, do que ele era agora. Mas, não havia pânico neles. Talvez o homem ainda não entendesse o que tinha se tornado. Raphael esperou enquanto o renascido se movia para servi-lo, ao mesmo tempo em que o de olhos azuis servia Lijuan.

“Um brinde,” Lijuan disse, levantando a xícara enquanto os homens começavam a transferir a comida de um carrinho, feito de madeira e folheado a ouro, para a mesa. “A novos começos.” Os olhos dela estavam em Elena.

Raphael lutou com a urgência se colocar no meio, de proteger Elena de uma ameaça que ela não tinha esperança de sobreviver... mas, então, ele pensou, sua caçadora tinha sobrevivido a ele. “À mudança,” ele disse.

O olhar de Lijuan moveu-se para ele, mas ela não desafiou a sutil diferença em seu brinde. “Isso servirá.” Ela abanou uma mão aos três homens e eles saíram tão silenciosos quanto tinham entrado.

“Sem audiência?” Raphael passou a Elena um pequeno prato que continha um bolo doce de feijão vermelho que sabia que ela iria gostar.

“Hoje não.” Ela observou Elena comer o bolo que ele tinha dado-a. “A comida continua a representar prazer para você, Raphael?”

“Sim.” Foi uma resposta simples. Ele ainda estava preso a essa terra, ao mundo. “Você não come mais.” Foi uma suposição, mas ele não estava esperando sua confirmação.

“Tornou-se desnecessário.” Ela tomou um gole da xícara em sua mão. “Com amigos, eu faço um esforço, mas...”

Ele entendeu o que ela estava dizendo. Nenhum arcanjo jamais iria morrer de fome, mesmo que ele ou ela parasse de comer completamente. Entretanto, falta de alimento eventualmente começaria a diminuir o poder. Poderia levar anos, talvez décadas, mas a

---

<sup>37</sup> Tipo de chá semi-fermentado que situa-se no ponto intermediário entre chá preto e chá verde.

perda poderia muito bem ser permanente. Um arcanjo não podia permitir-se a correr esse risco.

Lijuan estava lhe dizendo que tinha ido além disso. O que levantou a questão a respeito de como ela estava, agora, ganhando seu poder.

“Sangue e carne?” ele perguntou, consciente de Elena ficando incomumente imóvel ao seu lado. Alguns teriam dito que ela tinha ficado silenciosamente acovardada. Ele sabia muito bem que ela estava ouvindo, aprimorando seu conhecimento, tomando nota de qualquer possível fraqueza.

“Isso seria uma devolução,” Lijuan disse, seu cabelo aprumando como se acariciado por dedos fantasmagóricos, “e eu estou evoluindo.”

Elena esperou até que estavam atrás das portas fechadas do quarto deles antes de ceder aos tremores. “Ela é... o que ela é?”

“Poder em sua forma mais pura.” Andando até as portas de madeira pintadas que levavam ao pátio e a sacada, que pertenciam somente a eles, Raphael as abriu. “Venha. O ar vai purificá-la.”

Ela pegou a mão que ele estendeu, deixou que ele a levasse ao fresco ar do inverno. A Cidade Proibida se estirava como um mar de estrelas multicoloridas à sua frente, dançarinos ainda girando graciosamente no pátio principal enquanto música tocava, persistente, evocativa, bonita suficiente para levar lágrimas aos olhos.

De pé no círculo dos braços de Raphael, sua cabeça contra o ombro dele, seus braços ao redor dele, ela tomou seu primeiro fôlego de verdade em horas. Seus pulmões sugaram o ar como se ressecados, sua garganta parecendo se desbloquear com um tremor de alívio. “Aquele música — o que é?”

“É o *ehru*<sup>\*38</sup>.”

Por vários, momentos silenciosos, eles apenas ficaram lá de pé, deixando a música encharcar seus ossos. Elena foi quem falou primeiro. “Você não acha que ela rouba poder dos outros?”

“Não.” Raphael passou suas mãos pelas suas asas, e o choque de sensação foi bem vindo, um lembrete de que ela era real, nada como a criatura que tinha ficado na frente deles naquele cômodo cheio de silêncio. “Se ela pudesse fazer isso, seus cortesãos não seriam tão saudáveis. Lijuan sempre brincou primeiro em seu próprio território.”

---

<sup>38</sup> Um instrumento musical originário da China com duas únicas cordas e é tocado com um arco.

“Como com os renascidos.” Ela tremeu novamente, deslizou sua mão sob a camisa dele para tocar o inflexível calor masculino da sua pele. “Aquele vampiro—ele cheirava a luz do sol e tinta. Ele era novo... fresco.”

“Ele acha que lhe foi dada uma segunda chance,” Raphael disse, lembrando-se da lealdade naquele olhar escuro quando o vampiro se virou para ver Lijuan.

“Quando eles começam a apodrecer?” ela forçou-se a perguntar.

“Jason está quase chegando.” Ele podia sentir o seu espião mestre se aproximando cada vez mais. “Ele terá as informações mais recentes—mas, pelo o que nós sabemos, depende não somente da quantidade de poder que ela gasta, mas também do que ela os alimenta.”

“Carne,” ela sussurrou. “Humana?”

“Ou de vampiro. Parece ter pouca diferença.” Não houve informações de anjos sendo sacrificados para os brinquedos de Lijuan, mas Raphael não duvidaria dessa depravação do mais velho dos arcanjos.

A cabeça de Elena levantou-se naquele instante. “Tempestades,” ela sussurrou. “Jason cheira à mais selvagem das tempestades, relampejante e forte.

“O novo aspecto da sua habilidade estabilizou?”

“Não.” Seus olhos seguiram a descida de Jason do céu, embora o anjo de asas negras não fosse nada além de uma sombra. “A habilidade vai e volta. Na maioria das vezes ela falha.” Ela pressionou seus lábios na mandíbula de Raphael. “Mas, você, você sempre foi a chuva, o vento, dentro da minha mente. Eu sinto o seu gosto quando durmo, quando acordo, quando respiro.”

Se Jason não tivesse aterrissado nesse momento, Raphael teria puxado Elena para dentro, iria inundar-se em seu cheiro único. Como sempre, ele correu sua mão para fechá-la sobre sua nuca, roçando sua boca pela doce curva da sua orelha. *Eu vou prová-la hoje, Elena. Esteja pronta para mim—eu não vou parar até você gritar o seu prazer.*

Ele ouviu o coração dela falhar, sua respiração ficar presa. Mas, sua caçadora ainda nunca recuou de um desafio. *Quando quiser, menino anjo.*



# 34

“Senhor.” Jason dobrou suas asas atrás de si e esperou por permissão para falar.

Levantando sua cabeça, Raphael acenou em cumprimento. “Venha, nós vamos conversar lá dentro.” O estranho senso de honra de Lijuan garantiria que a sala de estar deles estivesse livre de espiões—reais e tecnológicos. Ela consideraria inaceitável intrometer-se na privacidade de seus convidados.

Lá dentro, Elena se recostou na cômoda enquanto Raphael e Jason permaneceram em sua frente. A tatuagem do anjo estava quase totalmente refeita, um pedaço de arte viva que cobria o lado esquerdo do seu rosto e falava da ascendência de terras muito distantes umas das outras. A estória dos pais de Jason era considerada um dos maiores romances angelicais. E por um tempo, tinha sido.

“Seus homens foram capazes de descobrir mais alguma coisa?” ele perguntou ao seu espião mestre.

“Seja lá o que ela mantém naquele quarto na sua fortaleza,” o anjo de asas negras disse-lhe, sua voz clara como cristal, perfeitamente afinada, “foi trazido para cá.”

“Um dos renascidos?”

“Sim, mas um especial—extremo cuidado foi tomado para protegê-lo no caminho até aqui.” Aquela afinação perfeita alterou-se apenas o suficiente para transmitir a repulsa de Jason. “Há informações de jovens mulheres desaparecidas no decorrer da rota da caravana.”

“Ela está alimentando seus renascidos com os vivos?” Matar humanos não era nenhum tabu, mas para isso, dessa maneira... isso poderia enojar até mesmo Charisemnon.

“Nós não conseguimos achar qualquer resto mortal para confirmar,” Jason disse. “Mas, os desaparecimentos batem com a rota da caravana—e caso eles quisessem os mortos, corpos foram recentemente enterrados em todas as aldeias.”

“Lijuan é considerada uma deusa,” Raphael disse lembrando-se de outra época, de outro anjo transformado em um deus. “Os aldeões não reclamariam.”

“Não.” O cabelo negro como azeviche<sup>39</sup> de Jason, solto, captou a luz quando ele curvou sua cabeça, tomou um longo fôlego. “Não é o pior de tudo.”

“Tem mais?” A voz de Elena estava abertamente chocada.

---

<sup>39</sup> Carvão compacto usado como gema, também conhecido por Âmbar Negro.

Jason levantou sua cabeça. “Há rumores, fortes rumores, de que aqueles mortais na corte interna que não foram escolhidos para serem Feitos...”

“Santo Deus,” Elena sussurrou. “Eles estão pedindo para serem renascidos?”

“Parece que eles estão sendo seduzidos pelos renascidos mais recentes,” Jason confirmou. “Aqueles que estão sendo mantidos a longo prazo em um estado físico semelhante à vida sendo alimentados por carne.”

“Os jovens ou os velhos?” Raphael perguntou.

“Os mais velhos—mas eu não acho que isso irá durar.” Jason balançou sua cabeça.

“Por quê?” Elena olhou para Raphael, seus olhos sem compreensão. “Eles devem saber ou supor que, provavelmente, terão expectativas de vida muito mais curtas do que se permitissem que a natureza tomasse seu curso.”

Jason respondeu antes que Raphael pudesse. “É a promessa da imortalidade, a esperança de que Lijuan encontrará uma maneira de mantê-los vivos pela eternidade. Alguns desistiriam de tudo por isso.”

Elena ouviu algo naquela afirmação, uma sugestão sutil que continha uma grande riqueza de significado. Ela olhou para o anjo que era sempre uma sombra, seu rosto exoticamente bonito impenetrável, suas asas como a fuligem de carvão que permitia que ele se misturasse na noite sem ser percebido. “Pela promessa?” Ela balançou sua cabeça. “Eu simplesmente não consigo entender que realidade é esta em que eles se tornariam menos que escravos.”

“Você nunca perseguiu a imortalidade,” Raphael respondeu. “Você não compreende o desejo daqueles que a buscam.”

Isso a fez pausar. “Talvez eu entenda,” ela disse, e desejou que não entendesse. “Meu cunhado ama minha irmã... mas, ele não esperou ela ser aceita como uma Candidata. Ele desejava viver para sempre mais do que queria minha irmã ao seu lado.” E agora Beth iria envelhecer enquanto Harry permaneceria para sempre jovem.

Harry tinha prometido ficar ao lado de Beth, e, por alguma razão, Elena acreditava nele. Mas, ela se perguntava se *Beth* aceitaria sua devoção. O amor de sua irmã iria sobreviver ao conhecimento de que ela não seria aceita para a imortalidade, de que ela morreria um dia, deixando Harry para conhecer outra pessoa, amar outra pessoa?

Seu olhar prendeu-se no de Raphael, seu coração um punho doloroso em seu peito. Porque ela, também, iria ver sua irmã morrer.

*Eu não me desculparei, Elena. Seria uma mentira—eu não podia permitir que você me deixasse.*

A honestidade crua da resposta, da emoção por trás disso, a balançou. *Eu esqueço, e então eu me lembro e dói ainda mais.*

*Beth vai tornar-se pó quando sua hora chegar, mas ela morrerá sabendo que seus filhos serão cuidados por um anjo.*

Ela deu um aceno agitado, encontrou o olhar de Jason, percebendo pela primeira vez que seus olhos eram pretos, tão pretos que era quase impossível distinguir pupila de íris. “Os cortesãos vão se voltar contra Lijuan se provarmos a eles que não há imortalidade em ser renascido?”

As asas de Jason farfalharam quando ele as endireitou, mas mesmo aqui, nessa sala cheia de luz, ele conseguiu encontrar uma sombra, até que ela tinha que se concentrar para ver o contorno delas. “Nós podemos voltar alguns contra ela, mas a maioria está acostumada demais a vê-la como uma deusa. Eles irão seguir cegamente aonde ela apontar.”

Dando a Lijuan um suprimento de corpos sem fim para o seu exército de mortos.

# 35

Elena estava deitada nos braços de Raphael, seu corpo exausto na mais sexual das maneiras. O arcanjo tinha mantido sua promessa. Ele a tinha feito gritar. Seu coração ainda estava acelerado com o eco do prazer ardente quando ela caiu na escuridão calorosa de um sono tranqüilo. Tão tranqüilo que levou um tempo para que ela entendesse o que estava escutando.

*Pinga.*

*Pinga.*

*Pinga.*

*“Venha aqui, pequena caçadora, prove.” Um dedo pressionando a sua boca.*

*Ela apertou seus lábios bem forte, mas o gosto, o gosto infiltrou-se para dentro mesmo assim, uma coisa traiçoeira e indescritível. Não! Sua mente se recusava a perceber o que era, se recusava a entender.*

*Mas, o monstro não a deixaria escapar. “Belle não é deliciosa?” Seus olhos eram o mais escuro castanho, envolvido por um fino círculo de vermelho sangue. “Eu guardei um pouco para você. Aqui.” Mãos afastando o cabelo loiro dourado da sua irmã do seu pescoço, revelando a carne crua que era sua garganta. “Eu acho que ainda pode estar quente.” Seu rosto fuçando o pescoço de Belle, suas mãos em seios que tinham apenas começado a crescer.*

*O grito escapou. “Não!” Ela estava em cima dele, punhos e mãos como garras, dentes e chutes e fúria.*

*Mas, mesmo uma caçadora nata não era tão forte quanto um vampiro totalmente formado. Um vampiro saturado com sangue. Ele brincou com ela, fez com que ela acreditasse que o tinha ferido. E quando ela baixou sua guarda, quando ela estava arfando pela luta... ele a beijou.*

Elena acordou sufocando.

Pontos escuros nublaram sua visão, ameaçando derrubá-la em direção á inconsciência até que o cheiro da chuva, do mar, infiltrou-se em sua mente. Fresco e selvagem e longe do horror que ela podia sentir na sua boca, o cheiro a arrancou do ciclo de pesadelo, fazendo-a buscar ar enquanto virava desesperadamente em direção aos braços de Raphael.

Eles se fecharam ao redor dela, um absoluto e inquebrável paraíso. “Shh, eu estou com você.”

“Oh Deus, oh Deus, oh Deus.”

Raphael segurou Elena forte, tão forte que devia estar machucando-a. Mas, ela ainda tremia, suas palavras ilegíveis, seu medo tão forte que ele podia sentir o seu gosto. “Elena.” Ele ficava dizendo seu nome, ficava tocando a mente dela com a sua, até que ela pareceu vê-lo, conhecê-lo. Ainda segurando-a, ele passou sua mão pelas asas dela sem parar, tranquilizando-a, lembrando-a de que ela estava aqui, com ele, não presa em um passado que não podia escapar.

Ele manteve sua própria raiva, sua fúria, contida por trás de escudos de ferro. Arcanjos podiam fazer muitas coisas, mas nem mesmo ele podia fazer o tempo voltar e apagar a maldade que tinha devastado Elena antes que ela tivesse a chance de crescer.

“Ele me deu o sangue de Belle.” Foi um sussurro rouco, como se sua garganta estivesse dilacerada por gritar.

“Conte-me.”

“O sangue da minha irmã. Ele me beijou, me dando o sangue de Belle.” Fúria e horror e um desnorreado tipo de dor. “Eu tentei cuspir, mas ele cobriu minha boca, meu nariz, e eu bebi. Oh Deus, eu bebi.”

Sentindo a histeria começando a retomar seu controle sobre ela, ele puxou a cabeça dela do seu peito, tomando sua boca em um beijo que era pura exigência desenfreada. Elena congelou por um curto instante antes que suas mãos se enfiassem no cabelo dele, antes que seu corpo girasse até que ela deslizou-se para debaixo dele, suas pernas enrolando-se ao redor da cintura de Raphael.

Havia um tipo selvagem de desespero no beijo dela, um beijo com o sabor salgado das suas lágrimas. Ela queria esquecer. Ele faria qualquer coisa em seu poder para ajudá-la a encontrar qualquer paz que ela conseguisse. Ele a tomou tão forte quanto ela desejava, prendendo seus pulsos nos lençóis com uma mão, empurrando sua coxa de lado com a outra, e deslizando-se para dentro de sua bainha com uma única estocada.

O grito dela ecoou em sua boca. Ele a beijou enquanto a tomava, durante a emoção crua e quase dolorosa da união deles. Ele a beijou até que ela arfou por ar, até que seus olhos ficaram vazios com prazer, com paixão, com êxtase. E, então, ele a beijou quando ela voltou do pico.

“De novo,” ele sussurrou em sua boca.

Ela o encontrou movimento por movimento, seus quadris levantando-se em acolhimento, em exigência. Libertando suas mãos, ela o segurou junto de si, arrastando sua boca pelas suas bochechas, seu maxilar, seu pescoço. No final, ela enterrou sua cabeça

em seu pescoço e simplesmente manteve-se lá... deixou ele segurá-la, deixou ele protegê-la.

Foi a confiança de Elena que o colocou de joelhos, que o levou além do limite e até os braços dela.

“Obrigada.” Elena se recusou a deixar Raphael mover seu corpo do dela, seus lábios roçando a orelha dele quando ela falava, a seda escura do seu cabelo fria contra a pele dela. “Obrigada.”

“Eu teria apagado os seus pesadelos, Elena.”

“Eu sei.” E o fato de que ele não os tenha tirado mesmo quando ela podia sentir a necessidade selvagem que Raphael tinha de fazer desaparecer sua dor, fez com que o coração dela se expandisse impossivelmente mais. “Mas eles são parte do pacote.”

Ela não tinha verbalizado a pergunta, mas ele soube.

“É um pacote que pertence a mim.” Nenhuma hesitação, nenhuma sensação dele se afastando.

“Eu sou tão problemática. Isso não incomoda você?”

“Você viveu.” Desembaraçando os seus braços, ele os usou para apoiar-se acima dela, seus antebraços formando uma espécie de parênteses ao redor da cabeça dela. “Assim como eu vivi. Você me mandaria embora?”

A idéia de perdê-lo era uma dor violenta em seu coração. “Eu já te disse—você é meu. Você não vai fugir agora.”

Lábios nos seus, um lento, tão lento beijo que fez os dedos dos seus pés se curvarem, fez o pesadelo parecer estar a uma vida inteira de distância. Seus seios se esfregaram contra o peito dele quando ela inspirou profundas e trêmulas respirações. “Algo nesse lugar...” Balançando sua cabeça, ela tirou mechas de cabelo úmidas do seu rosto. “A morte, toda essa morte. É terreno fértil para a minha imaginação.”

“Você não acredita que era uma memória real?”

“Eu não quero que seja.” Um sussurro, porque bem no fundo ela sabia que não era uma invenção da sua mente. “Se for verdade...” Os olhos dela arderam. “Ele veio por mim e deixou um pedaço dele dentro de mim.”

“Não.” Raphael a forçou a encontrar seu olhar, o cobalto tomando suas íris até ser tudo que restava. “Se ele fez você tomar o sangue da sua irmã”—ele falou através do choro que ela não conseguia segurar—“então, você carrega um pedaço dela.”

“Como isso é melhor? Eu posso sentir o gosto dela.” Sua mão foi até sua própria garganta. “Era grosso, rico, cheio de *vida*.” O horror disso era um nó ao redor do seu pescoço.

“Mesmo a minha mãe,” Raphael disse, uma mão envolvendo o rosto dela, “não importa o que ela se tornou no final, nunca me culpou por aquilo que não podia ser mudado. Sua irmã, eu acredito, foi uma criatura muito mais gentil—uma pessoa que a amou.”

“Sim. Belle me amou.” Ela precisava dizer isso, ouvir em voz alta. “Ela costumava me dizer o tempo todo. Ela nunca teria me chamado de monstro.” Tinha sido seu pai que fez isso.

*“Eu não vou ter uma filha minha transformada em uma abominação!” Mãos sacudindo-a, sacudindo-a tão forte que ela não conseguia falar. “Jamais mencione aquela tolice sobre cheiros novamente. Entendido?”*

“Conte-me alguma coisa sobre a sua mãe,” ela falou sem pensar, sua alma frágil demais para lidar com as memórias da noite em que seu pai a feriu com suas palavras pela primeira vez.

Tinha sido um mês depois que eles enterraram sua mãe. Sufocada em uma parede negra de angústia, ela tinha mencionado algo sobre a qual não tinha nem mesmo sussurrado por três longos anos. O seu sentido de caçadora tinha sido a única constante em sua vida na época, e ela tinha pensado que Jeffrey entenderia sua necessidade de se agarrar a isso. Mas, a raiva dele naquela noite... “Algo bom,” ela adicionou. “Conte-me uma memória boa sobre a sua mãe.”

“Caliane tinha uma voz divina,” ele disse. “Nem mesmo Jason canta tão lindamente quanto minha mãe.”

“Jason—ele canta?”

“A voz dele é, talvez, a mais magnífica existente entre os anjos, mas ele não canta há séculos.” Ele balançou sua cabeça quando ela olhou para cima. “Esses são segredos dele, Elena. Não são meus para eu contar.”

Era fácil aceitar isso—ela entendia sobre lealdade, sobre amizade. “Ele aprendeu com a sua mãe?”

“Não. Caliane já tinha ido há muito tempo na época em que Jason nasceu.” Ele deixou sua testa cair na dela, a respiração deles misturando-se na mais afetuosa das intimidades. “Ela costumava cantar para mim quando eu era apenas um bebê, uma criança que mal podia andar. E suas canções faziam o Refúgio parar quando cada coração ardia, cada alma se elevava. Todos ouviam... mas, era para mim que ela cantava.”

“Eu ficava,” ele disse, mergulhando na memória, “tão orgulhoso de saber que eu tinha esse direito, o direito à sua música. Nem mesmo o meu pai disputava comigo por isso.” Nadriel já estava perdendo partes de si mesmo na época, mas havia algumas memórias agradáveis do tempo anterior à loucura roubá-lo de Raphael, da sua companheira. “Ele costumava dizer que a música da minha mãe era tão linda porque era formada do mais puro amor—o tipo de amor que somente uma mãe pode sentir por seu filho.”

“Eu queria poder tê-la ouvido.”

“Um dia,” ele disse, “quando as nossas mentes forem capazes de realmente se fundirem, quando você for velha o suficiente para manter a sua mente, eu vou compartilhar minhas memórias da música dela.” Elas eram seus tesouros mais preciosos, o maior presente que ele tinha para dar.

Os olhos dela brilharam mesmo na escuridão, e ele soube que sua caçadora entendeu. *Um dia.*

Eles ficaram dessa maneira, emaranhados um no outro pelo resto da noite. Ela voltou-se a ele mais de uma vez, e Raphael deu-lhe de bom grado o esquecimento que ela procurava.

Na manhã seguinte, Elena encontrou-se espiando de novo e de novo o anjo que andava ao seu lado, parcialmente certa de que ele não podia ser real. Seu cabelo era a cor da névoa, do núcleo cegante do sol. Era o cabelo loiro mais claro que ela já tinha visto, mais branco que o dela. Se fosse obrigada, ela o classificaria de branco dourado, mas mesmo isso sugeria alguma cor. O cabelo desse anjo não tinha cor, mas brilhava na luz do sol, como se cada mecha estivesse coberta com diamantes triturados.

A pele dele combinava com seu cabelo. Pálida, tão, tão pálida—mas, com um brilho dourado que o transformava de pedra em um homem vivo e que respirava. Alabastro<sup>40</sup> com um toque de luz do sol, ela pensou, talvez pudesse descrever a cor da sua pele.

Então, havia os olhos.

Uma pupila negra, estilhaçada para fora em listras de verde e azul cristalinos. Você poderia olhar indefinidamente naqueles olhos e não ver nada, a não ser sua própria imagem refletida milhares de vezes. Eles eram mais do que claros, mais do que translúcidos, e ainda assim eram impenetráveis.

---

<sup>40</sup> Rocha branca, translúcida, semelhante ao mármore, porém menos resistente do que ele, e muito usada em trabalhos de escultura.



Suas asas eram brancas. Absoluto e com o mesmo brilho de diamante que o seu cabelo. Elas reluziram na brilhante luz do sol do inverno, até que ela quase quis desviar o olhar. Ele devia ter sido bonito. E ele era. Um ser inacreditável, um que jamais, nem em mil anos, passaria por humano. Mas, havia algo tão remoto em relação a ele que observá-lo era semelhante a admirar uma estatua ou uma grande obra de arte.

Como era, esse anjo era o último membro dos Sete de Raphael. Seu nome era Aodhan, e ele usava duas espadas lado a lado em bainhas verticais em suas costas, seus cabos sem adornos, exceto por um símbolo similar a um nó gaélico<sup>41</sup>, mas únicas em um estilo sutil. Ela o teria perguntado sobre isso, mas ele falava tão raramente, ela ainda nem conhecia muito bem o timbre da sua voz. O silêncio dele parecia estranho depois do humor de Illium, das farpas de Venom e até das provocações sensuais de Dmitri. Mas, isso permitiu que ela se focasse ininterruptamente em seus arredores.

Seus olhos captaram uma escultura em particular na base de um pequeno lance de escadas. Descendo, ela encontrou-se no mesmo nível do pátio principal, uma árvore nua por causa do inverno à sua esquerda, o painel esculpido à sua direita. Ignorando os cortesãos, os quais fingiam ignorar a *ela*, ela voltou sua atenção para a escultura.

Um toque e ela soube que era antigo. Ela sempre foi capaz de estimar a idade das coisas, especialmente de prédios. E esse painel tinha pelo menos alguns séculos de idade. A escultura tinha sido esculpida com cuidado meticuloso, a cena de um dia na vida da corte. Lijuan sentada em um trono, enquanto abaixo dela cortesãos dançavam e acrobatas brincavam. Nada de extraordinário... e, ainda, ela franziu o rosto, examinando novamente.

*Ali.*

“É Uram.” Não devia ter sido um choque encontrar uma imagem do arcanjo morto, mas—“Eu nunca o vi dessa maneira.” Tão convincente, sua presença sombriamente bonita ao lado da elegância de Lijuan. “Tudo que eu vi foi o monstro que ele se tornou.”

Ela ficou surpresa quando Aodhan falou, sua voz contendo a música de uma terra de morros verdes e colinas de fadas. “Ele era um monstro mesmo nessa época.”

“Sim,” ela disse, sabendo que tal depravação não podia ter surgido da noite para o dia. “Ele apenas escondeu melhor, eu suponho.”

Ela estava prestes a descer uma passagem estreita quando seus instintos se alertaram. Movendo-se em seus calcanhares, ela viu um anjo andando em sua direção. Seus olhos eram âmbar, as asas da mesma tonalidade, sua pele mais escura que a de Naasir.

<sup>41</sup> É o símbolo da mitologia celta significando o nó infinito que enlaça todas as coisas, que estamos todos interligados e que de alguma forma para a evolução de um precisa-se da evolução de todos.

Ela nunca tinha sido apresentada a ele, mas ainda assim o conhecia. *Nazarach*. A voz de Ashwini estava cheia de horror sussurrado quando ela falou dele.

*“Os gritos naquele lugar, Ellie.” Um tremor, olhos de um rico castanho tornando-se pretos. “Ele gosta da dor, gosta mais do que qualquer outra pessoa que já conheci.”*

“Caçadora do Raphael.” O anjo inclinou sua cabeça em um ligeiro aceno.

“Elena.” Ela deslizou sua mão em um bolso, fechou-a ao redor da arma. A espada curta que ela e Galen decidiram como a que mais se encaixava em seu estilo pendia da sua cintura e ao longo da sua coxa direita. Mas, até mesmo Galen tinha concordado que era para ser uma arma de última escolha—ela simplesmente não era rápida o suficiente para competir com a maioria dos anjos.

“Eu sou *Nazarach*.” Aqueles distintos olhos âmbar foram até Aodhan. “Eu não o vejo em público há décadas.”

Aodhan não respondeu, mas *Nazarach* não pareceu precisar de uma resposta, sua atenção retornando a Elena. “Estou ansioso para dançar com você, Elena.”

Elena estava muito certa de que não queria aquelas mãos em lugar algum próximo a ela. Ela podia não ter nascido com as sensações extras que assombravam Ashwini, mas a maneira como *Nazarach* a olhava... como se imaginando seu grito. “Desculpe, mas Raphael reivindicou todas.”

Um sorriso que fez com que seus instintos femininos gritassem em alarme. “Eu não desisto tão facilmente.”

“Então, eu acho que o verei essa noite.”

“Sim.” Seus olhos moveram-se rapidamente para a direita deles. “Eu preciso falar com os meus homens.”

Espiando Aodhan depois que *Nazarach* saiu, ela percebeu que a espinha do anjo estava rígida. “Você está bem?”

Ele a lançou um olhar de surpresa. Então, uma ligeira inclinação da sua cabeça.

Imaginando que *Nazarach* era suficiente para dar arrepios até mesmo em um membro dos Sete, ela apontou para uma passagem estreita que os levaria para longe da atual posição de *Nazarach*. “Vamos por aqui.”

Aodhan seguiu-a sem dizer nada, as suas asas tocando-se quando eles se viraram. “Desculpe-me,” ela disse, afastando-se em um movimento rápido.

Um aceno agitado, suas asas guardadas firmemente nas costas dele.

Parecia que Aodhan *realmente* não gostava que suas asas fossem tocadas. Suas asas... ou qualquer outra coisa. Ela percebeu tardiamente que ele não tinha feito contato com ninguém desde que Raphael o tinha apresentado a ela. Fazendo uma nota mental para se manter distante, ela piscou enquanto seus olhos se ajustavam à luz brilhante do outro lado da passagem.

Eles saíram em uma pequena e vazia praça rodeada por paredes de madeira intrincadamente pintadas, cada painel representando uma cena de fora da Cidade Proibida, desde fazendeiros em seus campos e jovens meninas correndo por um mercado, até um velho homem sentado ao sol. Havia paz aqui, uma série de pequenas árvores perenes alocadas estrategicamente para criar uma tranquilizante mistura de sombra e luz do sol. Cor salpicava o calçamento e quando ela olhou para cima para encontrar a fonte, seus olhos foram capturados pelo vidro com bolhas de um velho vitral de uma janela.

Bonito. E distrativo.

Foi por isso que ela levou uma fração de tempo grande demais para perceber que os cheiros que estava captando estavam perto demais, que o pequeno objeto que ela vislumbrou enterrado em uma árvore próxima era uma adaga da Associação... e que o som que ela mal captou era de uma besta sendo engatilhada.

# 36

“Abaixe!” ela gritou ao mesmo tempo em que as flechas foram atiradas.

Não apenas uma. *Duas* bestas.

Aodhan moveu-se para protegê-la, e esse foi o seu erro. Ele foi atingido por uma flecha na asa, a força dela prendendo-o à parede ao mesmo tempo em que ela caía de bruços no chão pavimentado, sentindo uma flecha passar acima da sua cabeça. Levantando sua cabeça, ela viu Aodhan alcançar para remover o projétil da sua asa. Outra flecha prendeu seu ombro oposto à parede antes que ele pudesse conseguir.

Rolando de lado—algo que tinha sido extremamente difícil de reaprender agora que ela tinha asas—Elena conseguiu alcançar a sombra de uma das árvores não muito distante de Aodhan. Seu primeiro instinto foi pegar a arma, mas as balas eram feitas para rasgar asas de anjos. Ela não sabia que efeito as mesmas teriam em vampiros, mas se elas funcionassem como balas normais, havia uma ligeira chance de que ela atingisse um local vulnerável, matando os agressores—e eles precisavam deles vivos para chegar ao fundo disso.

Tendo tomado sua decisão, ela deixou cair nas palmas de suas mãos as facas que estavam nas bainhas em seus braços, ignorou os ruídos das flechas no tronco da árvore às suas costas... e se focou.

Tudo ficou quieto, até o momento em que o mundo pareceu estar se movendo em câmera lenta, o embaçamento do sol uma névoa cegante. Mais uma vez, ela ouviu a balestra ser puxada de volta, a flecha sendo colocada no lugar. Mas, a audição nunca tinha sido seu principal sentido.

*Sabugueiro*<sup>42</sup> com açúcar.

Mirando, ela atirou.

O vitral se estilhaçou, enchendo o chão com milhares de porções de cor. Sua segunda faca já estava viajando—para acertar um vampiro atrás do vidro no pescoço. Ela viu o sangue jorrar, mas sua atenção estava em rastrear o segundo atirador. Ele permaneceu em posição, escondido atrás de uma pequena e sólida parede. Seguro. Mas, também, incapaz de atirar sem se expor.

Arrastando-se de onde estava escondida, ela correu até Aodhan, arrancando a flecha da sua asa enquanto ele cuidava da que estava em seu ombro. “Atrás da pare—” Sua

<sup>42</sup> Tipo de planta

cabeça se levantou rapidamente quando o cheiro de sabugueiro começou a se mover. Um instante depois, ele se uniu a uma rica explosão de café amargo.

Xingando, ela largou a flecha escorregadia com o sangue e correu até as escadas que cortavam um lado da praça, amaldiçoando o fato de que não conseguia realizar uma decolagem vertical. Aodhan subiu atrás dela, a corrente de ar da sua ascensão atingindo-a nas costas quando ela alcançava o pavilhão de nível superior que os vampiros tinham usado como esconderijo. O cheiro de café estava forte, o sabugueiro misturado com sangue.

Eles desceram as escadas do outro lado.

Recuando, ela correu e, então, estava no ar. Excitação ganhou vida dentro dela, uma sensação que acompanhavam cada luta. Lutando com a urgência de simplesmente seguir as correntes de ar, ela olhou para baixo. De cima, a Cidade Proibida era ainda maior do que parecia no chão, um alastramento de labirintos de pátios altos e baixos conectados por pontes delicadas, e travessias que se dividiam em várias direções—levando a prédios elegantemente moldados e à privacidade de portas fechadas.

Aodhan, sangrando no ombro, uma de suas asas danificadas, mas ainda funcionando, a encontrou acima do pátio principal. “Eles se perderam nos cortesãos abaixo.”

“Acho que está na hora de caçar. Dê-me cobertura.” Estreitando seus sentidos, ela decidiu focar-se naquele que estava ferido. Ele seria mais lento, mais fácil de capturar.

Cheiros giravam como milhares de fios de cor.

*Violetas. Exuberante. Doce. Intoxicante.*

*Madeira. Recentemente cortada.*

*Chuva em um dia ensolarado. Brilhante. Novo.*

*Lençóis emaranhados e champagne. Forte. Feminino.*

*Sabugueiro pingando o mais escuro vermelho.*

Com a emoção da caçada em seu sangue, ela mergulhou na área onde tinha rastreado o sabugueiro. Era quase fácil demais. Vestido com um casaco azul brilhante, o vampiro estava com um grupo de outros da sua espécie, uma echarpe de seda amarrada ao redor do seu pescoço. A echarpe estava úmida, encharcada com o pulso do fluido da sua vida.

Ela estava prestes a apontá-lo para Aodhan quando o vampiro sacudiu-se e caiu no chão, seu corpo se contorcendo como se estivesse na agonia de uma crise epilética. Gritos de pânico, os outros cortesãos dispersando-se como as borboletas que eram. Aterrissando no chão ao lado do corpo convulsivo do vampiro, ela o virou de lado, consciente do

sangue espumando ao redor de sua boca. “Mantenha o maxilar dele aberto!” ela disse a Aodhan quando ele aterrissou. “Se ele sufocar com sua própria língua —”

O corpo ficou em silêncio sob as suas mãos.

Vampiros podiam sobreviver a muita coisa, mas ela sabia que esse estava morto, uma ferramenta que tinha se tornado uma ameaça. “Que merda de desperdício.” Ele era tão jovem. Provavelmente, nem mesmo uma década de vampirismo. Pelas suas feições, ele tinha sido Feito aos vinte e poucos anos. “Que tipo de imortalidade.”

Os olhos de Aodhan eram glaciais quando ele olhou para cima. “Rastreie o outro. Eu estarei bem atrás de você.”

“Nós precisamos do corpo.”

Um curto aceno.

Elena ficou de pé, arma em mãos, inclinando sua cabeça no vento. Os cheiros tinham mudado agora, tornaram-se carregados com medo e um nauseante traço de excitação. Violência como uma droga—parecia ser um efeito colateral inevitável da imortalidade para alguns. Afastando o estranho pensamento, ela começou a andar pela praça, rastreando o segundo atirador pelo chão.

Ele tinha percorrido uma boa distância, cruzando toda a extensão do pátio, descendo uma longa e sinuosa passagem cheia de esculturas que saía em uma praça ensolarada, subindo um lance de escadas e percorrendo três pontes curvas e, então, descendo o que era obviamente uma seção muito privada da cidade. Nenhuma lanterna pendia da única árvore que ela podia ver. Nenhuma mulher lindamente vestida espiava, flertando por detrás de leques habilmente inclinados. Nenhuma música tocava.

Em vez disso, havia apenas um anjo sentado em um banco de mármore abaixo daquela árvore com suas folhas verdes de inverno, um vampiro a seus pés. Elena não viu isso acontecendo. Em um minuto o vampiro estava ajoelhado, seu peito arfando. No minuto seguinte, sua cabeça rolou parando no pé de Elena, sendo cortada com uma facilidade impiedosa.

“Estúpido,” Anoushka murmurou, colocando a lâmina terrivelmente curvada no banco ao seu lado e limpando a sua saia branca fluída como se inconsciente do sangue que a manchava, cobrindo os pequenos espelhos embutidos no bordado. “Trazendo você diretamente até mim.”

Elena não podia ignorar a cabeça tocando seu pé, mechas de cabelo espalhando-se pelo couro preto da sua bota. Ela viu os lábios de Anoushka se inclinarem para cima quando deu um passo para o lado. “Você não terá muitos homens sobrando, se matar tão indiscriminadamente,” Elena disse, avaliando se poderia atirar e atingir a asa de Anoushka, em função da posição em que o outro anjo estava sentado.

Conclusão: Incerto.

Correr não era uma opção também. A não ser que ela quisesse uma lâmina enterrada em seu pescoço.

“Se você está esperando pelo anjo quebrado,” Anoushka disse, “ele foi detido. Infelizmente, antes que pudesse chamar reforços.” O anjo ficou de pé. “Você ouviu isso?”

Era assustador, como o silêncio podia pesar tanto. “Por que perseguir a mim?”

“Você já sabe o porquê, mas está tentando me atrasar. Será que eu devo satisfazê-la?” Anoushka manteve suas asas apertadas nas suas costas enquanto pegava sua arma, continuando a privar Elena de um bom alvo. Acertar o corpo de um anjo com uma bala, mesmo que uma das balas especiais de Vivek, era um erro—era a mesma coisa que defender-se com um mata-moscas. Apenas as asas eram vulneráveis.

Seus olhos foram até a faca. Ela a reconheceu das suas aulas na Academia da Associação. Chamava-se *kukri*, a lâmina curva tinha uma única borda afiada. Perfeita se você estivesse procurando por algo com a qual pudesse, eficientemente, separar a cabeça de um corpo.

As próximas palavras de Anoushka provaram isso. “É realmente muito prático—entrar na atual reunião do Grupo dos Dez com a sua cabeça como meu troféu causará, como os humanos dizem, um alvoroço tão grande que ninguém será capaz de ignorar. Eu planejei fazer isso no baile, mas é preciso se adaptar.” Um suspiro. “É uma pena que temos tão pouco tempo. Eu, na verdade, poderia ter gostado de você se as coisas tivessem sido diferentes.” O *kukri* virou um borrão na mão dela.

E Elena percebeu que a Princesa sabia exatamente o que estava fazendo com aquela lâmina.

Ela não hesitou, disparando sua arma em Anoushka no instante em que o anjo se moveu, suas asas abrindo-se apenas uma fração. Mas, a filha de Neha, movendo-se com aquela velocidade reptiliana, recolheu suas asas nas suas costas antes que a bala a alcançasse. A bala se alojou inofensivamente na parede oposta com um jorro de reboco. *Merda!* Elena atirou novamente, teve a satisfação de ver sangue escorrer na perna de Anoushka, mas o anjo ignorou isso, alcançando o que Elena assumiu ser uma correia.

Não era.

O chicote enrolou-se ao redor do pulso de Elena com a rapidez da língua de uma cobra, ameaçando quebrar seus ossos. Atirando quando caiu, ela conseguiu distrair Anoushka suficiente para libertar sua mão. Mas, a arma estava sem balas, e, como Galen tinha uma vez advertido-a, ela não tinha o luxo de recarregá-la, não com um oponente que precisava de um pequeno instante para matar.

Largando o pedaço de metal inútil, ela rolou sobre seus pés, uma faca caindo em sua mão.

“Então,” Anoushka disse, a ponta da sua asa esquerda comportando uma marca de queimadura que a fez sibilar de dor. “O bandido que o Raphael insiste em manter nos seus Sete conseguiu ensiná-la alguma coisa, afinal de contas.”

“Eu sou caçadora nata,” ela disse, movendo-se para deixar Anoushka em uma posição desfavorável enquanto o anjo brincava com a lâmina em sua mão.

Anoushka moveu-se com ela, sinuosa, graciosa.

Lembrando o pequeno truque de Venom, ela manteve o seu olhar ligeiramente para a esquerda. Anoushka riu. “Oh, você é inteligente. Que pena que você era jovem demais para salvar sua família.”

Elena sacudiu-se como se tivesse sido chutada, sua guarda caindo por um fragmento de segundo. Anoushka atacou, cortando fundo o braço de Elena antes que ela conseguisse sair do caminho. Ignorando a queimação, ignorando a dor no coração pelas palavras do anjo, Elena pegou uma segunda faca em sua mão livre. “Até a morte, então?”

“Você realmente pensava que seria de outra forma?” Anoushka girou com o *kukri*, seus movimentos incrivelmente rápidos.

Elena atirou ambas as facas, ouviu Anoushka se desviar de uma com a lâmina enquanto girava, saindo do caminho da outra. E ainda o anjo conseguiu cortar uma linha no braço bom de Elena.

*A vadia estava brincando com ela.*

Essa era, Elena percebeu, a única fraqueza de Anoushka. Isso e um ego que a fazia acreditar que era apta para ser um arcanjo. “Eles dizem que o seu sangue é venenoso.”

“Thomas bebeu de mim antes de ir assustá-la.” Um fragmento de um rápido movimento de lâmina que fez com que Elena caísse no chão, conseguindo apenas sair do caminho antes que Anoushka cortasse um pedaço da sua asa. “Impressionante.” Uma reverência de zombaria, como se elas estivessem lutando da maneira mais civilizada.

Ela podia sentir a perda de sangue em função dos cortes profundos em seus braços começando a surtir efeito. Não incapacitando. Ainda não. Mas, ia desacelerá-la em breve. “A morte de Thomas foi uma resposta atrasada ao veneno?”

“Ele pensou que tinha sido honrado acima de todos os outros, sendo permitido beber das minhas veias.”

“Então, ele estava morto, não importa o que acontecesse, mesmo que ele não me encontrasse?”



“Ele estava ficando um pouco possessivo demais, o querido.” Um suspiro. “Homens são tão tolos. Até mesmo Raphael—ele devia tê-la matado quando a conheceu. Agora, você é a fraqueza dele.”

Elena viu algo mudar na expressão de Anoushka naquele instante, e soube que a morte estava olhando-a no rosto. Ela atirou uma lâmina. O objeto foi ao chão, sem causar dano algum, quando Anoushka se moveu... mas, aquele movimento colocou-a diretamente na luz do sol, cegando-a por uma fração de segundo. As próximas duas facas de Elena acertaram suas órbitas oculares, jogando-a para trás.

Anoushka gritou, largou o *kukri*. Ignorando, Elena pegou a espada curta no seu cinto e—sem dar uma chance a si mesma de pensar—enfiou a lâmina no coração do anjo, prendendo-a ao chão. Sangue surgiu no branco da blusa de Anoushka enquanto Elena abria sua mente e gritava. *Raphael!* Ela não se importava que alguém mais a escutasse, desde que ele ouvisse.

Sibilando em evidente fúria, Anoushka arrancou as facas dos seus olhos, jogando-as de lado. Quando ela se impulsionou para cima, apesar da lâmina que a prendia ao chão, suas unhas eram como garras, Elena lembrou-se que Anoushka era como sua mãe. Saindo do caminho em cima da hora, ela torceu a lâmina enquanto o objeto permanecia no corpo do anjo. O grito de Anoushka foi um fino e horripilante choro quando ela caiu de volta no chão, seus dedos peçonhentos caindo para agitarem-se nas pedras da calçada. Lutando com a náusea em seu estômago, Elena torceu a lâmina novamente, esfaqueando o coração de Anoushka.

O órgão iria regenerar, mas, no momento, Anoushka se contorcia no chão, seus olhos mutilados sangrando um intenso vermelho em suas bochechas.

*Os olhos de sua mãe, tão lindos, tão parecidos com os seus, sem foco e desnorteados, as veias escarlate contra o branco.*

Elena arrancou-se da memória, lutando com o abismo que ameaçava sugá-la, deixá-la desamparada.

*“Eu não sou forte o suficiente. Perdoem-me, meus bebês.”*

Elena tentou não ouvir aquelas palavras sussurradas. Ela estava parcialmente dormindo àquela noite, Beth ainda pequena demais, enfiada ao seu lado. Sua irmã bebê sempre teve medo do seu quarto novo na Casa Grande. Mas, ela tinha dormido silenciosamente àquela noite, como se tivesse certeza que Elena a manteria segura. Somente Elena tinha ouvido a sua mãe entrar no quarto, somente Elena tinha tentado não entender.

*Elena.*

Ela estremeceu com o cheiro do vento, da chuva. Alívio deixou-a desatenta, seu corpo completamente desprotegido quando Anoushka se levantou e, gritando, precipitou-se, chutando Elena e arranhando com a sua mão.

Agonia queimou a coxa de Elena. Ela caiu no chão, ouvindo o corpo de Anoushka atingir a parede de pedra com um som audível quase no mesmo instante. Raphael tocou sua coxa um pouco depois... e ela percebeu que não podia sentir nada naquela perna.

“Raphael,” ela sussurrou, em pânico. A dormência estava se espalhando, subindo por seu corpo, fazendo seu coração tremer.

As asas dele cobriram Elena, tirando-a de vista quando ele se inclinou para mais perto. “Um simples arranhão.”

Ela sabia que tinha sido mais do que isso. Ela sentiu sua carne sendo corroída, mas ela entendeu a mensagem. Assentindo, ela mordeu seu lábio inferior e tentou ficar calma. Quando ela olhou para baixo, ela viu as mãos dele em ambos os lados do ferimento. Elas estavam brilhando com uma luz azul.

O medo aumentou, mas ela sabia que não podia ser fogo de anjo. Isso não ia machucá-la. Na verdade, ela podia sentir um calor suave no local. Enquanto ela observava, seus olhos se arregalaram, um líquido marrom-chocolate saiu do ferimento, descolorindo as pedras da calçada. “Santo Deus.” Foi um sussurro quase sem som. O líquido estava corroendo a pedra.

“Você está bem, Elena. Foi somente o choque.” *Não demonstre nenhuma fraqueza.*

Elena deixou que ele a colocasse de pé, deslizando seu pé sobre a parte descolorida da pavimentação quando ela se levantou. Quando Raphael dobrou suas asas, ela percebeu duas coisas. Primeira, tanto as marcas das garras quanto os cortes em seus braços tinham parado de sangrar, e, segunda, todo o Grupo dos Dez tinha vindo com Raphael. Neha ajoelhou-se ao lado do corpo caído de sua filha, a espada jogada de lado, respingos vermelhos marcando o caminho do objeto no chão. O sangue da sua filha era escarlate contra a pele morena do arcanjo, seus olhos puro gelo quando ela olhou para trás. “Ela irá morrer.”

Elena não achou que Neha estivesse falando sobre Anoushka.

## 37

O rosto de Raphael estava sem expressão. “Não foi Elena quem orquestrou a brutalização de uma criança.”

Alguém inspirou profundamente e Elena percebeu que foi Michaela, o corpo do arcanjo inclinado em direção à Anoushka, embora ela estivesse à esquerda de Raphael.

“Mentiras,” Anoushka disse, sua respiração vindo mais fácil enquanto seu corpo se curava. “A caçadora procurava fazer seu nome matando um anjo.”

As palavras simplesmente saíram. “Eu ajudei a matar um arcanjo. Eu não preciso provar a mim mesma.”

Neha levantou-se, seu movimento tão sinuoso, tão sedoso quanto as jibóias que ela mantinha como animais de estimação. “Dê-me a sua mente.”

Elena repentinamente estava afogando-se no cheiro da chuva, do mar, enquanto Raphael levantava uma mão cheia de fogo de anjo. “Ninguém tocará em Elena. É na mente de Anoushka que você deve procurar.”

Houve um borrão de movimento acima e, então, Aodhan estava aterrissando ao lado de Elena, embora, dado o seu ângulo de descida, teria sido muito mais fácil para ele aterrissar entre Michaela e Raphael. O anjo estava coberto por tanto sangue, suas asas brilhantes como diamante tinham a cor de ferrugem. Mas, não foi isso que congelou todo o pátio em silêncio. Aodhan tinha um vampiro em seus braços. Esse vampiro estava sem todos os seus membros. Mas ele ainda estava vivo.

Elena lutou para não demonstrar seu horror. A última vez que ela tinha visto um vampiro naquelas condições, o homem tinha sido uma vítima, torturado por dias por um grupo racista.

“Senhor.” Aodhan colocou sua carga no chão. “Eu fui detido pelo Chefe da Guarda de Anoushka. Sua mente guarda a verdade.”

Pelo olhar no rosto de Anoushka, não havia como negar a identidade do vampiro. Elena viu isso apenas porque estava olhando diretamente para a Princesa—uma faísca de dor, de perda. A anja na verdade sentia algo por este vampiro. Mas não o suficiente. Levantando, ela pegou o *kukri* em um daqueles movimentos reptilianos e o atirou no pescoço do vampiro.

Raphael pegou o objeto pela lâmina, seu sangue pingando no peito devastado do vampiro. “Favashi, Titus, tomem a mente dele.”

A silenciosa arcanjo persa fechou seus olhos. O grande arcanjo negro fez o mesmo. Levou menos que um segundo.

“Culpada,” Favashi sussurrou, falando para Neha. “Mesmo que Astaad perdoe o assassinato da sua concubina, mesmo que Titus perdoe a morte da mulher que pertencia às suas terras e mesmo que Raphael perdoe a tortura de um dos seus homens e a ameaça à vida da sua companheira, você não pode salvá-la.”

“Ela quebrou a nossa lei suprema.” A voz de Titus era incongruentemente suave para um homem tão grande, as faixas grossas de músculo em seu peito brilhando por todo o aço cinza da sua armadura.

“O abuso a uma criança,” Astaad murmurou em um tom quase acadêmico, passando dois dedos pela sua pequena e bem cuidada barba preta, “pode ser o único tabu verdadeiro que ainda temos. Cruze essa linha, e podemos muito bem nos render à escuridão que persegue a todos nós.”

“O garoto não está morto,” Neha respondeu.

“Assassinato ou agressão cruel, a penalidade é a mesma—e a criança estava tão próxima da morte que faz pouca diferença.” Um arcanjo com aço em sua voz e olhos castanhos dourados. Elijah. “O pior é que ela não fez isso sozinha. Ela ensinou outros a saborear a dor de um inocente.”

“Ela planejava pegar outras crianças angelicais, uma vez que fizesse parte do Grupo dos Dez,” Favashi disse, seu tom pesaroso, mas irredutível, “para dominar os anjos, mantendo os seus jovens reféns.”

“Testemunhado.” A voz suave de Titus.

“Nem mesmo eu,” Lijuan murmurou, um traço de surpresa em seu tom, “fui tão longe.” Seus olhos quase desapareceram na luz do dia. “Ao quê você deu à luz, Neha?”

O que aconteceu em seguida foi um borrão. Michaela moveu sua mão em um gesto brutalmente duro. Levou um segundo para a cabeça de Anoushka cair do seu corpo, seu sangue jorrando em um esguicho arterial. Umidade acertou o rosto de Elena, suas roupas, mas ela forçou-se a ficar firme enquanto Neha se levantava com um grito, suas unhas se alongando e tornando-se pretas ao mesmo tempo em que Michaela continuava a fazer aqueles letais movimentos cortantes.

*Misericórdia.* Anoushka estava sendo cortada pedaço por pedaço.

Movendo-se a uma velocidade que nenhum mortal nunca alcançaria, Neha arranhou o rosto de Michaela, deixando um rastro preto. Michaela bateu sua mão no peito de Neha, empurrando-a para trás. As marcas escuras em seu rosto tornando-se um verde nocivo e pútrido... depois, recuou, como se o veneno estivesse sendo rejeitado. No

momento em que Neha ficou de pé, o rosto de Michaela estava inteiro novamente, os pingos de veneno marcando as pedras quadradas do calçamento do pátio.

Neha girou em direção à sua filha, angústia em seus olhos. “Ela é velha o suficiente para—”

Fogo de anjo, frio e azul, cobriu o que sobrou de Anoushka. Elena olhou fixamente para a linha rígida do rosto de Raphael, sem misericórdia, um arcanjo exercendo um julgamento. Isso a abalou até o âmago, a velocidade da execução, mas ela não discordou — a imagem do corpo contorcido e ensanguentado de Sam a acompanharia para sempre.

O grito de Neha cortou o ar, tão agudo que era algo *estranho*, algo que ultrapassava qualquer compreensão. A Rainha das Cobras, dos Venenos, ficou de joelhos no pátio, arrancando seus cabelos com as pontas de suas mãos em forma de garras. Raphael deu um passo para trás e encontrou o olhar de Elena. Era hora de ir. Eles foram embora à pé, todos eles, até mesmo Lijuan. Uma silenciosa demonstração de respeito.

Ninguém falou mesmo quando eles alcançaram à luz cegante do pátio principal. Estava vazio, a primeira vez que Elena tinha visto o lugar dessa maneira durante todo o seu tempo aqui. Sombras taparam a luz do sol um pouco depois, um pesado banco de nuvens vindo do leste. Olhando para cima, ela sentiu um calafrio descer sua espinha.

Não tinha acabado.

Elena entrou no quarto atrás de Raphael, com Aodhan na retaguarda. Jason tinha feito uma rara aparição durante o dia para levar o Chefe da Guarda de Anoushka até os curadores, deixando Aodhan livre para retornar com eles. “Senhor,” o anjo disse depois que eles estavam com as portas fechadas. “Eu estou ferido.” Foi uma afirmação calma.

Elena observou enquanto ele retirou sua camisa ensangüentada, revelando um corte tão profundo que ele quase tinha sido cortado ao meio. “Jesus. Como diabos você voou até nós?”

Aodhan não respondeu, falando com Raphael quando veio a ficar na frente dele. “Eu posso ser um pouco lento esta noite.”

“Fique,” Raphael disse, levantando sua mão, aquele quente fogo azul circulando a palma de sua mão.

O rosto de Aodhan demonstrou emoção pela primeira vez. Pânico, raiva, medo, era tudo uma mistura viciosa em seus olhos. Mas, ele permaneceu no lugar, deixou Raphael tocá-lo, o seu encolhimento não detectável, a não ser que você estivesse olhando muito cuidadosamente. Raphael retirou suas mãos alguns momentos depois. O corte não parecia mais tão aberto, tão vermelho.

Alívio inundou a expressão de Aodhan, mas Elena não tinha certeza se tinha alguma coisa a ver com o fato de que seu ferimento já estava começando a se curar. Ela não falou nada até que ele tinha saído para voltar para o seu próprio quarto. “Ele não gosta de ser tocado.”

“Não,” Raphael confirmou, tirando sua camisa e limpando suas mãos ensanguentadas nela.

Perguntando-se o que – ou *quem* – poderia ter danificado um imortal tanto que ele vacilava mesmo com o mais casual dos toques, Elena começou a retirar as armas que ainda restavam. “Que bom que eu trouxe armas a mais.” Checando sua coxa, ela viu que embora o ferimento ainda estivesse rosa, ela não precisaria de um curativo. “Banho?”

“Sim.”

Foi somente quando ambos tinham passado pelo chuveiro e estavam afundando-se no calor molhado de um banho de banheira desesperadamente desejado, que ela disse, “Você é a razão de Sam estar se recuperando mais rápido do que qualquer um esperava.” Seu coração transbordou com um feroz tipo de orgulho.

“Eu evoluí,” ele disse, seus olhos mantendo um olhar quase perdido. Um fogo azul circulou a mão que ele levantou da água. “O dom é novo, fraco—eu não pude curar Sam totalmente, embora eu tenha voltado muitas vezes.”

“Mas, você acelerou o processo.” Movendo-se para envolver o rosto dele com suas mãos, ela encostou sua testa na dele. “A balança está equilibrada, Raphael.”

“Não,” ele disse. “Ela nunca estará equilibrada. Eu não devo nunca esquecer o que me tornei no Silêncio.”

Ela pensou na rapidez da justiça encontrada essa tarde, pensou também na linha tênue entre poder e crueldade, e sabia que ele estava certo. “Bem, uma coisa é certa—se você não estivesse lá essa tarde, eu estaria morta.”

Os olhos dele tornaram-se aquele azul incessante e sem fim que fazia com que parecesse que ela estava caindo em outro universo. “Você nunca deve deixar Neha tocá-la,” ele disse, agarrando sua nuca, puxando-a ainda mais. “Eu só fui capaz de parar o veneno de Anoushka porque estava na superfície. O de Neha é mil vezes mais venenoso.”

Ela não resistiu ao seu toque, sentindo um medo que o arcanjo nunca admitiria em voz alta. Isso mexeu com ela, saber que sua vida importava tanto para ele. Uma parte sua, uma parte que ainda era aquela adolescente assustada em pé na soleira da porta da Casa Grande, estava com tanto medo de que ele se cansasse dela, de que o amor dela não seria suficiente.

“Tantos pesadelos,” ele sussurrou, subindo suas mãos pelas suas costas enquanto ela se sentada com as pernas abertas em cima dele.

“Ela me deixou,” Elena sussurrou. “Ela me amava, mas ela me deixou.”

“Eu nunca vou deixá-la, Elena.” Um vislumbre do arcanjo que ele era, acostumado ao poder, ao controle. “E eu nunca vou deixá-la ir.”

Outras mulheres poderiam ter se rebelado contra tal reivindicação, mas Elena nunca tinha pertencido a ninguém. Agora ela pertencia, e o conhecimento começou a reparar algo quebrado dentro dela. “Essa é uma via dupla, arcanjo,” ela o lembrou.

“Eu acho que gosto de ser reivindicado por uma caçadora.” Mãos em seus quadris, fortes, exigentes. “Venha, leve-me para dentro de você. Faça de nós um só.”

As palavras eram gentis, a forte estocada do seu pau de modo algum suave. Espalhando suas mãos nos ombros de Raphael, ela deslizou o rico calor dele, estremecendo enquanto sua carne se alargava para acomodar o seu comprimento implacável. “Raphael.” Ela sussurrou contra a sua boca enquanto o seu corpo se fechava ao redor do dele.

Ele arfou, deixando sua cabeça cair por um instante. Seus lábios roçaram o pulso do seu pescoço e ela sentiu dentes. Uma mordida. Não muito gentil. Um silvo de ar escapou dela quando ele sugou o pequeno machucado, quando ele subiu sua boca pelo seu pescoço, pela sua mandíbula. *Você não me chamou quando Anoushka atacou.*

Ela trançou seus dedos pelo seu cabelo, mordendo o seu lábio inferior quando ele levantou sua cabeça. *Eu o chamei quando precisei de você.*

Um momento congelado, os olhos deles presos um no outro.

Pareceu que ele estava olhando em seu coração, em sua alma, no verdadeiro âmago de quem ela era. Mas, ela o viu, também, esse ser magnífico cheio de poder e segredos tão profundos e antigos que ela se questionou se algum dia conheceria todos eles.

O beijo roubou o seu fôlego, seus pensamentos, tudo dela. Gemendo, ela passou seus dedos pelo arco das suas asas, sentindo-o ficar impossivelmente mais rígido dentro dela. Era quase demais para ela. Ela se ergueu, seu corpo libertando o dele com tortuosa lentidão, a boca de Raphael tomando a sua até que ela se tornou uma criatura da carne, seus sentidos inundados em prazer.

Aumentando o seu aperto na cintura dela, ele a puxou de volta. Ela foi, necessitando do íntimo atrito, do prazer físico. “*Raphael.*” Ele rompeu o beijo, levantando uma mão para envolver seu seio, passando seu polegar sobre a parte do seu mamilo que estava acima da linha da água.

Havia algo inacreditavelmente erótico em observar Raphael tocá-la, seus olhos uma marca, seus dedos longos e seguros. Fechando sua mão no declive da asa dele, ela se moveu impientemente contra ele. A cabeça dele levantou-se abruptamente, seus olhos

brilhando como pedras preciosas. A mão nas costas dela se moveu, dedos passando sobre a oh-tão-sensível curva interna das suas asas.

“Pare com isso,” ela disse contra seus lábios, incapaz de parar a lenta e excitante carícia da sua carne na dele, uma firme libertação e um embainhamento que fez o seu coração acelerar.

*Tão sensível, hbeebti*<sup>43</sup>.

Ela não entendeu o que ele disse, e, ao mesmo tempo, entendeu. Ele tinha lhe dito algo bonito em uma linguagem que ela somente ouvia em sonhos nebulosos, agora, uma linguagem que—não importava as memórias associadas de dor e perda—sempre significou amor.

Pegando a mão dele, ela a trouxe aos seus lábios. O beijo que ela pressionou na palma de sua mão foi suave, sua resposta uma chama de cobalto. E, então, não havia mais palavras. Somente prazer. Um prazer ardente e profundo. Ela desfaleceu, presa nos braços de um arcanjo que nunca a deixaria cair.

*“Mamãe?” Porque o sapato de salto alto da sua mãe estava caído na entrada? Onde estava o outro par? Mamãe não usava salto alto por... muito tempo. Provavelmente, ela tinha apenas se cansado dele e o chutado. Sim, deve ser isso. Mas, se ela tinha começado a usá-lo novamente... talvez as coisas ficariam melhores, talvez ela sorriria e seria real.*

*Seu peito doeu com um doloroso tipo de esperança.*

*Entrando na fria riqueza da Casa Grande, a casa que tinha tornado o seu pai em um homem que ela não conhecia, ela foi pegar o sapato que estava caído de lado. Foi quando ela viu a sombra. Tão fina, balançando tão gentilmente.*

*Ela sabia.*

*Ela sabia.*

*Ela não queria saber.*

*Seu coração um selvagem nó de arame farpado, ela olhou para cima.*

*“Mamãe.” Ela não gritou. Porque ela sabia.*

---

<sup>43</sup> Meu amor, em árabe.



*O som de pneus no cascalho, Beth chegando em casa da escola primária. Elena largou sua bolsa e correu. Ela sabia. Mas, Beth nunca devia saber. Beth nunca devia ver. Pegando o corpo pequeno da sua irmã em seus braços, ela passou pelo homem que um dia tinha sido seu pai e saiu na brilhante luz do sol de um dia limpo de verão.*

*E desejou que não soubesse.*

Elena se vestiu com uma serena determinação na noite do baile. Mas o passado permanecia como um grosso cobertor preto sobre ela, pesado, sufocante. Ela queria arranhar o seu pescoço, arfar desesperadamente pela necessidade de ar, mas isso denunciaria fraqueza. E aqui, qualquer fraqueza seria sangue aos tubarões que circulavam abaixo da música que permeava a cidade.

Virando-se, ela espiou a amplidão azul que o alfaiate desenvolveu para o baile. Era um vestido. Mas, era um vestido para uma guerreira. Já vestindo calcinha e as botas pretas de salto agulha que chegavam até as suas coxas, suas armas amarradas ao seu corpo, ela pegou o vestido, o tecido como água nas pontas dos seus dedos.

“Você tenta um homem a cometer um pecado mortal.”

Ela inspirou fundo quando viu seu arcanjo, seu peito nu, suas pernas vestidas em calças formais pretas. “Olha quem está falando.” Ele era a beleza aprimorada pelo tempo, uma lâmina letal afiada ao longo das eras.

Erguendo o tecido, ela pisou dentro do vestido. O material deslizou pelas suas pernas quando ela o subiu, a parte de cima agarrando em seus quadris. Raphael caminhou até ela, seus olhos percorrendo a carne nua dos seus seios. Possessividade brilhou naqueles olhos, e isso foi todo o aviso que ela recebeu antes da tempestade do seu beijo, do toque dos seus dedos... o pó de anjo que se infiltrou em seus poros.

Ela continuou o beijo quando ele teria se afastado. “Ainda não.” Então, ela tomou o seu arcanjo, bebendo do gosto dele até que isso inundou suas veias, infiltrou-se em suas células.

“Você,” Raphael disse contra a sua boca quando ela finalmente o libertou, “vai me beijar dessa forma essa noite.”

Era uma ordem com a qual ela podia conviver. “Combinado.”

Descendo ambas as mãos pelos seios dela, Raphael levantou os dois pedaços de tecido, que compunham a parte de cima, até seus ombros—depois de cruzá-los abaixo do pescoço—e começou a amarrar na sua nuca.

“Eu acho,” ela disse, lambendo seus lábios, sentindo suas coxas se apertando, “que não preciso mais de maquiagem.” Pó de anjo brilhava como diamantes em sua pele.

Colocando uma mão no plano do seu estômago, após garantir que o nó estava firme, Raphael pressionou um beijo em sua nuca, a qual estava nua já que ela prendeu seu cabelo em um firme coque. Ela tinha considerado colocar pauzinhos no seu penteado, mas seu cabelo estava muito escorregadio para segurar a ornamentação. Em vez disso, ela tinha colocado um pequeno grampo de cabelo decorado com a imagem de uma flor selvagem.

Simples. Perfeitamente adaptada. Difícil de matar.

Tinha sido um presente da Sara, colocado junto com o anel que Elena tinha pedido à sua melhor amiga para encomendar. O âmbar tinha vindo de um negociante que devia um favor a Elena, a peça específica que ela tinha visto em sua coleção particular. Balli tinha pagado a dívida porque era uma questão de honra, mas ela sabia que isso deve ter doído. Claro, uma vez que ele visse onde o seu âmbar tinha sido usado... A imagem do seu rosto redondo coberto com sorrisos fez seu coração ficar menos pesado.

Raphael passou seus dedos pelo seu abdômen, seu anel captando a luz. “Seus ferimentos?”

“Nada com que se preocupar.” Sua coxa doeu o suficiente para lembrá-la do ataque de Anoushka, mas os cortes em seus braços tinham cicatrizado.

“Você pode se mover?”

Ela girou, pegando as lâminas escondidas nas bainhas, presas em seus braços e feitas de couro preto e macio, que ela estava usando abertamente essa noite, o protocolo que fosse para o inferno. A parte de baixo do vestido se partia como líquido, como se em sintonia com cada um de seus movimentos. Ela arremessou uma faca em direção ao arcanjo que a observava.

Pegando-a com facilidade letal, ele a atirou de volta. Ela a enfiou na bainha de seu braço, antes de testar o quão difícil seria pegar a arma presa na sua coxa esquerda. Nem um pouco difícil. “Sem problemas.”

Quando ela se endireitou, o vestido caía perfeitamente ao redor do seu corpo, todas as fendas elegantemente escondidas. “Quais são as chances de que eu não vá precisar usar minhas armas essa noite?”

A resposta de Raphael foi aterrorizante em sua sinceridade. “Os renascidos de Lijuan estão andando pelos salões.”

## 38

O baile foi realizado ao ar livre em um extenso pátio cercado por prédios baixos cheios de luz, comida e músicos, as hipnóticas notas do *ehru* prolongando-se no ar. Olhando em volta, Elena não podia fazer nada a não ser admirar a deslumbrante simplicidade de tudo—as finas e retangulares pedras da pavimentação sob os pés dos foliões tinham sido lavadas até que brilhassem em um tom creme, toda a área estava iluminada com lanternas delicadas em milhares de tonalidades diferentes, a luz delas refletindo o céu cheio de estrelas.

Cerejeiras em pleno florescimento—*impossível*—esticavam seus exuberantes braços cor de rosa pelos cortesãos, os seus membros se retorciam com luzes que brilhavam como diamantes. Elena tirou uma única flor perfeita de perto do seu cabelo. “Eu posso sentir a verdade oculta,” ela disse, sentindo o menor traço de podridão, de morte, “mas, na superfície, é mágico.”

“Um rainha mantém uma corte da qual se comenta. Uma deusa mantém uma corte que nunca é esquecida.”

Asas enchiam sua visão quando anjo após anjo descia em uma graciosa aterrissagem, todos vestidos em roupas que acentuavam a beleza acima de qualquer insinuação de perigo. Até mesmo os vampiros, seus rostos um verdadeiro estudo da simetria mais sensual, estavam fascinantes. Os poucos mortais que foram convidados ou trazidos como acompanhantes lutavam para não ficar encarando, mas essa era uma batalha perdida.

Elena poderia ter tido a mesma reação—se não estivesse de pé ao lado do homem mais atraente da sala. Raphael tinha escolhido usar preto esta noite, a cor severa colocando seus olhos em vívido destaque. Ele era, simultaneamente, um ser de beleza sobrenatural e um rei guerreiro que não hesitaria em derramar sangue.

“Eu não esperava que ela fosse vir.”

Seguindo o olhar dele, ela viu Neha, uma rainha vestida em um *sári* de seda branco, sem adornos, seu cabelo preso em um austero coque. Aqueles olhos escuros arderam com ódio quando ela encarou Michaela.

Michaela pareceu despreocupada, seu corpo envolvido por um exuberante vestido nas cores do pôr do sol, e que alcançava os seus tornozelos, seus dedos enrolados em volta do antebraço de Dahariel. O anjo não estava sorrindo, sua expressão tão imparcial quanto o predador que suas asas lembravam. Mas, não havia como negar o calor sexual entre os dois.

Elena desviou o olhar, seus olhos colidindo com os de Neha quando o Arcanjo da Índia olhou para ela e Raphael. Elena congelou com o contato. O que vivia em Neha era mais velho que a civilização, uma fria, fria criatura sem alma ou senciência. Ela observou, seu sangue congelando quando Neha começou a se mover em direção a eles com passos bruscos, muito diferentes da sua usual graça sensual.

Houve um farfalhar de asas quando Aodhan e Jason emergiram da noite, ficando ao lado deles.

Neha ignorou todos, menos Raphael. “Eu vou perdoá-lo, Raphael.” Palavras monótonas, apáticas. “Anoushka quebrou a nossa suprema lei. Por isso, ela morreu.”

Raphael permaneceu em silêncio enquanto Neha se virava e saía sem mais nenhuma palavra, indo em direção a um círculo de vampiros com olhos castanhos e peles que remontavam a uma terra antiga de calor e de uma violência velada, escondida, como os tigres que rondavam suas florestas.

“O quanto,” Elena disse, retirando sua mão do cabo da arma, “disso foi sincero?”

“Nada e tudo.” *Neha agirá como um arcanjo, mas ódio é um veneno na sua alma.*

Soltando o ar que ela não tinha se dado conta de estar segurando, Elena deixou seu olhar vagar para frente, para os degraus que levavam até o que era, sem sombra de dúvida, um trono. Lijuan estava sentada em uma cadeira magistralmente esculpida em o que era quase com certeza marfim. Três homens permaneciam ao seu lado—Xi, com suas asas vermelhas e cinzas; um vampiro chinês com um rosto perfeito; e o renascido que serviu Elena e Raphael na primeira noite. Mas, ele não era mais o único da sua espécie.

Eles permaneciam nos limites da multidão, um exército silencioso com olhos que seguiam todo o movimento. Havia um estranho brilho em seus olhares, uma fome que fez seus instintos ficarem em alerta. Carne, ela pensou, lembrando-se do relatório que leu nas agradáveis aulas de Jessamy, ele viviam de carne. “Os renascidos de Lijuan nos rodeiam,” ela disse, perguntando-se como os outros convidados não sentiam o cheiro podre, o cheiro de mofo de um túmulo profanado.

Raphael não desviou o seu olhar de Lijuan, mas suas palavras disseram a ela que ele estava consciente de tudo ao redor deles. “Um anjo sem asas é uma criatura aleijada, é uma presa fácil.”

Ela inspirou profundamente, sua mente inundada com as imagens daquele pôr do sol no jardim de flores silvestres, a espada de Illium um borrão prata enquanto ele amputava as asas dos guardas de Michaela. Foi instinto apertar suas asas ainda mais antes de voltar sua atenção em direção ao trono mais uma vez.

Para encontrar Lijuan olhando diretamente para ela.

Mesmo a essa distância, Elena sentiu o impacto esmagador daquele olhar. Ela não ficou surpresa quando o arcanjo se levantou, e os convidados ficaram em silêncio.

“Essa noite,” Lijuan disse, sua voz sendo carregada facilmente pelas correntes de ar assustadoramente quentes, “nós celebramos um novo começo para a nossa raça, a Criação de um anjo.”

Cabeças se viraram, seguindo o olhar de Lijuan, até que Elena sentiu o peso de olhares vindo de todas as direções. Alguns eram curiosos, alguns irritados, outros mal intencionados. E um... Sua nuca se arrepiou. *Perverso*. Esse olhar a percorreu, um beijo maligno que ela queria rejeitar com todas as suas forças. Mas, ela permaneceu em silêncio, imóvel. Deixou-os pensar que ela não tinha consciência disso, deixou-os acreditar que ela era um alvo fácil.

“Elena,” Lijuan continuou, começando a descer os degraus em direção a eles, “é uma criação única, um imortal com um coração mortal.” A multidão se dividiu em frente a ela, observando o seu progresso... exceto por um casal de humana/vampiro boquiaberto que não saiu do caminho rápido o suficiente. “Adrian.” Foi menos que um sussurro.

O renascido—aquele com a pele que lembrava a savana—arrancou o coração da humana, afundando suas presas em seu pescoço quase no mesmo instante, rasgando sua jugular. Ela ainda estava de pé quando Adrian alcançou para rasgar a garganta do homem, torcendo o corpo do vampiro com suas mãos até que o infeliz não fosse nada além de uma pilha de carne descartada. A humana morta estava ao lado da pilha de carne, fumaça subindo das vísceras enquanto Adrian—hesitante por um segundo, como se tentado a lamber o sangue que tinha ensopado sua pele—retirou um guardanapo e começou a limpar a bagunça.

Passando pelo casal massacrado como se nada tivesse acontecido, Lijuan ficou na frente de Elena. “Esse coração mortal, alguns diriam, é uma fraqueza que roubará o presente que Raphael deu a você.”

“Melhor um coração mortal,” Elena disse em uma voz calma, “do que um coração que não sente absolutamente nada.”

Um sorriso, quase infantil, e, por isso mesmo, ainda mais assustador. “Bem dito, Elena. Bem dito.” Um único aplauso de suas mãos, um comando não verbalizado. “Para marcar essa ocasião, esse encontro entre o ancião e o recém-nascido, eu gostaria de presenteá-la com uma recordação – um presente do velho ao novo, um tão especial, tão único, que eu o mantive escondido até mesmo da minha própria corte.”

A dor causada pelo último presente de Lijuan ainda era uma queimadura em sua alma, mas Elena enrijeceu sua espinha, manteve sua posição, sabendo que esse era um teste que teria que passar—ou ela seria deminuída pelo resto da sua existência como nada mais que o brinquedo, outrora mortal, de Raphael.

“Phillip.” Um olhar para o vampiro chinês com aquele rosto dolorosamente bonito.

Phillip se misturou à multidão.

“Só levará um minuto.” Lijuan voltou sua atenção a Raphael. “Como está Keir? Eu não o vejo há séculos.”

Era uma tentativa de jogar conversa fora, mas pareceu estranhamente monótona, como se Lijuan estivesse colocando uma máscara que não lhe servia muito bem. Elena ouviu Raphael responder, mas seus olhos estavam presos nas sombras onde Phillip tinha desaparecido, seu coração executando uma batida lenta de cada vez enquanto uma única gota de suor escorria pelas suas costas.

A maldade sussurrava cada vez mais próxima com cada batida que passava, até que ela podia quase senti-la em sua língua.

*Suja, aquela doce podridão que acompanhava todos os renascidos.*

*Um tempero para o qual ela não tinha nome, uma pitada de gengibre, luz do sol quente e dourada.*

Ela sabia que horror seria antes de Phillip reaparecer com um homem bonito de cabelos como o mogno, o qual tinha sido abençoado com olhos do mais escuro castanho, olhos que convidavam uma mulher à tentação. Ele tinha sido uma estrela de cinema antes de ter sido Feito. Adolescentes colocavam pôsteres dele nas paredes de seus quartos, davam risadas quando sussurravam seu nome.

Seus olhos se encontraram com os dela.

*“Vem aqui, pequena caçadora. Prove.”*

As palavras eram um sussurro rouco dentro da sua cabeça, milhares de gritos transformados em um só. Elena sabia que Lijuan estava falando com ela, mas tudo que ela ouviu era a voz monótona que a assombrou por quase duas décadas.

*“Corre, corre, corre.” Era uma paródia, em meio a risos, da tentativa agonizante de Ari de ajudar Elena. “Ela não vai correr. Ela gosta, veja.”*

Elena sentiu o pesadelo girando debaixo dela, um poço sem fundo do qual ela nunca escaparia. Ele a sugou, entoadado pela risada nos olhos do monstro, o prazer nauseante em sua expressão—*como se eles estivessem ligados, como se ele tivesse algum direito sobre ela*. Ela sentiu suas pernas começarem a tremer, seu coração se agitar quando ela retornou para aquele chão, arrastando-se novamente em ladrilhos ensanguentados com mãos que continuavam escorregando, continuavam a mantê-la prisioneira. Era molhado, frio, mas os olhos de Ari—

De repente a chuva na sua cabeça, pura e forte, um cheiro que ecoava o mar, o vento. *Elena, eu estou com você.*

Foi uma repentina e afiada percepção aromatizada com a implacável força da maré—ela não estava sozinha naquele cômodo. Não mais. Encorajada por essa verdade, ela se afastou do abismo, andou em direção ao presente, e viu a repugnância que era Slater Patalis de pé ao lado de Lijuan.

O v da sua camisa revelava uma pele suave e perfeita, livre da feia cicatriz criada pela incisão em Y cravada em sua carne durante a autópsia executada por um patologista da Associação. Elena tinha assistido ao vídeo sem parar, até ter convencido a si mesma de que ele estava morto. Tinha sido uma justiça muito pequena em comparação ao que ele roubou dela, mas tinha sido justiça. Lijuan não tinha o direito de apagar isso, não tinha o direito de usar as mortes de Ari e Belle como parte de um jogo que manteria o seu interesse por não mais que um piscar de olhos.

Todo o seu corpo se encheu de raiva, pura e forte. Sua raiva zumbia com um tipo de pureza que ela nunca tinha conhecido antes. *O monstro estava sorrindo enquanto suas irmãs estavam mortas em seus túmulos, enquanto o corpo da sua mãe pendia para sempre na parede da sua mente, criando uma sombra que ela nunca esqueceria.*

Sua espinha tornou-se ferro forjado nas chamas do sofrimento. “Aodhan,” ela disse, sabendo que Lijuan não adivinharia seu intento—não imaginaria que ela se atreveria, “você se importa de ajoelhar-se por um segundo?”

O anjo se abaixou em uma posição ajoelhada no instante seguinte, sua cabeça curvada... para permitir que ela alcançasse as espadas que estavam niveladas no centro de suas costas. Deslizando uma lâmina letalmente afiada da sua bainha, ela cortou a cabeça sorridente de Slater Patalis com um único golpe perfeito, sua força alimentada por décadas de angústia.

Sangue jorrou em um esguicho arterial que molhou o seu rosto, tornou as flores de cerejeiras negras, mas ela já estava enfiando a lâmina em seu coração e girando, transformando-o em polpa. Seu corpo se contorcendo foi ao chão com um estrondo quando ela retirou a lâmina vermelha escorregadia. “Ela ainda será capaz de fazê-lo se levantar?” ela perguntou Raphael, sua voz sem entoação, sem misericórdia. Slater não merecia suas emoções, não merecia nada a não ser a mão fria de uma justiça muito atrasada.

“Talvez.” Fogo azul circundou a mão de Raphael. “Mas, isso deve garantir uma morte permanente.”

Cinzas escuras substituíram o que tinha restado do pior vampiro assassino na memória vivente.

Tudo tinha durado apenas alguns segundos. Ainda segurando a espada, ela encontrou os olhos de Lijuan. “Minhas desculpas,” ela disse em meio ao pesado cobertor de silêncio, “mas, o presente não era do meu agrado.”

O cabelo da arcanjo chinês foi jogado para trás naquela brisa fantasmagórica enquanto ela andava para ficar na frente de Elena, as cinzas de Slater entre elas. “Você acabou com o meu divertimento antes da hora.”

“Se a morte é realmente a única coisa que ainda diverte você” —a voz afiada de Raphael — “talvez seja hora de você parar de interferir no mundo dos vivos.”

Lijuan encontrou os olhos de Raphael, os dela tão pálidos que não tinham íris, nem pupilas, apenas uma extensão sem fim de branco perolado. “Não, não está na minha hora de Dormir.” Levantando uma mão, ela passou as costas da mesma no rosto do renascido de pele escura que tinha se posicionado ao seu lado. “Adrian também não está pronto para morrer.”

Poder encheu o ar, até que a eletricidade dele faiscou na pele de Elena. Ela sentiu Raphael começar a brilhar, ouviu Aodhan se levantar, desembainhar a espada que restava enquanto Jason saía das sombras, e ela sabia que essa batalha poderia acabar com todos eles. *A morte será um preço pequeno a se pagar para impedi-la*, ela pensou para Raphael.

*Tão corajosa, minha caçadora.* Era um beijo.

Quando ela entregou a espada de volta para Aodhan, sacando a arma que não pararia um vampiro, mas que poderia apenas desacelerar um arcanjo mesmo que por pelo menos um pequeno instante, ela viu uma chama de poder à direita de Raphael, um poder que já tinha provado antes. Michaela. De pé ao lado de Raphael.

Outra chama de poder. Então, outra, e outra, e outra.

Elijah, Titus, Charisemnon, Favashi, Astaad.

O que quer que tenha levado os outros arcanjos a se unirem contra Lijuan, o poder combinado deles era uma explosão de calor que teria a expulsado do círculo, caso ela não estivesse protegida entre as asas de Raphael e Aodhan.

Um vento frio, muito frio. Poder, tanto *poder*. Tudo isso tocado com a morte.

Lijuan riu. “Então, todos você ficarão contra mim.” Divertimento em cada sílaba. “Vocês não podem imaginar o que eu sou.”

O poder de Lijuan era frio, gelado contra o calor do poder dos outros. Raphael estava certo, Elena percebeu com horror, o mais velho dos arcanjos pode ter se tornado o mais verdadeiro dos imortais, indo além da mão da morte. Foi quando esse pensamento passou pela sua cabeça que seus olhos encontraram os de Adrian.

De um líquido escuro, aqueles olhos eram tão calmos, tão pacientes e... tão cheios de dor. Ele sabia, ela pensou, ele entendia, agora, o que era. Ainda assim, apesar de tudo isso, sua devoção era uma chama inabalável, a qual chegava a doer testemunhar. Enquanto ela observava, ele se moveu para trás de Lijuan, tirando o cabelo dela do pescoço. A



arcanjo parecia não perceber—ou, talvez, ele fosse uma criatura tão *sua* que ela simplesmente o aceitava.

Então, quando Adrian curvou sua cabeça e colocou sua boca na pele de Lijuan, Elena pensou que fosse apenas um beijo macabro, uma prece para a sua deusa. Depois, ela vislumbrou a única, lágrima brilhante deslizar pela pele da meia noite de Adrian—ele amava Lijuan, ela pensou com uma dor em seu próprio coração, mas preso dentro da concha muda que tinha sido o presente da arcanjo chinesa para ele, Adrian também a via como o horror que ela era. Lijuan começou a sangrar antes que aquela lágrima alcançasse o maxilar dele, duas finas faixas vermelhas serpenteando pelo seu corpo, empoçando-se no tecido transparente do seu vestido, um completo banho de cor no calor branco do poder.

Lijuan ficou espantada. “Adrian?” Ela soava quase mortal em sua surpresa. “O que você está fazendo?”

“Ele está matando você,” Raphael disse. “Você criou a sua própria morte.”

Lijuan empurrou com uma única mão. O corpo de Adrian voou, atingindo Favashi, levando ambos ao chão. O arcanjo persa levantou-se após míseros segundos, mas o renascido permaneceu caído.

“Eu *sou* a morte,” Lijuan disse, sua voz recuperando sua força, ainda que sangue continuasse a se infiltrar em seu vestido. “Vocês não têm direito algum nessa terra. Vão embora e eu os pouparei.”

Elijah balançou sua cabeça. “Seus renascidos são infecciosos.”

Elena seguiu o olhar dele, os seus próprios olhos arregalando-se com horror quando ela percebeu que a humana que Adrian tinha matado estava, agora, lutando para colocar-se de pé, seus dedos deslizando pelos ladrilhos do chão enquanto as pessoas ao seu redor observavam com descrença.

*Santo Deus.*

# 39

“Eu não vou permitir que a praga se espalhe por minhas terras.” Neha, a vizinha mais próxima de Lijuan, entrou, finalmente, no círculo, seu ódio encontrando um alvo.

Lijuan moveu uma mão rapidamente e cada um dos arcanjos do círculo começou a sangrar de cortes em seus rostos, seus tórax. “Talvez seja hora do mundo ter apenas um arcanjo.”

Elena se perguntou se alguém percebeu que a própria Lijuan estava sangrando. E que o sangue dela estava tornando-se escuro, quase preto. Os olhos de Elena foram até o corpo sem vida de Adrian. Um vampiro era Feito transferindo-se uma toxina que era nociva aos anjos. No esquema normal das coisas, essa toxina transformava humano em vampiro, e, então, tornava-se inofensiva a todos. Mas—*o que acontece com a toxina se um vampiro é trazido de volta da morte? Se ele é renascido?*

As asas de Raphael roçaram as dela em uma confirmação silenciosa. *Parece que a toxina, também, renasceu. E renasceu em uma forma mais forte, mais mortal.*

*Isso a matará?*

*Não. Mas, pode fazer com que seja mais fácil derrotá-la. Um toque em sua mente. Você não vai sobreviver a essa luta. Saia da zona de explosão e leve os outros com você.*

O coração de Elena ameaçou quebrar. *Se você morrer, eu vou fazê-la trazer você de volta.*

*Você não faria isso comigo, Elena. Uma carícia do mar, do vento, pelos seus sentidos. Mas, eu não tenho intenção alguma de morrer — nós ainda não dançamos como os anjos dançam.*

E, então, ele tinha ido embora da sua mente. Afastando sua preocupação, sua dor, ela moveu sua cabeça rapidamente na direção de Aodhan, pronta para fazer o que o seu arcanjo tinha pedido a ela. Trabalhando com Jason e inacreditavelmente, com Nazarach e Dahariel, eles conseguiram dispersar os cortesãos. A maioria foi embora. Os renascidos permaneceram.

“Mate-os,” Elena ordenou, espremendo sua pena em um canto escuro. “Se ela pensar o suficiente para chamá-los...”

“Ela poderia neutralizar Raphael e o resto do Grupo dos Dez.” Jason olhou para a arma na mão dela. “O método mais rápido é a decapitação.” Ele deslizou uma brilhante espada preta de uma bainha que ela não tinha visto até aquele momento, escondida como estava na curva de suas costas. “Arranque o coração deles, Elena. Nós faremos o resto, garantir a morte completa.”

“Por mim, tudo bem.” Ela começou a atirar. Acabou que a arma destinada a rasgar asas de anjos não foi tão eficaz quanto uma arma normal teria sido em corações de renascidos—vampiros e humanos—mas a arma fez o seu trabalho. Quando ela ficou sem balas, ela mudou para facas.

A tarefa era repulsiva... e triste. Sem a orientação ativa de Lijuan, os renascidos não sabiam o que fazer. Então, a maioria simplesmente ficou lá. Alguns tentaram correr, mas mesmo assim foi uma tentativa fraca. Elena não se sentiu bem fazendo o que estava fazendo, mas isso tinha que ser feito. Porque se os renascidos comessem a se alimentar, se eles deixassem suas vítimas mortas, porém inteiras, essas vítimas se levantariam. E os renascidos deixariam um rastro de morte pelo mundo.

Se mesmo um deles percebesse isso...

Um par de cansados olhos azuis encontrou os dela quando seu braço se levantou. Havia apenas gratidão neles quando sua faca atingiu o alvo. A espada de Jason cortou a cabeça dele um segundo depois, a lâmina negra vibrou com um fogo que reduziu o renascido a cinzas em menos de dez segundos. Elena encarou a lâmina, o anjo que se assemelhava às sombras.

“Está feito.” Aodhan embainhou suas espadas, tendo cortado aqueles que Jason não tinha queimado, em vários pedaços precisos.

Nazarach e Dahariel tinham usado seus próprios métodos, mas o resultado final foi um pátio livre de vida, a não ser pelo Grupo dos Dez, e o pequeno grupo do qual faziam parte.

“Eu acho que é hora de ir.” Nazarach ofereceu-lhe sua mão. “Uma dança finalmente.”

“Eu posso voar sozinha.” Ela cortaria sua própria garganta antes de ir a algum lugar com ele.

O anjo de olhos âmbar curvou sua cabeça. “Então, eu espero que você vá guardar uma dança para mim na próxima vez que nos encontrarmos.” Ele decolou.

Dahariel esperou até que Nazarach tinha ido para dizer, “se Raphael sobreviver, diga-lhe que ele pode ter o vampiro que desejava comprar. O garoto está quebrado demais para ser de muita utilidade para mim por mais tempo.” Ele levantou vôo ao mesmo tempo em que a última palavra deixou seus lábios.

“Nós temos que ir,” Jason disse, sua voz tão tensa, que ela mal conseguia entendê-lo.

Elena olhou para trás, não viu nada a não ser um brilho de calor branco, uma parede de estática bloqueando suas tentativas de alcançar Raphael com a sua mente. Se coração se apertou. Mas, ela foi embora. Porque seu arcanjo tinha pedido a ela. E ele ficaria

furioso em sobreviver—e ele *iria* sobreviver—só para encontrá-la morta. Poder começou a aumentar exponencialmente atrás deles enquanto corriam, um inferno que os empurrava com ondas de um fogo abrasador.

Jason e Aodhan correram ao seu lado quando ela subiu um pequeno lance de escadas. “É muito baixo!” ela gritou, sabendo que ela nunca conseguiria.

Uma mão a segurou em baixo do seu braço esquerdo, a outra em baixo do direito. Ela bateu suas asas em cima da hora. Jason e Aodhan decolaram no mesmo instante em que uma *falta de som* enorme encheu o ar—era o poder sendo sugado em um vácuo antes de ser expelido. Isso ameaçou esmagar, mas, de alguma forma, os dois anjos conseguiram decolar.

“Vai!”

Mas, Jason e Aodhan esperaram mais três segundos antes de soltá-la. Suas asas se esticaram instintivamente, as pontas curvando-se, fugindo da morte correndo em direção a eles. Ondas de calor lambiam todo o ar, cada uma mais perigosa que a outra. Ela viu vampiros caírem ao mesmo tempo em que eles corriam, ouviu gritos enquanto casas humanas eram consumidas pelas chamas, viu anjos voarem cada vez mais alto em uma tentativa de escapar. Mas, Jason e Aodhan permaneceram teimosamente ao seu lado, embora ela fosse mais fraca, muito mais lenta.

Fogo chamuscou sua nuca. Espiando sobre o seu ombro, ela viu a borda do inferno a míseros segundos atrás deles. “Abaixem!” Ela gritou. “Abaixem!”

A explosão acertou com a força de um caminhão de duas toneladas, torcendo as asas deles e os jogando no chão como cacos de vidro.

Matar Lijuan era impossível. Raphael percebeu isso com a primeira onda do seu poder. Ela provou da morte e da vida, entrelaçadas, um ser que abrangia ambos os mundos.

Sangue continuava a escorrer pelo ombro dela, preto e grosso, mas ainda seu poder aumentava, suas asas iluminadas pelo brilho até que elas deixaram de existir. O resto do Grupo dos Dez aumentou o seu poder junto com ela, retendo a onda cegante capaz de destruir o mundo. Milhares provavelmente já tinham morrido. Se eles parassem, se eles a deixassem liberar a intensa fúria da sua força, a taxa de mortalidade seria de milhões. Bilhões.

Mas, não era por isso que os seus companheiros arcanjos lutavam. Vidas humanas significavam pouco para a maioria. Eles lutavam por suas próprias vidas, e porque Lijuan tinha cometido um erro. Ele tinha sentido o choque deles quando Adrian destroçou o vampiro que tinha tido o azar de ficar encantado por Lijuan. O sangue, a morte, não era nada novo. Mas, o controle que ela tinha sobre os seus renascidos, a força desses

renascidos contra os vampiros... nenhum arcanjo queria encarar aquele tipo de exército. O fato de que esse exército era uma praga que tinha o potencial de exterminar a todos eles foi a gota d'água.

*Eu não vou ser contida. Eu não posso ser contida.*

A voz de Lijuan na cabeça deles, a aparente sanidade disso mais perturbadora do que a depravação que Uram tinha sido naqueles últimos minutos no alto de Nova York. Agora, Pequim queimava abaixo deles e naqueles escombros estava Elena. O seu âmagos mais primitivo urgiu para ir até ela. Mas, ele manteve sua posição. Porque sua guerreira com o coração mortal não esperaria menos que isso.

Ele sentiu um dos tendões em sua asa esquerda estalar contra os golpes de poder que o atingiam sem parar. Somente Favashi, mais jovem que ele, estava demonstrando sinais de dano similar.

*“Então, ela vai matá-lo. Ela vai torná-lo mortal.”*

Ele estava mais fraco do que deveria estar, mas ele também estava mais forte. Olhando no rosto de Lijuan, a máscara humana arrancada, revelando a escuridão gritante, ele disse, “Agora,” falando com os arcanjos circulando Lijuan, sabendo que ela estava muito fora de si para ouvir. *Agora!*

Uma cascata selvagem de poder, todo ele focado em um alvo central. O corpo de Lijuan curvou-se quando o poder a atingiu, o céu noturno virando dia por um único impressionante segundo. Quando a noite retornou, Zhou Lijuan tinha simplesmente sumido, a Cidade Proibida nada além de uma cratera escura, Pequim uma memória em mentes imortais e mortais.

A agonia da morte foi abafada apenas pelo silêncio dos mortos.

Ele achou Elena enterrada sob as asas de dois membros do seu Grupo dos Sete. Jason e Aodhan estavam inconscientes, os ossos das suas pernas torcidos. Mas, esses ferimentos não eram nada para imortais da idade deles. Eles sobreviveriam. Elena era mais, muito mais jovem.

Mas, ela tinha a força de vontade de uma caçadora nata.

Ele sentiu a centelha teimosa da sua vida enquanto pegava o seu corpo contorcido do chão duro onde ela tinha sido jogada. As mãos dela estavam rasgadas, sua cabeça ferida, mas o seu corpo... Passando sua mão pelo corpo dela, ele percebeu que sentia apenas algumas fraturas. Secundárias. Mesmo para um anjo tão jovem. Ele devia tê-la deixado descansar, mas ele não conseguia suportar o silêncio.

*Elena.*

Seus cílios tremeram.

Ele não podia agilizar a sua cura, tendo gasto seu poder na luta para conter Lijuan. Levaria tempo para que ela se recuperasse.

*Caçadora minha.*

Olhos de um prata pálido olhando em seus olhos.

Amor, ele pensou quando a segurou perto de seu coração, era uma agonia sem comparação.

# EPÍLOGO

Raphael não ficou surpreso ao ver a imagem de Lijuan se formar nas águas limpas de uma poça formada pela chuva logo além do Refúgio. Ele se ajoelhou ao lado dela enquanto Elena sentava-se enrolada em um cobertor, seu rosto levantado para os mornos raios do sol nascente. Mas ele a sentiu olhar em sua direção no momento em que Lijuan apareceu, embora a transmissão fosse ser invisível a ela.

“Eu vivo, Raphael.” A voz de Lijuan era um milhão de gritos e silêncio sem fim. “Você não está com medo?”

“Você evoluiu,” ele disse, vendo a mão dela desaparecer em névoa, seu rosto quase desaparecer antes de retornar. “Você já não precisa de carne. Nossas preocupações não são suas.”

Uma risada, sussurros, e algo mais, algo que falava de carícias sob a cobertura do escuro enquanto sangue fluía rico e morno. “Eu matei o último dos meus renascidos.” A forma dela se solidificou, até que parecia quase normal. “Algumas vezes, eu tenho necessidade de carne.”

“Por que me contar?” Raphael perguntou. “Elas são sua fraqueza.”

“Eu gosto de você, Raphael.” Um sorriso que congelou a água da poça, sua fisionomia envolta em geada. “E sua caçadora, sim, ela me intriga ainda.”

Ele encontrou aqueles olhos que eram além de imortais e se perguntou a verdade. “Você precisou morrer para evoluir?”

“Pergunte-me essa questão quando nos encontrarmos novamente. Talvez eu responda.”

“Você anda entre a vida e a morte,” ele disse. “O que você vê?”

“Mistérios, respostas, ontens, e amanhã.” Um sorriso enigmático. “Nós nos falaremos novamente. Eu realmente gosto de você, Raphael.”

As palavras ecoaram no ar enquanto a imagem dela desaparecia. Levantando-se, ele tomou a mão que Elena ofereceu, levantou-a gentilmente. Os olhos dela estavam perturbados quando ela olhou para ele. “Lijuan?”

“Ela não é uma ameaça.” Ele a trouxe mais para dentro de seu abraço. “Eu acho que, por enquanto, Lijuan tem pouco interesse nas preocupações do mundo.” O rosto dela havia contido uma alegria assustadoramente infantil por sua nova vida, sua nova esfera de existência.

“Isso é bom o suficiente para mim.” Uma longa respiração, os braços de Elena serpenteando para fora do cobertor para envolvê-lo. “Eu quero ir para casa, Arcanjo.”

Afagando sua mão sobre a quente curva do quadril dela, ele se perguntou se Nova York estava preparada para uma caçadora transformada em anjo. “Nós saímos com o próximo amanhecer.”

**FIM**



## EM BREVE



A caçadora de vampiros Elena Devereaux e seu amante, o letalmente bonito arcanjo Raphael, voltaram para Nova York apenas para enfrentar uma intransigente nova ameaça...

Um vampiro atacou uma escola de meninas—o ataque, um de completa e depravada loucura—e este é apenas o primeiro ato. Sede de sangue violenta toma vampiro após vampiro, ameaçando fazer as ruas correrem com sangue. Então o próprio Raphael começa a mostrar sinais de uma raiva incontrolável, enquanto tempestades inexplicáveis escurecem o horizonte da cidade e a própria terra estremece.

Os presságios estão subitamente claros.

Uma antiga e malevolente imortal está surgindo. Os ventos violentos sussurram seu nome: Caliane. Ela retornou para recuperar seu filho, Raphael. Apenas uma coisa está em seu caminho: Elena, a consorte que precisa ser destruída...

